

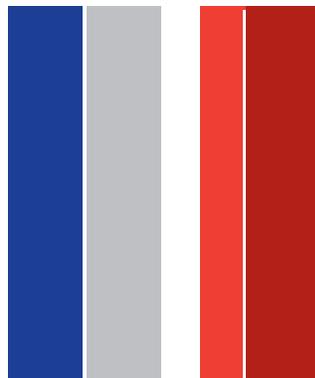
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
ESTUDOS DE MÉDIA E JORNALISMO

Portugal sob a ótica brasileira: análise aos livros de viagens sobre Portugal publicados no Brasil no século XX

Cláudia Batista Lino Rodrigues

M

2020



Cláudia Batista Lino Rodrigues

**Portugal sob a ótica brasileira: análise aos livros de viagens sobre
Portugal publicados no Brasil no século XX**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo
Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro e coorientada pela Professora Doutora Maria
Elisa Ramos Morais Cerveira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2020

Portugal sob a ótica brasileira: análise aos livros de viagens sobre Portugal publicados no Brasil no século XX

Cláudia Batista Lino Rodrigues

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo
Professor Doutor Fernando Vasco Moreira Ribeiro e coorientada pela Professora Doutora Maria
Elisa Ramos Morais Cerveira

Membros do Júri

Professor Doutor

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professor Doutor

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professor Doutor

Faculdade - Universidade ...

Classificação obtida: ... valores

Aos meus queridos pais

Índice

Declaração de honra	9
Agradecimentos.....	10
Resumo.....	11
Abstract	12
Índice de ilustrações	13
Introdução	14
Capítulo 1 – A história das viagens.....	17
1.1 O que foi o Grand Tour	20
1.2 A expansão e a popularidade das viagens	22
Capítulo 2 – A Literatura de viagens	25
2.1 A literatura de viagens em Portugal	30
2.2 Livros de viagens, exclusividade masculina?.....	32
Capítulo 3 - O período histórico do século XX e as relações entre Brasil e Portugal.....	35
3.1 A importância dos acontecimentos histórico-políticos no século XX.....	37
3.2 A escassez de publicações na literatura sobre viagens a Portugal no Brasil	40
3.3 O surgimento dos estereótipos que marcam a relação entre os dois países.....	43
Capítulo 4 – Método de trabalho	47
4.1 Objetivos	47
4.1.1 Objetivos Gerais.....	47
4.1.2 Objetivos Específicos.....	47
4.2 Grandes Questões.....	48
4.3 Justificativa	48
4.4 Categorias de investigação	49
4.5 Metodologia	51
4.5.1 Pesquisa Bibliográfica.....	52
4.5.2 Análise de Conteúdo	53
Capítulo 5 – Resultado da análise dos livros de viagens do século XX publicados no Brasil sobre Portugal.....	55
5.1 Quem são os autores.....	55
5.2 Dados quantitativos.....	62
5.2.1 Razões pelas quais os autores escolheram Portugal	62
5.2.2 Nuvem de palavras	64

5.2.2.1 Características sobre Portugal	64
5.2.2.2 Como é o Português	66
5.2.2.3 Referências à política da época	69
5.2.2.4 Relações entre Brasil e Portugal.....	72
5.2.2.5 Comparações entre Brasil x Portugal	76
5.2.2.6 Lugares.....	78
5.2.2.7 Festas Populares	81
5.3 Dados qualitativos.....	85
5.3.1 A representação da mulher na sociedade portuguesa do século XX	85
5.3.2 Preconceitos raciais	88
5.3.3 O Porto está para São Paulo, assim como Lisboa para o Rio de Janeiro.....	90
5.3.4 A gastronomia portuguesa.....	92
5.3.5 A influência brasileira em Portugal destacada nos livros de viagem do século XX	95
5.3.6 A evolução dos meios de transporte.....	97
5.3.7 A imagem de Portugal segundo os autores e a hospitalidade portuguesa	101
Notas conclusivas.....	104
Referências bibliográficas.....	108

Anexos

Anexo 1- Os livros nos períodos histórico-políticos

Apêndices

Apêndice 1: 1911- Portugal D’Agora (João do Rio)

Apêndice 2: 1913- Viagens Pitorescas por Portugal (Inês M. Goodall)

Apêndice 3: 1920- Terras de Alegria (Alfredo Guimarães)

Apêndice 4: 1924- Por Amor de Portugal (Ferreira da Rosa)

Apêndice 5: 1931- Portugal que eu vi (Lemos Britto)

Apêndice 6: 1933- O meu Portugal (Guilherme de Almeida)

Apêndice 7: 1938- Episódios do Exílio: Portugal e outras terras (Aureliano Leite)

Apêndice 8: 1943- Portugal Semente de Impérios (Gustavo Barroso)

Apêndice 9: 1953- Aventura e Rotina (Gilberto Freyre)

Apêndice 10: 1954- Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA” (Domingos da Cunha Gonçalves)

Apêndice 11: 1956- O que vi em Portugal (Horacel Cordeiro Lopes)

Apêndice 12: 1957- Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças (Mário Graciotti)

Apêndice 13: 1962- Pelos caminhos do mundo (Viagens) (Silveira Bueno)

Apêndice 14: 1965- Portugal, meu avôzinho (David Nasser)

Apêndice 15: 1965- Portugal para Brasileiros (Gastão Neves)

Apêndice 16: 1971-Passeio ao Alto Minho (Lúcia Machado de Almeida)

Apêndice 17: 1980- Um brasileiro no Portugal de Camilo (Otan Orlandini de Mattos)

Apêndice 18: 1981- VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA- Europa Vol. I Portugal Tomo-1 (Jorge Antonio José)

Apêndice 19: 1984- Uma aventura em 24 países (do Brasil a Portugal por terra) (Humberto Pateira)

Apêndice 20: 1999- Portugal: Lembranças de uma viagem (Alberto Mosa)

Apêndice 21: Tabela dos guias e livros de viagem sobre Portugal publicados no Brasil durante o século XX

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutra curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 23 de setembro de 2020

Cláudia Batista Lino Rodrigues

Agradecimentos

O processo até o fim do mestrado foi um percurso que eu consigo, hoje, olhar para trás e perceber que nunca estive sozinha e o quão grata sou por ter pessoas assim em minha vida.

Primeiramente agradeço aos meus pais, meus maiores incentivadores, que mesmo distantes geograficamente, sempre me motivaram a buscar conhecimento, fazendo o máximo de esforço para me verem feliz, realizada e conquistando meus objetivos. Claudio e Rosária, os melhores pais do mundo!

Cruzar um oceano também não seria possível se não houvesse o Mendonça, sempre me ajudando com as minhas mudanças; a Mariana, que cuida da minha mãe na minha ausência (e aqui eu coloco os outros vizinhos que temos em Itajubá); a Lis e a sua mãe Fatinha, que foi um verdadeiro anjo que apareceu na reta final do meu mestrado.

Aos amigos que conheci aqui no Porto, obrigada por fazerem com que os percalços de ser estrangeira, estar longe da família e da zona de conforto fossem abrandados pelos momentos que passamos juntos e pela amizade que construímos!

Ao Tiago, que com seu carinho e afeto foi/é o meu ombro amigo e porto seguro nos momentos que mais precisei. Gostaria de agradecer também ao seu Carlos e dona Teresa, que sempre foram muito gentis e carinhosos comigo.

Aos professores Vasco e Elisa, muito obrigada pelo percurso que fizemos juntos até aqui e por acreditarem no meu trabalho.

Encerrar um ciclo é bastante difícil, mas certamente foram todos vocês que me ajudaram a chegar até aqui.

Obrigada!

Resumo

Os livros de viagem podem ser considerados fontes históricas, pois além de informar sobre como e onde viajar, dão-nos a possibilidade de conhecer lugares e características de uma determinada época. Seu estudo revela-nos várias dimensões culturais e mostra-nos as mudanças culturais, políticas, económicas e sociais de um país em um determinado período da história, funcionando como uma bússola diacrónica em forma de livro nas mãos do viajante. Os livros de viagem são ainda responsáveis por comunicar as novidades, os costumes, a culinária e a beleza de lugares para pessoas que viajam através da literatura. A proposta do presente estudo é, assim, desenvolver uma análise de conteúdo dos livros de viagem sobre Portugal, publicados no Brasil durante o século XX, período de muitas mudanças tanto no mundo, como em Portugal. Metodologicamente, partiu-se para uma análise qualitativa e quantitativa de 21 obras publicadas no período e, posteriormente, realizou-se uma análise de conteúdo. Como principais conclusões, este trabalho demonstra que existe um grande laço fraterno entre os dois países e que as publicações brasileiras da época constituem uma rica fonte documental histórica sobre Portugal.

Palavras-chave: Propaganda turística; Livros de viagem; Portugal; Brasil; História de Portugal.

Abstract

Travel books can be considered historical sources, because in addition to informing about how and where to travel, they give us the possibility to know places and characteristics of a certain time. His study reveals several cultural dimensions and shows us the cultural, political, economic and social changes of a country at a certain time in history, functioning as a diachronic compass in the form of a book in the hands of the traveler. Travel books are also responsible for communicating news, customs, cuisine and the beauty of places to people who travel through literature. The purpose of this study is, therefore, to develop a content analysis of travel books about Portugal, published in Brazil during the 20th century, period of many changes both in the world and in Portugal. Methodologically, we started a qualitative and quantitative analysis of 21 works published in the period and, subsequently, a content analysis was carried out. As main conclusions, this work demonstrates that there is a great fraternal bond between the two countries and that the Brazilian publications of the time constitute a rich historical documentary source about Portugal.

Keywords: Tourist propaganda; Travel books; Portugal; Brazil; History of Portugal.

Índice de ilustrações

Figura 1 – Primeiro cartaz turístico português	41
Figura 2 – Palavras que mais aparecem na subcategoria “Características sobre Portugal”	66
Figura 3 – Palavras que mais aparecem na subcategoria “Como é o Português”	68
Figura 4 – Lemos Britto com o general Carmona.....	70
Figura 5 – Palavras que mais aparecem na subcategoria “Referências à política da época”	72
Figura 6 – Palavras que mais aparecem na subcategoria “Relações entre Brasil e Portugal”	75
Figura 7 – Palavras que mais aparecem na subcategoria “Comparações entre Brasil x Portugal”	78
Figura 8 – Palavras que mais aparecem na subcategoria “Lugares”	81
Figura 9 – Lavradeiras de Viana do Castelo	83
Figura 10 e 11 – Raparigas em trajes regionais	84
Figura 12 – Palavras que mais aparecem na subcategoria “Festas Populares”	85
Figura 13 – Menina do Algarve	88
Figura 14 – Grupo Feminino Auxiliar de Bombeiros	88
Figura 15 – Transatlântico Vera Cruz.....	98
Figura 16 – Cabine de comando do Claude Bernard	99

Introdução

Unir o campo de estudo da comunicação com outras áreas que contemplem a história e o turismo é um grande desafio diante das inúmeras possibilidades de temas sobre os quais um investigador se pode debruçar durante a construção de uma pesquisa. Alinhar um estudo que seja plausível e de interesse acadêmico a dois países simultaneamente é uma provocação que aguça o conhecimento científico e dá mais significado à investigação. Parafraseando Fernando Pessoa na passagem “minha pátria é a língua portuguesa” (Pessoa, 2018, p.227), o poeta, em poucas palavras, traduziu a intenção do trabalho acadêmico que, ao analisar livros de viagens publicados no Brasil sobre Portugal, traz um conteúdo que pretende traduzir a visão que os autores tinham sobre o país luso e os testemunhos deixados por eles, como se a passagem e relato do país fossem o mais sincero olhar de alguém que se sente em casa mesmo não estando.

O presente trabalho, no âmbito dos estudos da comunicação, propõe-se a analisar livros de viagens publicados no Brasil ao longo do século XX sobre Portugal. A análise dos livros parte, inicialmente, de uma busca *online* em bibliotecas virtuais sobre os livros que se encaixariam nas categorias propostas ao estudo. A partir da coleta, formulou-se o *corpus* literário de algumas obras que foi possível encontrar, começando pela mais antiga datada de 1911¹, a mais recente, de 1999. Procurou-se analisar características comuns retratadas nos livros, que descrevessem de forma pontual como eram os costumes da época, a política, gastronomia, pontos turísticos e a relação entre os dois países (Portugal e Brasil), além de retratar a visão que os autores, em sua maioria composta por brasileiros, tinham sobre Portugal naquela época.

Assim, o estudo iniciou-se com a recolha de informações nos livros referentes a todo tipo de conteúdo sobre “como é retratado o português”. Depois, foram buscadas passagens que diziam respeito às “características sobre Portugal”, ou seja, trechos em que houvesse comentários sobre o país de uma maneira geral. Como próximo passo, passou-se à coleta sobre “comparações entre Brasil x Portugal”, incluindo passagens referentes ao sotaque, forma de escrever, comportamento, entre outras características que marcam estes dois povos. A questão política também ganhou destaque na pesquisa, uma vez que os livros abrangem diversos períodos histórico-políticos portugueses, incluindo muitos comentários relacionados a Salazar e Carmona.

¹ O livro *Viagens pitorescas por Portugal*, de Inês Goodall foi publicado em 1913, porém a autora o escreveu em 1909.

Seguindo esses parâmetros, passou-se à recolha de referências sobre os “lugares” mais descritos nos livros, sejam eles pontos turísticos, praias, restaurantes, igrejas, ou seja, tudo que chamasse a atenção dos autores em sua visita pelo país. A “relação entre os países”, Brasil e Portugal, também foi estabelecida como critério de busca, pois evidenciava a relação diplomática existente entre ambos os países e a cordialidade com que eram recebidos os estrangeiros que passavam por Portugal. Por fim, em alguns livros, procurou-se descrições sobre as “festas populares”, dando destaque ao lado cultural e festivo do povo português. Desta forma, criaram-se inicialmente os apêndices do estudo e foi através deles que a pesquisa nasceu.

No primeiro capítulo abordamos a história das viagens, a vontade do homem em conhecer o desconhecido e como, em cada período histórico da humanidade, sempre existiu a necessidade de relatar textualmente as descobertas e aventuras dos homens pelo mundo, como exemplo, temos a *Odisseia* (1972) e a *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1999). Num “pisar de olhos” passamos das viagens de exploração e de cunho religioso, como as peregrinações, para o que compreendemos hoje como turismo. É também no primeiro capítulo que debatemos sobre o precursor do turismo de massa que conhecemos hoje, o *Grand Tour*, onde aristocratas ingleses e franceses viajavam pela Europa como em um ritual de fim de estudos.

Passando ao segundo capítulo, abordamos sobre o que é a literatura de viagens, como surgiu, seus principais estudiosos, suas subclassificações, sua importância e apogeu como subgênero literário. Acrescentamos um subtópico sobre o surgimento deste tipo de literatura em Portugal e o espaço que a mulher ocupa nessa narrativa.

No terceiro capítulo abordamos a relação entre Brasil e Portugal e o período histórico do século XX, desde o surgimento dos estereótipos que marcam a relação entre os dois povos estudados, o desenvolvimento dos sistemas de transporte, os acordos que assinalam a relação de amizade e aproximação entre os dois países, as mudanças políticas e o período ditatorial que ambos enfrentaram. Existe aqui também uma reflexão sobre o porquê da escassez de livros durante este período do século XX no Brasil, certamente relacionados à criação da Sociedade de Propaganda de Portugal, em 1906, e posteriormente ao Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), em 1933.

O quarto capítulo diz respeito à metodologia utilizada para embasar e construir o estudo. Aqui a pesquisa transita entre os métodos qualitativo e quantitativo, utilizando a metodologia de

análise de conteúdo e a pesquisa bibliográfica para fundamentar todo o material extraído dos livros, que são apreciados posteriormente. As grandes questões foram elaboradas como norte para um recorte ainda mais analítico do *corpus* do estudo, juntamente com os objetivos propostos e a justificativa do tema, que volta a explicar a construção dos apêndices, que foram o primeiro passo para a construção da pesquisa.

O quinto capítulo é onde realmente as análises são esmiuçadas em outros pontos relacionados ao que foi proposto como objetivos e as grandes questões na parte metodológica. Aqui, foi dada uma explanação sobre quem foram os autores dos livros que compõem o *corpus* do estudo, lembrando que a proposta da dissertação é o estudo de livros publicados no Brasil, sejam eles de autores brasileiros ou não. Dividido entre dados qualitativos e quantitativos, os subcapítulos abordam o motivo da vinda dos autores a Portugal e o recurso da formação de nuvens de palavras, que contemplam as palavras que mais apareceram em cada subtópico que foi descrito como parâmetro para a construção dos apêndices.

Ainda no quinto capítulo, são abordados pontos em comum encontrados na análise dos livros selecionados, em trechos relacionados à representação da mulher portuguesa; aos comentários de cunho racista feitos pelos viajantes; às comparações entre as cidades do Porto e São Paulo *versus* Rio de Janeiro e Lisboa; aos aspectos relacionados à gastronomia portuguesa; à influência brasileira observada em Portugal; à evolução dos meios de transporte que ligavam Brasil e Portugal na época e à imagem que os autores tinham sobre o país e a hospitalidade recebida pelos visitantes

Por fim, conclui-se que o olhar estrangeiro muitas vezes reconhece aspectos culturais de identidade que são relacionados a elementos do seu próprio “DNA” ético e social, ainda mais quando muito de sua estrutura social e moral vem de uma mesma origem, ou seja, de uma mesma raiz portuguesa. Como parte final do trabalho, no anexo, encontram-se as capas dos livros divididas por período histórico-político; e nos apêndices, a reunião de trechos dos 21 livros do *corpus* do estudo. No final, a tabela com as obras que foram encontradas em bibliotecas digitais do Brasil/Portugal e sites de busca de livros, descrevendo o nome do livro, autor, local de publicação, editora e ano de publicação, além dos *links* para localização de cada obra.

Capítulo 1 – A história das viagens

É da natureza do homem viajar e conhecer lugares, motivado por uma inquietude e vontade de conhecer o novo, a espécie humana sempre migrou para lugares diferentes em busca de uma melhor qualidade de vida ou de algo que faltava em seu *habitat* natural. Como pontua Pinheiro, “o espaço conhecido não lhe basta. A terra é um limite. O mar é atração e mistério sem limites. Por isso procura outra morada desejada pela imaginação, sustentada pela esperança e motivada pela novidade” (2009, p. 271). Para Marques “a viagem é, na sua própria etimologia (do latim *viaticu* -, através do provençal *viatge*) “provisão para o caminho”, logo “alimento”, do corpo e do espírito, a dar satisfação à radical disponibilidade, não só física mas também psíquica e cultural” (2009, p.87). Vicente (2001) diz que o ato de viajar faz parte de um processo educativo favorável ao viajante, pois aumenta seu campo de conhecimento. Para ele viajar seria uma escolha que surge através de uma decisão e vontade, integrando a ideia do regresso ao lugar de partida, ou seja, um retorno a um mundo familiarizado que contrasta com o outro mundo que acabou de ser conhecido.

A troca de experiências entre povos diferentes faz com que o ato de viajar ganhe sentido e traga riquezas culturais para as os viajantes. Pinheiro diz que “viagem é um percurso numa sucessão de tempos e de lugares, estabelecendo relações entre pessoas e naturezas” (2009, p. 259). Como pontua Vicente, “neste sentido, a observação do viajante é sempre uma representação, uma representação espacial dada a multiplicidade dos locais e situações em que o/a viajante se vai encontrar” (2001, p.23). Na perspectiva de Onfray, “viajar pressupõe, portanto, recusar o horário laborioso da civilização em proveito do lazer inventivo e jovial” (2009, p.15). Mosa (1999) conta que os grandes desenvolvimentos que perpetuam a história da humanidade aconteceram através da descrição de viagens e fatos a elas ligados. Os relatos dos viajantes, desde tempos antigos, ajudaram a desenvolver a mentalidade dos homens, fazendo-os deslumbrar com povos e locais ainda desconhecidos. Tais fatos unidos à narrativa de viagens criaram a imagem dos historiadores que, graças aos seus estudos, nos fizeram saber como viveram e o que fizeram os povos antigos. “Desvendamos caminhos e fomos adiante na civilização. Logo, somos o resultado de toda esta evolução” (Mosa, 1999, p.10).

Os relatos de viagem surgiram há muito tempo; desde o tempo dos gregos a literatura de viagem era uma maneira de descrever as conquistas desse povo heroico que narrava suas histórias e expansões. Um exemplo é a viagem mais famosa da antiguidade, A Odisseia, em que Homero narra as aventuras de Ulisses ao tentar retornar a Ítaca. A Odisseia é um poema épico do século IX a.C., mostrando que o homem sempre esteve envolvido em viagens e deslocamentos.

A viagem fundadora e de entre todas a mais conhecida da antiguidade continua a ser a Odisseia, relato mítico do regresso de Ulisses a casa, numa espécie de antevisão cristã da viagem, com os seus perigos e tentações, como via de salvação. Na tradição do neoplatonismo, Ulisses é o homem que na sua deambulação atravessa as sucessivas fases do ser. Alguns dos primeiros escritores cristãos, como Basil ou Fulgêncio, na tradição de Porfírio, discípulo de Plotino, caracterizam Ulisses como um pré-cristão que antecipa a sabedoria na sua luta pela virtude (Serrano, 2017, p.17).

Ao citar Homero, Mosa (1999) comenta sobre Camões, autor de *Os Lusíadas*, que em dez cantos, 1.102 estrofes, e 8.816 versos escreveu a epopeia dos portugueses na descoberta do caminho das Índias por Vasco da Gama. Obra essa que se configura como literatura de viagem, glorificando o povo português, Portugal, o regime absolutista e os interesses dos povos dominadores europeus, cuja visão se caracteriza como etnocêntrica e hegemônica. “Os Lusíadas de Luís de Camões e a Peregrinação de F. Mendes Pinto são os casos de progressão máxima, poética e prosaica, do território literário nas discursividades dos Descobrimentos” (Barreto, 1983, p. 57).

Desde os tempos mais antigos nos chegam relatos famosos, dos gregos e dos romanos, mas este povo português parece ter caprichado nos seus cronistas. O seu poeta maior na verdade escreveu em verso a epopeia da descoberta do caminho das Índias. Camões figura ao lado de Homero em importância na literatura universal. Nos tempos mais recentes a maioria dos escritores portugueses em algum momento se quedou na crônica descritiva de sua terra e de suas gentes (Mosa, 1999, p.12).

Segundo Serrano (2017), foi durante o século II, no Império Romano, que a paz e a estabilidade tornaram as estradas mais seguras, aumentando o número de viajantes e consequentemente o relato de viagens, como de peregrinações, viagens espirituais a algum templo ou santuário. Outro fato importante para o crescimento das viagens foi o reconhecimento do cristianismo no ano 313 como religião oficial do Império, que propagou novos lugares e geografias promovendo viagens religiosas e espirituais. Um exemplo é a Terra Santa, que atrai peregrinos que sonham em pisar na terra do Messias. Serrano (2017) conta que, com exceção dos túmulos de Pedro e Paulo em Roma, não havia, fora da Terra Santa, locais sagrados do

cristianismo, o que levou a hierarquia da igreja, diante do aumento de peregrinos, a realizar o culto dos santos e das relíquias como a materialidade dos ossos santos - a visita aos túmulos santos - e fez crescer a sua existência em territórios do Império Romano, dando anseios à exponencial comunidade cristã. “Pela primeira vez na história, dava-se resposta à necessidade de viajar” (Serrano, 2017, pp. 18-19). No ano 1000, a peregrinação é vista como um ato de penitência, estimulando muitos peregrinos a seguir um grupo rumo ao seu destino. Serrano (2017) comenta que segundo o *Apocalipse*, este ano terminaria no virar do milênio, ocasionando o grande número de peregrinações, seja para pagar pecados ou agradecer a continuação do mundo. “Não é, pois, surpreendente que a peregrinação tenha dado lugar à cruzada. A viagem ascética transformou-se numa viagem de conquista do poder. De conquista da terra onde se encontrava a força espiritual” (Serrano, 2017, p.20). Desta forma, deu-se origem a um modelo de relações de agressividade e de superioridade perante outras culturas.

Um outro período de grande importância para a história das viagens é o que compreende as viagens de missão, caracterizadas no Renascimento como a fase correspondente às grandes navegações. Nesse período do apogeu das conquistas de novos territórios pelos portugueses e espanhóis no mundo, segundo Mosa (1999), toda uma classe de cronistas se desenvolveu para trazer notícias das novas terras. Os relatos de viagem, como foram os de Pero Vaz de Caminha, redator oficial da certidão de nascimento do Brasil e que se tornou no mais íntimo cronista do povo brasileiro, informavam o rei sobre a extensão de seu império.

As viagens de missão desenvolveram-se com particular ênfase a partir do século XIII, permitindo um conhecimento do mundo que dará origem à expansão europeia. O Renascimento será caracterizado pelo desejo de exploração e descoberta, de que as viagens marítimas portuguesas são um notável exemplo. O cronista por excelência da epopeia lusitana, Camões, passará à história como um viajante aventureiro, nem sempre se distinguindo na sua biografia o mito da realidade. É nesta época, início do século XIV, que começaram a surgir as jornadas terrestres em direção à Ásia e as explorações marítimas no Atlântico. Os relatos destas viagens, realizadas nos contextos de deslocamentos de embaixadas, missões e até peregrinações, surgem com bastantes detalhes etnográficos, como no caso dos textos de Marco Polo, verdadeiro pioneiro do viajante moderno. Nestes casos, o ímpeto de partir encontra-se regra geral, permeado por uma vontade de explorar com o objetivo de submeter e dominar. A motivação é tanto comercial quanto política, mas ainda não se assiste verdadeiramente a uma curiosidade pelo outro. Os relatos prendem-se mais com necessidades de conhecimento prático e de subjugação, explora-se porque se quer conquistar e vencer. O outro será alguém a dominar (Serrano, 2017, pp. 20-21).

As viagens de exploração sucedem-se nos séculos XVII e XVIII em deslocamentos de carácter cultural e científico. Segundo Serrano (2017), disciplinas como Ciências Naturais e História dão à Europa um novo desígnio de sua centralidade geográfica com a sistematização da natureza, onde o Novo Mundo se enquadra como território fértil para estas incursões. Para Assunção “o período compreendido entre o século XVI e o século XIX marca a base do nascimento do turismo moderno. As grandes descobertas marítimas e a consequente circulação de pessoas estimularam de forma significativa os deslocamentos” (2009, p.59). Segundo Ribeiro (2014), nos primeiros relatos, as cartas dos viajantes e as obras de carácter militar e de espionagem foram, aos poucos, dando origem às obras de cunho mais pessoal, onde existe um diálogo entre autor e leitor que conta histórias e itinerários de viagem.

1.1 O que foi o *Grand Tour*

Na Europa, a partir do século XVII, aparece o conceito de *grand tour*, que simbolicamente pode representar o substituto das peregrinações e das cruzadas. Câmara (2010) conta que a Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII, provocou o florescimento da classe média e alterações nos padrões de consumo. Esses aspectos ligados à ideologia e cultura do Romantismo acabaram por estimular a noção de liberdade nas pessoas, incentivando-as a buscar o diferente através de uma necessidade de mudança. Este foi o período no qual jovens ingleses de classes mais abastadas viajavam pela Europa como em um ritual de passagem quando acabavam seus estudos, conhecendo as riquezas culturais de alguns países do próprio continente, como a Itália. De acordo com Mota Alves tratava-se de “viagem empreendida com fins educativos pela juventude das classes altas europeias, o ritual de passagem com que se consagrava o alargamento de horizontes e se celebrava a entrada na idade adulta” (2018, p.68).

Para Augusto (2002), o *grand tour* era uma “oportunidade única de contactar com espaços e gentes diferentes. Assim, para além das preparações físicas e materiais da deslocação, a viagem aguçava também a curiosidade, o conhecimento e a experiência” (Augusto, 2002, p. 93). Na concepção de Craik (2002), o *Grand Tour* era a preparação dos jovens para a carreira diplomática, o conhecimento dos lugares, dos costumes e da cultura do continente.

Essas novas abordagens ao turismo revisitam algumas das características do turismo Grand Tour que, durante os séculos XVI e XVII, viu grupos da elite social da Inglaterra

viajando para locais culturais demarcados na Europa para testemunhar antiguidades clássicas e legado da cultura renascentista. O objetivo original do Grand Tour era "preparar jovens cavalheiros para carreiras diplomáticas, para as quais ... a profundidade de conhecimento [com pessoas e locais europeus] era um pré-requisito" (Hibbert 1969; Harkin 1995: 655). Duas etapas foram identificadas: primeiro, a idade da leitura e da fala, quando os turistas se envolvem ativamente com guias, moradores e entre si; seguido pela idade da observação, na qual as pessoas aprendiam olhando ou vendo visualmente as vistas e o esplendor da cultura continental (Craik, 2002, p. 119)².

Assunção (2009) comenta que foi através do *Grand Tour* que a sociedade letrada passou a consumir as memórias de viagens escritas pelos viajantes, ganhando abrangência e popularizando este tipo de literatura. O fato de os jovens aristocratas ingleses visitarem a Europa continental e descreverem com detalhes as suas viagens fez com que um número crescente de guias fosse publicado para atender a demanda das pessoas que buscavam referências de lugares a serem conhecidos. Segundo o autor, foi graças ao *Grand Tour* que a literatura de viagens cresceu.

No “*grand tour*” a viagem era marcada pelo horizonte cultural. A cultura dos povos antigos e da arte, impulsionada pelas descobertas arqueológicas, que se intensificavam, valorizava a questão do património, tornando-se um convite àqueles que desejassem conhecer o novo. Os relatos de viagem acompanharam este movimento e ganharam amplitude. Uma série de livros e artigos de jornais foi publicada. A literatura de viagem popularizou-se no seio da sociedade letrada, que passou a consumir avidamente as memórias dos viajantes. O género literário ganhou contornos definidos, sendo marcado pelo registro e caracterização da beleza natural, do património histórico e cultural, pelas tradições e costumes, pelos hábitos alimentares dos povos (Assunção, 2009, p. 59).

Por fim, Cristóvão (2009) comenta que esse tipo de viagem acabou por se ramificar em outros tipos de turismo, além das práticas de esportes. Os aristocratas ingleses, quando cansados ou displicentes com o *grand tour* na Europa, passaram a deslocar-se para estâncias de termalismo e passeios eruditos de viés arqueológico, notáveis pela sua arte. “Em complemento, davam-se outras ocupações ao tempo livre, com a prática dos novos desportos da marcha, do ciclismo, do alpinismo, do campismo e de variadas corridas de automóvel, barco ou avião” (Cristóvão, 2009, p. 14).

² Tradução nossa.

1.2 A expansão e a popularidade das viagens

Com o fim da era napoleónica, no início do século XIX, o progresso dos meios de transporte (caminho-de-ferro) e da comunicação (melhorias nas estradas) ocasionaram uma melhor deslocação dos cidadãos. Serrano (2017) conta que a Revolução Francesa marcou a expansão e popularidade das viagens, consequentemente aumentando o turismo. Inclusive, Henriques e Lousada (2010) contam sobre a inauguração em 1887 do *Sud-Express*, serviço ferroviário internacional de passageiros, ligando Lisboa a Madrid e a Paris, que se projetou como um ramo de uma grande linha transcontinental de Lisboa a São Petersburgo, na Rússia, que nunca chegou a efetivar-se. Ribeiro (2014) ressalta que a primeira metade do século XIX é caracterizada por uma alteração no estilo de vida das pessoas, uma vez que “as descobertas e inovações, como o telégrafo, o telefone, a expansão dos caminhos de ferro e das estradas vão revolucionar o fenómeno do turismo, assim como uma nova forma de encarar o lazer e o tempo de férias” (Ribeiro, 2014, p.28).

É nesta fase que surgem os guias turísticos de viagem como os alemães *Baedeker* ou os ingleses *Murray*. Romano (2013) conta que o surgimento do hotel de turismo, em finais do século XVIII e invenções como o navio a vapor e estradas de ferro, por volta de 1830, foram essenciais para o pastor britânico Thomas Cook, em 1841, iniciar as primeiras viagens guiadas. Com roteiros estabelecidos, começando com viagens de trem dentro da Grã-Bretanha voltadas para os trabalhadores nas suas pausas de lazer, mais tarde o pastor também levou burgueses por toda Europa e Egito. Gonçalves (2015) conta que o termo “*Cookismo*” definiu o processo fordista na produção de “pacotes turísticos em série” pela agência de viagem do século XIX. “É também nesta altura que nasce a agência de viagens britânica Thomas Cook, onde se organizam viagens de turismo para grupos numerosos ou feitos à medida, para indivíduos ou grupos restritos” (Serrano, 2017, p.22). Na visão de Craik (2002), foi durante o século XIX que a mulher ganhou espaço para também começar a viajar e explorar o mundo, passando a ser uma atividade de lazer que abrangia todos os gêneros.

A expansão do século XIX do comércio turístico e de grupos de turistas não de elite viu uma generalização dessas preocupações em formas mais organizadas, previsíveis e comercializáveis. O envolvimento das mulheres nas turnés europeias começou com as turnês organizadas de Thomas Cook e similares, que proporcionaram um contexto respeitável para as 'senhoras bem-educadas' viajarem. Gradualmente, os aspectos

educacionais e de cultivo do turismo se diluíram em buscas mais prosaicas de exploração, fuga e prazer. A popularidade do turismo do sol e do mar no século XX simbolizou essa nova tendência (Craik, 2002, p.119)³.

Desta forma, surgem no século XIX serviços de turismo por pacotes a lugares exóticos, incentivando o turismo em vários lugares. Romano (2013) comenta que as conquistas trabalhistas do século XX, como os finais de semana, férias remuneradas e o 13º salário fizeram com que surgissem condições para o desenvolvimento do lazer, como forma de o trabalhador voltar com mais disposição ao trabalho. Henriques & Lousada (2010) dizem que no primeiro quartel do século XX, o conceito de férias como entendemos, ainda não havia sido inventado; em Portugal, era apenas como sinónimo de ordenado que se empregava a palavra "féria". Serrano (2017) conta que a modernização dos serviços consulares e instrumentos financeiros, como a criação do *traveller's cheque*⁴ foram aliados na discussão que permeou o início do século XIX sobre o conceito de lazer e dias de descanso, fatores esses que fizeram com que os países mais modernos saíssem na frente na produção do turismo. “Ao estreitamento das distâncias e ao conforto dos hotéis, soma-se a invenção da máquina fotográfica portátil Kodak em 1888, compondo-se assim os elementos para a banalização da viagem, para a reprodutibilidade técnica das imagens e dos relatos de viajantes” (Romano, 2013, p. 37).

O desenvolvimento dos meios de transporte teve sua importância no que diz respeito às viagens, principalmente na expansão dos impérios coloniais. Serrano (2017) diz que, até a Primeira Guerra Mundial, um quarto do território terrestre era de dominação das potências coloniais, o que abriu novas geografias e destinos. Destaca-se a abertura do Canal de Suez, a fotografia e o surgimento do automóvel como marcos da “diminuição do mundo”, onde a informação passou a ser disseminada com mais rapidez e os espaços no mapa ficaram cada vez mais preenchidos, segundo Harvey (1993) citado por Figueiredo & Ruschmann (2008). Serrano (2017) conta que, no início do século XX, o barco era o único transporte ideal para viagens intercontinentais ou onde existissem cursos navegáveis de água. Rios como o Danúbio⁵ e o Volga⁶ eram vias de acesso às grandes cidades do centro e leste europeu. O Nilo, no Egito,

³ Tradução nossa.

⁴ Peça de papel comprado de um banco ou empresa de viagens e que pode ser usado como dinheiro ou troca-se pelo dinheiro local do país a ser visitado (Tradução nossa).

Recuperado em 10 de julho, 2020, de <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/traveller-s-cheque>

⁵ Nasce na Alemanha e desagua na Romênia

⁶ Mais longo rio da Europa, nasce no norte da Rússia e desagua no mar Cáspio.

permitiu em suas áreas navegáveis que chegassem os viajantes ao longo do século. Quando o barco não alcançava, a carruagem era o meio de transporte utilizado. Serrano (2017) conta que animais como o cavalo, o burro, o asno ou o camelo eram utilizados como meios de transporte e, em destinos mais longos, até as zebras eram uma opção.

O acto de montar a cavalo, aguentar os solavancos do coche, enjoar no vapor, ser deslocado dentro de uma carruagem de comboio, ou no interior de um automóvel, ou avião, ou caminhar a pé, é vivido como uma experiência única e individual, susceptível de todas as leituras. Aliás, o próprio percurso já é uma componente muito importante da viagem (Vicente, 2001, p. 25).

No primeiro período do século XX, marcado pelas duas guerras mundiais (1914 a 1918, Primeira Guerra; e 1939 a 1945, Segunda Guerra), a deslocação torna-se difícil. Serrano (2017) conta que, apesar disso, os anos 30 são caracterizados como anos de sucesso da literatura de viagem, cujo tempo de crise fez com que as narrativas permitissem uma reflexão a partir de um ponto de vista afastado geograficamente sobre as transformações que o mundo passava naquela altura. “Contudo, os anos 30 são considerados de grande apogeu da literatura de viagem, e de facto escreveram-se nesse período muitos relatos de viagem, como o memorável *Road to Oxiana*, de Robert Byron⁷” (Serrano, 2017, p. 23). A autora diz que é justamente nesta época que surge um viajante mais intimista, individualista e reflexivo em oposição à ordem social e sistema político de então. Nota-se que o período histórico permite-nos fazer a distinção entre diferentes tipos de viagens que aconteceram ao longo dos anos e momentos que marcaram a história mundial.

O britânico Paul Fussell, na sua já clássica obra *Abroad*⁸, afirma que antes do turismo existia a viagem e antes desta a exploração, e que cada uma destas formas corresponde a uma época histórica: a exploração, ao Renascimento; a viagem, à era burguesa; o turismo, à era do proletariado. Cada explorador, viajante e turista realiza efetivamente uma viagem, mas enquanto o explorador buscava o desconhecido, o viajante procura o que já foi descoberto pela história e o turista aquilo que foi descoberto pela indústria e especialmente preparado pela publicidade (Serrano, 2017, pp. 24-24).

Recuperado em 10 julho, 2020, de <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/europa-politica-economia-aspectos-geograficos-resumo-dicas-e-questoes-comentadas/>

⁷ Escritor de viagens britânico, mais conhecido pelo seu livro de viagens *A Estrada para Oxiana* (no original *The Road to Oxiana*). Foi também um notável escritor, crítico de arte e historiador.

Recuperado em 10 de julho, 2020, de <https://www.bertrand.pt/autor/robert-byron/256342>

⁸ Paul Fussell, 1982, p.38 e ss.

Capítulo 2 – A Literatura de viagens

Subgênero literário, a Literatura de Viagens surgiu no século XV, alcançando seu apogeu no final do século XIX. Além de descrever todo tipo de situação que se desenrola em uma viagem, este subgênero se caracteriza também pela descrição da fauna, flora, costumes, crenças, artes, entre outros assuntos variados. Cristóvão (2002) diz que, quando se pensa em Literatura de Viagens, admite-se que “há um conjunto de textos que à viagem foram buscar temas, motivos e formas que, na sua globalidade, se identificam como um conjunto autónomo, distinto de outros conjuntos textuais” (Cristóvão, 2002, p. 15). Para Cristóvão (2009), a Literatura de Viagem em qualquer uma de suas etapas apresenta o que ele chama de “marcas” linguísticas, literárias e históricas, com temas cotidianos cheios de metáforismos que se impõem pela constância, modo de tratamento ou originalidade. Ainda, segundo o autor:

Por Literatura de Viagens entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã (Cristóvão, 2002, p. 35).

Em um tempo em que as distâncias geográficas eram muito longas, a literatura de viagens era uma forma de as pessoas conhecerem lugares no mundo sem sair de casa. “Levar novos mundos ao mundo sempre foi a vocação da literatura de viagens. Até quando parece que já todos os lugares foram descobertos” (Nery, 2009, p. 129). Nery (2009) também diz que este subgênero permite que as pessoas viajem mentalmente, característica esta que só o gênero reportagem no jornalismo partilha com a literatura de viagens, ou seja, transporta o leitor ao local dos acontecimentos e emociona-o. “Os viajantes, mais do que aventureiros e arrojados, são bem instruídos e percorrem bibliotecas e leituras antes das suas incursões” (Ribeiro, 2014, p. 26). Vicente (2001) conta que a viagem é um pretexto para a fuga, uma resposta às crises existenciais, sendo aqui as narrativas de viagens consideradas como uma forma de autobiografia. “As motivações são variadas e sobrepõem-se: viaja-se para olhar, ver, sentir, escrever, impor-se,

empoderar-se, provocar inveja, sentir prazer, sentir mudança, abafar o tédio, matar o tempo” (Vicente, 2001, p. 25).

Com efeito, desde que em 1455 Gutenberg e Fust imprimiram a Bíblia, não parou mais a abundante publicação de narrativas e descrições que criaram um novo público, um novo gosto e novas possibilidades de os leitores manifestarem as suas preferências, pressionando os editores. Não perderam estes tempos a corrigir e manipular relatos antigos e novos para saciarem um público ávido de novidades, aventuras e emoções fortes, sobretudo à volta de épicas descobertas e conquistas, e de exóticos cenários de terras estranhas que apelidavam, fascinados, de “Novo Mundo”. Foi esse movimento cultural, de forte investimento editorial, o grande responsável pela transformação de um corpus predominantemente historiográfico e antropológico em *corpus* literário *sui generis*. Testemunho flagrante dessa passagem qualitativa do documental para o literário é o do procedimento dos editores das colecções de viagens que deixaram de reproduzir as narrativas originais, e decidiram apresentá-las “trabalhadas”, em função do gosto dos leitores (Cristóvão, 2002, p. 25).

Cristóvão (2002) conta que foi a literatura inglesa a pioneira do conceito “Literatura de Viagens” e a primeira na estruturação das coletâneas como a: *The Concise Cambridge History of English Literature*, de George Sampson⁹, da Universidade de Cambridge; os textos de Richard Eden¹⁰ (1520-76) até às coletâneas de Richard Hakluyt¹¹ e Samuel Purchase¹². O autor divide a Literatura de Viagem europeia em três etapas: a primeira chamada de “*Literatura de Viagens Tradicional*”, iniciada por volta do século XV, integrando textos como Egéria, Marco Polo, Piano Carpino, entre outros exemplos.

⁹ O Concise History de Sampson (publicado pela primeira vez em 1941) foi um resumo em forma legível da grande história de Cambridge, com alguns toques pessoais de Sampson. A literatura dos EUA é pesquisada em extenso e por si só. Também são tratadas as literaturas em inglês da Irlanda, Índia, Paquistão, Ceilão, Malásia, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Índias Ocidentais, África do Sul e os estados africanos de língua inglesa predominantemente. É um guia e livro de referência à literatura mundial no idioma inglês.

Recuperado em 09 de maio, 2020, de <https://www.cambridge.org/pt/academic/subjects/literature/english-literature-general-interest/concise-cambridge-history-english-literature-3rd-edition?format=PB&isbn=9780521095815>

¹⁰ Alquimista e tradutor inglês. Nasceu em uma família de mercadores de tecidos e clérigos de East Anglia, possivelmente em Herefordshire.

Recuperado em 10 de julho, 2020, de <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-8454?rskey=WhXuCc&result=1>

¹¹ Geógrafo inglês que se destacou por sua influência política com seus volumosos escritos e sua promoção persistente na expansão elisabetana no exterior, especialmente a colonização da América do Norte. Sua principal publicação, *The Principal Navigations, Voyages and Discoveries of the Nation English Nation* (1589), fornece quase tudo o que se sabe sobre as primeiras viagens inglesas à América do Norte. (Tradução nossa).

Recuperado em 10 julho, 2020, de <https://www.britannica.com/biography/Richard-Hakluyt>

¹² Clérigo inglês, publicou vários volumes de relatórios de viajantes para países estrangeiros.

Recuperado em 10 de julho, 2020, de <https://www.britannica.com/biography/Samuel-Purchas>

Com o surgimento de uma nova atmosfera política, económica, tecnológica e cultural, os viajantes do século XVIII baseavam-se na descrição de rotas e itinerários neste tipo de literatura. “Suas narrativas eram ilustradas com representações gráficas dos itinerários, reconstituindo a geografia dos países, detalhando flora e fauna, permitindo aos leitores a exata compreensão de animais e plantas desconhecidas” (Assunção, 2009, p.60). Desta forma, a narrativa de viagens passou a ser agradável e acessível ao público, constituindo a base primária de conhecimentos de carácter científico e de enriquecimento cultural do público leitor. “Não tardou muito que o estilo narrativo se tornasse grandioso, especialmente quando o Barroco lhe emprestou ornatos de exuberância provenientes dessa abundante panóplia de informações e elementos decorativos das ciências e das artes” (Cristóvão, 2002, p. 33).

Com uma nova e exuberante realidade ao alcance, os eruditos que antes só observavam amostras nos museus de antiguidades, objectos preciosos e peças etnográficas isoladas do contexto, documentando as “singularidades” dos novos mundos, mudaram o seu ponto de vista e os critérios de valorização. Agora, as plantas, os animais e minerais passaram a interessar por si mesmos e no seu habitat natural, sem necessidade de serem referidos a um símbolo, a uma autoridade antiga, a um espécime de museu. É nesta fase que nasce a Literatura de Viagens que, para além de deleitar o leitor, teve também outros objectivos, como o de atrair colonos para cultivarem a terra e para diminuírem os níveis de pobreza existentes na Europa (Cristóvão, 2002, p. 198).

Após esta fase, surge a “*Nova Literatura de Viagens*”, iniciada no século XIX com o começo do turismo, que alcança até o momento atual. Cristóvão (2002) conta que esta etapa se caracteriza por uma nova mentalidade saída das “Luzes” e Positivismo, com uma revolução técnica dos meios de transporte, mudanças na sociedade causadas pela industrialização e viagens de grupo planeadas. Assunção assinala que, nesta fase, “os lugares de hospedagem, a alimentação, a hospitalidade e as particularidades do transporte e outros episódios notáveis tornaram-se comuns nos registros” (2009, p.60) .

A literatura de viagem, ao ser complementada pelas pranchas de ilustração (mapas e gravuras), enriquecia descrições de regiões, além de fornecer aos leitores a possibilidade de inferir sobre locais, tipos humanos, paisagens e animais. No decorrer do século XIX, as imagens foram aperfeiçoadas, constituindo então, elementos decorativos importantes das obras ilustradas. As gravuras passaram a constar dos registros como informações geográficas e históricas permitindo aos leitores compreenderem os itinerários descritos com maior precisão (Assunção, 2009, p.60).

Uma terceira etapa surge, atualmente, com a “*Novíssima Literatura de Viagens*” influenciada por computadores, celulares e outros meios de comunicação instantâneos de

recebimento e envio de sons, imagem e escrita. Vicente (2001) diz que, nos últimos cinco anos do século XX, “a Internet assume papel preponderante, como meio informador acerca de qualquer destino de viagem onde, para além do conteúdo prático, também se podem encontrar textos curtos, assinados ou não, sobre impressões de viagem” (Vicente, 2001, pp. 209-210). Cristóvão (2002) observa que “em todas estas etapas se podem encontrar “marcas” textuais que definem o perfil do tempo a que pertencem e o estilo próprio, algo diferente de outros” (Cristóvão (2002, p. 10).

Segundo Cristóvão (2009), é frequente na literatura de viagens encontrarmos observações sobre diferenças e semelhanças entre o país de origem do autor e o novo país a ser visitado, mostrando atitudes como rejeição ou empatia. “Assim, nos textos ufanistas, não faltam, até em dinâmica crescente, primeiro as notações de lugar diverso, depois as dos seus contrastes, em seguida as marcas de superioridade do novo lugar, em relação ao lugar de origem” (Cristóvão, 2009, pp. 33-34). Para Vicente, “as «opiniões avaliativas» destes e destas viajantes reflectem e revertem o olhar sobre si próprios” (2001, p. 24).

A escrita de viagens é um género híbrido que procura fornecer narrativas estéticas agradáveis para satisfazer o desejo de “Outros (otherness)” dos leitores / turistas. Por serem de ampla difusão, assemelhando-se à difusão da imprensa escrita, possuindo um longo tempo de existência, têm essa capacidade para veicular representações e clichés socialmente partilhados e difundidos (Gonçalves, 2015, p. 60).

Dada a vasta quantidade de assuntos diferentes que existem e podem ser tratados dentro da Literatura de Viagem, Cristóvão (2002) propõe *a posteriori* uma subclassificação de temas dentro deste subgénero, algo que mostra a pluralidade e riqueza que este tipo de literatura oferece. “Propomo-la repartida por cinco itens principais: viagens de peregrinação, de comércio, de expansão (estas, seriadas por expansão política, religiosa, científica), de viagens de erudição, formação e de serviços, de viagens imaginárias” (Cristóvão, 2002, p. 38).

Quando analisamos a fase da “*Nova Literatura de Viagens*”, iniciada no século XIX, existem também tipologias de enquadramento que se aplicam a subtemas; “pela diversidade das narrativas também se pode esboçar uma tipologia desta outra etapa da Literatura de Viagens, orientada ou condicionada por guias de viagem e de itinerários, como os famosos Baedeker, Guide Bleu, Michelin” (Cristóvão, 2009, p. 15). Sendo assim, temos: viagens de conhecimento do país; viagens de exploração colonial; viagens exóticas; viagens de aventura; viagens de grande reportagem jornalística; viagens de repórter de guerra; viagens culturais; viagens de

reconstituição histórica e viagens de turismo religioso. Nesta última categoria, segundo Pinheiro (2009, p. 279), “ao ler os livros de viagens deparamos normalmente com a gratidão a Deus, testemunhos de oração, exigências de ordem moral, algumas peregrinações e finalmente a fixação em nomes que perdurem”.

Outro ponto que ajudou na popularização e sucesso desse tipo literário é, segundo Marques (2009), o carácter testemunhal dos relatos de viagem em sua maioria autobiográficos, que narram a aventura pessoal do indivíduo, “afinal o viajante fala dos novos lugares e das pessoas servindo-se das imagens dos lugares e pessoas familiares já conhecidas” (Pinheiro, 2009, p. 265). Segundo Cristóvão (2002), quem verdadeiramente popularizou o gosto por esse tipo de literatura foram os editores de coleções de viagens que, para deleitar o seu público leitor, passaram a ter edições com muitas ilustrações, gravuras, desenhos e mapas.

Tornou-se tão generalizado e exigente o consumo deste tipo de leituras que, para corresponder à insaciável procura dos leitores, a Literatura de Viagens absorveu e incorporou nos seus textos outras tradições culturais, sobretudo as afins, tais como as da Historiografia, Astronomia, Geografia, Cartografia, bem como as das diversas artes, com relevância para a Arquitectura, a Medalhística e a Museologia. Não bastavam a descrição das rotas e itinerários nem as paisagens exóticas ou os tipos humanos, usos e costumes desconhecidos, nem era suficiente a narrativa de acções aventureiras ou trágicas. Os leitores queriam mais, exigiam ver, queriam a representação desses itinerários, a reconstituição geográfica dos países, a traça dos monumentos, desejavam formar ideias exactas sobre os animais e as plantas que não conheciam. Assim as ilustrações eram cada vez mais abundantes e perfeitas, mesmo quando não eram exigidas pelos textos. A descrição dos monumentos ganhou proporções notáveis. A medalhística romana e do Renascimento, que se tinha notabilizado por seus retratos e efígies, e a museologia que em galerias e *Cabinets* de papas e príncipes criara o gosto pelas antiguidades preciosas, integraram-se facilmente nos novos textos (Cristóvão, 2002, pp. 32-33).

Como surgimento do turismo de massa, os hábitos de leitura foram sendo alterados, desencadeando no colapso editorial deste subgénero literário. “O livro de viagem deu lugar ao guia de viagem que perdeu o carácter biográfico, narrativo, com considerações pessoais, comentários ou opiniões do autor sobre os lugares” (Ribeiro, Cerveira & Costa, 2018, p. 30). A partir da segunda metade do século XX, com o florescer da indústria do turismo, ampliou-se a produção de guias de viagens, “assistiu-se à produção sistemática de guias dirigidos a diversos públicos. Estes são constantemente actualizados, muitos têm autoria colectiva ou anónima, estão inseridos em grandes séries ou colecções e são vendidos em todo o Mundo” (Vicente, 2001, p. 33).

Ainda, segundo Cristóvão (2002), quando o barco foi substituído pelo comboio, as pessoas passaram a preferir ler jornais e telegramas das agências noticiosas do que as longas narrativas. Desta forma, o turismo de massa alterou os hábitos de viajar e conseqüentemente também o hábito de leitura, fechando o ciclo da literatura de viagens. “Renovada, sempre com alguma coisa para contar, a literatura de viagens não precisa de pretextos para continuar a existir. Quando muito precisará de novos aliados” (Nery, 2009, p. 129). Ou seja, onde há gente há histórias, e onde existem histórias, sempre haverá uma infinidade de temas a serem tratados na literatura de viagens.

Bem e mal tem servido a múltiplas disciplinas – história, literatura, sociologia, filosofia, antropologia, direito, geografia, etnologia, etc. Já foi considerada quase moribunda devido ao poder da televisão e da Internet. Contudo, continua a ser lida por vastos públicos e no mundo anglo-saxónico a produção é ininterrupta (Vicente, 2001, p. 33).

2.1 A literatura de viagens em Portugal

A precursora de uma pequena movimentação turística em Portugal foi a Ilha da Madeira, que, segundo Câmara (2010), devido ao clima ameno caracterizado por um inverno brando e estações pouco marcadas, eram fatores que atraíam doentes pulmonares que acreditavam na tendência da medicina europeia do século XVII, que prescrevia tratamentos com águas minerais ou água do mar. Também no início do século XX, o conceito *beira-mar* era considerado um destino de moda, “altura em que se difundira a ideia de que o ar marítimo tinha propriedades revigorantes e de que o banho de mar podia ser terapêutico” (Henriques & Lousada, 2010, p. 106).

Os motivos para a deslocação a Portugal são igualmente muito heterogêneos – alguns deslocam-se por decisão individual, não nos sendo comunicada a gênese dessa decisão. Alguns vêm em virtude da sua função ou profissão, outros ainda devido a conflitos bélicos, outros precisamente porque querem escrever uma narrativa da viagem ou buscam a novidade e o exótico. Algumas mulheres vêm para acompanhar os maridos. Diversos procuravam alívio para as suas doenças, pois o clima português tinha fama nesse sentido (Vicente, 2001, p. 21).

Segundo Vicente os viajantes que passavam pelo país tinham o costume de ler o que já havia sido produzido sobre Portugal por outros viajantes, uma vez que essas narrativas estavam “edificadas sobre sedimentações anteriores, num processo que não deixa de ser de continuidade mesmo que se apresente como diferente, inovador ou em ruptura” (Vicente, 2001, p. 28). Ao

retornar ao seu país de origem, a melhor forma para relatar as experiências seria através da escrita, da pintura ou fotografia. Apesar da existência de livros e guias de viagens sobre Portugal, até o final do século XIX o país era considerado um local fora de rota e pouco susceptível de receber a atenção de viajantes que posteriormente descreveriam o país em relatos classificados como de literatura de viagem. Um fator que mudou esse “anonimato” de Portugal refere-se ao terremoto de 1755¹³, que atingiu Lisboa. Observa-se que o país, no âmbito da literatura de viagens, começou a ser assunto de destinos de viagens depois do terremoto, tornando Portugal o centro das notícias e da curiosidade dos viajantes.

Os livros de viagem em Portugal com aceitação europeia- e quando dizemos “europeia” queremos significar nos países mais cultos da Europa- só verdadeiramente começam a ter de ser considerados, para os efeitos deste ensaículo, a partir do terremoto de 1755. Lisboa em ruínas tornou-se um centro de atracção da curiosidade europeia (Chaves, 1978, p.13).

Com o passar dos anos, a profusão dos livros de viagem acabou por influenciar autores portugueses como “Almeida Garrett, para quem "as viagens fazem parte da boa e nobre educação", Eça de Queirós, que magistralmente descreve o Egipto, Ramalho Ortigão¹⁴, infatigável viajante que, à maneira de Rousseau, percorre longamente o País” (Cunha, 2010, p. 129). Serra (2010) conta que há outros escritores que cultivaram com sucesso de folhetinistas este género literário, como Júlio César Machado, Fialho de Almeida ou Gomes de Amorim. “A desmoralização ainda por cá anda, mas já não se viaja para amar a Pátria! Todos eles evidenciam os aspectos educativos das viagens, mas é Alexandre Herculano que nelas adivinha o interesse económico como meio de preservação dos valores culturais” (Cunha, 2010, p. 129). Entre as autoras mulheres, Maria Amália Vaz de Carvalho é quem mais se destaca com a obra *Em Portugal e no Estrangeiro* (1899).

Muito embora no início do século XX Portugal ainda fosse considerado um destino de viagem pouco habitual, foi a partir dos anos 60 que o governo português passou a fazer do país um destino turístico em potencial. O número de guias de viagem ao dispor dos viajantes também cresce, mas altera-se a sua tipologia. Segundo Vicente (2001), conforme o século avança, mais

¹³ Considerado o sismo mais destrutivo do país, o terremoto ocasionado na manhã de 1º de novembro de 1755 atingiu a cidade de Lisboa, derrubando edifícios e causando muitas mortes. Após os abalos, a cidade ainda enfrentou maremoto e incêndios. A destruição atingiu o litoral sul do país e Algarve.

Recuperado em 22 de junho, 2020, de <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-terramoto-de-lisboa-de-1755/>

¹⁴ “Em Portugal, o paradigma dessa literatura de viagens é Ramalho Ortigão, com os seus relatos impressionantes de múltiplas visitas e paragens, que fizeram dele um especialista convocado como "um *touriste* de reconhecida competência” (Serra, 2010, p. 126).

escassos se tornam os livros escritos por amadores ou viajantes individuais. Começam a surgir os livros encomendados por editoras, chamados de “artísticos”, que fazem parte de coleções e séries, ricos em ilustrações, que mantêm representado o pitoresco e exótico. “Por outro lado, publica-se uma grande variedade de «guias» de Portugal, repletos de informação «prática e objectiva», de autoria colectiva ou anónima, inseridos em grandes colecções especializadas, e produzidos por empresas transnacionais” (Vicente, 2001, p. 209).

2.2 Livros de viagens, exclusividade masculina?

Se hoje existe uma grande pluralidade de livros escritos por autoras mulheres, esta realidade era bem diferente quando analisamos o início do século XX, século este ainda marcado pelo machismo e pelo espaço exíguo dado às mulheres dentro das artes como um todo. Por exemplo, muitas autoras durante este período utilizavam pseudónimos masculinos para conseguirem publicar seus livros. Além de uma “sensação de liberdade” e de se protegerem contra a opinião pública, as atividades intelectuais praticadas por elas eram interpretadas como uma transgressão não condizente com o que era esperado de uma mulher da época, que era responsável por cuidar dos filhos e da casa. Vicente (2001) conta que a mulher viajante, ao se iniciar na arte da escrita de viagem, “saberia que estava a entrar em espaços de afirmação masculinos – estava a transgredir, e isso claramente dá-lhe prazer. Muitas são as narradoras que manifestam exuberância, força, poder” (Vicente, 2001, p. 29).

Serrano (2017) conta que historicamente a viagem feminina é considerada, no geral, de uma natureza mais íntima e confessional do que a masculina. Os relatos de viagem escritos pelos homens tendem a focar nas conquistas e domínio do desconhecido, já as mulheres refletem uma atitude mais contemplativa. As mulheres descrevem aquilo que vêm, por isso foi mais comum que elas adotassem géneros literários mais confessionais, como cartas e diários, estilos mais lassos que permitissem uma narrativa desestruturada. O que era escrito não tinha o objetivo de ser publicado e, em alguns casos, as edições eram póstumas. “Não lhes era concedido o estatuto de criadoras, apenas lhes era possível esta espécie de encenação da sua vida pessoal enquanto viajantes” (Serrano, 2017, p.37). O sentimento de inferioridade da mulher que escrevia em particular na narrativa de viagem era tão grande que muitas delas faziam uma introdução

justificativa das narrações, “uma espécie de pedido de desculpa pela ousadia de se exhibir tão publicamente” (Serrano, 2017, p.38).

A evolução da escrita de viagens por mulheres acompanha um progresso que elas mesmas acompanharam enquanto “transgressoras de normas”. Serrano (2017) cita algumas fases no desenvolvimento desse tipo de literatura, sobretudo de tradição inglesa: a fase do «feminino», entre 1840 e 1880, que envolve a imitação da escrita masculina e um enfoque na esfera doméstica; uma fase «feminista», entre 1880 e 1920, caracterizada pela oposição aos valores masculinos e sua dominância e, desde 1920, a fase «mulher» marcada pela consciência da identidade feminina e da descoberta. Viajar implicava adquirir conhecimentos e começar uma educação que era negada à mulher.

Durante boa parte do século XX, uma mulher que viajasse sozinha era objeto de surpresa, espanto e curiosidade, uma vez que o sexo feminino era tido como sexo “frágil” e o ato de aventurar-se era domínio do homem. Muitas delas viajavam acompanhadas do marido, pois somente ele poderia conduzi-la e mostrar os lugares do mundo. Serrano (2017) diz que muitos livros de conduta foram criados para as mulheres: os do século XVIII construíam um ideal de mulher doméstica, os do século XIX correspondiam a uma imagem de feminilidade focada no âmbito de uma sociedade patriarcal. Um exemplo é o livro de Thomas Cook and Son (1875), *A Few Words of Advice on Travelling and Its Requirements Addressed to Ladies*, que aconselhava as mulheres britânicas sobre o modo que deveriam adotar enquanto viajantes, o tipo de roupa adequada, *tours* mais ajustados, onde comprar *souvenirs*, etc. No início do século XX, segundo o site da BBC¹⁵, a franco-britânica Violet Paget, para evitar comentários sobre sua homossexualidade manteve seus escritos, que abordavam desde livros sobre viagens, músicas, contos sobrenaturais, como críticas de arte, entre outros, sob o pseudônimo de Vernon Lee. Serrano (2016) comenta como era o perfil das mulheres que viajavam por Portugal durante a década de 1930 a 1950, muitas delas como parte de um grupo de turistas estrangeiras abastadas financeiramente.

No que diz respeito às mulheres, a figura clássica da viajante será, na maioria dos casos, a mulher com acesso à educação, possuindo o nível de abastança financeira suficiente que lhe permitisse fazer face às deslocações. As mulheres de que falarei, e que passaram por Portugal nestas décadas, todas elas eram escritoras e jornalistas e as razões que as motivam a vir a Portugal são que as mais diversas. O discurso que constroem sobre o país

¹⁵ Recuperado em 27 de abril, 2020, de <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>

giza-se em torno de duas posições fundamentais e à partida inconciliáveis: ou total rendição aos encantos do país e reconhecimento da obra realizada por Salazar ou a crítica de um território que apesar de ter mantido a paz não era o oásis que o regime proclamava (Serrano, 2016, p. 125).

Capítulo 3 - O período histórico do século XX e as relações entre Brasil e Portugal

Considerado pela terceira vez pelo *World Travel Awards*¹⁶ como melhor destino turístico europeu, Portugal no ano de 2019 recebeu 27 milhões¹⁷ de turistas, sendo os brasileiros uma grande fatia desse total, contabilizando 1,27 milhões de hóspedes vindos do país tropical. Embora atualmente muito procurado por turistas do mundo todo, o país luso vem desde o início do século XX chamando a atenção no quesito turismo de qualidade, atraindo milhares de pessoas de todas as partes do mundo, em especial os brasileiros. Matos (2012) conta que neste período foram edificadas vários hotéis de luxo nas áreas termais do país, cujo intuito era atrair os turistas e ampliar o comércio local.

A partir do início do séc. XX, são edificadas vários hotéis de luxo, nas áreas termais, o Palace-Hotel do Vidago, o Grande Hotel do Buçaco, vários hotéis na Cúria e também nas áreas balneares, caso do Estoril, por exemplo. Em 1931, são fundadas as Casas de Portugal em Paris e Londres, que visavam a representação de Portugal, nomeadamente, como destino comercial e turístico, particularmente, a divulgação das paisagens naturais, das estâncias termais e dos tesouros artísticos do país (Matos, 2012, p. 61).

Muito das informações turísticas sobre Portugal no início do século XX divulgava-se através de guias e livros de viagem que relatavam ao leitor como era o país e as experiências dos viajantes que ali passaram, uma vez que os canais de difusão de informação no início do século não eram de fácil acesso ou restritos apenas a um seleto grupo de pessoas letradas¹⁸. Dentre as várias publicações de literatura de viagens sobre Portugal, encontramos algumas que foram publicadas no Brasil, país cujo laço de estreitamento com Portugal vai além dos acontecimentos históricos passados entre colônia e metrópole desde 1500. Vargues (2003) salienta que as relações entre os dois países são marcadas por distintos fatores que em vários momentos se entrelaçam ao longo da história.

¹⁶ Recuperado em 28 de outubro, 2019, de <https://www.publico.pt/2019/06/08/fugas/noticia/portugal-volta-conquistar-oscar-melhor-destino-europa-1875846>

¹⁷ Recuperado em 09 de maio, 2019, de <https://www.dinheirovivo.pt/economia/portugal-recebeu-27-milhoes-de-turistas-em-2019/>

¹⁸ No início do século XX, segundo dados do Recenseamento de 1906, o Brasil apresentava uma média nacional de 74,6% de analfabetismo. Em 2018, a taxa do chamado “analfabetismo absoluto” no Brasil foi de 6,8%.

Recuperado em 12 de junho, 2020, de http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1354.pdf

Recuperado em 09 de julho, 2020, de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21>

As relações luso-brasileiras no século XX foram marcadas por encontros e desencontros políticos que não fizeram mais que acentuar ausências ou permanências nos relacionamentos político, econômico, cultural, lado a lado com velhos laços enraizados numa comunidade cultural, numa "comunidade de afetos"¹⁹ muito mais antiga. Nesse relacionamento naturalmente existem momentos fundamentais na história contemporânea dos dois países: o da implantação da República (1898) no Brasil e (1910) em Portugal e o da consolidação da democracia em Portugal (1974) e no Brasil (1985) (Vargues, 2006, p. 281).

Verificando as impressões dos autores nos livros de viagens é possível analisar as características de cada período histórico pelo qual passava cada país, a mudança de regimes políticos, os costumes da época, o avanço nos sistemas de transporte, além dos laços pessoais que cada autor tem com Portugal, sejam eles familiares ou não, entre outras peculiaridades que só este tipo de literatura pode oferecer. Segundo Cristóvão (2009, p.23), “foi, sobretudo, a partir de exemplos portugueses, que se organizaram os textos brasileiros, quer dos relativos à cidade de Lisboa, quer dos que relatam “grandezas” nos vários continentes”.

Ao se debruçar sobre os livros de viagem do período do século XX, que são o *corpus* do estudo, a importância que se dá é sobre a análise feita, em sua maioria, por pessoas falantes do mesmo idioma - como são os brasileiros - que não encontraram barreiras linguísticas ao visitarem Portugal, característica essa que enriquece ainda mais os relatos e as trocas feitas com os habitantes do país, não deixando escapar detalhes que às vezes seriam imperceptíveis por pessoas não lusófonas e não familiarizadas com a cultura portuguesa. “Afinal há um patrimônio genético comum: a mesma língua, o mesmo passado literário, a arquitetura, a emigração, o espírito associativo, a atração e a formação oferecida pela Universidade de Coimbra” (Vargues, 2003, p. 285). Vicente (2001) afirma que, a não ser que o estrangeiro passe um longo período de tempo em Portugal e se esforce para aprender o idioma, “a grande maioria destes narradores fica em estado de surdez e de mudez face aos nacionais, o que também marcará a sua capacidade de percepção” (Vicente, 2001, p. 26).

Segundo Hanusch e Fürsich (2014), a comunicação através de leitura de viagem é uma importante fonte para analisar a dinâmica da globalização como um todo, principalmente quando analisamos o século XX, século marcado pelo fim da Guerra Fria que, segundo os autores, mudou as restrições às viagens para antigos países comunistas, o que ocasionou uma espécie de

¹⁹ Álvaro de Vasconcelos, prefácio a MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. Lisboa: Quetzal Editores, 1997.

apoio aos viajantes. O sucesso econômico das economias emergentes fez crescer as pessoas da classe média alta nesses países que, além de possuírem posses para gastar nas viagens, agora tinham interesse em ter experiências em viagens ao exterior. Sendo assim, os livros de viagem acabavam por ser a principal fonte de informação para pessoas que colocariam pela primeira vez seus pés em um novo destino, por serem essas publicações as principais formas de buscar relatos sobre o que fazer ou evitar em cada localidade. O advento da internet no final da década, do telefone celular e do GPS (Sistema de Posicionamento Global) ainda não eram populares ou não existiam na realidade do turista em quase todo o século XX, incluindo a maioria dos autores das obras analisadas neste estudo.

A partilha de informação sobre gentes, culturas e lugares é a sua razão de ser. Até ao século XX essa missão assumia particular importância por ser quase a única forma de sair de casa, do mundo que se conhece. A massificação do turismo, a televisão e o cinema vieram alterar essa realidade. O que é descrito passou a poder ser, muitas vezes, verificado, desejado por quem lê (Nery, 2009, p. 129).

Para Serrano (2017), o interesse pela literatura de viagem e o que despertou nos académicos floresce a partir da década de 1980, “coincidindo com o aumento do interesse pelo legado colonial europeu e pelas relações de força estabelecidas entre colonizadores e colonizados” (Serrano, 2017, p.26). Já para Vilas-Boas, a principal característica da Literatura de Viagens é que os espaços são vividos de modo relacional, “o leitor é obrigado a viajar, portanto, noutra espaço, aquele que é construído pela linguagem” (Vilas-Boas, 2015, p.11). Sendo assim, nota-se a importância dos relatos feitos nos livros e a riqueza académica que a literatura de viagem pode oferecer às mais variadas áreas de estudo, inclusive a de retratar as relações entre os dois países através do olhar observador do viajante.

O estudo dos fenómenos do turismo tem-se centrado seja nos impactos culturais e económicos da actividade turística, mais acentuadamente na segunda metade do século XX, e em áreas disciplinares que incluem a antropologia, geografia, sociologia, o urbanismo e o marketing ou estudos culturais e literários, estes últimos centrados sobre a literatura de viagem e o guionismo, género textual particularmente pertinente para o estudo da constituição de estereótipos (Gonçalves, 2015, p. 26).

3.1 A importância dos acontecimentos histórico-políticos no século XX

A escolha do século XX para análise dos livros reflete a importância dos acontecimentos históricos desse período em ambos os países e no contexto mundial. O período foi marcado por

guerras, como a Primeira Guerra Mundial em 1914, a Segunda Guerra Mundial em 1939 e início da Guerra Fria em 1947. Esse século foi marcado também pela invenção do avião, meio de transporte que facilitou o fluxo de turistas por todo o mundo, inclusive entre os dois países em análise. Segundo Cadavez (2017, p.80), “a aplicação dos desenvolvimentos da indústria aeronáutica ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial à aviação comercial após 1945, possibilitaram, como é sabido, outro passo decisivo para o progresso do sector turístico”.

Os anos 30 foram uns anos extremamente conturbados na história europeia. Sofre-se em pleno o choque da queda da bolsa de Wall Street e a enorme crise económica que provocou e facilitou a subida ao poder de Adolf Hitler que, com apoio de outros, levou a cabo uma das mais sangrentas décadas da história. Mas, ao mesmo tempo, foi uma época rica na literatura, e, especialmente, na literatura de viagens (Vilas-Boas & Outeirinho, 2016, p. 9).

Antes da popularização do avião e dos voos comerciais que ligariam diferentes países, o dirigível²⁰ ou *zeppelin* também foi um meio de transporte utilizado na primeira metade do século XX como forma de atravessar o oceano Atlântico. Voos regulares surgiram ligando a Europa à América com a inauguração da rota que ligava Frankfurt e Friedrichshafen à Recife e Rio de Janeiro, em 1931. Vargues (2003) conta que em 7 de setembro de 1922, comemorando o primeiro centenário da Declaração da Independência do Brasil do Império português, Gago Coutinho²¹ e Sacadura Cabral²² partiram no hidroavião *Lusitânia*, na 1ª experiência aérea que ligou os dois países a 3 de março, chegando à capital fluminense em 17 de junho. Também, em 1946, é inaugurada a linha aérea entre Rio de Janeiro e Lisboa; já em 1966, inaugura-se a 1ª linha aérea portuguesa (voo TAP Lisboa- Rio).

Na história da política brasileira, esta é a fase em que surge o regime ditatorial que, com o golpe de Estado em 1964, encerrou o governo do presidente João Goulart, eleito democraticamente. Já em Portugal, os anos de 1900 até 1974 são caracterizados por um período com muitas mudanças na política do país. Com o final na Monarquia Constitucional, surge a fase da Primeira República, de 1910 a 1933 e depois o Estado Novo, de 1933 a 1974. Inclusive, o ano de 1974 é de grande importância na história portuguesa, pois foi marcado pela Revolução do 25

²⁰ Recuperado em 04 de março, 2020, de <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/fotos-historicas-e-raras-mostram-como-era-voar-num-dirigivel-na-primeira-metade-do-seculo-xx>

²¹ Oficial da Marinha portuguesa, cartógrafo, geógrafo, historiador e navegador. Recuperado em 22 de junho, 2020, de <https://ensina.rtp.pt/artigo/almirante-gago-coutinho/>

²² Artur de Sacadura Freire Cabral foi oficial da armada e aviador português. Recuperado em 22 de junho, 2020, <https://ensina.rtp.pt/artigo/sacadura-cabral/>

de Abril, conhecida também como Revolução dos Cravos, movimento que depôs o regime ditatorial do Estado Novo.

‘O 25 de Abril desencadeou profundas alterações nos valores e na vida social nacional. Ele marca uma *era*, tantas são as ocasiões em que é tomado como referência: *Antes do 25 de Abril... só com o 25 de Abril... depois do 25 de Abril...* são expressões coloquiais quotidianas que se impuseram nos últimos vinte anos. A data do 25 de Abril marca, pois, o século XX e divide a sociedade em antes e depois. Será isso uma revolução? É certamente uma *era* (Ferreira, 1993 citado por Martins, 2011, p. 134).

Para Mota Alves (2018), o 25 de Abril não é apenas o marco do fim do regime ditatorial em Portugal, a data é considerada como a responsável pelo fim da política colonialista e bélica do Estado Novo, abrindo caminho para a independência das colónias africanas que até então eram posse portuguesa.

A mudança de regime em Portugal com o 25 de Abril de 1974 põe fim à política colonialista e bélica do Estado Novo erigida em defesa da integridade territorial e política de Portugal Continental e Ultramarino, contra as aspirações independentistas dos movimentos de autodeterminação organizados nos territórios coloniais. O derrube do Estado Novo e o fim das guerras de libertação travadas em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique, abriu assim o caminho para a independência das colónias africanas, que se sucedem ao longo de 1975, e para a descolonização portuguesa dos territórios africanos sob sua administração (Mota Alves, 2018, p. 141).

Vargues (2003) chama a atenção para o fato de que a implantação republicana em Portugal e o desenvolvimento da sua democracia foram fatores benéficos ao país, principalmente depois de sua adesão à Comunidade Europeia em 1986. Não se pode esquecer também da união entre Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, na integração em 1981 ao MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), que gerou posteriormente uma aproximação do Brasil com países do continente africano e asiático através da criação da Comunidade de Países de Língua Portuguesa²³ (CPLP). Outro ponto importante nesta relação entre Brasil e Portugal, segundo Vargues (2003), foi o surgimento do Estatuto da Igualdade entre brasileiros e portugueses, ou seja, igualdade de direitos e deveres sem perder a nacionalidade originária, que foi firmado em 7 de setembro de 1971.

Apesar de alguns momentos de ruptura e afastamento, os laços entre Portugal e Brasil fortaleceram-se no século XX num novo contexto marcado pela emancipação recíproca em relação a um passado colonial. Para essa emancipação contribuíram certamente as diferentes opções geoestratégicas de cada um: a opção europeia de Portugal (UE) e a opção latino-americana do Brasil com o Mercosul (Vargues, 2003, p. 288).

²³ Comunidade composta por 9 países: Angola, Cabo-Verde, Brasil, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Timor-Leste.

Trazendo dados mais recentes para contextualizar as relações económicas entre os dois países, o comércio bilateral²⁴ entre Brasil e Portugal cresceu no ano de 2018, registrando US\$ 2,31 bilhões em trocas. Os dados mais recentes apontam que as exportações brasileiras foram de US\$ 1,45 bilhões, compostas por combustíveis, minérios, ferro e aço. Já as importações brasileiras ficaram na casa de US\$ 858 milhões, totalizando entre os produtos portugueses com maior importância as gorduras e óleos, pescados e combustíveis.

3.2 A escassez de publicações na literatura sobre viagens a Portugal no Brasil

Um ponto que chamou a atenção durante a construção do *corpus* do estudo foi a escassez de livros de viagens sobre Portugal publicados no Brasil, durante o século XX, e algumas características históricas justificam o número reduzido destes livros. Talvez o primeiro ponto sejam os meios de comunicação que sofreram uma revolução devido às técnicas de impressão gráfica ocorridas na Europa Central que, segundo contam Vidal & Aurindo (2010, p.121), “mais tarde, se foram difundindo por toda a Europa, tendo tido um significativo desenvolvimento para Portugal, sobretudo na última década do século XIX, por via das maiores empresas estrangeiras”. Na passagem do século XX, em Portugal, deu-se o desenvolvimento das técnicas de reprodução gráfica, permitindo aumentar a qualidade e diversidade de desenhos, que passaram a ter cores e consequentemente aumentando o número de exemplares nas tiragens.

Um outro fator foi a criação da Sociedade de Propaganda de Portugal, em 1906, iniciativa de um grupo elitizado composto por distintas filiações políticas e religiosas, cujo propósito era fomentar a divulgação do país, principalmente através do turismo. “Foi seu inspirador Leonildo de Mendonça e Costa, jornalista de mérito, proeminente ferroviário, viajante apaixonado e patriota dedicado que, influenciado pela promoção turística da Áustria e da Suíça, decidiu tomar uma iniciativa para que Portugal fizesse o mesmo” (Cunha, 2010, p. 130). A principal ação da Sociedade de Propaganda foi o desenvolvimento de ligações ferroviárias com a Europa e marítimas com a América, além de defender a abolição do uso de passaportes. Além disso, era função da Sociedade promover o “desenvolvimento intelectual, moral e material do país e, principalmente, esforçar-se por que ele seja visitado e amado por nacionais e estrangeiros” (Brito, 2010, p. 139 citado por Serrano, 2016, p. 127). Cadavez (2017) conta que foi a Sociedade que

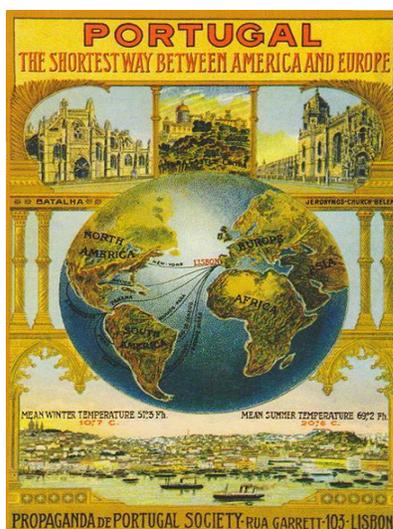
²⁴ Recuperado em 12 de junho, 2020, de <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5672-republica-portuguesa>

fomentou o primeiro curso profissional de hotelaria no país, cabendo “ainda à Sociedade de Propaganda de Portugal a organização de exposições e festas que dinamizassem o turismo estrangeiro e nacional, bem como as ações necessárias para melhorar as instalações turísticas e hoteleiras em território português” (Cadavez, 2017, p.65).

Sendo a propaganda considerada como uma questão essencial para tornar o País mais conhecido, a Sociedade desenvolveu uma vastíssima acção interna e externa. Publicou e distribuiu folhetos, financiou a publicidade em jornais, agências de viagens, editou o *Guia Sociedade Propaganda de Portugal*, fomentou a visita e o estudo do País por jornalistas e escritores estrangeiros. A mais significativa foi a de um grupo de jornalistas ingleses que se deslocaram desde Leixões até ao Algarve e que teve como efeito fazer-se, pela Europa e pela América, grande publicidade do nosso País (Silva, 1948) e a publicação de um guia intitulado *Progressive Portugal*, de Hethel Hargrove (Cunha, 2010, p. 131).

Vidal & Aurindo (2010) contam que durante o período da I República, graças às publicações de guias, brochuras e cartazes, a imagem de Portugal como potencial destino turístico foi moldada. Um país ensolarado, de clima ameno e povo hospitaleiro, aqui era onde os viajantes poderiam usufruir de uma estadia pacata, apreciar o património histórico, as tradições das províncias e das indústrias típicas. “É uma das primeiras grandes inovações introduzidas pelo desenvolvimento do turismo: a materialização e a ampla difusão – segundo os meios da época – de uma representação idealizada da Nação” (Vidal & Aurindo, 2010, p. 121). O cartaz produzido pela sociedade em 1907, distribuído internacionalmente, mostra os propósitos do grupo:

Figura 1: Primeiro cartaz turístico português²⁵



²⁵ Recuperado em 11 de junho, 2020, de <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2016-06-11-cinco-factos-e-opinioes-sobre-o-turismo-em-portugal/>

Outro ponto é que em setembro de 1933 foi criado em Portugal o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), organismo concebido para edificar uma “política do espírito”, segundo a visão do seu secretário nacional António Ferro, nomeado para este cargo por António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho do Estado Novo. O SPN regulava as relações da imprensa com os poderes do Estado e fomentava a edição de publicações destinadas a fazer conhecer as atividades do Estado Novo e da Nação Portuguesa. Cadavez (2017) conta que, para desenvolver a propaganda da nação, o SPN traduzia principalmente para o francês, espanhol e inglês alguns discursos de Salazar; inclusive, jornalistas estrangeiros eram convidados a escrever favoravelmente sobre a realidade portuguesa quando regressassem aos seus países de origem.

Vale ressaltar que durante a análise do livro *Aventura e Rotina* (1953) de Gilberto Freyre, que compõe o *corpus* do estudo, existe uma passagem em que o autor comenta o convite que recebeu de António Ferro para visitar Portugal. “Recusei o convite. Receei que fosse um tanto comprometedor, no sentido em que são, de ordinário, comprometedores os convites dos Secretariados Nacionais da Informação, mesmo quando deixam de se intitular de Propaganda” (Freyre, 1953, p. 19). Em 1948, Freyre volta a recusar o convite pelo mesmo motivo. Entretanto, o terceiro convite foi, segundo o autor, difícil de recusar, “porque recusar-me a ver de perto um drama sociologicamente da força do de Pirandelo, diante de um convite que me chegava de Ministério - o do Ultramar - tão apolítico em Portugal como é o Itamarati no Brasil?” (Freyre, 1953, p. 19).

Em 1930, o Ministério dos Negócios Estrangeiros decidiu criar uma Comissão da Propaganda do Turismo de Portugal no Estrangeiro, propondo ao Governo a execução dos serviços de turismo fora de Portugal. Como consequência, em 1931 foram criadas as Casas de Portugal, primeiro em Paris, depois Londres e Antuérpia que, segundo Cunha “passaram a agrupar a propaganda comercial e do turismo nos países respectivos. Os “bureaux de renseignements” da SPP já não tinham lugar” (2010, p. 133).

Um dos momentos mais emblemáticos para a melhoria da propaganda turística nacional ocorreu com a abertura da primeira Agência Oficial de Turismo, em outubro de 1940, no átrio do edifício onde funcionava o SPN, restaurado pelo arquiteto Jorge Segurado e decorado por Maria Keil, e é também evocado em *Turismo, Fonte de Riqueza e de Poesia*. Pretendia-se que esta agência continuasse o bom serviço feito pelas Casas de Portugal, que atraíam os estrangeiros, os quais, uma vez em Portugal, tinham de ser bem acolhidos e encaminhados (Cadavez, 2017, p. 273).

Vicente (2001) conta que as narrativas de viagens estabeleceram uma fonte de informação importante para os governantes e elites dos países dos viajantes, contribuindo para as decisões políticas e a formação da opinião pública. O autor pondera que o relato das viagens facilitou a circulação de ideologias, alimentando sua construção, e que “se a narrativa transporta ideologia também a imagem o faz e todo o discurso em torno da narrativa poder-se-á transportar para a iconografia” (Vicente, 2001, p. 29). Nos seus primeiros anos de atividade, Serrano (2016) descreve que o organismo (SPN) foi muito ativo editorialmente, publicando livros divulgadores do país em várias línguas. Segundo Ribeiro, Cerveira & Costa (2018) e Ribeiro (2020), a principal estratégia da SPN era a promoção de Salazar, Portugal e informações turísticas sobre o país através da publicação de guias de viagem que eram produzidos nos Estados Unidos por uma agência de comunicação chamada *George Peabody and Associates*, empresa que, por meio da produção dos guias, elogiava os feitos do Presidente do Conselho e tudo relacionado ao Estado Novo.

A aposta no livro foi óbvia porque o livro era um eficaz e profuso suporte propagandístico. As editoras, em primeira instância, mas também os autores dos textos, das ilustrações e das fotografias pactuaram nesta travestida e plástica sedução de uma autocracia porque o turismo projectava, já nesta época, o sonho e, não raras vezes, criava ilusórias mundividências. Muitos autores e protagonistas partilhavam e admiravam genuinamente o velho ditador e a sua forma de governar porque, para além das razões de índole política, o mundo já estava dividido e assustado com a Guerra Fria (Ribeiro, 2020, p. 223).

3.3 O surgimento dos estereótipos que marcam a relação entre os dois países

É interessante notar a construção de estereótipos que foram atribuídos ao longo dos anos de aproximação entre Portugal e Brasil, fossem eles provenientes dos tempos da colonização ou de outros períodos, como referentes ao sotaque, significado das palavras, aparência física, atitudes ou modo de ser e interagir em sociedade. Para Vilas-Boas (2015, p. 11), “outra característica da literatura de viagens é, quase sempre, a existência de imagens estandardizadas, estereótipos culturais, leituras prévias”. Segundo Cadavez (2017), os “cenários turísticos mais habituais insistem na divulgação de lugares associados a histórias e de mensagens estereotipadas que, ao serem placidamente aceites pelos forasteiros, parecem reproduzir *ad aeternum* narrativas apresentadas como distintivas de uma cultura ou de uma nação” (Cadavez, 2017, p. 20). Ainda segundo Cadavez, as “festividades locais, hábitos gastronómicos ou mesmo características físicas

ou psicológicas associadas a um determinado grupo étnico servem igualmente para mostrar a verdadeira comunidade regional ou nacional aos visitantes” (Cadavez, 2017, p. 81). Vilas-Boas (2015) diz que, em muitos casos, o intuito da viagem e da narração escrita é motivado pela nostalgia, pela busca do que falta no seu país de origem. Julgando encontrar-se em outros lugares a serem visitados, “o viajante que se ausenta por largo período de tempo do seu país, vive com a nostalgia do experimentado, do conhecido, do familiar, do «bom modelo», dos «bons valores», a forma correcta de ser e de estar” (Vicente, 2001, p. 27).

Contudo, no limiar do século XX retomaram-se velhos preconceitos e reelaboraram-se antigos estereótipos. Diante da nova nação que surgia embalada pela República, Portugal tornava-se novamente o país do atraso e o responsável pelos males da Monarquia, tanto quanto os portugueses eram tidos por trabalhadores, mas exploradores dos brasileiros sem qualquer pejo (Ribeiro, 2010, pp. 44-45).

O surgimento dos estereótipos faz parte da relação entre os dois países (Portugal e Brasil) e os adjetivos pejorativos são empregados até aos dias atuais para qualificar o outro. Silva (2010) diz que, no Brasil, a imagem do português varia entre: “colonizador”, “mesquinho”, “aventureiro”, “burro” e “explorador”. Algumas destas denominações surgiram no período histórico em que a mão de obra escrava passou a ser substituída pelo trabalho livre de imigrantes europeus, incluindo o português. Para Viana (2014), os ressentimentos ultrapassaram os séculos e “continua[m] hoje gerando mal-estar dos dois lados do Atlântico com brasileiros – turistas ou imigrantes - sendo ultrajados em Portugal ou portugueses que ouvem piadas sobre seu povo e país ao pisarem no Brasil” (Viana, 2014, p. 24). O jornalista Carlos Fino, quando conselheiro de imprensa na embaixada de Portugal no Brasil (2004/2012), teve uma percepção pessoal sobre as marcas que os estereótipos deixam numa sociedade.

Essa foi a primeira de uma série de lições que iria receber sobre as relações luso-brasileiras. Outra foi constatar que os Portugueses não são apenas a grande vítima das anedotas (ainda que bastante menos do que no passado), mas também verdadeiro bombo da festa sempre que se trata de apontar responsáveis pelos males do Brasil. Da burocracia à corrupção e ao nepotismo, da destruição da mata atlântica ao dizimar dos índios, passando pela escravidão e o atraso económico e social, não há grande problema passado ou presente do Brasil que não tenha a sua raiz na colonização portuguesa. Cultivada nos meios académicos por uma sociologia de inspiração marxista e nacionalista que há muito desconstruiu e destronou a lusofilia de Gilberto Freyre, a ideologia que atribui os males do Brasil aos Portugueses está largamente disseminada entre as elites, cristalizou nos media e passou, por essa via, a integrar o senso comum da população (Fino, 2012,

“Portugal-Brasil: separados por uma língua comum ou unidos por uma relação especial?”).

Por outro lado, Bianco (2010) diz que “os estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros foram historicamente fabricados em Portugal a partir de imagens preconceituosas acerca dos imigrantes portugueses radicados no Brasil” (Vieira, 1991 citado por Bianco, 2010, p.68). Na década de 1980, antigos clichês surgiram sobre o “brasuca”, o novo imigrante brasileiro que chegava a Portugal e, “com o retorno de Portugal à Europa (branca), essas caracterizações dos brasucas como mulatos tropicais foram baseadas, mais uma vez, em raça e coeficiente de civilização” (Machado, 2009 citado por Bianco, 2010, p.68). Viana (2014) afirma que, “fora os dentistas²⁶ e suas polêmicas, a maioria eram trabalhadores ilegais sem instrução e mulheres que iam para se prostituir²⁷. Isso fez criar uma imagem negativa do imigrante brasileiro em Portugal, algo que pode ser facilmente identificado ainda hoje” (Viana, 2014, p. 24). Atualmente, calcula-se que a comunidade brasileira em Portugal é uma das maiores do mundo, a partir de dados de 2019 que apontam aproximadamente 150.864 pessoas, compostas em sua maioria por estudantes e profissionais liberais, segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)²⁸.

Entretanto, bens culturais do Brasil, inclusive as populares telenovelas, invadiram mercado português. Mas, em meados da década de 1980, com a prolongada crise econômica brasileira, quando um número crescente de brasileiros começou a emigrar em procura de uma vida melhor, Portugal passou a ser visto como uma “porta para a Europa”. Ao mesmo tempo, tornou-se particularmente atraente para profissionais qualificados. Embora de início, em menor proporção, a antiga metrópole imperial também atraiu os chamados “indesejáveis” - homens e mulheres das camadas economicamente desfavorecidas, além de cidadãos ligados às redes internacionais de tráfico de drogas e prostituição. Desde meados da década de 1990 e crescentemente após 1997, com a implementação da política brasileira de privatizações, num período que coincide com planejamento e o início das comemorações do assim chamado “descobrimento” do Brasil,

²⁶ Em 1990, dentistas migraram para Portugal para exercer a sua profissão. Na época havia um acordo entre Portugal e Brasil que estabelecia a equivalência direta entre os diplomas universitários do Brasil e de Portugal. O fluxo migratório de dentistas brasileiros não foi bem aceito pelos dentistas portugueses, ocasionando mudanças na legislação. Von-Held, A., et al. (2019).

²⁷ Falar em prostituição em Portugal é ligar ao “Mães de Bragança”, movimento de mulheres portuguesas que se organizou na cidade de Bragança em 2003. O movimento surgiu como forma de protesto à chegada de prostitutas brasileiras na cidade. Sendo muitos desses homens casados e com filhos, as suas esposas organizaram-se num movimento para expulsar as recém-chegadas, que através das atividades exercidas, ameaçavam o sustento dos filhos. O caso ficou muito conhecido na imprensa da época, contribuindo para a associação generalista entre brasileiras e prostituição.

Recuperado em 26 de junho, 2020, de <https://www.efe.com/efe/portugal/destacada/m-es-de-bragan-a-rebeli-o-portuguesa-que-acabou-com-tabu-da-sexualidade/50000440-3037858>

²⁸ Recuperado em 15 de junho, 2020, de <https://observador.pt/2020/01/16/numero-de-brasileiros-residentes-em-portugal-bate-recorde-sao-quase-151-mil/>

começou a ocorrer outra inversão no trânsito entre Portugal e Brasil. A procura de novos e maiores mercados transnacionais, empresas e investimentos portugueses progressivamente se voltaram para o Brasil, num movimento sugestivamente alcunhado de Regresso das Caravelas (Bianco, 2010, p.65).

Capítulo 4 – Método de trabalho

4.1 Objetivos

Neste trabalho dividimos os objetivos em gerais e específicos para melhor compor a análise metodológica do estudo, sabendo que “objetivos são finalidades de estudo amplas e indicativas do percurso a ter em consideração em função da adequação ao âmbito de análise, ao contexto da investigação, à natureza do estudo e aos requisitos mínimos técnicos que o investigador deve ter” (Santo, 2010, p. 87).

4.1.1 *Objetivos Gerais*

O objetivo central da investigação é o levantamento e análise de livros de viagem do período do século XX publicados no Brasil, observando a forma como as publicações brasileiras retratavam Portugal, os portugueses e a relação entre Brasil e Portugal no período escolhido. Parte-se do pressuposto que o Brasil tem uma relação histórica com o país luso por ter sido uma colónia portuguesa, além de possuir, ainda hoje, muitas características provenientes de Portugal, que vão desde a arquitetura à gastronomia, por exemplo. Na primeira parte do trabalho, para melhor contextualizar a temática abordada, foi feita a análise sobre a história das viagens, a literatura que emergiu narrando essas deslocações, assim como o período histórico do século XX, informando sobre as relações entre Brasil e Portugal.

4.1.2 *Objetivos Específicos*

- . Elaborar uma lista bibliográfica dos livros de viagem publicados no Brasil sobre Portugal no século XX;
- . Mapear os lugares referenciados como principais destinos turísticos de Portugal;
- . Identificar as características de Portugal e dos portugueses mais evidenciadas pelos autores;
- . Verificar as temáticas mais debatidas na época em que foram publicados os livros;
- . Analisar outras narrativas, como racismo e machismo;
- . Analisar o tipo de relação entre Brasil e Portugal, além das comparações entre os dois países;

- . Identificar como eram referenciados os períodos políticos;
- . Quais as razões dos autores ao escolherem viajar por Portugal.

4.2 Grandes Questões

Ao se debruçar sobre a análise dos livros utilizados como *corpus* deste estudo, várias questões norteiam o trabalho. Entretanto, a pergunta de partida é: qual era a perspectiva dos brasileiros retratada nos livros de viagens sobre Portugal no século XX? Vale ressaltar que nem todos os livros foram escritos por brasileiros; alguns foram por portugueses que viviam no Brasil há anos ou foram para lá ainda muito crianças, além de existir uma autora que é inglesa. Entretanto, como os livros foram publicados no Brasil, segue-se a perspectiva do que chamava a atenção do público leitor brasileiro referente à temática sobre Portugal durante o século XX.

Outras questões que surgem é se o relacionamento entre os dois países retratado nos livros é de proximidade ou não. Como os autores representavam Portugal? Como um país irmão do Brasil, ainda havia marcas de ressentimento da época de dominação colonial? Como seria a hospitalidade portuguesa com o estrangeiro viajante? Quanto aos autores brasileiros, como era o tratamento recebido pelos portugueses? Ainda havia características estereotipadas de ambos os lados? O que pensavam os portugueses sobre o Brasil, na época? O que pensavam os autores sobre a política portuguesa e seus representantes políticos? Existia algum tipo de influência da cultura brasileira na sociedade portuguesa do século XX? Que meios de transporte foram utilizados para viajar nas épocas retratadas nos livros? E por fim, como eram as viagens sem todo o aparato tecnológico que temos hoje?

4.3 Justificativa

O interesse pela comunicação associada à área do turismo/história sempre existiu e vem desde a graduação, quando a análise de revistas de turismo com foco no hibridismo do jornalismo de informação e entretenimento foi o *corpus* do trabalho de conclusão de curso. A ideia era seguir essa linha, analisando revistas de turismo publicadas no Brasil com matérias de capa sobre Portugal. Porém, após convite do Professor Doutor Vasco Ribeiro e da Profa. Doutora Elisa Cerveira para participar do projeto ‘*Viseu pelas bocas do mundo*’ em 2019, no qual foram analisados 33 livros em francês do período de 1820 a 1974 que retratavam a cidade de Viseu,

percebeu-se que seria possível continuar mesclando o gosto pelo turismo e comunicação, agora analisando outro tipo de objeto científico: os livros de viagem.

O período escolhido parte do pressuposto de que o século XX é muito importante historicamente e politicamente na história dos dois países. Como brasileira, é de grande importância um estudo que possa ser de valor tanto na minha pátria mãe, o Brasil, quanto ao país que me acolheu como estudante, Portugal. Além disso, como esta temática, dentro dos estudos da Comunicação, ainda é pouco explorada, acredita-se na contribuição, em certa forma, para enriquecer e ajudar futuros trabalhos acadêmicos.

4.4 Categorias de investigação

Para efeitos de controle metodológico foram feitas pesquisas *online*, em bases de informação, na categoria “livros de viagem e literatura de viagem” nas bibliotecas brasileira e portuguesa para aferir o grau de representatividade da amostra. Começou-se o levantamento pela Biblioteca Nacional do Brasil²⁹, cujo contato feito por e-mail se mostrou infrutífero porque não foi encontrado registro específico quanto à categoria de viagens e que condissesse com as características estipuladas para esta pesquisa. Então, partiu-se para uma busca em seus registros digitais, que mostrou alguns resultados que seriam interessantes para compor o *corpus* do estudo. A busca posteriormente seguiu pelo catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal³⁰ e sites como o *Internet Archive*³¹ e o *WorldCat*³². Vale também ressaltar a procura feita pessoalmente em alguns sebos da cidade de São Paulo.

Posteriormente, após a investigação nestes sites, conseguiu-se reunir uma lista com 66 livros que se encaixam na proposta da pesquisa (ver **Apêndice 21: Tabela dos guias e livros de viagem sobre Portugal publicados no Brasil durante o século XX**). Uma lista que não está fechada, mas que acreditamos representar um levantamento muito próximo da totalidade de obras de viagem sobre Portugal, publicadas no Brasil durante o Século XX. Após a realização da lista, conseguiu-se consultar algumas das obras para este estudo na Biblioteca da FLUP e outras na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Outros títulos foram encontrados através do *site* Estante

²⁹ Recuperado em 10 de fevereiro, 2020, de <https://www.bn.gov.br/>

³⁰ Recuperado em 04 de maio, 2020, de <http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>

³¹ Recuperado em 04 de maio, 2020, de <https://archive.org/>

³² Recuperado em 04 de maio, 2020, de <https://www.worldcat.org/>

Virtual³³, que reúne sebos³⁴ de todo o Brasil. Através de perguntas feitas por e-mail aos donos dos sebos sobre o ano de publicação dos livros e se eram realmente publicações brasileiras (já que algumas informações não constavam na descrição de venda dos livros), reuniu-se um total de 21 livros que acompanham o século XX, mais concretamente entre os anos de 1911 e 1999. Validamos também que todos os enxertos em língua estrangeira sofreram adaptação ao português contemporâneo, feitos de forma livre durante a construção do referencial teórico do estudo.

Como remate inicial da seleção do que seria interessante abordar aqui no estudo, estipulou-se um critério de recolha de dados que fosse válido ao que foi proposto inicialmente na pesquisa, para obter as informações necessárias para construção dos resultados apresentados aqui e responder ao que foi proposto nos objetivos e grandes questões. É importante dizer que, embora muitos dos livros englobem o período em que Portugal ainda possuía colónias, neste estudo focaremos apenas no que consideramos Portugal nos dias de hoje, território continental e ilhas (Madeira e Açores). Por mais que as observações sobre as colónias também sejam um conteúdo de grande importância, mantivemos a recolha dos dados focados na representação geográfica que Portugal tem hoje, almejando uma coerência nos resultados, uma vez que são poucos os relatos dos autores deste estudo sobre as antigas colónias. Sendo assim, dividiu-se a coleta das informações através dos seguintes critérios: **Características sobre Portugal; Como é o português; Referências à política da época** (Salazar e Carmona encaixam-se em algumas obras); **Relação entre os países; Comparações entre Brasil x Portugal e Lugares.**

Como nem todos esses tópicos foram encontrados/abordados nos livros, subdividiu-se a recolha dos dados em outro tópico que fosse pertinente ou que mais aparecia em determinada obra, ou seja, alguns livros não falaram nada sobre política ou Salazar (devido à época em que foram escritos), mas o autor abordou outro tópico que merecia destaque, como a descrição de **Festas populares**. Através dessas divisões, pode-se mensurar as informações, destrinchando-as nas categorias que foram apresentadas nos objetivos e grandes questões, categorias essas que foram pontos em comum abordados durante a leitura das obras e que seviram para a construção das análises apresentadas aqui. Ressalta-se que as grafias originais usadas nos livros foram mantidas, mesmo as palavras arcaicas em desuso.

³³ Recuperado em 16 de outubro, 2020, de <https://www.estantevirtual.com.br/>

³⁴ Alfarrabistas, em português de Portugal.

No critério **Como é o português**, buscava-se todo tipo de informação que detalhasse tanto fisicamente, quanto informações referentes ao caráter do homem e da mulher portuguesa. Em **Características sobre Portugal**, a busca era por qualquer comentário que exaltasse a pátria portuguesa ou características encontradas que surpreenderam positivamente os autores dos livros. Nas **Comparações entre Brasil x Portugal** foram buscadas as diferenças referentes ao sotaque, ao significado das palavras, comparações entre cidades portuguesas e brasileiras, paralelos entre o modo de ser do brasileiro e do português. Em **Referências à Política da época (Salazar e Carmona)**, o intuito era perceber se os autores viam com bons olhos a política portuguesa e se havia qualquer referência à ditadura vigente na época e ao seu ditador. No tópico **Lugares**, procurou-se recolher as descrições dos sítios mais visitados pelos autores, seja uma praia, uma cidade, um restaurante, um museu, enfim, lugares que não passaram despercebidos aos olhos dos escritores. Quanto à **Relação entre os países**, todo tipo de comentário que abordasse a relação entre os dois países, desde relações políticas, económicas, culturais, educacionais, familiares... Por fim, em **Festas populares**, o critério era a busca por informações sobre como os autores viam as festas populares do país, sejam de caráter religioso, folclórico, entre outros.

4.5 Metodologia

Dentro da análise quantitativa e qualitativa, a metodologia do trabalho é composta por Pesquisa Bibliográfica e Análise de conteúdo dos livros. Segundo Santo (2010), a investigação quantitativa é comparável, “o método de investigação quantitativo tem por finalidade contribuir para o desenvolvimento e validação dos conhecimentos; oferece também a possibilidade de generalizar os resultados, de predizer e de controlar os acontecimentos” (Freixo, 2012, p. 172). Na perspectiva de Vilelas, “este tipo de operação efectua-se, naturalmente, com toda a informação numérica resultante da investigação. Esta análise pode-se apresentar num conjunto de quadros, tabelas e gráficos, nos quais se apresentam as percentagens dos respectivos dados” (2008, p. 157).

Desde o texto literário, passando pelas entrevistas e discursos tudo é susceptível de ser analisado por esta metodologia. De facto, a emergência de novos problemas sociais que deram uma nova configuração à realidade social, bem como o aparecimento de novas ideias ou hipóteses de explicação do real, que não permitem, efectivamente, respeitar a sequência das metodologias quantitativas levam ao aparecimento da metodologia qualitativa (Vilelas, 2008, p. 146).

Quanto ao método qualitativo, “nos estudos qualitativos procura-se introduzir heterogeneidade de características na escolha dos casos de forma a prover a qualidade, a profundidade, a exaustividade na discussão e reflexão dos mais variados objectos” (Santo, 2010, p. 33). Freixo afirma que, “o objetivo desta abordagem de investigação utilizada para o desenvolvimento do conhecimento é descrever ou interpretar, mais do que avaliar” (2012, p. 173). Por fim, Santo caracteriza o método qualitativo como “outro aspecto relativo às potencialidades dos métodos quantitativos, por referência aos qualitativos, tem a ver com a possibilidade de os resultados das investigações destes últimos serem susceptíveis de comparação e de generalização” (Santo, 2010, p. 35).

4.5.1 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica ajudará na apropriação do referencial teórico para investigar o objeto, os livros de viagens publicados no Brasil sobre Portugal no século XX. Vilelas cita que “o estudo bibliográfico também é indispensável quando elaboramos estudos históricos, não há outro modo, em geral, de inteirar-nos dos factos passados se não apelando a uma grande proporção de dados secundários” (2008, p. 60). O autor também diz que o principal benefício da pesquisa bibliográfica para o investigador é a inclusão de vários fenómenos. Para Boaventura (2004), é na pesquisa bibliográfica que o pesquisador não é um simples consulente de livros e revistas na biblioteca, mas um operador decidido a buscar fontes, a Pesquisa Bibliográfica para ele é a primeira fase da investigação. Já para Alves (2012), é quando um investigador desenvolve a sua investigação a partir de estudos já feitos por outros estudiosos.

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (Boccatto, 2006, p. 266).

4.5.2 Análise de Conteúdo

Bardin (1977) diz que a análise de conteúdo é como um conjunto de técnicas para analisar as comunicações, utilizando procedimentos de descrição do conteúdo das mensagens através de indicadores que permitem inferir informações em relação às condições de produção/recepção dessas mensagens. “A partir do pressuposto em que haja comunicação é possível aplicar análise de conteúdo a qualquer *corpus* ou material de análise” (Santo, 2010, p. 70). Vilelas salienta que “a análise de conteúdo visa, portanto, ultrapassar o nível do senso comum e do subjectivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica em relação à comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação” (Minayo, 1994 citado por Vilelas, 2008, pp. 149-150).

Em termos de conceito, a análise de conteúdo é uma técnica que visa a sistematização de informação, de acordo com a aplicação de processos de codificação, categorização e inferência permitindo um alcance analítico de natureza quantitativa e/ou inferencial, consoante os objectivos e técnicas de análise. Na análise categorial, procedimento mais frequente e antigo, para além da codificação, da categorização e da inferência, a análise de conteúdo faz recurso de instrumentos conceptuais como as hipóteses, as categorias, os indicadores e as unidades de análise. A análise de conteúdo é uma técnica inserida na metodologia das ciências sociais, com importância particular na aplicação a estudos da área da comunicação, da sociologia, da ciência política, da psicologia, de entre outras (Santo, 2010, p. 66).

Segundo Bardin, “desde a pré-análise devem ser determinadas operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro dos dados” (1977, p.126). Quanto à exploração do material, esta fase consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, é a aplicação das decisões tomadas; a última fase, o tratamento dos resultados consiste em tratar os resultados de forma significativa e válida. Lima (2006) diz que na Análise de Conteúdo, apesar de não deixar de ser uma descrição com regras, o investigador segue avançando com as inferências. “Inferências essas que, por se apresentarem com um fundamento explícito, possam ser questionadas por outros, e possam ser corroboradas ou contrariadas por outros procedimentos de recolha e de tratamento de dados” (Lima, 2006, p. 108).

Sobre o uso da nuvem de palavras ou nuvem de *tags* no trabalho, ela é uma representação visual das palavras mais comuns em um conjunto de texto e funciona como uma ferramenta da análise de conteúdo, pois “ainda que receba diferentes nomenclaturas (indexação; catalogação de

assunto; tagging; etiquetagem; etc.) o ato de representar um documento através de um conceito é de mesma natureza nos diferentes contextos – físico e digital” (Guedes e Dias, 2010, p. 42 citado por Lemos, 2016). Assim, foi experimentado este sistema como maneira de categorizar de forma visual o modo de operacionalizar as técnicas quantitativas e qualitativas, encontrando uma maneira de representar visualmente as possibilidades de classificações hierárquicas quantitativas. Aqui ela é usada para categorizar as palavras dos livros de maneira proporcional e por incidência, para contextualizar os assuntos mais referenciados nas subcategorias mencionadas no item **4.3 Categorias de investigação.**

- Características sobre Portugal;
- Como é o português;
- Referências à política da época (Salazar e Carmona se encaixam em algumas obras);
- Relação entre os países;
- Comparações entre Brasil x Portugal;
- Lugares;
- Festas populares.

A ideia inicial era fazer uma nuvem de palavras para cada livro do *corpus* do estudo, porém percebeu-se que usá-la para as subcategorias mencionadas acima, que fazem parte dos apêndices da pesquisa, traria uma ideia visual melhor do compilado das palavras ao unir o que foi selecionado em todos os livros. Para isso, foi usada a ferramenta oferecida pelo site *wordclouds*³⁵, que gera essas nuvens em sua plataforma *online*. Foram excluídas palavras como Portugal, Brasil, brasileiro, brasileira, português, portuguesa e seus plurais, além de alguns adjetivos de intensidade, artigos, números e pronomes na categorização das palavras.

A nuvem de tags oferece um modelo de classificação eficiente por ser um método em que a indexação pode ser definida como um conjunto de procedimentos com objetivo de expressar ou representar o conteúdo temático de documentos e suas linguagens com o intuito de uma recuperação posterior (Lemos, 2016, p.10).

³⁵ Recuperado em 15 de junho, 2020, de <https://www.wordclouds.com/>

Capítulo 5 – Resultado da análise dos livros de viagens do século XX publicados no Brasil sobre Portugal

Neste capítulo serão expostos os resultados da análise dos 21 livros selecionados como *corpus* da pesquisa. Em conjunto com o que foi apresentado nos capítulos anteriores, com o intuito de descobrir como era Portugal segundo a ótica das publicações brasileiras, aqui contemplaremos a pesquisa bibliográfica dos livros através da análise de conteúdo dos dados quantitativos e qualitativos recolhidos ao longo do estudo, iniciando pela apresentação dos autores e suas respectivas obras.

5.1 Quem são os autores

- Seguindo a ordem cronológica dos livros, **João do Rio**, autor do livro *Portugal D’Agora*, é o pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1881, ele foi um jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro³⁶. Filho do matemático positivista Alfredo Coelho Barreto e da dona-de-casa Florência Cristóvão dos Santos Barreto, João iniciou sua carreira no jornalismo em 1899, colaborando com os jornais *O Paiz*, *O Dia*, *Correio Mercantil*, *Gazeta de Notícias*. Negro e homossexual, assume-se em uma posição de dândi embranquecido nos meios literários³⁷, utilizando vários outros pseudônimos em seus textos, como: Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José. É eleito para a cadeira número 26 da Academia Brasileira de Letras (ABL), tornando-se um imortal em 1910. Muito obeso, no dia 23 de junho de 1921 no Rio de Janeiro, ele sente-se mal durante uma corrida de taxi, acabando por falecer de um enfarto do miocárdio fulminante.
- A segunda autora que compõe o *corpus* literário é **Inês M. Goodall**. Tanto nos artigos acadêmicos, *sites* de buscas na internet, quanto no seu próprio livro, *Viagens Pitorescas por Portugal*, não encontramos informações sobre quem foi a autora ou se este seria algum tipo de pseudônimo usado por algum(a) autor(a). Deduzimos ser inglesa pois, além do seu sobrenome

³⁶ Recuperado em 29 de junho, 2020, de <http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia>

³⁷ Recuperado em 29 de junho, 2020, de <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17030/joao-do-rio>

sugerir, existem, no seu livro, diversas passagens em que compara Portugal à Inglaterra, como, por exemplo, no trecho em que declara que “Portugal tem actualmente uma constituição muito semelhante à nossa. As Côrtes, ou Parlamento constam de uma Câmara de representantes eleitos pelo povo, que corresponde á nossa Câmara dos Comuns” (Goodall, 1913, pp. 16-17). Acusa-se uma origem inglesa quando a autora diz que “em Lisboa isso contitui um facto banal, mas a vós impressionar-vos hia, como sendo raro, na Bond Street ou em Piccadilly” (Goodall, 1913, p.27). E, por último, confirma essa suspeita a passagem, “nós em Inglaterra, temos muitos desportes: caça, tiro, pesca” (Goodall, 1913, p. 83).

- **Alfredo Guimarães**, autor do livro *Terras de Alegria*, foi um escritor, crítico de arte, primeiro diretor do Museu Regional de Alberto Sampaio e conservador do castelo de Guimarães. Nasceu na cidade de Guimarães³⁸, em Portugal, no dia 7 de setembro de 1882 e nela faleceu a 29 de novembro de 1958. É vogal correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes e cavaleiro da Ordem de Santiago. Colaborou com alguns jornais da época, entre eles *O Século*, *Primeiro-de-Janeiro*, entre outros. Autor de dezenas de livros, Alfredo foi sócio da Associação de Arqueólogos Portugueses.
- Francisco **Ferreira da Rosa** (1864-1952), autor do livro *Por Amor de Portugal*, nasceu em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira dos Açores em Portugal. Chegou ao Rio de Janeiro em 1º de abril de 1878, com 14 anos de idade, empregando-se no comércio, onde trabalhou até dezembro de 1884. Com a proclamação da República, naturalizou-se brasileiro. Em 1893, foi redator do jornal *O Paiz* e, em 1894, foi nomeado professor de Português do Colégio Militar, tornando-se Tenente Coronel Honorário. Faleceu no Rio de Janeiro aos 87 anos de idade³⁹.
- De José Gabriel Lemos Brito (1886-1963) ou **Lemes Britto**, sabe-se que foi um político, professor, historiador, economista, criminalista e jurista baiano⁴⁰. Autor de vários livros, é conhecido por ser um dos precursores do Direito e Literatura no Brasil⁴¹. Em seu livro “*Portugal que eu vi*”, o autor conta que veio ao país fazer turismo e representar o Brasil em congressos internacionais.

³⁸ Recuperado em 30 de julho, 2020, de

<http://www.oconquistador.com/noticia.asp?idEdicao=148&id=3420&idSeccao=781&Action=noticia>

³⁹ Recuperado em 31 de julho, 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742017000100301#fn14

⁴⁰ Recuperado em 01 de julho, 2020, de <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/o-crime-na-literatura-brasileira/439466>

⁴¹ Recuperado em 01 de julho, 2020, de <http://www.rdl.org.br/pt/memorial>

- Por outro lado, o turismo não foi o motivo que trouxe **Guilherme de Almeida** a Portugal. Guilherme de Andrade de Almeida nascido em Campinas em 24 de julho de 1890, foi um advogado, jornalista, heraldista, crítico de cinema, poeta, ensaísta e tradutor brasileiro⁴². Tornou-se imortal ao entrar para a Academia Brasileira de Letras em 1930, ocupando a cadeira número 15. Combatente da Revolução de 1932, o livro “*O Meu Portugal*” foi escrito em homenagem à terra que o acolheu como exilado. Guilherme dirigiu o *Jornal das trincheiras*⁴³, distribuído no próprio campo de batalha onde era soldado raso da Revolução de 1932 contra a presidência de Getúlio Vargas. Preso no dia 10 de outubro de 1932, Almeida é levado ao Rio de Janeiro, onde é enviado a Portugal juntamente com outros paulistas que apoiaram o movimento. Ao chegar em terras lusas, o poeta é recebido com honrarias. Durante seu exílio (algumas referências dizem ter sido um exílio de 8 meses, outras de 1 ano), Guilherme escreveu um conjunto de 20 crônicas para a imprensa brasileira, que depois se tornou o livro em análise. Morreu aos 78 anos em São Paulo, no dia 11 de julho de 1969.
- Com uma história de exílio parecida com a de Guilherme de Almeida, citado acima, **Aureliano Leite**, autor do livro *Episódios do Exílio: Portugal e outras terras*, era muito engajado politicamente, participando da Revolução Constitucionalista, o que posteriormente ocasionou em seu asilo na Europa. Nascido em Ouro Fino, em 20 de novembro de 1886, ele foi um advogado, historiador, político e escritor brasileiro⁴⁴. Estudou direito na Faculdade do Largo de São Francisco, obtendo grande sucesso profissional. Também foi membro da Academia Paulista de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo⁴⁵. Autor de várias obras, faleceu em São Paulo no dia 04 de dezembro de 1976.
- Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, autor do livro *Portugal semente de Impérios*, foi advogado, professor, museólogo, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista brasileiro. Nascido em Fortaleza, no estado do Ceará, cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi o primeiro diretor do Museu Histórico Nacional e um dos líderes da Ação Integralista Brasileira. Representou o Brasil em várias missões diplomáticas,

⁴² Recuperado em 01 de junho, 2020, de

<https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3f.sid=186/biografia>

⁴³ Recuperado em 01 de julho, 2020, de <https://pgl.gal/novidade-portugal-cronicas-um-desterro-guilherme-almeida/>

⁴⁴ Recuperado em 01 de julho, 2020, de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leite-aureliano>

⁴⁵ Recuperado em 01 de julho, 2020, de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leite-aureliano>

entre as quais a Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações) e a Exposição Comemorativa dos Centenários de Portugal (1940-1941)⁴⁶. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 8 de março de 1923, para a cadeira 19. **Gustavo Barroso** também foi membro de inúmeras entidades, entre elas da Academia Portuguesa da História, da Academia das Ciências de Lisboa, da Royal Society of Literature de Londres, da Academia de Belas Artes de Portugal, da Sociedade dos Arqueólogos de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Numismática da Bélgica, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de vários Estados, assim como das Sociedades de Geografia de Lisboa, do Rio de Janeiro e de Lima. Morreu no Rio de Janeiro, RJ, em 3 de dezembro de 1959.

- **Gilberto Freyre**, autor do livro *Aventura e Rotina*, nasceu em 15 de março de 1900, na cidade do Recife estado de Pernambuco. Considerado um dos maiores pensadores do Brasil, Freyre ingressou no curso de bacharelado em Artes Liberais e na especialização em Ciências Políticas e Sociais nos Estados Unidos, na Universidade de Baylor e fez seu mestrado em Artes, pela Universidade de Columbia, em 1922. Freyre recebeu muitos prêmios e títulos durante sua vida, tanto nacionais quanto internacionais. Numa abordagem mais analítica, seus estudos apontaram para as vantagens do processo de miscigenação racial ocorrido no Brasil⁴⁷. Em 1933, o sociólogo escreveu a sua obra-prima, o livro *Casa-Grande e Senzala*⁴⁸. Chegou a ser deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN) entre 1946 e 1950, no mesmo período em que criou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, atual Fundação Joaquim Nabuco. Faleceu em sua cidade natal, em 18 de julho de 1987.
- A procura por informações sobre **Domingos da Cunha Gonçalves**, autor do livro *Roteiro de Portugal*, mostrou-se infrutífera nos sites de buscas e artigos acadêmicos. O pouco que se sabe é que Gonçalves fez parte da Embaixada Universitária “Ruy Barbosa”, composta por alunos da Faculdade de Direito do Pará que integraram uma caravana acadêmica rumo à Europa em 1953. O propósito da viagem assemelha-se muito ao *Grand Tour*, em que estudantes partiam para conhecer a cultura de determinados países da Europa, sendo que, no caso de Domingos, o país foi Portugal.

⁴⁶ Recuperado em 30 de julho, 2020, de <https://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>

⁴⁷ Recuperado em 05 de agosto, 2020, de <https://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=1279>

⁴⁸ Recuperado em 05 de agosto, 2020, de <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/gilberto-freyre.htm>

- A pesquisa sobre **Horacel Cordeiro Lopes** também não gerou muitos resultados. Sabe-se que nasceu em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, em 1897, mudando-se depois para o Rio de Janeiro⁴⁹. Admiradora de Portugal, Horacel possuía descendência portuguesa, de familiares da região de Leiria, além de ter sido casada com um português. Horacel é uma das poucas mulheres que encontramos no subgênero da literatura de viagem. Em sua obra “*O que vi em Portugal*”, ela descreve com maestria e riqueza fotográfica diversos locais do país onde esteve a turismo com o marido.
- As informações sobre o escritor **Mário Graciotti** encontram-se em seu livro “*Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*”. Graciotti foi um dos fundadores da revista de cultura *Inteligência*, em 1935, trabalho que lhe conferiu o título de pioneiro da revista moderna no Brasil. Em 1950, conquistou com o seu livro “*Europa tranquila*” o Prêmio Carlos de Laet da Academia Brasileira de Letras. Em companhia do casal D. Umbelina e Dr. Alfredo Egydio de Souza Aranha, de tradicional família paulistana, Graciotti, em 1951, visita Portugal durante um mês e descreve com detalhes o país e sua gente que tanto admira.
- Armindo Freitas Ribeiro de Faria, autor do livro *Minho Dossel de Portugal*, nasceu na Freguesia de S. João das Caldas no dia 6 de março de 1866, filho do negociante Joaquim Freitas Ribeiro Faria e de Ana Emília Gonçalves de Freitas. Estudou medicina em Coimbra e, aos 24 anos, apresentou a sua tese de licenciatura, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, com a Dissertação Inaugural "Vizela e as suas águas minerais". **Armindo Faria** foi um empresário empenhado na restauração do concelho de Vizela, nos últimos anos da Monarquia, gastando seu dinheiro na construção do Castelo de Vizela⁵⁰.
- Francisco da Silveira Bueno, autor do livro *Pelos caminhos do mundo (Viagens)*, nasceu em 20 de agosto de 1898 em Jarinu, no estado de São Paulo. Por um feliz encontro com o bispo de Campinas, Dom João Batista Correia Neri, no grupo escolar em que estudava, **Silveira Bueno** teve seus passos dirigidos no sacerdócio. Nas vésperas da sua ordenação, deixou a carreira, dedicando-se em São Paulo ao jornalismo e magistério. Foi teólogo, poeta, jornalista, contista, filólogo e professor⁵¹, concorrendo à cátedra de Filologia Portuguesa da Faculdade de

⁴⁹ Recuperado em 01 de julho, 2020, de <http://falandodetrova.com.br/horacel>

⁵⁰ Recuperado em 06 de agosto, 2020, de <https://www.digitaldevizela.com/2019/01/armindo-freitas-ribeiro-faria.html?m=0>

⁵¹ Recuperado em 02 de julho, 2020, de <https://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=1756>

Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Participou de muitos jornais paulistanos, inclusive pertencendo ao grupo que fundou o “*Folha da Manhã*”, além de outros jornais no Rio de Janeiro. Foi autor de diversos dicionários, entre eles o Dicionário Etimológico – Prosódico da Língua Portuguesa, em oito volumes, e o Dicionário Tupi-Guarani-Português. Faleceu no dia 2 de agosto de 1989 na cidade de São Paulo.

- **David Nasser**, autor do livro *Portugal, meu avôzinho*, foi possivelmente um dos jornalistas mais renomados das décadas de 1940 e 1950. Escreveu livros de grande repercussão, quase sempre baseados em suas próprias reportagens, além de compor cerca de 300 músicas⁵². Filho de imigrantes libaneses, Nasser nasceu na cidade de Jaú, no estado de São Paulo, em 1º de janeiro de 1917. Trabalhou nos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e depois passou pelo “*O Globo*”, destacando-se na revista “*O Cruzeiro*”, principal publicação brasileira nas décadas de 40 e 50, onde fez várias reportagens em parceria com o fotógrafo Jean Manzon⁵³. Ligado às correntes mais conservadoras e crítico ferrenho de Leonel Brizola, apoiou a ditadura militar no Brasil. Passou a trabalhar na revista “*Manchete*” em fevereiro de 1976 e faleceu em 10 de dezembro de 1980.
- Gastão Cerqueira Neves nasceu em 29 de julho de 1927, na cidade de Teresópolis, estado do Rio de Janeiro. Conhecido como o ‘poeta vertical’, defendia a poesia falada no palco⁵⁴. Atuou como jornalista e ocupou muitos cargos públicos, entre eles os de Diretor do Departamento de Cultura do Estado no Governo Geremias de Mattos Fontes, Diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro, Diretor de Relações Públicas do Estado de São Paulo no Governo de Ademar de Barros, Chefe da Assessoria de Comunicação Aplicada ao MOBRAL, Presidente da Fundação de Atividades Culturais de Niterói, no Governo Moreira Franco. **Gastão Neves** foi membro do Conselho Municipal de Cultura de Teresópolis e da Academia Teresopolitana de Letras, publicando diversos livros. Apaixonado por Portugal, ele passa 3 meses em terras lusas, onde escreve o livro *Portugal para Brasileiros*. O poeta vertical morre aos 84 anos.
- **Lúcia Machado de Almeida**, autora de *Passeio ao Alto Minho*, nasceu em 1910 na Fazenda Nova Granja, no interior de Minas Gerais, se destacando com livros voltados ao público

⁵² Recuperado em 02 de julho, 2020, de <http://revistapress.com.br/revista-press/david-nasser-o-ilusionista-do-jornalismo/>

⁵³ Recuperado em 02 de julho, 2020, de <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/david-nasser-5814>

⁵⁴ Recuperado em 02 de julho, 2020, de <http://culturanageroi.blogspot.com/2011/08/morreu-o-poeta-gastao-neves.html>

infanto-juvenil. Ela é autora do livro “O Escaravelho do Diabo”, um dos livros mais vendidos da coleção *Vaga-Lume*, que chegou a ganhar uma adaptação para o cinema em 2016. Foi jornalista por quase 60 anos, trabalhando nos Diários Associados, viajando o mundo como conferencista convidada pelo Ministério das Relações Exteriores para falar sobre Aleijadinho e as cidades mineiras do Ciclo do Ouro⁵⁵. Morreu em 30 de abril de 2005 vítima de uma pneumonia, em Indaiatuba, estado de São Paulo.

- A pesquisa sobre **Otan Orlandini de Mattos** não gerou resultados nos canais de buscas na internet. Em uma passagem do livro *Um brasileiro no Portugal de Camilo*, deduzimos que o escritor foi Promotor Público, além de um grande admirador de Camilo Castelo Branco (poeta e romancista português). Segundo informação do próprio autor: “Morava eu no interior do Estado, precisamente numa comarca onde, no início da minha carreira de Promotor Público, precisei de jornadear um dia, quando ia a uma diligência, em caso de menores, em local distante da sede da jurisdição” (Mattos, 1980, p. 23).
- **Jorge Antonio José**, autor de *Veja (comigo) o mundo (de ontem e de hoje) sem sair de casa-Europa*, nasceu em Serra Negra, estado de São Paulo em 04 de janeiro de 1933. Recebeu o grau de professor normalista em Campinas e bacharelou-se na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica em 1957, onde foi professor assistente lecionando a disciplina de Direito Constitucional. Foi historiador, jornalista, orador, conferencista e político, sendo vereador da Câmara Municipal de Serra Negra. Publicou vários periódicos, artigos, crônicas e reportagens. Jorge divulgou matérias de turismo em várias reportagens sobre viagens a todos os países da América do Norte e alguns da Europa.
- **Humberto Pateira** era português e estreou como ator aos 18 anos de idade. Em 1947, formou um grupo amador de teatro, o Núcleo Artístico “A Força dos Novos”, que sucedeu ao Grupo Teatral “Gente Nova”. Nos anos de 1950 a 1955, ganhou prêmios em concursos de poesia promovidos pelos Sindicatos Nacionais dos Profissionais de Seguros de Lisboa e do Porto. Entre 1956 e 1958, foi comentarista desportivo da Rádio Ribatejo (estúdios de Lisboa). Embarca para o Brasil (Rio de Janeiro) em 1959, sendo contratado em uma Distribuidora de Automóveis em São Paulo, cidade onde passa a residir. Pateira chega a conduzir programas de rádio na capital paulista, com programações direcionadas à comunidade lusa, chegando a

⁵⁵ Recuperado em 30 de julho, 2020, de <https://radios.ebc.com.br/antena-mec/2019/10/vida-e-obra-de-lucia-machado-de-almeida-e-destaque-no-momento-literario>

receber como congratulações da Câmara Municipal de São Paulo, os troféus “Diário Popular” e “Ary Barroso”. Com um espírito muito aventureiro, Pateira descreve, em seu livro *Uma Aventura em 24 países (do Brasil a Portugal por terra)*, todas as situações e percalços que passou para tentar sair do Brasil até Portugal por terra.

- Antonio Alberto Pina Mosa, autor do livro *Portugal: Lembranças de uma viagem*, é outro português cujo livro compõe o *corpus* da pesquisa. Nascido em Lisboa, muda-se para o Brasil aos nove anos de idade. Médico do trabalho, clínico geral e nefrologista, **Alberto Mosa** lança-se na literatura compartilhando os segredos de sua terra natal.

5.2 Dados quantitativos

5.2.1 Razões pelas quais os autores escolheram Portugal

Os autores que compõem o *corpus* do estudo - em sua maioria homens com importância no âmbito político, financeiro e social, uma vez que viajar no século XX era coisa apenas para pessoas de posse e letradas - afunila o perfil das pessoas que vinham para Portugal. Poucos são os livros escritos por mulheres e negros, a grande maioria das pessoas que viajavam para cá vinha por motivos familiares, participação em conferências, alguns por exílio político, turismo ou a acompanhar o marido durante a viagem. O papel da mulher escritora deste tipo de literatura é um ponto que mereceu destaque; as três autoras que analisámos, Inês Goodall, Horacel Cordeiro Lopes e Lúcia Machado de Almeida, são donas de um texto mais descritivo, íntimo e confessional, apesar dos impedimentos que a sociedade machista e patriarcal lhes impusera, elas puderam também dar sua contribuição dentro das narrativas de viagem. Abaixo uma tabela que justifica o motivo da viagem, segundo os autores:

Tabela 1- Motivo para a escolha de Portugal pelos autores

Livros	Motivo
1911- Portugal D'Agora (João do Rio)	Jornalista a turismo no país, escrevia artigos sobre suas impressões acerca da situação política do país.
1913- Viagens Pitorescas por Portugal (Inês M. Goodall)	Turismo.

1920- Terras de Alegria (Alfredo Guimarães)	Não é muito bem especificado, mas parece ser um livro em homenagem à sua terra natal.
1924- Por Amor de Portugal (Ferreira da Rosa)	Saudosismo da terra natal e desejo de apresentar Portugal aos familiares.
1931- Portugal que eu vi (Lemos Britto)	Turismo/representação brasileira em congressos internacionais.
1933- O meu Portugal (Guilherme de Almeida)	Exilado paulista da Revolução Constitucionalista de 1932 ⁵⁶ .
1938- Episódios do Exílio: Portugal e outras terras (Aureliano Leite)	Exilado paulista da Revolução Constitucionalista de 1932.
1943- Portugal Semente de Impérios (Gustavo Barroso)	Turismo/representação brasileira em congressos internacionais.
1953- Aventura e Rotina (Gilberto Freyre)	Turismo/mostrar Portugal à família/analisar influências portuguesas também nas colônias.
1954- Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária "RUY BARBOSA" (Domingos da Cunha Gonçalves)	Viagem turística dos alunos da Faculdade de Direito do Pará.
1956- O que vi em Portugal (Horacel Cordeiro Lopes)	Turismo/laços familiares/ acompanhava o marido na viagem.
1957- Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças (Mário Graciotti)	Turismo.
1960- Minho Dossel de Portugal (Armando de Faria)	Não é muito bem especificado, mas parece ser um livro em homenagem a sua terra natal.
1962- Pelos caminhos do mundo (Viagens) (Silveira Bueno)	Turismo.
1965- Portugal, meu avôzinho (David Nasser)	Turismo e amor pelo país.
1965- Portugal para Brasileiros (Gastão Neves)	Turismo/laços familiares com Portugal (filho de portugueses).
1971- Passeio ao Alto Minho (Lúcia Machado de Almeida)	Amiga do escritor português Ruben Andersen Leitão/ acompanhava o marido que era bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, que estudava

⁵⁶ Movimento armado cujo objetivo era derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte.
Recuperado em 16 de março, 2020, de <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Revolucao1932>

	influências do mobiliário português no brasileiro de Minas Gerais/ Turismo.
1980- Um brasileiro no Portugal de Camilo (Otan Orlandini de Mattos)	Turismo.
1981- Veja comigo o mundo de ontem e de hoje sem sair de casa: Europa Vol. I Portugal (Jorge Antonio José)	Turismo.
1984- Uma aventura em 24 países: (Do Brasil a Portugal por Terra) (Humberto Pateira)	Turismo e laços familiares.
1999- Portugal: Lembranças de uma viagem (Alberto Mosa)	Turismo e laços familiares.

Fonte: Elaborado pela autora

5.2.2 Nuvem de palavras

5.2.2.1 Características sobre Portugal

Nesta nuvem, evidenciaram-se as palavras que mais apareceram nos trechos coletados sobre características referentes a Portugal. Além de opiniões pessoais, cada autor relata aspectos que divergem do seu país de origem. Aqui, as palavras acenam a comentários sobre Portugal, ou seja, coisas que chamaram a atenção sobre a nação lusa e os pontos positivos do país em relação aos serviços prestados aos seus cidadãos. As dez palavras que mais apareceram são *estradas, terra, norte, história, indústria, desenvolvimento, doces, frio, gente e guardas*.

Rio, autor do livro *Portugal D’Agora*, já comentava que, mesmo com o esvaziamento demográfico decorrente da emigração, Portugal superava essa tendência catastrófica e mantinha a sua força como país. O número de habitantes por quilómetro quadrado era diminuto apesar das estatísticas de nascimentos mostrarem um crescimento da natalidade no país. “Portugal é um paiz forte a que phenomenos economicos de ha longos annos e mesmo seculos vem trazendo a depauperante emigração, individualmente rendosa, mas para a patria desastrosa” (Rio, 1911, p. 71).

Neves (1965) diz que, apesar da avalanche de progresso e mudanças, o país soube conservar os seus monumentos representativos, testemunha do seu passado histórico de glórias. Nesse sentido, Britto salienta que uma das únicas virtudes da ditadura no país foi ter assegurado a

ordem e tranquilidade, pois, “se outra virtude não tivera a dictadura ao menos uma se lhe havia de reconhecer e festejar: a de haver mantido imperturbavelmente a ordem e assegurado ao paiz a tranquillidade indispensavel ao trabalho” (1931, p.21).

Lopes é uma das autoras que possui raízes com o país, descendente de portugueses de Leiria, a autora considera o país como a sua pátria mãe. Em seu livro *O que vi em Portugal*, ela expressa seu sentimento pelo país com “uma admiração profunda por tudo que vem de Portugal, traduzida na palavra simples e significativa de “irmão”, pois, existe nessa síntese uma sagrada tradição, expressão lógica de uma só e única raça” (Lopes, 1956, p. 15).

A admiração dos autores relacionada às artes, à literatura, música, poesia, pintura, dança e teatro confirmam uma mentalidade progressista, civilizada e diligente no país, “Portugal de hoje é o fruto de um esforço conjunto, esforço que revelou valores de equipe e individuais, incrementando as atividades da vida moderna, difundindo entre o povo o amor às artes” (Neves, 1956, p. 158), no livro *Portugal para Brasileiros*, demonstra esse entusiasmo do autor com a arte portuguesa. Leite também compartilha esse amor pela arte produzida em Portugal, “começando pelas belas-lêtras - prosa e poesia – [em que] continua Portugal nesse departamento a apresentar a fertilidade costumeira” (1938, p.130).

Um ponto bastante ressaltado durante a leitura dos livros são os elogios referentes às estradas que, para Lopes (1956), tornavam o país um excelente centro de turismo na Europa, onde milhares de quilômetros de boas estradas e autoestradas ligavam o território português de ponto a ponto. O preparo e eficiência dos guardas também aparece como um fator de ordem nas grandes cidades. Neste trecho, Neves espanta-se com o cumprimento das leis de trânsito por parte dos pedestres e choferes, “outra classe que é um capítulo à parte em Portugal é a do chofer de táxi. Corri Lisboa de táxi, de um lado para outro, cumprindo obrigações e visitando pessoas. O taxímetro nunca foi desrespeitado” (Neves, 1965, p.60).

Por fim, entre as características de Portugal destacadas nesses livros, aparece também a quantidade de estádios modernos e bem equipados para as equipes de futebol, fato que chamou a atenção de Neves, ao considerar Portugal o “país dos estádios”. Segundo o autor, Portugal “possui modernos e bem equipados, em número bastante apreciável. O Estádio Nacional de Lisboa tem capacidade para 60 mil espectadores e é um dos mais belos recintos desportivos do mundo” (Neves, 1965, p. 150). Na década de 1960, registrou-se ainda a construção de novos

exalta-se a característica dos portugueses em ser um povo trabalhador, religioso, sentimental e às vezes um pouco ríspido e bruto. Lemos Britto, em *Portugal que eu vi*, conta suas impressões acerca do povo que conheceu em sua viagem. Diz ele que “os portugueses são trabalhadores, affaveis em certas regiões, mais rispídos noutras, e sempre prestadíos. São profundamente religiosos; apesar disso, não existe em Portugal uma servidão do povo ao clero” (1931, p. 70). Lopes, em *O que vi em Portugal*, ao visitar Fátima e a relação da religião com o povo português, comenta que saiu de lá emocionada, “sentindo que, nela vive a sinceridade de um culto, uma crença verdadeira de um povo essencialmente cristão, formado, nesta Terra abençoada, o alicerce fundamental da nacionalidade, o apoio moral e cívico das suas crenças” (1956, p. 98).

Inês Goodall, autora do livro *Viagens Pitorescas por Portugal*, salienta que alguns costumes notados nos portugueses se assemelham muito aos costumes orientais. Quando desejam que a pessoa vá embora, fazem um sinal com a mão que poderia ser compreendido como um convite de aproximação; quando querem que a pessoa se aproxime, o gesto parece de despedida e “ambos êstes gestos são inteiramente orientais” (Goodall, 1913, p. 45). Outro costume notado por Rosa é “o falar alto, desrespeitosamente, [que] está inveterado nos baixos costumes. O povo é bom; falta-lhe só disciplina” (1924, p. 103).

O modo de vestir das pessoas também foi um ponto que chamou a atenção de Rio (1911), em especial nos homens de Lisboa, que possuíam alfaiates tão bons quanto em Londres e Viena. Inclusive as damas também não decepcionavam, aquelas que se vestiam em Paris e andavam pelo Chiado mostrando toda sua elegância. As características eram bem diferentes quando comparadas às pessoas do campo, que eram mais humildes e dedicavam sua vida ao trabalho braçal de plantio e criação de animais. Em relação a esses últimos, Goodall observa que “em Portugal a gente do campo é de tez morena e queimada; muitas vezes os homens à primeira vista parecem ladrões e se os encontrássemos no meio de uma estrada parece que não seria de estranhar vê-los brandir uma faca” (1913, p. 39). Freyre (1953), em *Aventura e Rotina*, também chama atenção para o fato de que as pessoas do Algarve possuíam a tez morena ou avermelhada devido ao forte sol da região. O autor Rio (1911) caracteriza os adolescentes como morenos, com sangue nas faces, todos muito belos de uma beleza quente e sensual. Quanto às crianças portuguesas, a impressão era de serem respeitadoras com os pais e, nas classes mais abastadas, estava “em moda dar-lhes

5.2.2.3 Referências à política da época

Esta nuvem de palavras evidencia a impressão dos autores sobre a política em Portugal. Como o *corpus* do estudo possui livros de diferentes anos, nota-se a mudança nos períodos histórico-políticos e a visão que cada autor tinha de seus governantes. As vinte palavras de maior destaque são: *Salazar, homem, mal, Câmara, país, terra, governo, Pombal, gente, Carmona, civismo, ditadura, estadista, general, palácio, progresso, República, respeito, administração e Assembleia*.

A Primeira República, que foi de 1910 até 1926, engloba o livro *Portugal D'Agora*. O autor Rio conta que chegou ao país um ano depois do acontecimento do Terreiro do Paço⁵⁷ ao “encontrar o lisboeta preso á roda dos partidos políticos, mas livre e desembaraçado para fallar e discutir”, (1911, p.60). Rio conta sobre o apreço que brasileiros e portugueses tinham pela rainha D. Amélia de Orleães, monarca do povo português cujo marido, o rei D. Carlos I, havia sido assassinado. “O brasileiro e o portuguez do Brasil têm uma especie de respeito sagrado e extase admirativo pela soberana do povo portuguez” (Rio, 1911, p.200). Goodall, autora do livro *Viagens Pitorescas por Portugal*, para o mesmo período, também comenta o fato de os ministros portugueses serem procrastinadores e a política muito corrupta, havendo “desgraçadamente para Portugal, [...] uma grande tendência entre os ministros para deixarem para amanhã o que hoje [poderia] ser feito, [a campear] muito a corrupção na política portuguesa” (1913, pp. 16-17). Rosa, autor do livro *Por Amor de Portugal*, em um trecho do livro, comenta seu encontro com o presidente Antonio José de Almeida⁵⁸, sexto presidente da República Portuguesa, onde “declarei-me portador de ternas saudações do Sr. General Alexandre Leal, militar distintíssimo, hoje Chefe do Departamento da Guerra, e que fôra de S. Ex^a. oficial às ordens aí, no Rio.” (1924, p. 39).

O livro *Portugal que eu vi* (1931) faz parte do período político português conhecido como Ditadura Militar e Nacional (1926-1933). Britto teve um encontro pessoal com o General

⁵⁷ O Regicídio de 1 de fevereiro de 1908 ocorrido na Praça do Comércio em Lisboa, que na época era conhecida por Terreiro do Paço, é considerado o fim do regime monárquico em Portugal. O assassinato do rei D. Carlos e do seu filho e herdeiro, o Príncipe Real D. Luís Filipe de Bragança, marca o fim da última tentativa de reforma da Monarquia Constitucional, gerando violência na vida pública do país. Reto (2017).

Recuperado em 09 de julho, 2020, de <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6717/4417>

⁵⁸ Recuperado em 09 de agosto, 2020, de <http://www.presidencia.pt/?idc=13&idi=32>

Carmona⁵⁹ e descreve fisicamente o ditador como um homem de boa estatura, magro e ágil, vestindo “com elegancia os fatos paysanos, mais parecendo então um diplomata que um soldado: com o seu fardão de general é de um garbo notavel” (1931, p. 143). Em visita a Portugal, após a morte do general Carmona, Freyre comenta que encontrou por toda Lisboa retratos do general, uma vez que “Portugal de tal modo se habituara à figura do elegante militar, do marechal ainda vivo e já histórico, como o seu Chefe de Governo, que [parecia] não querer acreditar de todo na sua morte” (1953, p. 258).

Figura 4- Lemos Britto com o general Carmona



Fonte: Britto, L. (1931). Portugal que eu vi. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C.^a

Os próximos livros fazem parte do período do Estado Novo (1933-1974), quando a figura do ditador António de Oliveira Salazar ganha destaque em muitos trechos dos livros. Salazar⁶⁰ foi professor catedrático da Universidade de Coimbra, orientando-se com aspirações políticas, para um corporativismo de Estado cujo nacionalismo econômico levou o país a tomar medidas de protecionismo e isolacionismo. “Tive a oportunidade de passar pela casa do eminente homem político de Portugal, a quem se atribui e confirma-se o engrandecimento econômico da grande

⁵⁹ António Óscar Fragoso Carmona foi um militar Presidente do Ministério e presidente da República Portuguesa (terceiro da Ditadura e primeiro do Estado Novo).

Recuperado em 13 de maio, 2020, de <http://www.presidencia.pt/?idc=13&idi=28>

⁶⁰ Recuperado em 09 de julho, 2020, de https://www.uc.pt/fduc/corpo_docente/galeria_retratos/oliveira_salazar

Pátria Portuguesa” (Lopes, 1956, pp. 149-150). Barroso, em *Portugal Semente de Impérios*, comenta no trecho a seguir sobre a popularidade que Salazar possuía e sobre todo o respeito que havia com sua pessoa. “A popularidade de Salazar é grande, toda ela feita de admiração, de gratidão e de respeito. Sua figura é serena e séria. No seu cérebro desfilam os pensamentos do governo. Na sua alma se acumulam as responsabilidades do poder” (Barroso, 1943, p. 43). Freyre, em seu livro *Aventura e Rotina*, encontra traços fortes que marcam o povo português, ao descrever que “o que é muito português no Professor Salazar é a doçura um pouco triste do seu olhar: um olhar doce, mas não melífluo, de homem virilmente bom” (1953, p. 23).

A maneira de Salazar governar o país foi algo que dividiu a opinião dos autores nas crônicas de viagem. Segundo Leite “a grande figura lusa recordava o Marquês de Pombal. Um marquês de Pombal atualizado” (1938, p. 143). A partir de outro olhar, Bueno (1962), em *Pelos Caminhos do mundo (Viagens)*, fez críticas ao abandono do estadista em relação à Faculdade de Letras de Lisboa, uma vez que a atitude de descaso com a educação não condizia com alguém que foi professor catedrático da Universidade de Coimbra. Nas suas palavras, “as ditaduras nunca foram muito amigas dos intelectuais, mas Salazar lecionou em Coimbra, é um lente de Universidade: tinha a obrigação de ocupar-se com o ensino superior, dando instalações condignas à Faculdade de Letras de Lisboa” (Bueno, 1962, pp. 25-26). Em relação a Coimbra, Freyre (1953) fica desapontado com as obras feitas pelo Estado Novo, principalmente na Faculdade de Letras onde, segundo o autor, o mau urbanismo fez um edifício inexpressivo como arquitetura, e lamentável como arte decorativa. “E é realmente a ideia que nos dá: a de uma fábrica de chocolate. Uma fábrica de bombons e não um centro de belas-letas” (Freyre, 1953, p. 136).

Freyre também lamenta o excesso de policialismo do regime político, com “excessos semelhantes - embora de modo algum iguais - aos que combati no chamado «Estado Forte» brasileiro, quando este se tornou brutalmente policialesco, à revelia, aliás, do Sr. Getúlio Vargas” (1953, p. 164). Por outro lado, Nasser, em *Portugal, meu avozinho*, diz que graças a Salazar, Portugal recebeu um tom de absoluta dignidade entre as nações, “e, antes dele, Portugal dava a impressão do Brasil de agora. Finanças, economia, tudo numa desordem de república de estudante” (1965, p. 15).

destacadas na nuvem: *terra, pátria, família, progresso, amizade, gente, região, ambiente, carinho e coração*.

Seguindo a cronologia dos livros do *corpus* do estudo, verifica-se que a relação entre os dois países se modificou ao longo dos anos e dos acontecimentos históricos pelos quais os países passaram. Em termos económicos e de exportação, Rio (1911) conta que o Brasil consumia quase metade dos produtos que Portugal exportava, e Portugal, ao contrário, fechava as portas aos produtos brasileiros. Também no início do século, nota-se um desconhecimento por parte dos portugueses sobre o Brasil. No livro *Portugal D’Agora*, Rio comenta esse desconhecimento em relação às proporções geográficas, climáticas e riquezas brasileiras, sabia-se “apenas em bloco, que o Brasil [era] muito rico e que o nosso dinheiro [era] muito fraco” (1911, p.288). Rio conta que, como muita gente do norte do Brasil ia para Lisboa, muitos portugueses generalizavam o Brasil baseando-se apenas em uma região, como se todo o Brasil fosse uma coisa só, ao julgarem “o Brasil inteiro pelo Pará. Quanto as artes, a acção política, ao jornalismo-o desconhecimento é total. Dirão que só as viagens dos portugueses ao nosso paiz bastariam para dar a Portugal uma impressão exata. É engano” (1911, p. 288).

Embora tenham saído da Universidade de Coimbra muitos vultos da literatura e ciência portuguesa e brasileira, para Lopes (1956) o desconhecimento sobre Portugal também é uma característica dos brasileiros. No campo das artes e letras, Leite (1938) comenta que o Brasil ignorava muito o que Portugal produzia, refletindo o motivo de pintores lusos pouco serem conhecidos no Brasil. Nasser, autor de *Portugal, meu avozinho*, também comenta sobre o Brasil possuir uma ideia desfigurada sobre Portugal, uma vez que “por culpa dos próprios portugueses, de alguns dos mais ilustres - poetas, escritores e políticos - estratificou-se na consciência brasileira um perfil lusitano que, em vez de ser verídico retrato, é uma execrável caricatura” (1965, p. 73).

No início do século, muitos portugueses emigraram para o Brasil em busca de melhores condições de vida e trabalho. Apesar da crise que o Brasil passava, Britto (1931) acreditava que esse fator fosse diminuir o número de portugueses que emigravam para lá, sendo muito possível que a crise por que passava o Brasil nesse período desestimulasse um pouco a emigração, abrindo novos horizontes para os portugueses em seu próprio país. Essa forte emigração criou laços familiares entre os dois países, como observa Bueno (1962), quando em sua passagem por

Portugal, por ser paulista, muitas vezes era indagado se não conhecia algum parente de alguém que encontrava. O diálogo que se estabelecia era revelador dessa fantasia:

“V. Ex^a é de São Paulo? Então deverá conhecer lá meu primo, Daniel Azambuja!”

“Não, infelizmente, não o conheço...”

“Mas como, não conhece, em São Paulo o meu primo?”

“Não, que tamanho pensa o senhor que tem São Paulo?”

“... menorzinho que o Pôrto!”

“Pois saiba, é maiorzinha que Lisboa muitas vêzes” (Bueno, 1962, p. 17).

Freyre diz que foram as aldeias portuguesas as verdadeiras responsáveis pela constituição do Brasil, afirmando que as explicações para costumes ou tendências lusitanas peculiares ao Brasil não teriam origens “em Lisboa, nem no Porto, mas nas aldeias” (1953, p. 149). Muitos dos portugueses que emigraram para o Brasil fizeram fortuna e, ao retornar a Portugal, construíam os chamados “*chalets*” dos brasileiros, construções em velhas aldeias à moda das moradias do Rio de Janeiro. “Iso é, *bungalows* multicores, que absolutamente não se enquadram na paisagem e gritam na moldura singela das povoações nataes” (Britto, 1931, p. 40). Entretanto, a sorte não sorriu para todos, pois o autor de *Portugal que eu vi* conta que muitos não conseguiam trabalho no Brasil devido ao analfabetismo. “Manoel conhecia apenas um rapaz da aldeia, residente em Santos. Suppunha-o já millionario; ao procural-o deu com um pobre caixeiro de armazem!” (Britto, 1931, p. 52).

Graças à colaboração da emigração portuguesa no Brasil, com a doação de dinheiro e material, São Paulo ganhou uma grande assistência hospitalar com a criação da Real e Benemérita Associação Portuguesa de Beneficência, mais conhecida como Beneficência Portuguesa⁶². Atualmente, o hospital é o maior polo privado de Saúde da América Latina em número de leitos, atendendo diversas pessoas com especialidades em Cardiologia, Oncologia, Neurologia, entre outras áreas. Gonçalves, em *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA”*, comenta os feitos filantrópicos dos portugueses no Brasil, assinalando os marcos de cooperação que se erguiam em todo o território brasileiro, simbolizando “os sentimentos do povo português, do qual orgulhosamente descendemos” (1954, p. 15).

Ainda na área institucional, Neves conta que voou para Portugal através do *Vôo da Amizade*, parceria entre a TAP e Panair⁶³, cujo intuito era promover um intercâmbio cultural

⁶² Recuperado em 15 de maio, 2020, de <https://www.bp.org.br/institucional/sobre-a-bp>

⁶³ Extinta companhia aérea brasileira.

entre os dois países, barateando o valor das passagens, “com o objetivo de contribuir para uma aproximação cada vez maior entre as duas pátrias, e promover maior intercâmbio cultural, artístico, social e comercial, nas relações luso-brasileiras” (Neves, 1965, p. 164). Gonçalves (1954) também conta que o tratamento dado pelas autoridades aduaneiras portuguesas era rápido devido ao fato de possuírem nacionalidade brasileira, como se fosse um “passe de mágica”.

Os laços familiares com Portugal também intensificaram o apreço dos brasileiros com Portugal. Lopes (1956) conta do seu especial carinho por Matosinhos, berço natal do seu esposo. “Em Portugal, os brasileiros são tratados como uma só e imensa família” (Lopes, 1956, p. 316). Almeida, em *Passeio ao Alto Minho*, comenta que “descobriu” Portugal depois da sua obra, pois “aprendeu a amar êsse país, sua gente, e ainda melhor compreendeu sua própria Pátria brasileira.” (1971, p. 12). A união entre os dois países se fundamenta num afeto que envolve anos de relações, havendo “no povo de Portugal, quando acolhe um filho do Brasil, aquela afetuosidade paterna de que se vê envolto o rapaz ausente, agora vindo ao lar antigo” (Bueno, 1962, pp. 16-17). O mesmo sentimento também foi descrito por Barroso, como o “amor paternal de Portugal pelo Brasil, glorificando-se na glória do Filho. Amor filial do Brasil por Portugal, glorificando-se na glória do Pai” (1943, p. 245).

Figura 6- Palavras que mais aparecem na subcategoria “Relações entre Brasil e Portugal”



Fonte: Elaborado pela autora

5.2.2.5 Comparações entre Brasil x Portugal

A nuvem *Comparações entre Brasil x Portugal* retrata as diferenças entre os dois países. Diferenças estas relacionadas ao modo de falar, comparação entre produtos consumidos, modo de festejar, entre outras diferenças que os autores brasileiros encontraram durante sua passagem pelo país. As vinte palavras que mais apareceram foram: *Lisboa, Paulo (referente a São Paulo), Rio (Rio de Janeiro), terra, gente, cidades, Porto, extensão, língua, quilômetros, ruas, sotaque, cariocas, passado, vinhos, café, casas, falar, jeito e Camões*. É interessante ressaltar que muitas das observações dos autores referem-se a comparações entre as cidades de São Paulo e Porto *versus* Lisboa e Rio de Janeiro, que foram abordadas com mais profundidade no item 5.3.3. Afinal, segundo Nasser, “todo brasileiro foi português um dia” (1965, p. 39).

Quando falamos em diferenças entre os dois países, automaticamente o modo de falar é um tema a ser abordado. “O que é espantoso em Portugal é que ao abuso de «Vossa Excelência» p’ra cá, «Senhor Doutor» p’ra lá...” (Freyre, 1953, p. 18). Bueno (1962), em *Pelos caminhos do mundo (Viagens)*, relata que uma das adaptações feitas em sua passagem por Portugal foi relacionada à mudança na forma de falar, o autor conta que era a mesma língua falada no Brasil, mas com outro sotaque, com novas palavras, sons e construções. Bueno passou a fechar as vogais, evitar chamar as mulheres de “moça” e usar sempre “vossa excelência” como pronome de tratamento, comenta também os esforços em vão que fez para tentar imitar o sotaque luso, “passar como gato por brasas pelas átonas, malhar fortemente nas consoantes, puxar nos ss, levando-os quase a x. Dizer “americano” em lugar de “bonde”; substituir os gerúndios pelos infinitos com a” (1962, p. 12). Segundo a presunção brasileira, “até Camões é mais Camões recitado por um brasileiro. Camões em ritmo português é Camões de pé-quebrado” (Nasser, 1965, p. 98).

Mattos, em *Um brasileiro no Portugal de Camilo*, recorda-se de seu professor de latim originário de Coimbra que dizia que a língua falada no Brasil não poderia ser pura como é em Portugal, “porque cá se bebe engarrafado o que lá se apanha na fonte” (1980, p. 19). Neves, autor de *Portugal para Brasileiros*, em sua passagem por Lisboa observa as diferenças entre palavras ao frequentar um bar na capital do país, “tendo a nosso dispor a solícitude do senhor empregado, pessoa que no Brasil chamamos de garçom, meu chapa, psiu, e outros nomes menos elegantes” (1965, p. 30). Cerveja é imperial, café com leite é chamado de galão, terno é fato, entre outras

palavras. “Pagamos o pedágio, que aqui se diz portagem, e seguimos para Setúbal” (Mosa, 1999, p. 22).

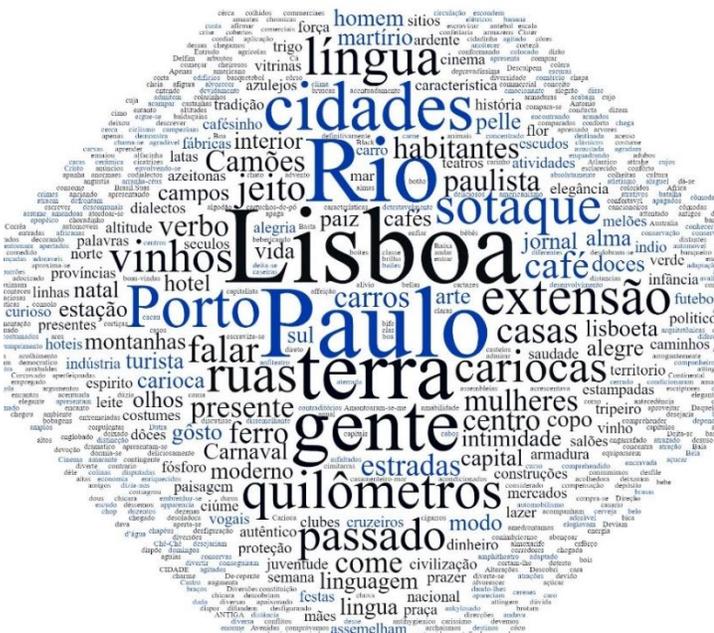
As diferenças não ficam somente no campo das palavras, na experiência de Britto, autor de *Portugal que eu vi* (1931), o carnaval em Portugal também recebeu comparações, com a festa popular mais aclamada no Brasil. Em ruas estreitas de Lisboa, o carnaval português não possuía a vibração que havia em sua terra natal. “O côrso de automoveis não é tão intenso nem as mulheres exibem os vestuários principescos de cá. Não vi os prestitos sumptuosos, os carros monumentaes, as fantasias riquissimas do Rio” (Britto, 1931, p. 217). Para Britto os santos católicos e a devoção das pessoas também foram alvo de comparações: em Portugal, os pedidos para conseguir um matrimónio dirigem-se a São Gonçalo e São João, enquanto no Brasil, Santo António é muito conhecido por ser um santo casamenteiro

A diferença na percepção de espaço geográfico também ganha destaque nos trechos analisados, segundo Graciotti, “para nós, americanos, um rio como o Tejo, com 810 quilômetros de extensão, não impressiona muito, pois estamos acostumados com grandezas descomunais, como a do rio Amazonas, que tem 5.800 quilômetros de extensão” (1957, p. 106). Britto também confronta as diferenças entre as mercadorias consumidas em cada país, constatando que “os vinhos constituem a base da economia lusitana, como o café o é da brasileira” (1931, p. 62). Almeida, em *Passeio ao Alto Minho*, no restaurante do seu hotel em Viana, comenta com o garçom a variedade de bananas que o Brasil possui, “preparam-me a sobremesa de sempre: banana d'água cozida – aliás única encontrada na Europa (vem da África). O garção fica espantado ao saber que no Brasil possuímos mais de seis tipos diversos dessa fruta!” (1971, p. 49).

No comentário “a lã é para o pastor de ovelha de Portugal o que o couro é para o vaqueiro do Nordeste brasileiro” (Freyre, 1953, p. 155), as comparações entre pessoas também marcam o livro de Gilberto Freyre. Em outro trecho, o autor compara as Varinas de Lisboa com as baianas de Salvador da Bahia, ao assinalar que “elas são para Lisboa o que as baianas de tabuleiro enfeitado e xale são ainda para a velha cidade de Salvador da Baía de Todos os Santos” (Freyre, 1953, pp. 57-58). O ato de comparar que um viajante faz é parte da análise do que ele sente como fora da sua zona de conforto, com uma mescla de saudade das suas raízes. Nesse sentido, ilustram esse sentimento as palavras de Britto, “pude então gosar o espetaculo de Lisboa ao anoitecer,

envolvendo-se no seu manto de luzes, e recordei a Bahia, minha terra natal, com as suas colinas em amphitheatro, seu casario irregular, suas torres esguias e seus pharóes” (1931, p.23).

Figura 7- Palavras que mais aparecem na subcategoria “Comparações entre Brasil x Portugal”



Fonte: Elaborado pela autora

5.2.2.6 Lugares

Nesta nuvem, observam-se lugares que os autores frequentaram ao visitar Portugal. Além das principais cidades do país que mereceram muito destaque nos livros, em vários trechos encontramos passagens sobre pequenas aldeias e lugares que não eram pontos turísticos consagrados. Uma vez que foram vários os lugares que cada autor visitou, focaremos nos trechos que descrevem as principais cidades do país relacionadas com as vinte palavras que mais apareceram na formação da nuvem: *Lisboa, Porto, ruas, casas, Coimbra, comércio, capital, Castelo, centro, rio, norte, estação, Braga, Europa, praça, lugar, mar, Minho, vila e Douro*. Para maiores detalhes sobre as cidades, restaurantes, museus, regiões, pequenas aldeias, entre outras impressões, estão, nos apêndices do trabalho, tabelas com maior profundidade de detalhes sobre os trechos do que cada autor conheceu em sua visita por Portugal.

Começamos a “viagem” por Portugal pela capital do país, Lisboa. Rio, autor do livro *Portugal D’Agora*, achou o custo de vida na capital muito alto comparado com qualquer cidade

brasileira. “Lisboa tem uma vida angustiosamente cara, porque sendo uma cidade onde a noção do dinheiro é européia isto é, a valorização da moeda é um facto gravíssimo” (1911, p. 165). Freyre (1953) chama a atenção para o fato de Lisboa ser uma cidade ordeira, diferente da Lisboa de 1923, quando ele esteve pela primeira vez em Portugal. A vida noturna em Lisboa também foi um ponto que ganhou destaque no livro *Episódios do Exílio: Portugal e outras terras*, onde abundavam “os bares, as “boîtes”, os cafés, as casas de loto, os cabarés, os terraços em que se ouvem os dolentes fados: tudo vivendo mais às deshoras” (Leite, 1938, pp. 57-58). As casas de fado, muito frequentadas por turistas, eram consideradas por Neves (1965) como um dos locais de diversão mais caros da cidade. O bairro do Chiado, centro elegante da capital, era um local visitado pelos abastados de dinheiro e por belas senhoras, sendo “o Chiado [...] o centro elegante de Lisboa, com suas modernas casas comerciais, cafés tradicionais e casas de chá, suas livrarias, e os seus desfiles de beleza e elegância” (Neves, 1965, p. 35).

Entretanto, não foi só a vida noturna e os estabelecimentos de lazer que ganharam destaque nos livros. Além dos vários pontos turísticos de Lisboa, o bairro de Alfama ganhou uma passagem no livro *VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA-Europa Vol. I Portugal*, “um fato curioso: Alfama é, materialmente, um bairro pequeno, suas ruas são quase todas curtas e, no entanto, está tomada de largos em toda parte” (José, 1981, pp. 65-66). A Torre de Belém é considerada por Bueno (1962) como o principal ponto para os brasileiros que chegam e partem de Portugal. Lopes, em *O que vi em Portugal*, também comenta sobre o Mosteiro dos Jerónimos, grandioso monumento da cidade, joia gótica do século XVI que tanto atrai visitantes de todas as partes do mundo. “Ali, admira-se a concepção genial dos grandes arquitetos da época, criação maravilhosa, idealizada por João de Castilho e Boytaqua, cinzelado pelo célebre Francisco Arruda” (Lopes, 1956, pp. 40-41).

A segunda cidade em importância no país, o Porto, capital do norte como também é conhecida, é muito famosa pelo seu vinho. Goodall pontua que “o coração e a alma do Pôrto estão sobretudo na beira-rio, junto do esverdeado Douro, que corre lentamente, angustiado entre altos penhascos de granito, onde se encontram casas brancas e amareladas de telhados avermelhados” (1913, p. 71). Rosa, em visita à cidade, comenta que encontrou uma cidade limpa, impressionando-se com o zelo municipal. Embora ainda houvesse muito a fazer do ponto de vista da higiene, constata que sem dúvida “a vassoura cumpre aqui a sua obrigação” (Rosa, 1924,

p.92). Segundo José, a cidade possui uma infinidade de atrações, começando pelos produtos artesanais, ourivesaria, cerâmica, labores em prata, o “Porto conta com inúmeros monumentos e palácios, alguns dos quais conheceremos de perto, desvendando-lhes os motivos e origens” (1981, p. 159). Mosa (1999) diz que próxima à Rua dos Clérigos fica a famosa livraria Lello e Irmãos que, mesmo para os que não são bibliófilos, vale a pena a visita pela beleza do edifício. O autor também cita a Rua de Santa Catarina que, devido à sua grande quantidade de lojas, é interessante apreciar as suas fachadas e ver seus detalhes, “a rua de Santa Catarina é o eixo principal das lojas do centro. Ao lado de lojas modernas e jovens, verdadeiras peças de museu de art nouveau abrigam lojas centenárias e o famoso café Magestic” (Mosa, 1999, p. 125). O Salão Árabe do Palácio da Bolsa é um monumento que Lopes apreciou durante sua visita pela cidade do Porto, “um dos monumentos mais apreciados da cidade, não só por possuir uma belíssima e sóbria construção, como também, por encerrar um magnífico e surpreendente interior, no qual, figura em primeiro lugar a maravilhosa ‘Sala Árabe’” (1956, p. 271).

Coimbra, uma cidade universitária tradicional, é a próxima cidade mais referenciada nos livros. Segundo a impressão de Bueno ao visitar a cidade, “o conjunto dos universitários, todos de capa e batina, trajados à eclesiástica, como nos tempos ainda em que a Universidade estava na rua da Sofia, causa fúnebre impressão” (1962, p. 32). Gonçalves, em *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA”*, cita alguns divertidos nomes que anotou das repúblicas universitárias da cidade: “Paços Reais da República dos Kágados”, “Pagode Chinês”, “Galifões”, “Rás-te-Parta”, “Palácio da Loucura” e “Ai, ó Linda” (1954, p. 116).

A região do Minho, no norte de Portugal, está compreendida entre Baixo Minho e Alto Minho. Braga, capital do Minho, é uma cidade histórica, tradicional e uma das mais importantes do país. Guimarães, em *Terras de Alegria*, lamenta a diminuição de monumentos e indústrias na cidade, fato que “acresce á fatalidade de Braga, na redução do número dos seus monumentos, aquela outra, verdadeiramente lamentável, da redução do maior número das suas indústrias tradicionais” (1920, p. 152). Por outro lado, Lopes, em visita à região, encanta-se com a beleza do lugar, observando “o matiz de verdura dos pinheiros e das videiras que repousa imponente sobre as ramadas das rosas. As belas rosinhas-de-toucar, que decoram tão bem as pitorescas estradas do Minho!” (1956, p. 98). Almeida (1971) acrescenta que em nenhum lugar do mundo encontrou um culto tão grande e espontâneo às tradições como no Minho.

Castelo, dias, escudos, especial e feiras. A ideia aqui é discorrer sobre as principais festas que os autores relataram nos livros.

Durante sua passagem pelo país, Goodall (1913), autora do livro *Viagens Pitorescas por Portugal*, presenciou a manifestação do carnaval em terras lusas, já comentada aqui no tópico das comparações entre os dois países. Em aspectos semelhantes ao antigo carnaval brasileiro, a autora conta que a festa em Lisboa durava dias, composta por brincadeiras nas ruas, às vezes não tão sadias. “Atravessam cordeis nas ruas para fazer tropeçar quem passa. Das janelas atiram água aos transeuntes ou dão-lhes com luvas cheias de areia ou com sacos de farinhas” (Goodall, 1913, p. 31). Britto, em *Portugal que eu vi*, também narra suas impressões sobre um carnaval violento em que “nalguns delles as manifestações populares são ainda um tanto violentas, como tive oportunidade de verificar ao atravessar certas gargantas estreitíssimas” (1931, pp. 217-218). Nos bailes feitos nos teatros, as pessoas iam fantasiadas com máscaras no rosto, evitando assim serem reconhecidas pelos outros, e “pelas casas particulares também durante o carnaval se efectuam bailes “costumés”” (Goodall, 1913, p. 31).

As touradas também são uma diversão popular, como a que Britto (1931) presenciou em Extremadura. Apesar de não serem autênticas, as touradas ganhavam muito interesse da população, possuindo bons profissionais no desempenho do espetáculo. Diz o autor que “por ocasião da inauguração da nova Praça de Touros em Viana do Castelo, assistí a uma curiosa tourada, coisa que há muito desejava presenciar, visto que, em meu país, não são permitidos tais espetáculos” (Lopes, 1956, p. 254). Barroso (1943), autor de *Portugal Semente de Impérios*, conta que frequentou várias touradas em Lisboa e Guimarães e, na sua opinião, mais característica do que as touradas é a “espera de touros”. É na região do Ribatejo que o autor identifica o lugar onde se criam os melhores touros portugueses, em Vila Franca de Xira. “Um divertimento eminentemente popular. Um delírio. Os episódios grotescos encobrem o ar de tragédia de que se possa lamentavelmente revestir” (Barroso, 1943, p. 122). Graciotti, autor de *Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*, conta que o Estado não permitia que os chifres dos touros fossem pontiagudos e que se matasse o animal na arena “hoje, entretanto, pagando uma entrada de 55 escudos e uma almofada por 5 escudos, meti-me na multidão” (1957, p. 57).

As festas de caráter religioso também são muito populares no país, onde santos são celebrados durante vários dias e cada um recebe uma festa diferente. Festas como Santo António, em 13 de junho, São João Batista, em 24 de junho e São Pedro, em 29 de junho, são bastante populares no país. “As crianças pobres constroem nos portais das casas umas pequenas cascatas, decoradas com flores e tigelinhas, e correm atrás dos transeuntes pedindo “cinco-reizinhos” para o “Santo”” (Goodall, 1913, pp. 31-320). Na região do Minho, a cidade de Viana do Castelo é muito conhecida pela festa de Nossa Senhora da Agonia, onde o grupo do *Zé Pereira*, segundo Neves (1965), acorda a população ao som de tambores e fanfarras, desfilando grupos folclóricos pela cidade. Para Faria (1960), autor do livro *Minho Dossel de Portugal*, o Minho tem o mais belo folclore do mundo, pois cultiva, na alma do povo campestre, cantares cheios de vida e alegria, sendo a Igreja uma das grandes responsáveis pelo enriquecimento do folclore minhoto. Já no Algarve, existe uma manifestação cultural em que se adornam cavalos com arreios de montaria regionais “os típicos **mulins**, adorno colocado sobre o pescoço do animal. São vistosos peitorais com bordados em côres vivas, aliás, muito usados nas regiões do Algarve e Alentejo” (Lopes, 1956, p. 131).

Figura 9- Lavradeiras de Viana do Castelo⁶⁴



⁶⁴ Fonte: Lopes, H. C. (1956). O que vi em Portugal. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Ouvidor S. A.

Figura 10 e 11- Raparigas em trajes regionais⁶⁵.



As romarias ou peregrinações são uma grande instituição em Portugal, onde celebrações a Fátima ganham espaço no calendário de festividades religiosas do país. “Muitas vezes a romaria é para venerar alguma relíquia em qualquer monte solitário, outras vezes é a qualquer sítio onde uma cruz de pedra está a atestar algum milagre feito pelo santo que lá se venera” (Goodall, 1913, p. 61). Guimarães conta que a romaria do S. Torquato é um espetáculo público minhoto onde a canção que referencia a zona campestre é a estrela da festa; nela, “há a canção dos vales, a canção do mar e a canção das serras” (1920, p. 111). Já no Porto, Lopes (1956) diz que as celebrações em honra ao Senhor de Matosinhos são as mais queridas do povo do norte do país, que nutre uma grande devoção pelo santo. Ainda sobre a cidade invicta, o São João é a festa mais envolvente e colorida do ano, ficando “o Porto sob uma apoteose de luzes nessa noite, a cantar e a dançar em cada canto e em toda esquina” (José, 1981, p. 222). Em Lisboa, as pessoas passam a noite na Praça da Figueira, onde homens e mulheres compram seu vasilhinho de manjerico, “planta cheirosa no meio da qual está espetado um cravo de papel com alguns versos de amor, e destes cravos se fazem mútuas trocas no meio de ruidosas e alegres gargalhadas” (Goodall, 1913, p. 33).

⁶⁵ Fonte: Faria, A. d. (1960). *Minho Dossel de Portugal*. Rio de Janeiro, Artes Gráficas Uruguay S/A.

representação da dona de casa, esposa ideal e responsável pelos filhos, para a situação de uma mulher mais independente e com acesso à educação.

O livro do ano de 1911, *Portugal D'Agora*, caracteriza a mulher portuguesa como submissa ao marido, sendo a sua mão direita no trabalho, devota aos filhos e ao lar, aquela que “ama francamente, e respeita o homem” (Rio, 1911, p. 185). Lopes, autor do livro *O que vi em Portugal*, considera a mulher portuguesa um alicerce poderoso que une a família na santa comunhão e admira “a mulher do povo, no que ela tem de mais expressivo: o seu devotamento ao lar, aos filhos, ao marido, que trabalha e economisa” (1956, p. 303). Além de suportar sacrifícios como traições e grosserias do marido, Rio admira-se ao encontrar mulheres trabalhando no cultivo da terra, um trabalho braçal que exige muita força. “No Porto mesmo, na Foz, encontrei só mulheres a trabalhar, e num dia de chuva e vento, como visse uma que era linda, com um balde á cabeça, toda enlameada” (1911, p.186).

Goodall, autora do livro *Viagens Pitorescas por Portugal*, chama a atenção do leitor ao fato de que as mulheres portuguesas na época trabalhavam “nos campos tão duramente como os homens ou talvez ainda mais; e muitas vezes vê-se uma mulher com grande carregó à cabeça e um homem indo ao lado dela ocioso e de mãos vazias” (1913, p. 58). Britto (1931), autor do livro *Portugal que eu vi*, também se espanta ao deparar com a presença das mulheres nos trabalhos mais sobrecarregados. Relata o autor que “o brasileiro que, como nós, percorre esse paiz, admira-se da participação que a mulher tem ahi nos trabalhos mais rudes, aqui exclusivos da força e da agilidade masculinas” (Britto, 1931, p. 55). Rosa, no livro *Por Amor de Portugal*, considera as mulheres portuguesas verdadeiras heroínas, que carregam pesos enormes na cabeça, dirigem carros, tratam de escritórios, praticam ofícios agrícolas, tripulam barcos, descarregam navios e guardam vias férreas. “Valentes e prolíficas mulheres! Emigra a maioria dos homens, à ventura; elas permanecem, em maioria, fiéis a Portugal, consortes de Portugal, dando a Portugal todas as suas energias” (Rosa, 1924, p. 193).

Freyre, em *Aventura e Rotina*, ao ressaltar a carga de trabalho da mulher em Portugal, comenta que até seu filho que era criança na época ficou espantado com esta constatação, “meu filho Fernando, de oito anos de idade, se vem mostrando impressionado com o facto e comentando: «Como as mulheres trabalham em Portugal!»” (1953, p. 109). Um fator apontado por Britto (1931) que justifica a grande presença das mulheres em trabalhos mais “pesados”,

como no campo, é à falta de homens que, em grande parte, são absorvidos por trabalhos nas cidades maiores do país. “Nossa extranheza atenuou-se, entretanto, diante da evidente falta de homens cuja massa principal as cidades absorvem” (Britto, 1931, p. 56).

As varinas de Lisboa, mulheres que originalmente eram chamadas de Ovarinas porque eram oriundas de Ovar, Murtosa e outras localidades de Aveiro, trabalhavam na capital do país vendendo peixes em grandes cestos na cabeça. Lopes, autora do livro *O que vi em Portugal*, ressalta a importância da varina ao lado do homem, nos “inúmeros centros, bem populares, onde vive a gente simples e operária de Lisboa, bairros de pescadores, nos quais, a mulher, portuguesa desempenha função altamente benéfica e produtiva ao lado do homem” (1956, p. 26). Freyre também deu espaço em seu livro para descrever estas mulheres que, segundo conta, são de uma rudeza que chega à grosseria, pois mesmo as mais novas e bonitas são capazes de proferir palavrões dignos de marinheiros bêbedos ou de malandros de cais, mostrando-se “ainda de uma autenticidade tão crua que até repugna ao olfacto e mesmo aos olhos do turista mais elegante ou mais delicado. Fedem terrivelmente a peixe. Andam plebeiramente descalças” (1953, p. 58).

O perfil da mulher portuguesa também é exaltado como um dos mais belos da Europa cuja beleza, elegância, personalidade e graça faz-se notar nos trechos analisados. Com o passar dos anos, a ascensão da mulher no mercado de trabalho e sua conquista em espaços nunca atingidos faz com que a sua percepção, aos olhos do viajante estrangeiro, mude em relação aos estereótipos que a marcaram durante muito tempo. “Hoje a maioria das jovens aprimora-se estudando, para, em seguida, empregar-se, dedicar-se a uma atividade útil e produtiva” (Neves, 1965, p. 161). Por fim, nota-se na literatura mais recente essa mudança de perspectiva relacionada à mulher portuguesa, que passou a buscar aspirações por uma vida mais harmoniosa e justa na igualdade de seus direitos.

Sua presença é hoje comum nos mais diversos ramos das atividades modernas. Eleva-se, cada vez mais, a porcentagem do elemento feminino nos serviços burocráticos e administrativos do Estado, nas indústrias e empresas comerciais, nos estabelecimentos de ensino, hospitais, laboratórios e etc, excedendo, por vezes, a dos homens, sem maiores diferenças no rendimento do trabalho, no zelo e competência (Neves, 1965, p.161).

Figura 13- Menina do Algarve⁶⁶



Uma graciosa rapariga do Algarve sorrindo entre as poéticas amendoeiras em flor...

Figura 14- Grupo Feminino Auxiliar de Bombeiros⁶⁷



Grupo Feminino Auxiliar dos Bombeiros de Fafe (Foto gentilmente cedida por "VOZ DE PORTUGAL")

5.3.2 Preconceitos raciais

Durante a recolha da análise dos livros, algumas passagens referentes ao negro e ao asiático mostraram-se de cunho preconceituoso. Em alguns trechos do livro *Portugal D'Agora*, publicado em 1911, ou seja, 23 anos após a abolição da escravatura no Brasil⁶⁸, o negro é retratado de uma maneira bastante hostil. Se ainda hoje a sociedade enfrenta situações onde o negro é descriminalizado por causa da sua cor de pele, para um brasileiro no início do século XX encontrar negros em espaços que apenas os brancos frequentavam, era motivo de espanto e

⁶⁶ Fonte: Lopes, H. C. (1956). *O que vi em Portugal*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Ouvidor S. A.

⁶⁷ Faria, A. d. (1960). *Minho Dossel de Portugal*. Rio de Janeiro, Artes Gráficas Uruguay S/A.

⁶⁸ A abolição da escravatura foi um dos acontecimentos mais marcantes da história brasileira e determinou o fim da escravidão dos negros no Brasil. A abolição ocorreu por meio da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888 com a assinatura da regente do Brasil, a princesa Isabel.

Recuperado em 28 de abril, 2020, de <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-abolicao-escravatura.htm>

aversão. “Era em dezembro, com frio, e eu romanticamente deplorei aquelle trapo de raça perdido num exemplar unico no sólo europeu” (Rio, 1911, p. 196).

Numa manhã, Rio (1911) comenta que encontrou no Rocio uma negra de braço dado com um senhor branco e, dias depois, quando entrou em uma casa de chá do Chiado, deparou-se com duas negras usando óculos e comendo bolos de maneira elegante e distinta. Outra situação foi na rua do Ouro, quando Rio encontrou um jovem negro elegante, “enluvado”, conforme descrito. Segundo o autor, dia após dia, o número de negros aumentava na capital lusitana. “Não são negros para o serviço, como nos tempos de Gil Vicente, são pretos chamados “africanistas”, pretos ricos das ilhas, proprietarios de plantações em São Thomé. Os meninos e as meninas dos “africanistas” estudam nos collegios de Lisboa” (Rio, 1911, p. 196).

Rio (1911) refere-se aos negros como “africanistas” que, ao acumular muito dinheiro, mudavam-se para Lisboa, habitavam em “casas e casas, nas avenidas novas, que são de pretos, pretos ricos, com lacaios brancos, que têm carruagem, cavallos, andam á moda, vão ao concerto, ao theatro”, (Rio, 1911,, p. 196). Um ponto que chamou a atenção de Rio é que na Europa não havia ódio ao negro, nem a intenção de tratá-los com inferioridade, como no Brasil. Para o autor, “essas idéias só se encontram nos paizes onde houve a servidão negra” (Rio, 1911, p. 197).

Gilberto Freyre, em sua obra de 1953, *Aventura e Rotina*, também comenta como Portugal lidava com o “problema” em admitir em cargos eminentes (inclusive comandos militares) portugueses negros nascidos nas províncias ultramarinas, condição que ele denominava como “preto mas de «raça fina»” (Freyre, 1953, p. 201). Vale contextualizar que, em 1953, Portugal ainda possuía colónias em África, ou seja, Freyre visitou territórios que ainda não eram independentes do governo português.

Sendo o preto ou o mulato de «raça fina», pode ser elevado até à Presidência da República, como, no Brasil, foi Nilo Peçanha, sem que daí tivesse resultado o menor desprestígio para a nação brasileira. Não se deixe Portugal superar, neste particular, pela hábil França, que hoje cultiva seus «pretos de raça fina» e lhes abre vantagens de postos oficiais na própria Europa, com um carinho que chega a parecer artifício. Os próprios Estados Unidos estão a cultivar carinhosamente os seus «pretos de raça fina», um dos quais é hoje diplomata de renome no Mundo inteiro (Freyre, 1953, p. 201).

Já o início do século XX foi um período de forte imigração japonesa⁶⁹ para o Brasil, motivada por interesses de ambos os países, uma vez que o Brasil buscava mão-de-obra para

⁶⁹ Recuperado em 28 de abril, 2020, de <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288309>

trabalhar nas fazendas de café, principalmente no norte do estado do Paraná e São Paulo, enquanto o Japão precisava de um alívio social causado pelo alto índice demográfico. Assim, o Brasil assina o Decreto Lei 97, de 5 de outubro de 1892, que possibilitou a imigração japonesa e chinesa para o país. Em 1932, a comunidade *nikkei*⁷⁰ era composta por 132.689 pessoas, segundo o Consulado Geral do Japão em São Paulo, e 90% daqueles imigrantes se dedicavam à agricultura. Uma passagem do livro *Portugal que eu vi*, publicado em 1931, retrata uma conversa do general Carmona com o autor do livro.

Alludo, então, á corrente nipponica que se orienta para o sul do Brasil. Na Europa o amarello é sempre visto com mãos olhos. Pergunta-me que vantagens advirão dessa colonização. Respondo que o japonês é trabalhador e sobrio, que se afeiçôa ao meio ambiente e que se encaminha systematicamente para a agricultura, que é onde reside a incognita de nosso futuro (Britto, 1931, p. 149).

5.3.3 O Porto está para São Paulo, assim como Lisboa para o Rio de Janeiro

As duas principais cidades portuguesas, Porto e Lisboa, em vários trechos são comparadas com duas das principais cidades do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo. Tais semelhanças geraram comparações interessantes, pois segundo a percepção dos autores em seus livros, a analogia entre o jeito de ser do portuense assemelha-se ao paulistano e o do carioca ao lisboeta.

O primeiro ponto de comparação refere-se à vida noturna portuense nos anos de 1954, ano de publicação do livro *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária "RUY BARBOSA"*. Muito semelhante a São Paulo, devido ao fato de ambas as cidades serem conhecidas por seu povo trabalhador, a vida noturna no Porto era praticamente nula porque, segundo os autores, pessoas que trabalham muito não teriam tempo para o lazer. “É habitual frequentar um cinema ou teatro, comer um bife num bom café e, logo mais, embrenhar-se no leito. Sossegada a cidade. É a São Paulo portuguesa, terra em que prepondera o trabalho e onde as diversões são raras” (Gonçalves, 1954, p. 70). Graciotti, autor do livro *Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*, também expressa a percepção de que as cidades compostas por trabalhadores não teriam grande tradição em ter uma vida noturna atrativa. “Vida noturna no Pôrto! Qual, rapazes, vocês pensam que um povo como o portuense, que trabalha o dia inteiro, à

⁷⁰ A palavra *Nikkei* refere-se aos imigrantes japoneses e sua descendência. Recuperado em 04 de maio, 2020, de <https://istoe.com.br/nikkei-uma-comunidade-orgulhosa-de-suas-contribuicoes-ao-brasil/>

moda dos paulistas, tenha disposição para à noite, divertir-se em “boites” e salões de festa? Não tem, não” (Graciotti, 1957, p. 300).

Em uma das passagens, Vila Nova de Gaia é comparada ao famoso bairro paulista do Brás, conhecido por ser um centro de comércio popular que atrai “sacoleiros⁷¹” de todas as partes do país, que compram produtos (geralmente roupas) com preços mais acessíveis e posteriormente revendem em outras localidades do Brasil. Na época em que foi escrito o livro *Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*, o bairro paulistano era conhecido por seu grande número de fábricas, oficinas, usinas e laboratórios, caracterizado como um bairro industrial da cidade de São Paulo. Desta forma, Vila Nova de Gaia é comparada ao Brás por possuir uma grande concentração de indústrias. “Vila Nova de Gaia é assim. Tem fábricas que não acabam mais: cerâmica, conservas, curtumes, cortiça, azulejos, alumínio, adubos agrícolas, fundição de ferro e metal, louça, óleos, saboarias, malharias, refinação de açúcar, tecidos, vidros” (Graciotti, 1957, pp. 294-295).

Ainda em termos de comparações com bairros paulistanos, para um dos autores, o Porto assemelha-se à parte mais antiga da cidade de São Paulo. O livro *VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA- Europa Vol. I Portugal Tomo-I* compara a modernização que desfigura a paisagem clássica do Porto com as obras feitas na capital paulista na época, “o Porto tem muito da nossa São Paulo, principalmente a parte velha do Tabatinguera, da Ladeira Porto Geral, da Bela Vista, e tem até a mesma mania de modernização” (José, 1981, p. 175).

Além da característica do Porto ser uma cidade voltada ao trabalho, onde as pessoas andam apressadas de um lado ao outro, o clima também foi um fator que contribuiu para aumentar a comparação com a capital paulista. “Gente apressada, um sem-número de automóveis, lojas e lojas, e mais indústrias, e mais indústrias. De clima chuvoso e úmido, lembra o meu São Paulo. Para tanto, contribui o seu renome de capital do norte” (Graciotti, 1957, p. 310). O livro *Portugal para Brasileiros* caracteriza o Porto como sendo uma miniatura de São Paulo, por possuir “uma população superior a 400 mil habitantes, cujas atividades na indústria e no comércio, fazem do Pôrto o grande centro de trabalho do país. Uma espécie de São Paulo em miniatura” (Nasser, 1965, p. 127). Freyre, no livro *Aventura e Rotina*, observa que falta ao Porto

⁷¹ Termo informal usado para designar quem faz venda ambulante de roupas ou pequenos objetos. Pessoas que compram mercadorias por preços baixos para revenda.

Recuperado em 29 de abril, 2020, de <https://dicionario.priberam.org/sacoleira>

a doçura de Lisboa, como a doçura do Rio falta a São Paulo, destacando que “o Rio que vem paulistanizando-se: perdendo a graça latina, o não sei quê de cidade-mulher, para adquirir a crua masculinidade anglo-americana de São Paulo. Em Portugal, o Porto continua a ser o Porto e Lisboa a ser Lisboa” (1953, p. 188).

A rivalidade que marca Lisboa e Porto também gera comparações como as que existem entre paulistas e cariocas. Nasser (1965) caracteriza o lisboeta, que é chamado de “alfacinha”, como sócia do carioca, que faz do trabalho seu motivo de sobrevivência, mas, sem dedicação exclusiva, seu objetivo com o trabalho é que ele lhe proporcione horas de lazer. O “tripeiro”, como é apelidado o portuense, faz do trabalho sua religião, sendo sério e comprometido como o paulistano. Nasser (1965), em seu livro *Portugal, meu avozinho*, enfatiza o sotaque de Lisboa como sendo o mesmo do carioca; o lisboeta seria o “alegrão” de Portugal, o boêmio, festeiro, chamado por ele de carioca da Europa. “A gíria carioca é lisboeta” (Nasser, 1965, p. 47). Ainda segundo Nasser, os lisboetas “acham o Pôrto muito chato, assim como os cariocas não admitem que possa existir terra pior que S. Paulo” (1965, p. 65).

Êste ciúme entre portuenses e lisboetas é como o ciúme entre cariocas e paulistas. Se São Paulo construir um estádio para 100.000 pessoas, podem esperar que os cariocas constróem um para 200.000. E, se os cariocas constróem uma para 200.000, esperem que os paulistas farão um para 400.00 pessoas... (Graciotti, 1957, pp. 109-110).

5.3.4 A gastronomia portuguesa

A fama da boa cozinha portuguesa chama a atenção dos viajantes que passam por Portugal. Considerada um item obrigatório de degustação para qualquer pessoa que viaje pelo país, ela foi tema de matéria em 2017 do jornal *The Independent*⁷², que listou oito motivos para Portugal ser considerado o “paraíso das comidas”. Além dos pratos típicos e das sobremesas acompanhadas do afamado vinho português, também ganharam destaque nos trechos dos livros a boa reputação que a gastronomia portuguesa carrega consigo. “A mesa portuguesa é farta e variada. Comer bem é um dos prazeres dessa gente alegre e pacífica, sempre pronta a receber com a generosa hospitalidade” (Neves, 1965, p. 78). Gonçalves, em *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA”*, menciona seu apreço pela culinária

⁷² Recuperado em 10 de março, 2020, de <https://www.independent.ie/life/travel/europe/8-reasons-portugal-is-a-foodie-paradise-any-excuse-for-pasteis-de-nata-36223011.html>

portuguesa, ao destacar aos leitores “um pequeno parêntesis para prestar justiça à cozinha portuguesa: é de fato uma cozinha deliciosa, farta e variada, sem dever às mais ricas do mundo” (1954, p. 22).

No livro *Portugal que eu vi*, em um dos seus trechos, o autor comenta como a culinária portuguesa em todo o país é farta e bem feita, que “em Portugal come-se muito bem em toda parte” (Britto, 1931, p. 137). Outra característica notada por Jose, autor do livro *VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA- Europa Vol. I Portugal*, relaciona-se ao fato de se comer bem sem gastar muito, qualidade que não é encontrada em outros países da Europa como a França, que possui uma gastronomia bastante cara para um viajante de poucas posses. “Tenho, realmente, de concordar com o que se diz de Portugal que pode, hoje, considerar-se um dos raros países do mundo onde ainda é possível comer bem por pouco dinheiro” (José, 1981, p. 26).

Pensar em comida portuguesa é automaticamente conectá-la ao bacalhau, peixe encontrado nos mares frios ao norte do Oceano Atlântico. Freyre diz que, acompanhado de um bom azeite e vinho, o bacalhau é, assim como a broa e o caldo verde, “uma das melhores expressões da cultura portuguesa” (Freyre, 1953, p. 142). Goodall (1913), autora do livro *Viagens Pitorescas por Portugal*, que é de origem inglesa, impressiona-se com a estrela da culinária portuguesa, comentando em uma de suas passagens que o bacalhau “tem um cheiro e um gosto muito forte, e antes de ser cozinhado, é duro como uma tábua. Não obstante, é muito nutritivo. Todos gostam muito do bacalhau, tanto assim que não é nada raro vêr gente a comê-lo cru” (Goodall, 1913, p. 60). Também existem diversas maneiras de se preparar o bacalhau e isso é uma característica de cada região do país, “mas, outras coisas há que distinguem o Porto, a começar de seus saborosos pratos ou as cem maneiras de preparar o bacalhau” (José, 1981, p. 199).

Mariscos e outros frutos do mar também fazem parte de pratos tradicionais do país. Graciotti (1957), autor do livro *1957- Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*, durante sua viagem, frequentou restaurantes onde lhe foi servida a tradicional caldeirada, prato dos marujos e populações marítimas composto por uma espécie de sopa de peixes que é feita de vários frutos do mar. Além dela, as alheiras que são feitas de enchidos de pão, especiarias e aves (perdizes, codornas, defumados) também foi um prato apreciado por Mosa (1999), autor do livro

Portugal: Lembranças de uma viagem. Em sua passagem pelo país, Mosa descreve a história por trás deste alimento, assinalando que “o interessante a respeito das alheiras é que elas foram inventadas pelos perseguidos filhos de Moisés para disfarçar que estavam comendo chouriços, ou seja, enchidos com carne de porco e assim passarem por cristãos e não serem apanhados” (1999, p. 94). Ainda, segundo Mosa (1999), outro prato típico que mereceu destaque durante sua viagem foi a Posta à mirandesa, prato originário de Miranda do Douro, quase fronteira com a Espanha, cujo gado de excelência era cortado em grandes pedaços de lombo e costela para serem assados na brasa. Deslocando-se ao sul do país, Freyre comenta o fato de que, apesar da comida alentejana parecer simples, seus temperos a tornam complexa, como uma espécie de feitiçaria culinária, “complexa com seus coentros, o seu alho, o seu vinagre misturados de um modo que parece o dos feitiços” (1953, p. 85).

O pão de Ló de Ovar é uma iguaria que também é mencionada em alguns livros. Espécie de bolo doce, “de tão macio deve ser cortado e comido à mão. Sua cor de amarelo intenso mostra que é feito unicamente de ovos, ou melhor, de suas gemas. O seu meio apresenta uma calda de ovos doces” (Mosa, 1999, p. 138). Gonçalves (1954) conta que em Alfeizão encontrou, na orla da estrada, alguns restaurantes que vendiam o mais afamado pão de ló de Portugal. Ao mencionar as sobremesas do país, o ovo ganha destaque por ser a base de muitas receitas como o pastel de nata, biscoitos, ovos moles, entre outros quitutes. Receitas originalmente inventadas pelas freiras, a “doçaria conventual” é um pecado da gula perdoável em Portugal, “meias-luas de Santiago, pasteizinhos de Santa Clara, toucinho do céu, bolinhos de São Gonçalo. Perdoem-me a irreverência, mas com tal nomenclatura não estariam as freiras adulando, quase... subornando os santos em busca de atenuante para seu pecado de gula?” (Almeida, 1971, p. 48).

Freyre (1953) admira-se de como um país tão pequeno como Portugal consegue uma variedade tão grande de doces. Ele menciona a queijada de Sintra, o bolo podre de Évora, ovo mole de Aveiro, pastéis do Tentugal ou os pastéis de feijão de Torres Vedras, as cavacas e trouxas das Caldas, o manjar branco de Coimbra, as tigelinhas de Santo Tirso e os palitos de Oeiras. “Alguns dos nomes de doces regionais portugueses ninguém ousa dizê-los em voz alta em meio sofisticado, embora em conversa castiçamente portuguesa de província não chegue a ser escândalo referir-se alguém a um deles: aos «testículos de São Gonçalo»” (Freyre, 1953, pp. 147-148). Outros doces que caíram na graça dos autores foram as conservas de frutas feitas em

Alcobaça, servidas nas louças produzidas na região, que foram o ponto alto do almoço de Gonçalves, autor do livro *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA”*. “Fizemos questão cerrada de sermos servidos em louça da região e, à sobremesa, famosas frutas puseram um ponto final e delicioso à nossa gulodice” (Gonçalves, 1954, p. 149).

Todo bom prato em Portugal pede um vinho da região que sabe bem ao acompanhá-lo. A combinação do vinho ideal com a comida é outra característica que compõe a tradição da cozinha portuguesa. “Á moda do Porto, num sentido especialíssimo é o vinho, servido de mil maneiras diferentes e... como dizem os ingleses, o fino do fino, porque o que se exporta é sempre o que sobra” (José, 1981, p. 195). Além da comida servida a um bom preço, um bom vinho também não é caro e sua qualidade impressiona a quem se delicia desses produtos, “de fino gosto, tanto os brancos como os tintos, os “rosês” e os “verdes” são servidos à mesa apropriada a cada caso, a preço sem dúvida irrisório, como eles dizem” (José, 1981, p. 26). Não há dúvidas que, no quesito comida, todo viajante que passou pelo país foi surpreendido positivamente pela gastronomia portuguesa. “A nossa refeição, naquela doce terra, obriga-nos a nunca achar demasiado repetir que a comida portuguesa é uma das melhores do mundo, quer pela substância dos seus alimentos, quer pelo agradável sabor dos mólhos que a completam” (Gonçalves, 1954, p. 149).

5.3.5 A influência brasileira em Portugal destacada nos livros de viagem do século XX

Muito antes do sucesso da chegada das telenovelas brasileiras a Portugal e toda a influência brasileira que elas agregaram à sociedade portuguesa daquele período, em especial *Gabriela Cravo e Canela*⁷³, que foi a primeira novela brasileira televisionada no país em 1977, três anos após a Revolução dos Cravos, Portugal já recebia bastante influência cultural vinda do Brasil. Tanto em aspectos musicais, arquitetónicos, literários, culinários, entre outros, os viajantes que aqui passaram relataram em seus livros as características que o português mais apreciava na cultura brasileira da época.

Rio (1911), autor do livro *Portugal D’Agora*, observa grandes aspectos da cultura do Brasil no Porto e em todo o norte de Portugal, onde a cada passo, nas casas, nos costumes e nos tipos, testemunha a tradição de Portugal. Gonçalves, autor do livro *Roteiro de Portugal: A*

⁷³ Recuperado em 02 de maio, 2020, de http://www.ualmedia.pt/pt/dossie.asp?det=17549§ion=Novelas_brasileiras_em_Portugal&title=A-chegada-do-Brasil-a-Portugal-atrav%E9s-de-%93Gabriela%94&id=2826&mid=

viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA”, ao frequentar os luxuosos casinos da região em época de alta estação, notou que parte do entretenimento dado aos seus visitantes era feito através de bailes com músicas brasileiras, ocasião em que teve a oportunidade “de escutar ali [em Espinho] a música do nosso Brasil, bem interpretada e apreciada pelos nossos irmãos portugueses” (1954, p. 101).

Por falar em música, existe uma teoria sobre a origem do fado. Alguns estudiosos apontam que teria sido originada do *landum*⁷⁴, uma dança tradicional africana que chegou a Portugal por escravos negros que passaram pelo Brasil. José, autor do livro *VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA- Europa Vol. I Portugal*, defende a teoria de que “coroando tudo, [era] o **fado** uma canção popular urbana, ou pelo menos urbanizada, sob as influências citadinas de Lisboa e ao depois Coimbra, de tonalidades afro-brasileiras” (José, 1981, p. 140).

Para além do lado musical, a literatura brasileira também é muito apreciada pelos portugueses. Neves (1965) conta em seu livro *Portugal para Brasileiros*, que os lisboetas esperavam ansiosamente por novos lançamentos brasileiros. Clássicos como Érico Verissimo, Jorge Amado e José Lins do Rego eram os mais procurados pelas pessoas. Poetas como Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, entre outros, também tinham e têm muita procura e penetração popular no país.

Outro aspecto relaciona-se à culinária portuguesa dos doces. Freyre (1953), autor do livro *Aventura e Rotina*, comenta a influência brasileira nos doces portugueses, principalmente na cozinha de convento portuguesa. Durante séculos, o Brasil forneceu a Portugal açúcar proveniente da cana-de-açúcar que no século XVI e XVII ficou famoso em toda Europa pelo seu sabor fino. Esse período marca a transição do açúcar tido como um produto de botica para produto de cozinha, inicialmente de pessoas ricas, reis, nobres e conventos. “Cheia de brasileirismos está a doçaria portuguesa. O que é natural com o Brasil, durante séculos, a suprir Portugal de um açúcar” (Freyre, 1953, p. 147).

Por outro lado, pensar no Brasil também faz parte de associá-lo ao futebol. Neves (1965) diz que muito do desenvolvimento do futebol luso foi graças à importação de técnicos brasileiros, que, na época, elevaram o nível das competições futebolísticas no país. Um exemplo é Otto

⁷⁴ Recuperado em 02 de maio, 2020, de <https://noticias.sapo.ao/sociedade/artigos/fado-uma-heranca-afro-brasileira>

Glória⁷⁵, brasileiro que, na década de 1960, dirigiu times lusos como o F.C. Porto e Sporting. “A influência brasileira, com a importação de técnicos da Guanabara e São Paulo, foi, sem dúvida, notável para o atual desenvolvimento do futebol português” (Neves, 1965, p. 151).

5.3.6 A evolução dos meios de transporte

Ao longo da leitura dos livros que compuseram o *corpus* do estudo, percebe-se como os meios de transporte evoluíram facilitando a ligação entre os dois países e reduzindo distâncias após o surgimento do avião. Antes disso, viagens em navios que duravam 20, 30 dias eram a forma de conectar os dois continentes.

Antes de cruzar um oceano e passar dias em alto mar, o processo da despedida da terra natal já era o marco inicial da viagem dos passageiros nos navios. Na época em que o Rio de Janeiro ainda era a capital do Brasil, em seu porto, milhares de viajantes despediam-se usando lenços brancos para acenar aos entes queridos que não puderam embarcar junto na viagem. Gonçalves, autor do livro *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA”*, descreve como eram feitas estas despedidas, “pouco depois do almoço, dia 14 de Agosto de 1953, já de dentro do luxuoso transatlântico “Vera Cruz”, as nossas mãos se agitavam acenando lenços brancos em despedida à bela capital do Brasil” (1954, p. 21).

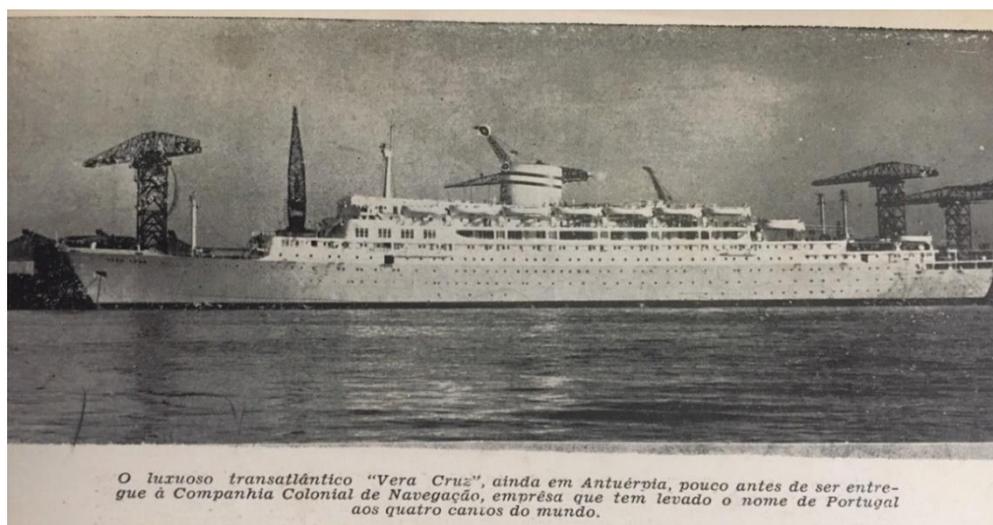
Navios de várias nacionalidades ofereciam o transporte dos passageiros ligando os dois países (Brasil a Portugal). Bandeiras como a francesa, inglesa, italiana, entre as de outros países, eram hasteadas nos mastros, mostrando a nacionalidade dos navios. Bueno (1962), autor do livro *Pelos caminhos do mundo (Viagens)*, conta que nunca teve a oportunidade de viajar em um navio português e que para ele não seria uma experiência muito positiva, afinal, não existiria a impressão de estar viajando, uma vez que a língua falada é a mesma e os costumes parecidos. Ou seja, o sentimento era de ainda estar em território brasileiro.

Nunca me foi dado viajar em navio português, mas não deve ser muito agradável, não porque sejamos mal tratados, mas porque não se tem a impressão de estar viajando: a língua é a mesma, os costumes idênticos, a mesa igual, dando-nos a impressão de ainda estarmos no Brasil. Depois, os problemas são sempre os mesmos: política de Getúlio, política de Salazar (Bueno, 1962, p.4).

⁷⁵ Recuperado em 02 de maio, 2020, de <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/otto-gloria-1765>

Engana-se quem pensa que os transatlânticos da época eram precários e pouco confortáveis. Os navios contavam com grandes avanços tecnológicos como estações de rádio, distribuição de jornais diários nos camarotes, ar condicionado, piloto automático, elevadores que ligavam os diversos pavimentos dos navios, entre outras comodidades. Gonçalves, autor do livro *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária "RUY BARBOSA"*, cita que todas essas facilidades tornavam a viagem mais tranquila e cômoda, pois contavam com “radar com alcance de 30 milhas, duas turbinas, com potência máxima de 25.500 CVE, desenvolvendo 20 nós, o colosso transatlântico encurtava a distância que nos separava de Lisboa” (Gonçalves, 1954, p. 22).

Figura 15- Transatlântico Vera Cruz⁷⁶



Um marco para os passageiros dos navios era quando a linha do Equador era cruzada. Tal feito era algo a ser celebrado pela tripulação, pois uma grande parte da viagem já havia sido completada, passando-se agora para as águas no hemisfério norte. Outro momento que também marcava a viagem era quando o navio passava por Fernando de Noronha, estado de Pernambuco, devido à proximidade do arquipélago com a linha do Equador. Leite, autor do livro *Episódios do Exílio: Portugal e outras terras* conta que, “quando o "Siqueira Campos" (navio para o qual fomos transbordados em Recife) transpôs o farol que marca o extremo setentrional de Fernando de Noronha, três apitos espaçados, longos e roucos, partindo de bordo, cortaram o silêncio da

⁷⁶ Fonte: Gonçalves, D. d. C. (1954). *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária "RUY BARBOSA"*. Belém: H. Barra.

noite serena” (1938, p. 13). Graciotti, também narra sua experiência ao passar por estes pontos na viagem, “a bordo do "Claude Bernard" (antes da linha do Equador, em qualquer ponto do Atlântico) - Cá estou, meninos, no velho e antigo *mare tenebrosum*. Sei lá onde estou. Dizem que deixamos à esquerda o Estado de Pernambuco” (1957, p. 17).

Figura 16- Cabine de comando do Claude Bernard⁷⁷



A chegada de navio a Portugal era, na maioria das vezes, feita por Lisboa, cuja entrada dava-se através do rio Tejo. Rosa narra que, “depois de percorridas 4.375 milhas o Curvello fundeou ha cinco dias no amplo ádito do Têjo - como chamava Herculano ao ancoradouro de Lisboa. Assisti, atento, á passagem da foz que é singularmente garrida” (1924, p.22). Vítima de todos os tipos de problemas que o mau tempo durante a viagem poderia acometer a um passageiro de navio, o autor Rio em seu livro *Portugal D’Agora*, conta o alívio ao chegar à terra firme, “onde se rezara de joelhos pedindo a salvação, prazer da primeira imaginando o desembarque e a terra firme - o transatlântico vagaroso cortava as aguas verdes do rio. - Já estamos no Tejo?” (Rio, 1911, p.93). O autor Britto, do livro *Portugal que eu vi*, também fez a

⁷⁷ Fonte: Graciotti, M. (1957). Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças. São Paulo: Editôra Clube do Livro LTDA.

travessia do Atlântico por navio e desembarcou em Lisboa, “a 10 de Janeiro de 1928, obedecendo aos desejos do Atheneu Commercial do Porto, que reclamava de mim uma conferencia sobre assumptos brasileiros ligados a Portugal, embarquei no Poconé, o velho navio do Lloyd, com destino a Lisboa” (1931, p. 1).

Para quem chegava a Portugal, os bondes ou carros elétricos eram uma ótima opção para a deslocação em Lisboa, um serviço “de tal modo optimo que a população só delles se serve” (Rio, 1911, p. 55). Rosa, autor de *Por Amor de Portugal*, tinha outra perspectiva em relação aos carros elétricos, pois como o automóvel ainda não havia se democratizado pelo país, faltava-lhe o bonde de 2ª classe a preço reduzido, para que não se misturassem “então, muito, os que andam limpos e os que não andam limpos. Os educados guardam compostura e decência, respeitadores do próximo; os não educados falam alto, empurram, ageitam-se, sem maior consideração pelos vizinhos” (Rosa, 1924, p. 32). Rosa, em visita ao Porto, sente-se desconfortável com a quantidade de carros de bois que circulavam pela cidade, lamentando que “o Porto já não [fosse] para aquela espécie de veículos, depois de conhecer o automóvel que vence todas as dificuldades, não suja as ruas, nem dá o espetáculo que dão bois sem trato, nem limpeza” (1924, pp. 110-111).

Um fator que chamou a atenção de Rio era relacionado ao alto valor das passagens de comboio dentro do próprio país. O autor compara o preço de viagens entre diferentes países e fica impressionado com o valor que era praticado na época. “As passagens custam carissimo nas vias ferreas portuguezas, quasi tão caras ou mais do que no Brasil. Um bilhete de ida e volta para o Porto vale dez mil e tantos réis fortes” (Rio, 1911, p. 93). Entretanto, como constata o autor, não se podia negar o conforto e o luxo que “os comboios esplêndidos e limpos, oferecem tôda comodidade aos passageiros mais exigentes. Viajar no “foguete” de Lisboa ao Porto é delicioso, e de uma rapidez surpreendente: em quatro horas, apenas, alcança-se o norte do país” (Lopes, 1956, p. 312).

Por fim, para aqueles que cruzaram o oceano por vias aéreas, a experiência da viagem é algo muito melhor em relação ao tempo gasto. Viagens de 20 ou quase 30 dias em alto mar foram encurtadas por 9 horas de voo entre Rio de Janeiro ou São Paulo até Lisboa. Além da comodidade e rapidez, é interessante notar esta passagem do livro *Portugal para Brasileiros*, onde o autor cita a extinta companhia aérea Panair que o transportou entre os dois países. “-Em nome da Panair do Brasil cumprimento os senhores passageiros. Sou o comandante Carlos

Swenson. Voaremos, sem escala, até o Aeroporto Portela de Sacavém, em Lisboa, a 12 mil metros de altitude e 850 quilômetros horários” (Neves, 1965, p. 21). A antiga companhia aérea inspirou algumas músicas⁷⁸ no Brasil, incluindo uma interpretada por Elis Regina, "*Saudade dos Aviões da Panair (Conversando num Bar)*", composta por Milton Nascimento e Fernando Brant. Almeida (1971), autora de *Passeio ao Alto Minho*, conta que fez sua viagem pela TAP, “calma e segura [...], num confortável avião da TAP. Também nos ares – pensamos nós - os portugueses confirmam sua tradição de grandes navegadores” (Almeida, 1971, p. 10).

5.3.7 A imagem de Portugal segundo os autores e a hospitalidade portuguesa

A forma como o estrangeiro é recebido e tratado em um país reflete com fidelidade como é a hospitalidade que seu povo dá ao visitante. Quando bem recebido e acolhido, o viajante leva consigo boas recordações do país e de sua gente. O que não é diferente do observado nas obras analisadas nesta pesquisa, onde cada autor relata suas impressões ao longo do período em que passou por Portugal. Brasileiros, em sua maioria, sentiram-se como se estivessem em uma extensão de sua casa, como se Brasil e Portugal fossem um único lugar, onde “todos sentem satisfação de abraçar um brasileiro, e nós, orgulho de pertencermos a êsses troncos milenares, país amantíssimo, portadores de uma inigualável tradição, de um heroísmo eloquente, cantado pelos vates, imortalizado por Camões” (Lopes, 1956, p. 316).

Para os viajantes que conheceram o país, Britto observa que o caráter do povo português não é sempre o mesmo, mas o que prevalece em todos os lugares é a hospitalidade dada pela sua gente, “apenas a hospitalidade é ali uma característica peculiar a toda a raça” (1931, p. 68). Para José (1981), autor do livro - *VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA- Europa Vol. I Portugal*, a acolhida dada ao estrangeiro caracteriza-se como patriarcal, cordial e carinhosa, sem distinção entre classes sociais. O autor diz que não falta assistência a quem viaja pelas estradas do país luso, contando com locais de socorro, parques e postos oficiais de serviços. “Sua condição de estrangeiro é suficiente para abrir-lhe todas as portas. É convidado às festas familiares e admitido nos círculos e clubes durante todo o tempo em que lá esteja” (José, 1981, p. 146). Mesmo para aqueles que vieram ao país devido ao exílio político, a cordialidade recebida manteve-se. Para Leite, autor do livro *Episódios do Exílio: Portugal e outras terras*, “já

⁷⁸ Recuperado em 09 de julho, 2020, de <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2019/08/12/panair-veja-10-curiosidades-sobre-a-companhia-aerea.ghtml>

é sabida a ternura que o povo português poz na hospitalidade dispensada aos exilados brasileiros durante os largos meses em que permanecemos na República Lusa” (Leite, 1938, p. 186).

A fraternal acolhida dada aos brasileiros em Portugal é um fator que alguns autores notaram durante a passagem pelo país, sendo a certeza de que eram bem estimados um sentimento que se refletia no tratamento hospitaleiro que os portugueses dispensavam a quem chegasse do Brasil. “Bem hospitaleira é a gente de Portugal, sobretudo em se tratando de brasileiros!” (Gonçalves, 1954, pp. 70-71). O sentimento de acolhimento era tão grande, que Lopes exalta o orgulho do Brasil em possuir raízes portuguesas, “nós, brasileiros, irmãos desta Terra benfazeja, sentimo-nos orgulhosos dela descendermos, dela termos nascido, dela termos recebido esta soma grandiosa de heroísmo, culto e civilização” (1956, p. 314). Somando-se a esse comentário, Almeida, autora de *Passeio ao Alto Minho*, comenta sobre percepção que teve ao chegar ao país e encontrar “um país fascinante e um povo civilizado e afável, para o qual a simples frase “sou brasileiro” era um “Abre-te Sésamo”” (1971, p. 10).

A sensação de nunca terem saído de casa retrata o sentimento que os viajantes brasileiros tinham ao passar pelas terras portuguesas, somente apercebendo-se de estar em Portugal devido às diferenças de sotaque das pessoas. Graciotti, autor do livro *Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*, relata esse sentimento de familiaridade “em todo o tempo que estive em Portugal, quase um mês, não me parecia estar na Europa. Para mim, Portugal era um prolongamento do Rio de Janeiro” (1957, p. 108). Metaforicamente, Bueno (1962), compara a sensação de estar em Portugal como um avô que recebe amavelmente os filhos e netos em sua casa, como um prolongamento da casa paterna que é cheia de lembranças de amigos e filhos que ali viveram. “Para nós, brasileiros, Portugal é uma segunda pátria imanente” (Graciotti, 1957, p. 44). De maneira semelhante, Barroso descreve um “amor paternal de Portugal pelo Brasil, glorificando-se na glória do Filho. Amor filial do Brasil por Portugal, glorificando-se na glória do Pai” (1943, p. 245).

José conta que quem vai a Portugal, principalmente sendo brasileiro, não perde a vez, pois tem muito a ganhar devido à identificação que existe em ambos os povos. Para os brasileiros quando vão à Europa “não há negar que é ali que nos envolve um calor de acolhida doméstica, inexistente mesmo em outras áreas latinas de um mundo” (José, 1981, p. 32). Sabe-se que a hospitalidade em Portugal é um traço da personalidade de sua gente. De norte a sul do país, José

(1981) caracteriza a excelência da hospitalidade que recebeu pautada no culto ao lar, que é dotado de uma inigualável raiz familiar que é impressa na personalidade do português.

Notas conclusivas

Com o título *Portugal sob a ótica brasileira: análise aos livros de viagens sobre Portugal publicados no Brasil no século XX*, a presente dissertação teve como principal objetivo demonstrar como as publicações brasileiras de viagens retrataram Portugal ao longo do século XX. Para tal, realizámos um exaustivo levantamento bibliográfico e conseguimos identificar e reunir um conjunto de 66 obras, sendo 21 delas parte do *corpus* do trabalho. Também foi nosso propósito compreender o testemunho deixado pelos estrangeiros que por aqui se aventuraram a visitar Portugal, a evolução da relação entre os dois países e, sempre através dos relatos e das mundividências registadas, compreender as mutações político-sociais ocorridas no antigo colonizador.

Para o início das análises, foi importante mapear os lugares mais referenciados como principais destinos turísticos. As principais cidades do país ganharam destaque nas observações dos viajantes que passaram por Portugal. A capital Lisboa era o ponto de chegada de muitos dos autores, principalmente daqueles que chegavam por navio, cujo Tejo era a “porta de entrada” do país. Alguns autores, depois de visitarem Lisboa, desciam até o Alentejo e Algarve, mas a grande maioria seguia viagem rumo ao norte do País, passando por cidades como Coimbra, Aveiro e Fátima, até chegar ao Porto e daí seguir para o Minho e Trás-os-Montes. Nota-se que apenas os autores que possuíam laços familiares no país foram os que saíram um pouco do eixo turístico, destacando lugares e aldeias que são desconhecidas para a maioria dos turistas que frequentam o país.

Com relação às características de Portugal segundo os comentários de autores que para cá viajaram do início do século, o país era considerado ainda uma esperança dentro da Europa, um país atrasado no seu desenvolvimento, que perdia muita mão de obra devido à emigração dos homens que deixavam as famílias em busca de melhores condições de trabalho na América ou outros países europeus. Durante o período ditatorial, Portugal passa da imagem de país atrasado e rural, para um país ordeiro que finalmente encontrava na mão de Salazar as rédeas para o progresso e seu desenvolvimento. Após o 25 de Abril, nota-se uma abertura do país em relação às influências externas e uma maior modernização, tanto estrutural como na mentalidade das pessoas. **Notamos que os viajantes teciam muitos comentários positivos em relação aos**

aspectos gerais do país, pois Portugal era um prolongamento da casa de muitos daqueles que eram brasileiros, quase como se nunca tivessem saído do Brasil. Sobre a gastronomia portuguesa, há uma unanimidade entre todos os autores que passaram por aqui: boa cozinha a preço justo, todos os trechos analisados tecem comentários extremamente positivos a tudo que envolve a gastronomia portuguesa.

O português é retratado como um povo trabalhador, acolhedor, religioso e ligado à família. A hospitalidade foi um ponto que ganhou bastante destaque, muitos autores referiam que apenas o fato de serem brasileiros era como uma mais valia em terras lusas, como uma “palavra mágica” que abria portas. A imagem da mulher portuguesa que encontramos nos livros é de uma enorme riqueza como fonte documental, pois retrata uma sociedade onde a mulher desempenhava papéis “masculinos”, uma vez que o homem tinha que emigrar em busca de melhores condições de vida. **É unânime o papel que a mulher tem na constituição da sociedade portuguesa do século XX, até porque não tinha medo do trabalho pesado.**

Uma das temáticas mais debatidas na época refere-se aos **acontecimentos histórico-políticos ocorridos no século XX que marcaram as relações entre Brasil e Portugal. Os períodos ditatoriais pelos quais passaram ambos países impactaram a forma como eram realizadas as viagens, bem como o modo como eram relatadas as percepções dos autores nos livros de viagem.** Por isso, é importante destacar o papel da Sociedade de Propaganda de Portugal e, principalmente, do Secretariado de Propaganda Nacional como mecanismos paradoxais de promoção e censura que controlavam, mesmo no estrangeiro, quase tudo que era publicado. Dentro das percepções sobre a política e os políticos, António de Oliveira Salazar foi quem mais ganhou destaque nos trechos analisados, dividindo opiniões entre os autores, alguns a lhe tecer elogios e admirações, como se fosse uma espécie de “salvador da pátria” portuguesa, enquanto outros a discordar da forma como governava o país, onde a falta de liberdade de imprensa e o alto índice de analfabetismo dominaram os julgamentos negativos ao mandatário.

Ainda dentro das temáticas mais debatidas, encontramos em algumas análises preconceitos raciais, onde a figura do negro e do asiático era depreciada ao ponto de algumas narrativas revelarem que encontrar negros em espaços de “brancos” causava estranheza em uma Lisboa europeia e branca. A descrição da mulher portuguesa, ainda no início do século, também foi alvo de comentários machistas no conteúdo dos livros, uma vez que sendo fruto de uma

sociedade patriarcal, esperava-se que o papel da portuguesa se limitaria a ser o “braço direito” do seu marido, atenciosa ao lar e filhos. Sabemos, entretanto, que devemos interpretar esses trechos sob a ótica de uma sociedade ainda bastante conservadora, na qual o preconceito racial e o machismo ainda eram temas bastante frequentes, assim como é fato que essas visões preconceituosas foram se modificando com o passar do tempo.

Passando para o ponto sobre **a relação entre Brasil e Portugal, nota-se que existem laços afetivos de amizade, exemplificados pelos autores também como uma relação fraternal, ou seja, uma mesma raiz e um mesmo DNA que compõem os dois povos.** Os laços culturais entre os dois países também quebraram barreiras burocráticas no que diz respeito à facilidade nos preparativos da viagem, pois além de um mesmo idioma, os dois países possuíam acordos que facilitavam as relações, as trocas comerciais, os tramites alfandegários, a circulação de mercadorias e de pessoas. A igualdade de direitos e deveres potenciada pelo Estatuto da Igualdade também foi um importante avanço em termos do estreitamento entre os dois países.

Para os brasileiros que registraram suas viagens a Portugal ao longo século XX, foram inevitáveis as comparações feitas entre os dois países. Os autores buscaram comparar o modo de ser do brasileiro e do português, evidenciando o formalismo português frente à descontração do brasileiro. As festas populares, em particular o carnaval, ganham comparações devido a similaridade que os festejos populares têm em cada país, além das festas religiosas e de santos que são apreciadas pelos dois países de maioria católica. As cidades como Porto e São Paulo *versus* Rio de Janeiro e Lisboa, respectivamente, ganham espaço nas descrições narrativas pois são cidades que se assemelham por sua rivalidade dentro de cada país. Para além de todas as semelhanças encontradas pelos viajantes, há comparações que marcam as diferenças entre sotaques, significado das palavras, percepção de distâncias, entre outras características que são motivo de estranhamento entre esses **povos irmãos.**

Durante a investigação, salta aos olhos como **os livros de viagem podem ser verdadeiras fontes históricas** de análise de um determinado período. **Fontes documentais criadas pela interpretação de um viajante, as narrativas de viagem carregam consigo uma verdadeira representação de uma sociedade pelos olhos de quem realmente esteve ali presenciando o que os livros de história contam por evidências e fatos.** A visão do brasileiro viajante durante o século XX em Portugal é uma percepção carregada por um sentimento

fraternal, de uma terra que em muitos aspectos se assemelha com o Brasil, de um povo igual em diversos sentidos, onde a extensão de casa não se limita pela separação de um oceano.

Referências bibliográficas

- Almeida, G. d. (1933). O meu Portugal. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Almeida, L. M. d. (1971). Passeio ao Alto Minho. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Alves, M. d. P. (2012). Metodología científica: Escolar Editora.
- Assunção, P. d. (2009). A Cidade de São Paulo nos Relatos de Viagem: "E o Tempo Apressado, Tudo Mudou". In F. Cristóvão (Ed.), Literatura de Viagens: da Tradicional à Nova e à Novíssima (Marcas e Temas). Coimbra: Almedina.
- Augusto, S. (2002). Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela. In V. Rosa (Ed.), Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina.
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Barreto, L. F. (1983). Descobrimientos e Renascimento: Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI (Edição sob os Auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura ed.). Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.
- Barroso, G. (1943). Portugal Semente de Impérios. Rio de Janeiro, Editôra Getúlio Costa.
- Bianco, B. F. (2010). Brasileiros em Lisboa, portugueses em São Paulo: Construções do "mesmo" e do "outro". In B. F. Bianco (Ed.), Nações e diásporas: Estudos comparativos entre Brasil e Portugal. Campinas: Editora Unicamp.
- Boaventura, E. M. (2004). Metodologia da Pesquisa: monografia, dissertação, tese (Vol. 1): Editora Atlas.
- Bocato, V. R. C. (2006, set-dez). Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo, 18, 265-274.
- Britto, L. (1931). Portugal que eu vi. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C.^a.
- Bueno, S. (1962). Pelos caminhos do mundo (Viagens) (3 ed.). São Paulo: Edição Saraiva.
- Cadavez, C. (2017). A bem da Nação: as representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940. Lisboa, Edições 70.
- Câmara, B. (2010). Madeira: Um lugar turístico (1800-1928): Inserção internacional precoce e resposta às oportunidades. Viajar: viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo

da I República: travellers and tourists discovering Portugal during the first Republic: viajantes y turistas al descubrimiento de Portugal en tiempos de la República. C. N. p. a. C. d. C. d. República. Lisboa.

Caminha, Pêro Vaz de (1999). A carta de Pêro Vaz de Caminha: auto de nascimento do Brasil. Erceira: Mar de Letras. Ciclo A visão do paraíso. Comemorações dos 500 anos do achamento do Brasil.

Carvalho, M. A. V (1899). Em Portugal e no estrangeiro. Lisboa: Parceria Antónia Maria Pereira.

Chaves, C. B. (1987). Os livros de viagens em Portugal no Século XVIII e sua projecção europeia (2ª ed.). Lisboa: Biblioteca Breve.

Craik, J. (2002). The Culture of Tourism. In C. Rojek & J. Urry (Eds.), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*. London: Routledge.

Cristóvão, F. (2002). A Literatura de Viagens e a História Natural. In V. Rosa (Ed.), *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina.

Cristóvão, F. (2002). Para uma teoria da Literatura de Viagens. In V. Rosa (Ed.), *Condicionantes culturais da literatura de viagens: Estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina.

Cristóvão, F. (2009). *Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima*. Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima, Marcas e Temas. F. Cristóvão. Coimbra, Almedina.

Cristóvão, F. (2009). *Marcas da Literatura de Viagens nos Textos Ufanistas Brasileiros*. Literatura de Viagens: Da Tradicional à nova e à Novíssima (Marcas e Temas). F. Cristóvão. Coimbra, Almedina.

Cunha, L. (2010). A República e a afirmação do turismo. Viajar: viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República: travellers and tourists discovering Portugal during the first Republic: viajantes y turistas al descubrimiento de Portugal en tiempos de la República. C. N. p. a. C. d. C. d. República. Lisboa.

Faria, A. d. (1960). *Minho Dossel de Portugal*. Rio de Janeiro, Artes Gráficas Uruguay S/A.

Figueiredo, S. L., & Ruschmann, D. V. d. M. (2008). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. 2008, 7(1). doi:10.5801/ncn.v7i1.40

Fino, C. (2012). Portugal-Brasil: separados por uma língua comum ou unidos por uma relação especial? Recuperado de <https://africa21digital.com/2012/10/17/portugal-brasil-separados-por-uma-lingua-comum-ou-unidos-por-uma-relacao-especial/>

- Freixo, M. J. V. (2012). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas* (4ª edição ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Freyre, G. (1953). *Aventura e Rotina: Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de carácter e acção*. Lisboa, Oficinas Gráficas de Livros do Brasil.
- Gonçalves, D. d. C. (1954). *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária "RUY BARBOSA"*. Belém: H. Barra.
- Gonçalves, M. E. d. M. D. (2015). *A Lisboa dos guias turísticos ingleses e franceses no século XX: Lisboan soul, l'âme de Lisbonne: Lisboa no espelho do Outro*. Departamento em História. Lisboa, Universidade de Lisboa. Doutoramento: 350.
- Goodall, I. M. (1913). *Viagens Pitorescas por Portugal* (A. Barradas, Trans.). Rio de Janeiro: Casa A. Moura.
- Graciotti, M. (1957). *Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*. São Paulo: Editôra Clube do Livro LTDA.
- Guimarães, A. (1920). *Terras de Alegria*. Rio de Janeiro: H. Antunes.
- Hanusch, F., & Fürsich, E. (2014). *On the Relevance of Travel Journalism: An Introduction*. In *Travel Journalism: Exploring production, impact and culture* (pp. 1-18). Queensland, Boston: Palgrave Macmillan.
- Henriques, E. B. and M. A. Lousada (2010). *Férias em Portugal no primeiro quartel do século XX. A arte de ser turista. Viajar: viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República: travellers and tourists discovering Portugal during the first Republic: viajantes y turistas al descubrimiento de Portugal en tiempos de la República*. C. N. p. a. C. d. C. d. República. Lisboa.
- Homero (1972). *Odisseia*. 4a ed. Revista. Lisboa: Livraria Sá da Costa. (Clássicos Sá da Costa)
- H.M.L.S. (1875). *A few words of advice on travelling and its requirements, addressed to ladies: With short vocabulary in Fr. and German*. London, Thomas Cook and Son.
- Jokinen, E., & Veijola, S. (2002). *The Disoriented Tourist: The figuration of the tourist in contemporary cultural critique*. In C. Rojek & J. Urry (Eds.), *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*. London: Routledge.
- José, J. A. (1981). *Veja comigo o mundo de ontem e de hoje sem sair de casa: Europa* (Vol. I). Campinas: Edito.

- Leite, A. (1938). *Episódios do Exílio: Portugal e outras terras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Lemos, L. M. P. (2016, Abril). Nuvem de tags como ferramenta de análise de conteúdo: uma experiência com as cenas estendidas da telenovela *Passione* na internet. *Lumina*, 10.
- Lima, J. Á. d., & Pacheco, J. A. (2006). *Fazer Investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Lopes, H. C. (1956). *O que vi em Portugal*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Ouvidor S. A.
- Lury, C. (2002). *The Objects of Travel*. In C. Rojek & J. Urry (Eds.), *Touring Cultures: Transformations of travel and theory*. London: Routledge.
- Marques, M. L. G. (2009). *A Natureza Adversa: Tormentas e Tormentos nas Relações de Viagens*. In F. Cristóvão (Ed.), *Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima (Marcas e Temas)*. Coimbra: Almedina.
- Martins, R. C. (2011). *Portugal 1974: Transição Política em Perspectiva Histórica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Matos, F. L. d. (2012). *A paisagem Duriense a partir de uma obra de John Gibbons*. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I, 59-73.
- Mattos, O. O. d. (1980). *Um brasileiro no Portugal de Camilo*. São Paulo: Aquarius Editora e Distribuidora de Livros LTDA.
- Mosa, A. (1999). *Portugal: Lembranças de uma viagem*. São Paulo: Elevação.
- Mota Alves, F., Hammer, G., & Lourenço, P. (2018). *Identidades em Trânsito*. V. N. Famalicão: Húmus.
- Nasser, D. (1965). *Portugal, meu avôzinho (2 ed.)*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- Nery, I. (2009). *O inferno aqui tão perto: Literatura de Viagens e Reportagem de Guerra*. In F. Cristóvão (Ed.), *Literatura de Viagens: Da Tradicional à Nova e à Novíssima (Marcas e Temas)*. Coimbra: Almedina.
- Neves, G. (1965). *Portugal para Brasileiros*. Rio de Janeiro: Editôra Fon-Fon e Seleta.
- Onfray, M. (2009). *Teoria da Viagem- Uma poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Pateira, H. (1984). *Uma aventura em 24 países: (Do Brasil a Portugal por Terra)*. Recife: Companhia Editorial de Pernambuco.

- Pessoa, F. (2018). Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa (R. Zenith Ed.). Porto: Assírio & Alvim, Porto Editora.
- Pinheiro, J. (2009). O Lugar Doméstico como Termo de Comparação para Outros Lugares Encontrados ou Descobertos nas Viagens. In F. Cristóvão (Ed.), *Literatura de Viagens: Da tradicional à Nova e à Novíssima* (Marcas e Temas). Coimbra: Almedina.
- Ribeiro, D. M. F. L. F. B. (2014). A representação do Alto-Douro Vinhateiro nos guias de viagem estrangeiros (1845-1974) Vila Real, Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Duro. Doutoramento.
- Ribeiro, G. S. (2010). Portugueses do Brasil e portugueses no Brasil: "Laços de irmandade" e conflitos identitários em dois atos (1822 e 1890). In B. F. Bianco (Ed.), *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Ribeiro, V. (2020). George Peabody and Associates e o uso dos guias de viagem na promoção da imagem de Portugal e de salazar nos EUA (1951-1962). In Filomena Serra, Paula André, & Spfia Leal Rodrigues (Eds.), *Projectos Editoriais e Propaganda - Imagens e contra-imagens no Estado Novo* (pp. 213-229). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Ribeiro, V., Cerveira, E., & Costa, E. D. d. (2018). *Porto Sentido de Fora: Livros e guias de viagem sobre o Porto entre Monarquia Constitucional e Estado Novo (1820-1974)*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Rio, João do. *Portugal d'Agora: Lisboa, Porto, notas de viagem, impressões*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, 1911
- Rosa, F. d. (1924). *Por Amor de Portugal*. Rio de Janeiro, Estabelecimentos Gráficos Villas Boas & C.
- Rojek, C. (2002). Indexing, dragging and the social construction of tourist sights. In C. Rojek & J. Urry (Eds.), *Touring Cultures: Transformations of travel and theory*. London: Routledge.
- Rojek, C., & Urry, J. (Eds.). (2002). *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory* London: Routledge.
- Romano, L. A. C. (2013, janeiro). Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea. *Estação Literária*, 10B, 33-48.
- Santo, P. d. E. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais: Génese, Fundamentos e Problemas*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Serra, J. B. (2010). *O guia de Portugal de Raul Provença: o que os portugueses devem saber sobre Portugal. Viajar: viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I*

- República: travellers and tourists discovering Portugal during the first Republic: viajantes y turistas al descubrimiento de Portugal en tiempos de la República. C. N. p. a. C. d. C. d. República. Lisboa.
- Serrano, S. (2016). Visões estrangeiras do Portugal da propaganda. Mulheres viajantes entre 1930 e 1950. In Annemarie Schwarzenbach e a literatura de viagens na Europa dos anos 30 (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Serrano, S. (2017). Mulheres Viajantes. Lisboa: Tinta da China.
- Silva, D. M. d. (2010). O exílio e a memória da "resistência" Antissalazarista do Portugal Democrático. In B. F. Bianco (Ed.), Nações e diásporas: Estudos comparativos entre Brasil e Portugal. Campinas: Editora Unicamp.
- Szesz, C. M. (Ed.) (2003). Portugal-Brasil no século XX: Sociedade, cultura e Ideologia. Bauru: EDUSC.
- Vargues, I. N. (2003). Cultura e Política. Relações luso-brasileiras nas mudanças de regime (1889-1974). In J. T. Garcia (Ed.), Portugal- Brasil no século XX: Sociedade, Cultura e Ideologia Bauru: EDUSC.
- Viana, B. C. B. (2014). A Imagem do Brasil na mídia impressa portuguesa: Um estudo do caso Diário de Notícias e Público. (Mestrado Dissertação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Vicente, A., 2001. As Mulheres Portuguesas Vistas Por Viajantes Estrangeiros (Séculos XVIII, XIX e XX). Lisboa: Gótica.
- Vidal, F. and M. J. Aurindo (2010). Turismo e identidade nacional: uma nova imagem para Portugal. Viajar: viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República: travellers and tourists discovering Portugal during the first Republic: viajantes y turistas al descubrimiento de Portugal en tiempos de la República. C. N. p. a. C. d. C. d. República. Lisboa.
- Vilas-Boas, G. (2015). Viagens literárias e outras: Uma viagem por textos ao Médio Oriente nos anos 30. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Vilas-Boas, G., & Outeirinho, M. d. F. (2016). Annemarie Schwarzenbach e a Literatura de Viagens na Europa dos anos 30 (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Vilelas, J. M. d. S. (2008). Metodologias de Investigação: Da pesquisa quantitativa à qualitativa em ciências da saúde. Caparica: Escola Superior de Saúde Egas Moniz.

Von-Held, A., et al. (2019). Medicina Orofacial: de cirurgião-dentista a médico orofacial: fundamentos e bases gerais. Rio Branco: Clube de Autores.

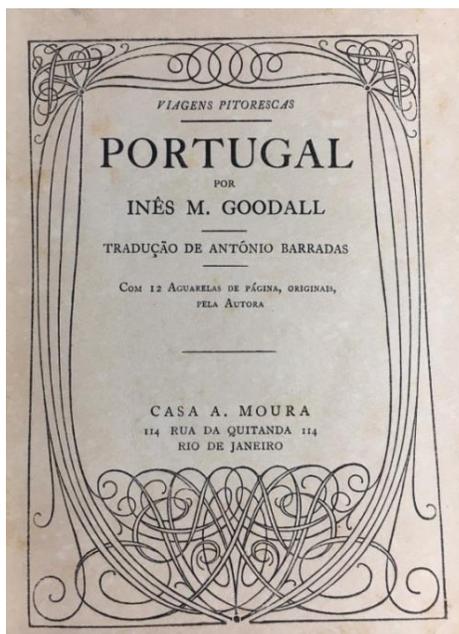
Anexos

Anexo 1- Os livros nos períodos histórico-políticos

Monarquia Constitucional (1820-1910)

Livro:

- *Viagens Pitorescas por Portugal*, Inês M. Goodall (1913)⁷⁹.



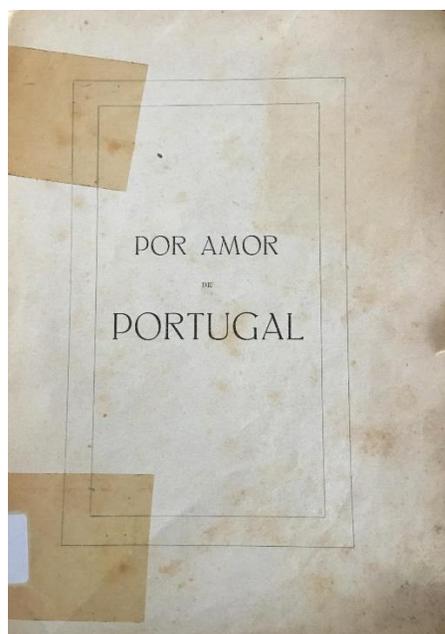
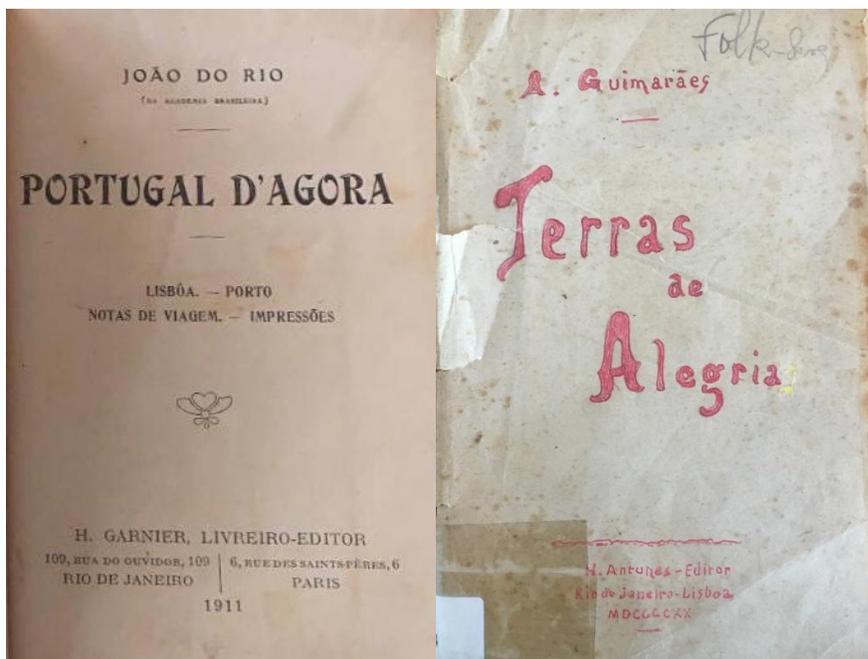
Primeira República (1910-1926)

Livro:

- *Portugal D'Agora*, João do Rio (1911);
- *Terras de Alegria*, Alfredo Guimarães (1920)⁸⁰;
- *Por Amor de Portugal*, Ferreira da Rosa (1924).

⁷⁹ Embora tenha sido publicado em 1913, o livro foi escrito em 1909.

⁸⁰ Neste exemplar faltam páginas do primeiro capítulo. Começamos a análise a partir do segundo capítulo, página 37.



Ditadura Militar e Nacional (1926-1933)

Livros:

- *Portugal que eu vi*, Lemos Britto (1931);
- *O meu Portugal*, Guilherme de Almeida (1933).



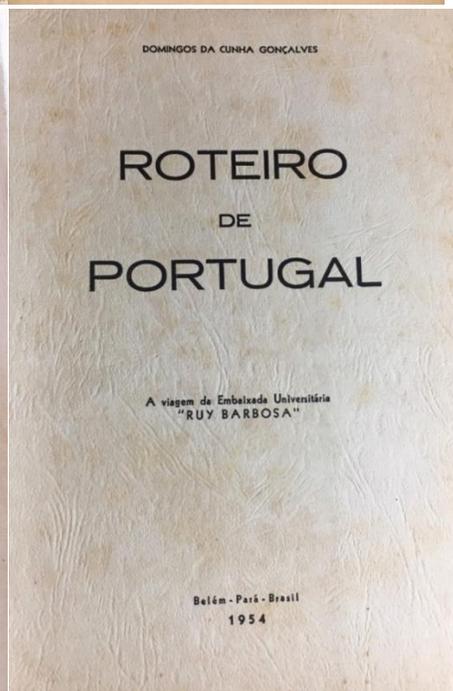
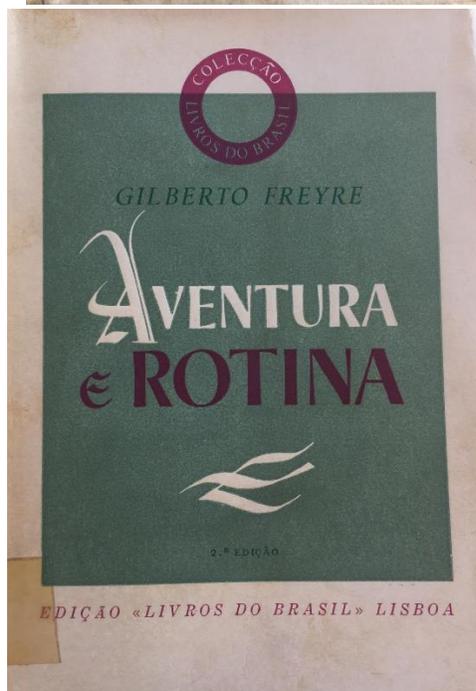
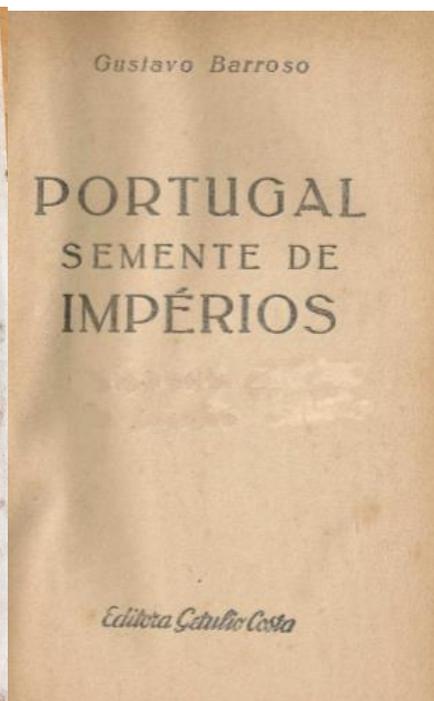
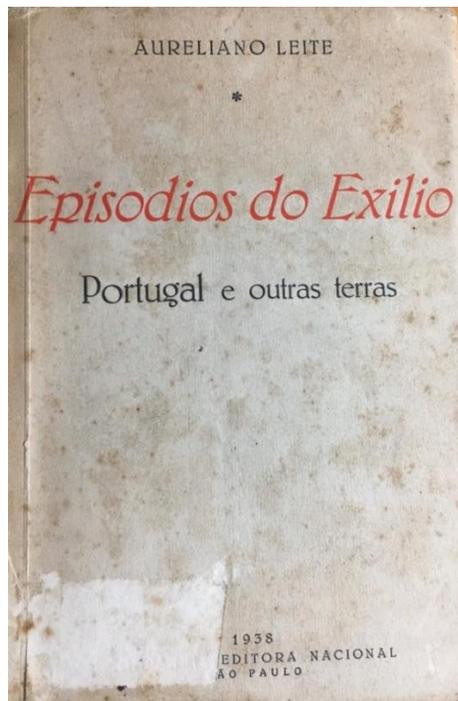
Estado Novo (1933-1974)

Livros:

- *Episódios do Exílio: Portugal e outras terras*, Aureliano Leite (1938);
- *Portugal Semente de Impérios*, Gustavo Barroso (1943);
- *Aventura e Rotina*, Gilberto Freyre (1953)⁸¹;
- *Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária "RUY BARBOSA"*, Domingos da Cunha Gonçalves, (1954);
- *O que vi em Portugal*, Horacel Cordeiro Lopes (1956);
- *Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças*, Mário Graciotti (1957);
- *Minho Dossel de Portugal*, Armindo de Faria (1960)⁸²;
- *Pelos caminhos do mundo (Viagens)*, Silveira Bueno (1962);
- *Portugal, meu avozinho*, David Nasser (1965);
- *Portugal para Brasileiros*, Gastão Neves (1965);
- *Passeio ao Alto Minho*, Lúcia Machado de Almeida (1971).

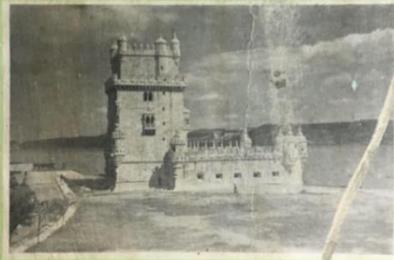
⁸¹ Embora o exemplar analisado seja uma publicação portuguesa, consideramos a obra mesmo assim, pois é exatamente igual à publicação brasileira. Para título de informação, foi analisado apenas as passagens do livro referentes à viagem de Gilberto Freyre em Portugal. Os trechos de sua visita nas colônias portuguesas da época, apesar de um rico contexto descritivo histórico, não entraram na análise pois fogem da proposta do trabalho.

⁸² O livro em questão não possui grelha como os demais porque devido à pandemia de Corona Vírus, a biblioteca Municipal do Porto apenas disponibiliza o livro para consulta local, não havendo a possibilidade de trazê-lo para a casa para uma melhor análise. O que temos de informação foi recolhido no local.



HORACEL CORDEIRO LOPES

O que vi
em
PORTUGAL



RIO DE JANEIRO
1956

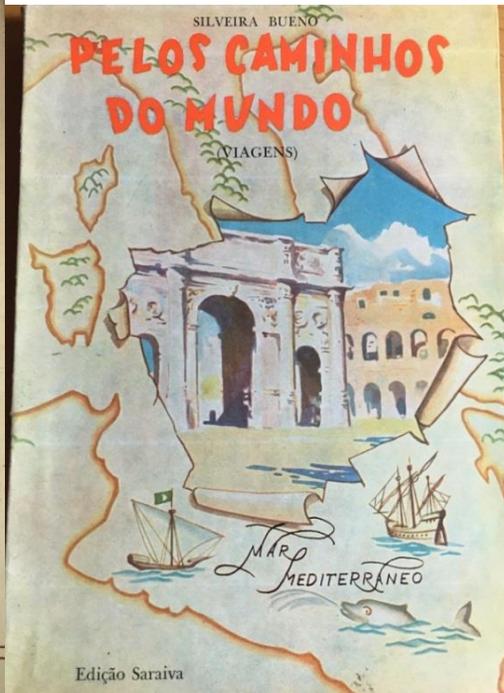
MÁRIO GRACIOTTI

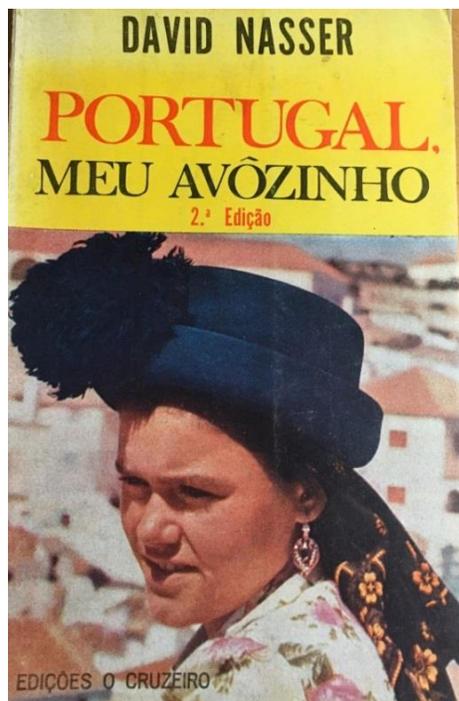
PORTUGAL

Crônicas de viagem para adultos e crianças

(Ilustrações de VICENTE DI GRADO)

EDITORA CLUBE DO LIVRO LTDA.
Rua Conselheiro Crispiniano 404
SÃO PAULO
1957



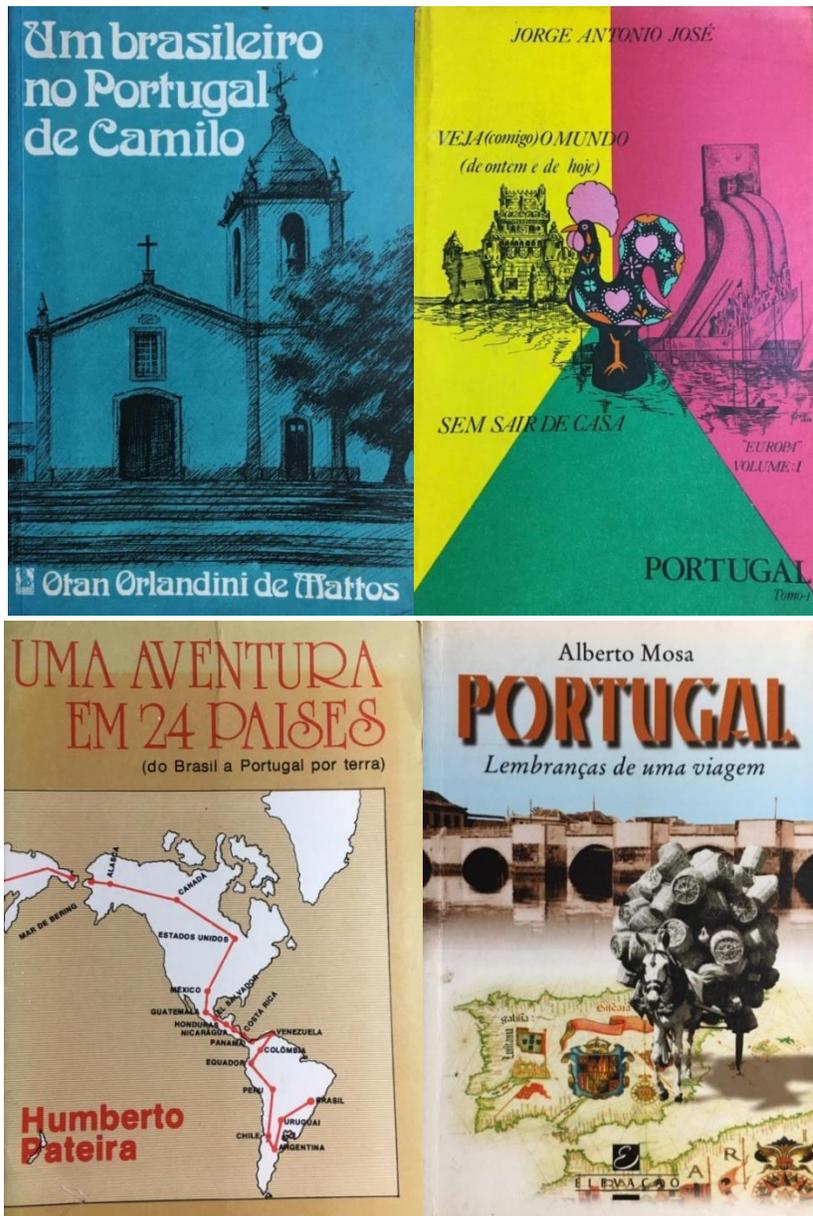


Democracia (1974- presente)

Livros:

- *Um brasileiro no Portugal de Camilo*, Otan Orlandini de Mattos (1980);

- *VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA- Europa Vol. I Portugal Tomo-1*, Jorge Antonio José (1981);
- *Uma aventura em 24 países (do Brasil a Portugal por terra)*, Humberto Pateira (1984);
- *Portugal: Lembranças de uma viagem*, Alberto Mosa (1999).



Apêndices

Apêndice 1: 1911- Portugal D’Agora (João do Rio).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à política da época	Lugares	Relação entre os países
<p>“É que eu reparava nas caras de tanta gente, olhara os olhos de tanta gente, via o movimento rithmico dos corpos em movimento. e, salvo os sujeitos importantes, a maioria daquelle torvelinho de craturas pobres, era de um abelleza impressionante. Sim. as varinas, com os pêns nus, sujós de lama, e os cestos de peixe á cabeça as recoveiras montadas nos jumentos, á caminho de longas distancias, os adolescentes, morenos, com o sangue nas faces- toda aquella gente era bella, de uma belleza quente e sensual, que desabrochava nos labios polpudos, no meneio amplo dos quadris, naquelles olhos de extase, tão molhados, tão ingenuamente passionaes, que nos cantos das orbitas ainda se espriava o brilho da pupilla ardente.” Pág. 38-39</p> <p>“Deixei o Rocio pela rua Aurea, e</p>	<p>“Em Portugal a republica é a grande explosão de um renascimento de todas as coisas. Aquella inquietação por mim sentida em todas as classes, e até nas creanças, aquella vago desejo de um povo fatigado de estar preso, não tendo como sahida á sua actividade, senão a emigração-tiveram na republica o primeiro grande lampejo. Não haverá mais reis. Primeiro porque não os ha. D. Manuel, graças a influencia dos jesuitas e devido a crença fervorosa da Sra. D. Amelia, tornou-se, apezar da</p>	<p>“E senti, ouvindo-me, sensação identica a de quando ouvia em rodas de brasileiros um marçano chegado da terra dar o seu recado: - senti-me mais ou menos inferior. Para á Hespanha os argentinos fallam mal; para á Inglaterra, os americanos pronunciam o inglez detestavelmente; para Portugal a nossa maneira de pronunciar é comica. Em compensação os argentinos preferem a sua pronuncia á dos madrilenos, os americanos difundem o seu inglez arrogantemente, e os brasileiros acham muita graça no cerrado fallar lusitano.” Pág. 35</p> <p>“E curioso, é que ao ver</p>	<p>“-Sim, aos Jeronymos para admirar Portugal do passado. o d’agora está mal. Precisamos quanto antes da Republica. -Mais sangue?... -Não! os verdadeiros republicanos pensam em fazer a Republica como no Brasil. O Buiça não foi um agente republicano. converse com o João Chagas a respeito. Ou com o Bernardino. Conhece o Bernardino Machado? Tambem brasileiros.” Pág. 45</p>	<p>“- O frio de Lisboa! Mas é um “chic”, meu amigo. Quando neva, a neve toma proporções de acontecimento. Quasi sempre este sol, este céu, este lindo ambiente. A lancha atraca no cães da alfandega. Dos funcionarios a gentileza é captivante. O trecho da cidade tem o aspecto de algumas ruas desaparecidas do velho Rio. Os brasileiros saltam sem admiração. O casarão da Alfandega é bem parecido com o nosso, velho e com todo o desconforto possível. Os empregados é que são gentis e rapidos.” Pág. 37</p> <p>“Estamos em dezembro, inverno por consequencia. para os habitantes de Lisboa o frio é intenso. andam todos encapotados. mas na estação</p>	<p>“No cáes, em que os governos monarchicos gastaram muitos mil contos para os navios não atracarem, magnatamente verifiquei que a republica ainda não modifica a exquisita idéia de considerar o Rio de Janeiro porto sujo. Mas, com alegria, dando o meu cartão, verifiquei, pelos sorrisos e bondades geraes, que, se Lisboa continua a pensar na febre amarella no Rio, continua a tractar com carinho os brasileiros. E, de novo só, cahi no Aterro, onde não havia conduções, na lama e no vento do local.” Pág. IX</p>

<p>quer nessa, quer na rua Augusta, quer no Chiado, depois, notava á beira das livrarias, das tabacarias, dos botequins, cavalheiros em geral bem postos, que monoculisavam as damas, palestravam, e pareciam nada ter o que fazer.” Pág. 43</p> <p>“Os garotos enchem a rua de alegria e de riso. Não ha de certo typo mais alegre em todo o mundo. Nem o gavroche de Paris, nem o pick-pock dos subolos londrinos, nem o achinchado moleque nosso, tem o imprevisto, a graça, a viveza, a malicia, a intelligencia do pequeno alfacinha. Vendem vagamente jornaes? Fazem disso uma gloriola de pandega, a á noite, como em nenhuma outra parte, os pregões dos jornais são o barulho mais acentuado da cidade a vibrar. Vendem cautelas? então, é das seis da manhã, ao outro dia pela mesma hora. com os pés nus no frio glacial, a face rosada desabrochando em risos, riem e troçam.” pág. 70</p> <p>“A vestir bem são de notar os homens. Só as cidades de côrtes complicadas como Londres e Vienna, têm alfaiates tão bons como os de Lisboa. As damas, que não se</p>	<p>sua belleza e eu ia dizer da sua candura, um pequeno soberano antipathico. D. Miguel, ao ser entrevistado, concedeu algumas opiniões de verdadeiro rei de magica. Só D. Affonso poderia ser rei, se não se tivesse afastado da politica e se Portugal não tivesse sentido a Republica. Segundo, porque o povo, pelo menos o das cidades, era republicano...” Pág. XIII</p> <p>“Portugal é um paiz forte a que phenomenos economicos de ha longos annos e mesmo seculos vem trazendo a depauperante emigração, individualmente rendosa, mas para a patria desastrosa. O</p>	<p>taes logares, nada anormaes em belleza e muita vez parecidos com sitios identicos do Rio- uma grande sympatia nos invade a alma. Os dous escriptores não conseguiram diminuir a terra patria, tão genuinamente são no fundo portuguezes e amantes de Lisboa. E Lisboa pela sua franqueza, pela sua intimidade, talvez pela belleza meridional dos seus habitantes, não sei porque- logo attrahe e logo prende.” Pág. 42</p> <p>“Comecei em Lisboa a ouvir um verbo que só pouco ouvi no Porto, mas que por todas as cidades por onde passei era permanente nos labios de toda gente: o verbo gozar. Não se póde dizer que o Rio seja um cidade de puritanos e que os “quakers” sejam abundantes nas Avenidas. Mas esse verbo, pela falta absoluta de uso, chegou a não ser comprehendido e a</p>	<p>“Eu chegava quasi um anno depois do acontecimento do Terreiro do Paço. As cousas tinham ido a um ponto tal de pressão do governo que o gesto dos allucinados foi como um poderoso calmante. Vinha, pois, encontrar o lisboeta preso á roda dos partidos políticos, mas livre e desembaraçado para fallar e discutir.” Pág. 60</p> <p>“Mas para o povo, “Seculo” e “Diario de Notícias”, este e o “Diario Popular” bastam para a informação e o desejo de sentir o paiz, não tão mal como se pensa. O povo lê os outros, e com excepção do “Diario Illustrado”,</p>	<p>de carros, ha trens abertos e só um velho coupé. O serviço é tão máo, tão sem linha e talvez mesmo tão insolente quanto no Rio. Ao ver approximar-se um freguez, os cocheiros começam a gritar, offerencendo conducção; e quando estão na boléa, largam as tipoias na direcção da hypothetica hora de serviço com tal violencia que é preciso subir logo a calçada.” Pág. 53</p> <p>“Na capital de Portugal, como na capital do Brasil, vale mais e mais em conta occupar, por um dia os carros de cocheira que usar dos trens de aluguer ou dos automoveis. De resto, essa avidez dos batedores e o máo serviço, tão identico ao do Rio, resultam da relativa falta de procura. Em Lisboa toma-se muito tipoias e trens, mas o serviço de carros electricos é de tal modo optimo que a população só delles se serve, na sua maioria. Os tremways são esplendidos, limpos, confortaveis quasi luxuosos,</p>	<p>“Era a amostra, meus amigos, a pallida amostra. Esses <i>garçons</i> e creados do Porto são bem os paes dos nossos. Que digo eu? Si no Porto, e em todo o Norte de Portugal, a cada passo nós vemos a tradição do Brasil, nas casas, nos costumes, nos usos e nos typos, nos taes <i>garçons</i> e creados sente-se que os nossos degeneram. Não é possível uma analyse. elles são desnorteantes.” Pág. 176</p> <p>“-Sabem vocês que é fácil confundir, ao portuguez do Brasil, parece-me, duas patrias o têm. Lá Portugal é intangivel para elles. Aqui, o Brasil está nas mesmas condições. eu acho isso lindo.” Pág. 206</p> <p>“Os brasileiros tem</p>
---	---	---	---	--	---

<p>vestem em Paris são um pouco por demais, ornamentadas. Mas a linha é geral. O cavalheiro, que talvez não jantasse, limpa as botas, enverga um paletot cintado, accende um charuto e passeia devagar, com um ar “blasé”, olhando o mulhério. as senhoras, nos seus passeios, vão sempre de trem, mas as que se vestem em Paris, estão com o ar de quem deixou a equipagem propria, e ondulam para o chá das cinco, no Chiado, convencidas de que é preciso lá ir para mostrar elegancia.” Pág. 79</p> <p>“O Don Juan portuguez, seria o mais solidamente amado pelas mulheres, mas muito diverso do francez, do inglez, do hespanhol. As mulheres, estas têm uma evidente irritação contra o vicio espetaculoso. De modo que nos passeios dos theatros, nos chás, é possível mostrarem-nos mulheres bellas, bem vestidas, e mesmo a murmurar uniões irregulares, mas nunca uma grande cocotte typicamente representativa.” pág. 80</p> <p>“Outro aspecto da tradição é a solemnidade dos cumprimentos na</p>	<p>numero de habitantes por kilometro é insignificante apesar da estatística de nascimentos evidenciar um accrescimo continuo de natalidade. Mas os simples, os do campo, os verdadeiramente fortes é que partem. Os da cidade ficam. Não ha milhões de africanistas, nem a classica arvore das patacas brasileiras, que os tentem.” Pág. 71</p> <p>“Por isso, Portugal, salvo meia duzia de artificiaes e de snobs, é um paiz que não conhece o “flirt”, e namora, namora docemente nas cidades, nas aldeias, nos campos. Nas aldeias e nos campos, principalmente no Norte, o namoro é conversar, que namorar já significa</p>	<p>ter uma significação depravadissima. Gozar! Pronunciar tal palavra numa roda é levar quasi um attentado de má conducta. Falta-nos para comprehender o verbo gozar, mais duzentos annos de existencia; a Lisboa, a sempre nova e ardente Lisboa de pelle de fructo sazonado e olhos estranhos, encravada numa terra certo tão linda como o paraíso, sabe de ha muito gozar, gozar o ar, a vida, os perfumes, a luz, a comida, o amor, os prazeres da carne e do espirito sem ver nisso crimes, perdições, horrores, e sem a hypocrisia estúpida dos mercieiros viciados e enriquecidos. De gozar depende a alegria, que é a alma das cidades. e Lisboa é alegre á noite.” Pág. 56-57</p> <p>“Em primeiro logar fico certo de que a má lingua é habitual á beira dos cafés. Corta-se na pelle da gente</p>	<p>com uma tiragem de oito mil exemplares, jornal elegante e mundano, todos os outros ardem de politica da primeira á última linha. O “Mundo” é o terceiro jornal em tiragem, é um bello edificio proprio, d’apparencia bella com um globo a arder nas sacadas. Lá dentro tem-se aq impressão de que é um campo de batalha; fóra, parece á gente, tanta gente o lê e gente do povo, que o paiz se republicanisou.” Pág. 114</p> <p>“A sociedade de Lisboa é conservadora, apesar de republicana, segundo as eleições da camara. A alta</p>	<p>e abundantes para todas as linhas. os preços, apesar dos jornaes accentuarem a exploração da companhia e de um mesmo demonstrar os seus lucros formidaveis apenas com a suppressão de carros de segunda classe a uma certa hora- são relativamente iguaes aos nossos. O povo prefere pois o bond, que já se chamou americano e agora e apenas carro electrico. Não vou nem de trem, nem de carro electrico, vou a pé. Lisboa, à noite, arde, scintilla, fulgura.” Pág. 55</p> <p>“De facto. O movimento da cidade cresce extraordinariamente á noite. A multidão rumorejante vai a augmentar no transito das ruas, das quatro da tarde em diante. Á hora de começarem os theatros, é pela Baixa e por certas ruas da Alta, no Chiado e no Rocio, no Rocio e na Avenida, na rua da Palma e na praça dos Restauradores, a torrente humana:- não uma certa</p>	<p>uma idéa muito vaga e um pouco ionica do que é a belleza de Portugal e do que são a sua sociedade, a sua arte, a sua cultura. Em compensação, os homens de letras portuguezas e os homens de governo e os jornalistas, tinham do Brasil uma idéa nublada, nebulosa, vaga e fantastica de um paiz, onde ao pé de uma árvore de ouro, havia enganadoramente amarella a febre atroz, que mata em poucas horas. Os portuguezes que voltam pouco proprios são para dizer com verdade o que é o Brasil.” Pág. 245</p> <p>“E, voltados para Paris, fazendo a sua cultura através de Paris, os portuguezes a ver se reformam os costumes, os brasileiros vertiginosamente em progresso, presos pelo</p>
--	--	---	--	--	--

<p>rua das senhoras de elevada posição. Por mais intimidades que haja um cumprimento profundo. E ellas passam serias em geral, como se fossem para a missa.” Pág. 81</p> <p>“Oh! esses cocheiros! Não ha em parte alguma cocheiros com tanta pompa. Nem em Londres, nem em Paris. Com as pernas envoltas no manto de inverno, a face escanhoad, o torso erecto, o gesto elegante e sobrio, esses homens parecem trazer escriptos na bochecha o brazão da casa, a importancia de quem vai dentro, e guiam as parelhas como conscientes das graves responsabilidades politicas e mundanas dos lacaios. Ha uma phrase popular que assegura conhecer a gente pelo rodar da carruagem, quem dentro della vem. Em Lisboa, conhece-se pelos cocheiros. Assim, o cocheiro do ministro tem um ar diverso do cocheiro de banqueiro, o cocheiro de banqueiro é evidentemente inferior a um cocheiro de fidalgo com dinheiro. E os trintanarios e os cavallos acompanham os cocheiros. só não achei uma verdadeira linha principesca no cocheiro do Sr. duque d’Oporto.” Pág. 92</p>	<p>ter possuido antes de casar. Nas cidades é pura e simplesmente o gargarejo para o terceiro andar, as cartas jogadas de cima ou a subir presas por uma linha, o encontro de olhos nas festas, um espalhar d’amor a que não se pode ficar indifferente.” Pág. 188</p> <p>“Logo no primeiro dia da minha estadia em Lisboa, muito tarde da noite encontrei atirada para um banco da Avenida sob as palmas de um coqueiro africano, uma velha negra. Era em dezembro, com frio, e eu romanticamente deplorei aquelle trapo de raça perdido num exemplar unico no sólo europeu. No dia seguinte, logo pela manhã vejo no Rocio, de chapéo, de braço</p>	<p>que passa. Em segundo, que Lisboa tem da civilização das grandes cidades a correcção de facto e a correcção do cumprimento. Nada de excessos, nada de gritos. Essa gente parece que toda ella frequenta o paço das Necessidades. Um brasileiro, com a preniciosa intimidade de toda gente, ficaria pouco á vontade nesta cidade em que se reconhecem as distancias sociaes. Eu que detesto taes intimidades, estou deliciosamente bem. Tambem isso acontece a muitos brasileiros natos, que têm casa em Lisboa e vivem definitivamente na ardente cidade.” pág. 91</p> <p>“As passagens custam carissimo nas vias ferreas portuguezas, quasi tão caras ou mais do que no Brasil. Um bilhete de ida e volta para o Porto vale dez mil e tantos réis fortes. E é curioso saber que é mais barato vir de Paris á Lisboa</p>	<p>sociedade ainda mais.” Pág. 127</p> <p>“Uma das razões porque D. Amelia a rainha, se faz menos estimada nas cidades, é a sua crença ardente. O brasileiro e o portuguez do Brasil têm uma especie de respeito sagrado e extase admirativo pela soberana do povo portuguez. Se sai com taes sentimentos para o convivio propriamente de povo urbano de Portugal, tem a grande desilusão de ver-se interrompido a cada instante.” Pág. 200</p> <p>“A um patriota portuguez é intoleravel a idea de ser governado por padres, com a influencia de</p>	<p>classe social, mas misturadas, fundidas todas as classes que possam existir numa cidade, inclusive a infinita classe dos desclassificados. apesar das semelhanças de apparencia coom as nossas capitaes, apesar de não se vêr na cidade pequena o desdobraimento de palacios e de grandes arterias como no Rio, é a essa hora que se tem a sensação de estar na Europa.” Pág. 55-56</p> <p>“Em Lisboa ha theatro a começar pelo publico. O publico enche as casas de espetaculo todas as noites e ha publico para todos os generos desde a Teatologia de Wagner, no S. Carlos, até as maxixes parisienses dos Geraldos no Colyseu.” Pág. 141</p> <p>“A moral de Lisboa é uma, a do Porto é outra, mas o maxxixe domina do sul ao norte, no paiz da triste canção e na região das alegres cantatas.” Pág. 163</p>	<p>sangue, presos pela corrente immigratoria, que é força latente de energia para nós, e força economica para elles, mais ligados do que quaesquer outros paizes, tendo o dever glorioso de manter viva uma lingua admiravel, tanto os brasileiros como os portuguezes não se vêr, não se conhecem, não se lêr.” Pág. 245</p> <p>“Foram os Lello, de Porto, que puzeram em moda em Portugal o Brasil mental. Esses Lello são duas creaturas encantadoras. Bons, meigos, honrados à antiga portugueza, têm o precioso respeito, a veneração pelo talento. quando tiveram sufficiente dinheiro, reformaram as officinas de impressão á moderna e resolveram construir a</p>
--	---	---	---	---	---

<p>“O admiravel nesta evidente angustia é que os lisboetas frequentam os theatros com entusiasmo, passeiam de carro, fazem quasi como em Madrid da noite dia e não ganham em proporção para tamanho gasto, principalmente na classe media, que tem de aparentar em todos os paizes mais do que possui.” Pág. 169</p> <p>“-A portugueza é unica, pois confunde o desejo e o coração de tal sorte, ama com tanta alma, tão sinceramente, tão toda, que a vida para ella é o amor em todas as suas gammas e em Portugal só ao homem fica o máo papel.” Pág. 182</p> <p>“Cada mulher portugueza está ainda fóra da crise mundial e é bem o heptacordio do amor. Ama francamente, e respeita o homem. O seu ideal é amar o “seu homem” (essa expressão habitual tem um cunho absolutamente incomprehensivel para varias sociedades pelo que terno, de submisso, de cioso e de forte encerra), dedica-lhe inteiramente, para sempre. E é ainda no amor do</p>	<p>dado com um senhor bem posto, outra negra. Feia, preta, mas elegante. dias depois entrando numa casa de chá do Chiado, duas pretas, uma das quaes, de oculos, comiam bolos com todo o chic, e na rua do Ouro, quando sahi, encontrei um jovem preto elegante, e enlulado. Vira, entretanto, apenas, indicios do que se póde qualificar de problema negro, - para Lisboa, um problema sem apparencias graves. Dia a dia augmentam os negros, na capital luzitana. Não são negros para o serviço, como nos tempos de Gil Vicente, são pretos chamados “africanistas”, pretos ricos das ilhas, proprietarios de plantações em São Thomé. Os meninos e</p>	<p>do que ir de Lisboa á Paris.” Pág. 93</p> <p>“Em Portugal uma maçã cem réis! Em Portugal as azeitonas de um serviço de mesa que é ahi no Rio englobado na conta geral, dois vintens, isto é um tostão da nossa móeda! Era ó mesmo que pedir no Brasil quinhentos réis por uma banana e quatro tostões por uma chicara de café.” Pág. 167</p> <p>“O Porto é uma cidade integralmente diversa de Lisboa em usos, aspectos, costumes, mas immensamente parecida com o Rio antigo. Basta lá passar uma semana para se ter certeza de que foi a gente do norte de Portugal que formou as nossas cidades e que ainda hoje fornece ao nosso movimento maior contingente. As ruas são, na maioria, de subida? Que tem isso? Ha momentos que parecem ruas de Rio,</p>	<p>padres, sob a tutella disfarçada da igreja. A alavanca destruidora não pensa apenas em derrubar o systema politico, cujo estado de putrefação é evidente. Não pode, não quer tolerar o dominio da igreja. O espirito do marquez de Pombal vive em cada cerebro.” Pág. 201</p> <p>“Duas ou tres semanas depois de estar em Portugal tem-se a impressão de que o unico mal de Portugal, mal de bilitante, mal terrivel- é a politica, ou antes, desde que nada se commenta ou resolve numa calma e sã atmospher- a politicagem, politicagem envenenadora, que</p>	<p>“Sempre que se fallava de Portugal, não havia quem não me dêsse informações sobre a barateza da vida em Lisboa. eram verdadeiras fantasias comicas. Um homem que comprára dois tostões de figos, começára a ver entrar pelo hotel moços de frete com cestos á cabeça. Eram dez cestos de figos. uma senhora com cem mil réis reformára por completo o guarda-roupa, e admiravelmente bem installado não havia quem não estivesse por dez tostões diarios. Era lindo mas não passava de uma refinada mentira. Lisboa tem uma vida angustiosamente cara, porque sendo uma cidade onde a noção do dinheiro é européa isto é, a valorisação da moeda é um facto gravissimo, qualquer cavalheiro para viver a vida que vive numa capital americana tem que despender a mesma quantia, dadas as differenças de cambio- o que vem a ser duas vezes, mais</p>	<p>séde geral da livraria na rua das Carmelitas, á maneira de um templo manuelino. Nesse templo do espirito ha nichos com os santos da casa, e os santos são Herculano, Eça, o grande Camillo. É um preito de emoção esthetica. Qual o editor capaz de fazer tal cousa? e o facto é que se está bem nesse centro de edições, no alluvião de livros, no movimento da venda, vendo entre as estantes, na nave da livraria, esculpidas em madeira as physionomias dos grandes escriptores da lingua portugueza.” Pág. 249-250</p> <p>“É sabido, por exemplo, que nenhum paiz considera o Rio de Janeiro permanentemente um porto sujo. Até a Argentina está conveneida de que não</p>
---	---	---	--	--	--

<p>seu homem que se faz mãe cheia de doçura, avó cheia de carinho. O amor pelo escolhido é bem ao mesmo tempo paixão physica, e bem querer. É ella que aceita o sacrificio na existencia a dous. Com sacrificio e dór é mão. Com sacrificio ajuda o seu homem no trabalho, com sacrificio soffre-lhe as grosserias e as brutalidades, com sacrificio e um altruismo cheio de bom senso vai até a resignação de ver-se trahida. em breves excursões pelos campos, na Beira, nos arredores de Coimbra, ou do Porto ou de Lisboa, lembra-me de ter visto mulheres ao lado dos homens no amanho da terra, enquanto as crianças lindas já cuidavam dos rebanhos. Era quasi biblico. No Porto mesmo, na Foz, encontrei só mulheres a trabalhar, e num dia de chuva e vento, como visse uma que era linda, com um balde á cabeça, toda enlameada” Pág. 185-186</p> <p>“Em Lisboa, o negociamnte parece não ter a ambição de fazer rapidamente fortuna. Os empregados fazem logo tempo de pratica, inteiramente gratis e ganham pouco tambem. Nunca entrei num destes estabelecimentos,</p>	<p>as meninas dos “africanistas” estudam nos collegios de Lisboa. Os “africanistas”, quando juntam grossa fortuna, vêm morar para Lisboa. Ha casas e casas, nas avenidas novas, que são de pretos, pretos ricos, com lacaios brancos, que tem carruagem, cavallos, andam á moda, vão ao concerto, ao theatro. Em Portugal, como aliás em quasi todas as cidades da Europa, não ha o odio ao negro, nem o principio estabelecido de que não devem ser tratados como gente. Essas idéias só se encontram nos paizes onde houve a servidão negra. Dahia encontrar pretos e pretas en varios misteres. Pretas até hetairas, de grossos negociantes, idos do</p>	<p>quer no centro commercial, quer nas ruas de morada. Descobri ruas evidentemente mães da antiga rua da Carioca, da rua Corrêa Dutra e, em arrabaldes, na estação da Boa Vista, por exemplo, não sabia bem se estava no Portose no boulevard de Villa Isabel ou na estação final da rua Voluntarios da Patria. Numa tarde de sol ou numa noite de chuva, a impressão é a mesma, porque o aspecto dos edificios, a madeira das montanhas, o ar das casas commerciaes, o tom dos cafés são agitados por uma multidão tambem excessivamente parecida. Nada daquella mistura morena de porto de mar da cortezã. Lisboa, anciando entre a tradição cheia de baldaquins e vicios, e o modernismo de confortavel e do vicio. É uma gente forte, pesada, com um alto conceito da propria energia, prudente com apparencia de</p>	<p>estabelece um circulo vicioso meio rabido, cujo fim é fatalmente estalar.” Pág. 204-205</p> <p>“Por Lisboa, encarando os factos diarios, tem-se a impressão de que actualmente, sob o olhar triste do mais famoso dos reis, Portugal politico é uma especie de páu de sebo em que a cada instante cavalheiros chamados chefes tentam chegar ao tópe acompanhados de grupos já hoje ocasionaes, não chegam lá, caem, e são vaiados pelo povo. É a situação.” Pág. 209</p> <p>“-V. é brasileiros. São brasieliros alguns chefes de movimento</p>	<p>do que em qualquer cidade do Brasil, além do cambio.” Pág. 165-166</p> <p>“Tres ou quatro dias de permanencia no Porto, a curiosa cidade que tanto me lembrava o Rio, a gozar o imprevisito dos seus panoramas, ou o ambiente intellectual dos seus homens de letras, grato ao carinho hospitaleiro da gente, tratado com uma bondade desvanecedora, nunca bem farto de admirar a belleza das mulheres-que são as mais bellas de Portugal.” Pág. 177</p> <p>“Se sairmos de Lisboa, entretanto as cousas mudam. está em cima o Porto, capital de gente do norte, gente pratica, industrial, altiva e que só muda de opinião para contrariar Lisboa; está depois Coimbra, a poetica, onde a opinião politica é feita de mentalidade subordinada ao coração, terra de cousas passadas, ruina onde floresce a alma joven e lavada de impurezas. E deixando as</p>	<p>temos mais febre amarella. Em Lisboa, o rio continúa a ser porto de que se desconfia permanentemente. Com grande pasmo meu, dias depois de chegar, tive na alfandega, onde ia receber um amigo, a amostra do caso.” Pág. 287</p> <p>“O desconhecimento da nossa extensã geographica, dos nossos variados climas, das nossas multiplas riquezas, do conforto admiravel das nossas cidades americanas, é absoluto. Sabe-se apenas em bloco, que <i>o Brasil é muito rico e que o nosso dinheiro é muito fraco</i>. A nossa acção politica interessou apenas num ponto aos republicanos:- o Brasil fez entre flores a Republica no dia em que nascia em Portugal</p>
---	---	---	---	--	--

<p>que alguém viesse perguntar o que desejava. afinal, já fazia propositalmente. Entrava, passeava de um lado para outro, olhava os caixeiros, os freguezes e sahia. Nem uma palavra.” Pág. 193</p> <p>“Nas cidades, só as mulheres são catholicas, verdadeiramente, -as mulheres em Portugal, os espíritos conservadores. Os homens são irreverentes. Os politicos dominantes acceitam a religião como fazendo parte da politica, e não porque acreditem. O povo odeia os padres. Odeia os de tal modo, que elles não se atrevem a andar com as suas vestes.” Pág. 200</p> <p>“Já viste em alguma parte do mundo mulheres mais sãs, mais bonitas que as do norte de Portugal? A gente pede-lhe beijos para revigoração da saude. Não são mulheres, são fontes de vida!” Pág. 236</p> <p>“-O homem do norte é forte trabalhador prudente, com a alma alegre, entusiasta, e realizando o ideal de sonhar sem perturbar a pacatez do seu violento labor, dizia-me alguém.</p>	<p>Brasil.” Pág. 196-197</p>	<p>gabarola, exaggerando os pequenos factos, honesta, acolhedora e de sentimentalismo á flor da pelle, que se demonstra ou em explosões de colera ou em excessos de carinho.” Pp. 236-237</p> <p>“De modo que no Brasil, a partir da Bahia, para o sul pelo menos em grandes centros onde predominou o immigrante portuguez, com a sua resistencia, a sua força, a sua honestidade e a sua ampla belleza fisica-ha a mais absoluta ignorancia das coisas de Portugal no momento presente. Os politicos conhecem quasi com intimidade os politicos francezes, os estadistas inglezes, os typos formadores do Japão moderno, os idéaes da Australia ou da China. Mas noventa e nove sobre cem, não conhecem senão vagamente, o movimento portuguez.” Pág. 285</p>	<p>republicano, como o Bernardino, o João Chagas. Temos os olhos voltados para o Brasil. A Republica far-se-á aqui como lá, docemente. E era para mim consolo saber desse desejo de doçura. Porque no meio do delirante “maelstron”, na furia dos redemoinhos politiqueiros- mal, unico mal de um paiz de que se espera, a todo instante á força de expellir o vibrão aniquilador, surgiu, sem querer, dependente dessa bondade, levado de culpa pela mocidade, um ser tímido e puro como um lirio, o mais jovem rei da terra, cujo riso era a alegria, e hoje é a</p>	<p>cidades, pelo campo, longe das ambições, depara a gente frente a frente com uma cousa muito seria e muito grave:- o coração de Portugal. É a população que se esbofa na canicula do Alemtejo para fazer produzir a terra ingrata, é a população do norte, que morre alegre e sem pão na superproducção dos vinhedos, num mar de vinho desvalorizado.” Pág. 207</p> <p>“O Porto, apesar de suas tradições, quasi volta atrás só para contrariar... Faz cousas destas na politica, no teatro, nas sympathias publicas, em tudo. quanto á sua capacidade industrial, apesar do progresso ser muito lento, no decorrer dos annos, no augmentar da cidade e das fabricas, a mim disse-me um portuense, com a maxima convicção, sem pensar que talvez exagereasse: -O Porto é em Portugal uma especie de Manchester.” Pág. 239</p>	<p>D. Manuel” pp. 287-288</p> <p>“Como a gente do Norte do Brasil é a que vae e pára em Lisboa e os jovens literatos dessa parte do nosso territorio escrevem aos chefes das letras lusas, elles constantemente julgam o Brasil inteiro pelo Pará. Quanto as artes, a acção politica, ao jornalismo-o desconhecimento é total. Dirão que só as viagens dos portuguezes ao nosso paiz bastariam para dar a Portugal uma impressão exata. É engano.” Pág. 288</p> <p>“Nós consumimos de Portugal quasi a metade do que elle exporta, e elle, ao contrario, <i>para o desenvolvimento do seu imperio colonial</i> como muita vez ouvi dizer; fecha-nos as portas aos</p>
---	------------------------------	---	--	---	---

<p>E realmente. Nessa cidade, todos trabalham. Trabalham homens, trabalham mulheres, trabalham crianças. Não se vê numa rua do Porto gente parada, sem ter o que fazer, salvo em alguns cafés da praça D. Pedro, onde se reúnem os vistosos elegantes urbanos. A população inteira, sem cessar, moureja. Desde pela manhã cedo vê-se o movimento inicial do trabalho, nos carros de bois, nas leiteiras de pés nus, e bem cedo é como nas cidades laboriosas o caminhar para as oficinas” Pág. 240</p>			<p>melancolia- D. Manoel, o formoso...” Pág. 214</p>		<p>nossos productos, mesmo quando tem de recorrer para o consumo interno, ás nações estrangeiras como acontece com o assucar, o tabaco e o café.” Pág. 296-297</p>
--	--	--	--	--	--

Apêndice 2: 1913- Viagens Pitorescas por Portugal⁸³ (Inês M. Goodall).

Como é o português	Características sobre Portugal	Festas populares	Referências à política da época	Lugares
<p>“É um dos países mais pequenos da Europa, mas a sua simples história é como que um longo romance- história de um pequeno povo que possui um grande coração. E se não fôsse isto assim, e o Portugal de hoje já de todo teria deixado de existir.” Pág. 7</p> <p>“Os portugueses ainda hoje teem uma grande simpatia pela Inglaterra, o que eu muito bem pude observar por ocasião da minha visita ao Museu do Arsenal, onde amavelmente me mostraram uma bela coleção de velhas peças de artilharia.” Pág. 25</p> <p>“Se fordes fazer compras não vos deveis esquecer portanto de dar os “BONS-DIAS” ao lojista e , sendo homem, curvar-vos e tirar o chapéu. Estão sempre à espera de que os tratem com delicadeza, mas em compensação dispensam-vos sem nada ter comprado, o caixeiro não mostra a menor sombra de descontentamento, mas pelo contrário, pede desculpa de não ter “o que V. Ex.^a deseja”. Se, porém, entraís com modos arrogantes, como, sinto dizê-lo, tenho visto fazer a muitos ingleses, pedindo secamente êste ou aquele artigo, é muito</p>	<p>“Portugal é o país mais ocidental da Europa. É uma estreita faixa de terra limitada a norte e a leste pela Espanha, a oeste e sul pelo Oceano Atlântico, e a sua área é, pouco mais ou menos, tão grande como a da Irlanda. Região de variados contrastes, de ásperas e pedregosas montanhas com profundas gargantas e vales, de terras pantanosas e sem vegetação, como de planícies onde o vento sopra, de arenosas dunas, de ásperos e</p>	<p>“O Carnaval costuma durar muitos dias e durante êle fazem-se toda a espécie de brincadeiras, algumas das quais, a falar verdade, não são lá muito divertidas principalmente para quem é vítima delas. Atravessam cordeis nas ruas para fazer tropeçar quem passa. Das janelas atiram água aos transeuntes ou dão-lhes com luvas cheias de areia ou com sacos de farinhas. A maior parte das vezes, porém, são mais amáveis; por entre a multidão irrequieta só se vê esfusiarem em todos os sentidos lindos ramilhetes, <i>confetti, bonbons</i>, etc.” Pág. 31</p> <p>“Também há mascaradas em que vão grupos disfarçados pelas ruas; vêem-se cartazes</p>	<p>“Portugal tem actualmente uma constituição muito semelhante à nossa⁸⁴. As Côrtes, ou Parlamento, constam de uma Câmara de representantes eleitos pelo povo, que corresponde à nossa Câmara dos Comuns, e de outra superior, a Câmara alta, constituída pelos <i>pares</i>, como lhe chamam, muito análoga à nossa Câmara dos Lordes. Mas, desgraçadamente para Portugal, há uma grande tendência entre os ministros para</p>	<p>“Continuando a subir rio acima, aparece lá ao alto, sôbre uma das muitas colinas em que Lisboa assenta, o Castelo de S. Jorge, que é uma das poucas construções autenticamente antigas, poupadas pelo terrível terremoto de 1755, em que quasi não ficou pedra sôbre pedra e em que morreram para cima de 60.000 pessoas. Para chegarmos ao sítio donde a velha fortaleza árabe domina a cidade, temos de subir uma longa rampa de grandes lanços de escadas gastas e irregulares e atravessar ruas estreitas e tortuosas; mas o visitante será largamente recompensado pelo esplêndido panorama da cidade e arredores que se avista das arruinadas ameias da cidade, aonde é conduzido por um soldado de caçadores, depois de falar com o sargento da guarda.” Pág. 24</p> <p>“Mais adiante, a ampla e sombreada Avenida da Liberdade, embelezada com palmeiras e outras árvores. É o mais belo sítio de Lisboa, onde se vêem sempre</p>

⁸³ A aurora escreveu o livro em 1909. Desde 5 de Outubro de 1910 Portugal é uma república.

<p>provável que o lojista, ainda que tenha o artigo que procurais, vos diga que se lhe esgotou naquele momento, pondo-vos fora da porta com uma vénia.” Pág. 26-27</p> <p>“A gente que se vê pelas ruas é ordinariamente pouca e sem viveza, e, a avaliar pelo tempo que perde na conversa, horas seguidas por vezes, parece não ter muito que fazer. Descendo à tarde as ruas principais da cidade, vêem-se pequenos grupos de homens encostados às portas, ou de braço dado no meio do passeio, impedindo o transito e discutindo muito animadamente. encontram-se muitos oficiais fardados, desde o general ou o almirante emmedalhado até ao subalterno e ao guarda-marinha.” Pág. 27</p> <p>“As varinas são muito pitorescas. Trazem vistosos lenços atados à cabeça, por baixo de uns chapeuzinhos de feltro preto do feitio de um bolo, usam blusas de chita com as mangas arregaçadas até o cotovelo, e os pés descalços a aparecerem por baixo de grossos e curtos saiotes de côres vistosas.” Pág. 28</p> <p>“As crianças portuguesas são em geral muito respeitadoras de seus pais, e as das classes mais abastadas são educadas cuidadosamente. Está em moda dar-lhes preceptoras estrangeiras- inglesas, francesas ou alemãs- o que lhes permite tornarem-se óptimos políglotas.” Pág. 30</p> <p>“As meninas teem em geral professoras</p>	<p>abruptos promontórios. Terra onde cresce a vinha e florescem laranjeiras, como se espraíam pinhais e soutos, amena região onde se ergue o carvalho robusto e o eucalipto gigante, e se multiplicam as oliveiras, e os pomares são mimosos de frutos.” Pág. 7</p> <p>“Usam-se muito pouco as máquinas agrícolas em Portugal; todas as sementeiras e colheitas são feitas à mão. O grão é malhado com o mangoal ou malhão; os trabalhadores ficam em pé em volta de um monte de milho e movem o mangoal em cadência para cima</p>	<p>ilustrados pelas esquinas e toda a cidade toma um aspecto alegre e ruidoso. Há bailes de máscaras nos teatros, aonde toda a gente vai com fatos de fantasia e levando na cara umas pequeninas máscaras pretas, de maneira que ninguém conhece com quem dança. Pelas casas particulares também durante o carnaval se efectuam bailes “costumés”. Há ainda festas que são particularmente apreciadas pelas crianças; são: o dia de Santo António, a 13 de Junho, o dia de S. João Baptista, a 24, e o dia de S. Pedro, a 29. As crianças pobres constroem nos portais das casas umas pequenas cascatas, decoradas com flores e tigelinhas, e correm atrás dos transeuntes pedindo “cinco-reizinhos” para o “Santo”, mas são as crianças e não os “Santos” os beneficiados com as esmolos.” Pág. 31-32</p> <p>“É também nestes dias de ano que mais se manifestam as supertições das raparigas sôbre o casamento. Atiram</p>	<p>deixarem para amanhã o que hoje pode ser feito, e campeia muito a corrupção na política portuguesa.” Pág. 16-17</p> <p>“Perto dêste, há ainda outro- o palácio das Necessidades que o actual rei (ainda quasi uma criança) habitou durante muitas semanas sem coragem para transpor os seus umbrais, depois do cruel assassínio de seu pai e seu irmão mais velho no dia 1 de Fevereiro de 1908.” Pág. 18-19</p>	<p>elegantes carruagens rodando em todas a direcções, e é o passeio predilecto das crianças e das criadas que as acompanham, para não falar dos janotas que por ali caracoleiam em seus cavalos.” Pág. 25</p> <p>“A maneira de vender leite impressiona-nos por ser rialmente muito singular. Em vez de um carro e vasilhas, são as vacas e cabras que andam pelas ruas, vendo-se de manhã cedo mesmo nas ruas de mais trânsito da cidade serem conduzidas vagarosamente pelo leiteiro que as ordenha à porta dos fregueses.” Pág. 28</p> <p>“Lisboa vai-se dia a dia colocando a par dos modernos progressos, se bem que às vezes ainda se note uma certa relutância e lentidão em aceitar muitos dêles, o que faz com que haja certa diferença entre Lisboa e as outras capitais.” Pág. 29</p> <p>“Com poucas excepções, em algumas vilas, mesmo das maiores, as lojas parecem orientais. Não teem montras onde possam expor as suas lindas mercadorias; muitas vezes teem apenas uma janela ou uma porta grande, através das quais se vê um corredor sombrio onde os variados artigos postos à venda estão pendurados ao longo das paredes e do tecto.” Pág. 44</p>
---	--	--	---	--

<p>estrangeiras, internas; quanto aos rapazes, êsses começam a ir muito cedo para a escola. Estudam bastante horas e teem muitos exames. Em Lisboa os rapazes e raparigas jogam o <i>football</i> e o <i>tennis</i>, que aprenderam com os ingleses; mas os portugueses não são muito dados a estes jogos. Os pequenitos das classes mais pobres não teem educação nenhuma e não é raro vê-los pedir esmola pelas ruas.” Pág. 30</p> <p>“Os aldeãos gostam muito de danças e canções, sobretudo no norte de Portugal. Pelas ceifas, e no mês de Maio divertem-se em reuniões onde teem lugar danças já muito antigas fazendo lembrar os bailados orientais. São lentas e cadenciadas, constituindo apenas em movimentos do corpo, braços e mãos, assim como dos pés; tais danças devem vir de tempos dos mouros. Raras vezes riem nestas danças, se bem que os portugueses do norte sejam em geral alegres, joviais.” Pág. 35</p> <p>“Há ainda um grande número de superstições entre os camponeses, e algumas das histórias de fadas, lobisomens e almas-do-outro-mundo em que êles acreditam são verdadeiramente extraordinárias.” Pág 36-37</p> <p>“No 1º de Maio amarra-se uma fita vermelha da lâ ao pescoço de todas as cabeças de gado: machos, jumentos, carneiros, cabras, porcos, etc. Às portas das casas pendura-se uma ferradura e às portas dos currais um ramo de giesta em flor. Todos os carros, as charruas, as juntas de bois são</p>	<p>e para baixo com um som monótono até que todo o grão fique malhado. há uma velha canção popular, <i>O Malhão</i>, que se refere a êste instrumento” Pág. 56</p> <p>“Em Portugal, além do tiro, que ainda assim não é muito vulgar, há apenas um desporte verdadeiro- as touradas. É um espectáculo cheio de sensações fortes e os portugueses apreciam muito espectáculos dêsses. Entre nós pensa-se muitas vezes que estas touradas são de uma tam grande crueldade e tam degradantes como as que se realizam em Espanha, mas não é assim. Em Portugal são</p>	<p>cardos a uma fogueira e pensam no namorado. Êstes cardos ficam ao relento durante a noite e, no dia seguinte, se ainda estão verdes, elas creem que serão felizes nos amores, mas se ficam queimados, que mágoa! Não lhes tem amor aquele que é o objecto dos seus pensamentos.” Pág. 32</p> <p>“Em Lisboa a gente do povo passa a noite na Praça da Figueira, o mercado, que se encontra nesse dia lindamente enfeitado com frutas e flores. Homens e mulheres, tudo compra o seu vasinho de “manjerico”- planta cheirosa no meio da qual está espetado um cravo de papel com alguns versos de amor, e destes cravos se fazem mútuas trocas no meio de ruidosas e alegres gargalhadas.” Pág. 33</p> <p>“Entre os homens há muitos tocadores de guitarra; são muitas as danças populares portuguesas, como o “Verde Gaio” e outras, em que todos</p>		<p>“Já que estamos neste assunto não passaremos adiante sem falar um pouco das prisões portuguesas em geral, e assim vou descrever a de Cintra que é uma razoável amostra das outras. Tem janelas que deitam para um praça, largas e sem vidraças mas com uma dupla grade de ferro, através de cujas barras se vêem os pálidos rostos dos prisioneiros, numa promiscuidade a que não falta uma certa sordidez. Gastam a maior parte do tempo pedindo esmola a quem passa. Muitas vezes juntam amigos cá embaixo na rua e entreteem com êles longas conversas ou passam-lhes alimentos e tabaco em sacos, que eles içam com uma corda. A sentinela nem nisso repara. Os portugueses concedem aos seus prisioneiros esta indulgência talvez para lhes minorar um pouco a sua má sorte.” Pág. 51</p> <p>Óbidos: “É o mais original lugarzinho do mundo, transportando os nossos pensamentos à “Idade Média.” Mas se vê uma casa trás do abrigo de suas altas muralhas encasteladas. Há somente dois estreitos portões fortificados sob arcadas por onde os habitantes entram e saem. Dentro de seus muros estão as casas estreitamente unidas, baixas e pitorescas, e numerosas</p>
--	--	---	--	--

<p>enfeitados com giestas, maias, que são consideradas particularmente eficazes contra o mau olhado das bruxas.” Pág. 38</p> <p>“Em Portugal a gente do campo é de tez morena e queimada; muitas vezes os homens à primeira vista parecem ladrões e se os encontrássemos no meio de uma estrada parece que não seria de estranhar vê-los brandir uma faca, com o sanguinário convite: “a bôlsa ou a vida!” Mas na verdade são criaturas pacíficas e amoráveis, ansiosas por se tornarem agradáveis, sempre que podem, pródigas de atenções para toda a gente.” Pág. 39</p> <p>“Amoráveis como são uns para com os outros os portugueses, acariciando e animando seus filhos, para os pobres animais são por vezes de uma crueldade que não condiz com o seu carácter. Por ignorância o fazem, bem se sabe, e pouca gente lhe faz ver como os animais são dignos de que êles se tenha caridade.” Pág. 41</p> <p>“É um legado dos tempos idos, de quando o país estava ocupado pelos mouros. especialmente no sul o povo conservou grandes traços deles e os homens do campo mantem bem o seu tipo físico com aquela expressão impenetrável que tantas vezes se encontra entre os povos do oriente.” Pág. 44</p> <p>“Os portugueses teem muitos outros costumes orientais: por exemplo, se desejam que vos vades</p>	<p>bastante diferentes, se bem que ainda sejam um divertimento perigoso em que um movimento falso, um passo a mais ou a menos pode causar a morte de um homem.” Pág. 83</p>	<p>dançam e cantam as mais ternas e românticas canções.” Pág. 34</p> <p>“A cantiga popular portuguesa é bem conhecida, como acontece com todas as canções populares que são tradicionais; há leves diferenças nas versões em uso conforme as terras. A que damos é a que se canta no Pôrto; todos os que estão presentes devem bater as mãos nos três primeiros tempos de cada compasso.” Pág. 58</p> <p>“As romarias, ou peregrinações anuais, são uma grande instituição em Portugal. São consideradas, por um lado como um grande bem para a alma, por outro como um grande divertimento. Muitas vezes a romaria é para venerar alguma relíquia em qualquer monte solitário, outras vezes é a qualquer sítio onde uma cruz de pedra está a atestar algum milagre feito pelo santo que lá se venera.” Pág. 61</p>		<p>igrejas. As estreitas e sinuosas ruas estão cheias de crianças de olhos escuros, porcos magros, burros desgarrados, em quanto de todos os muros e balcões pendem flores em maciços de côres brilhantes. Nas outras praças a fortaleza protectora fica só sôbre o cume de um alto rochedo, em quanto as casas se aninham a seus pés, como por exemplo em Leiria.” Pág. 52-53</p> <p>“As herdades mais bem cultivadas de Portugal são as do norte, na fértil província do Minho.” Pág. 66</p> <p>“Também é cultivado em larga escala o linho, e nas províncias do norte as mulheres e as filhas dos lavradores passam as noites de inverno a fiar e a tecer o linho com que fazem os seus enxovais. Nas terras pantanosas, perto do mar, cresce o arroz e a cebola, que muitas vezes é vendida na Inglaterra como cebola espanhola, vindo na realidade de Portugal, das regiões ao norte do Pôrto.” Pág. 67</p> <p>“O coração e a alma do Pôrto estão sobretudo na beira-rio, junto do esverdeado Douro, que corre lentamente, angustiado entre altos penhascos de granito, onde se encontram casas brancas e amareladas de telhados avermelhados.</p>
--	---	---	--	---

<p>embora, fazem sinal com a mão, que poderia ser interpretado como de convite a que vos aproximásseis, e se querem que uma pessoa se aproxime, então o gesto parece que é de despedida; -ambos êstes gestos são inteiramente orientais.” Pág. 44-45</p> <p>“Os lavradores trabalham muito, particularmente no norte, onde são de uma raça muito mais formosa que no sul. Não só se apresentam mais belos e virís e teem um caracter mais resoluto, mas além disso são económicos e industriosos.” Pág. 56</p> <p>“As mulheres trabalham nos campos tão duramente como os homens ou talvez ainda mais; e muitas vezes vê-se uma mulher com grande carregio à cabeça e um homem indo ao lado dela ocioso e de mãos vazias. Até as crianças teem de se tornar úteis começando a trabalhar desde a mais terna idade.” Pág. 58</p> <p>“Apesar de trabalharem tanto os lavradores são miseravelmente pobres e o seu alimento não é muito abundante.” Pág. 60</p> <p>“Também comem azeitonas, arroz, azeite, hortaliças, e muito peixe salgado, <i>bacalhau</i> como lhe chamam. Tem um cheiro e um gosto muito forte, e antes de ser cozinhado, é duro como uma tábuia. não obstante, é muito nutritivo. Todos gostam muito do bacalhau, tanto assim que não é nada raro vêr gente a comê-lo cru posto que a nós</p>		<p>“Duas das romarias mais concorridas, e que atraem uma afluência enorme de devotos chegando a reunir trinta a trinta e cinco mil pessoas, são sem duvida alguma o “bom Jesus do Monte” e o “Bom Jesus de Bouças” ou “Senhor de Matozinhos”. O primeiro venera-se perto de Braga, o segundo em Matozinhos, pequena vila à beira mar, não muito longe do Pôrto.” Pág. 61</p> <p>“Constituem número obrigado em todas as procissões as crianças vestidas de anjos, levando pegadas aos ombros umas asitas brancas. Vi anjinhos tão pequenitos e tão cansados que os homens que os acompanham tinham de os levar ao colo d vez em quando, alguns quási adormecidos.” Pág. 64</p>		<p>O rio está sempre coalhado de barcos feitos de um só tronco de árvore e tripulados por mercadores; largos botes scintilantes de graciosas velas latinas, barcos estreitos e compridos com um bico à proa e outro à pôpa; grandes barcaças que se empregam em transportar pipas de vinho pelo rio abaixo; barcos de remos, barcos à vela-enfim, barcos de todo o feitio, tamanho, e côr.” Pág. 71-72</p> <p>“Os mercados do Pôrto são muito interessantes. o principal é o mercado do Anjo que fica logo a norte da bela igreja dos Clérigos, cuja alta torre se vê de todos os pontos da cidade. É um sítio pitoresco e de manhã cedo apresenta sempre um cenário bastante movimentado.” Pág. 74-75</p> <p>“Outra cidade que tem um lugar importante na história portuguesa é Coimbra. Velho e encantador lugar êste, edificado sôbre uma colina, correndo-lhe o rio Mondego aos pés e com a Universidade a coroar-lhe o cimo. Pelas suas ruas, escarpadas e estreitas, vêem-se aldeãos pitorescos e estudantes de compridas e negras capas do mesmo feitio das antigas <i>togas</i> usadas pelos romanos.” Pág. 76</p>
---	--	--	--	--

<p>nos não favia de parecer um apetitoso mimo muito tentador.” Pág. 60</p> <p>“Quanto mais rica é a lavradeira, mais ouro traz, chegando a usar três pares de brincos, se os tem, o que desperta sempre a inveja das vizinhas. É também um grande prazer para elas trazerem muitas saias. Quantas mais trazem mais importantes se consideram, porque isto mostra a sua riqueza e a ocasião da romaria é a que mais se presta para se exibirem. Chegam a vestir dezasseis e dezoito. E de mais a mais no tempo do calor!” Pág. 65</p>				<p>“Foi em Lisboa, onde há uma enorme praça de touros, um grande edifício circular num alto ao norte da cidade e com capacidade suficiente para 10.000 a 12.000 pessoas. Grande multidão se dirige para lá, uns de trem, outros a pé.” Pág. 84</p>
--	--	--	--	--

Apêndice 3: 1920- Terras de Alegria⁸⁵ (Alfredo Guimarães).

Como é o Português	Lugares
<p>“O camponês substitue na feira o caldo-verde do seu jantar das oito da manhã por um copo de vidro cheio de café com leite, acompanhado da respectiva páda.” Pág. 41</p> <p>“O pároco é o advogado da aldeia, e assim, aos que vendem ou compram terras ele consulta as cisas, na fazenda; aos que pagam contribuições, revista os cadernos ou apresenta a petição para desdobramento; aos que trazem demanda por águas ou processo por obra de caridade de varapau, informa-se dos elementos das partes, ouve o advogado, molha os dedos ao oficial de diligências e empenha-se com o juiz.” Pág. 46</p> <p>“o pão de ló, mergulhado ingenuamente nos copos e produzindo, a par como travo e porventura o enjôo, a miga perfumada e acida que o lavradôr por fim procura no fundo das vasilhas, aplicando-Ihe a destreza gulosa dos dedos grossos e greta-dos...” Pág. 71</p> <p>“Nesta região da Maia só o macho é vulgarmente o mesmo que no Minho. O mesmo terno o veste e os mesmos interesses o sacodem. A mulher, ao contrário, interessa-nos. Veja essas raparigas elasticas, de um negro fôgo remoto nos olhos e a boca ledenta, forte, a desfolharse-lhes de intensa carnasidade. Avançam, e algumas d'elas, a cada sôrvo sofrego do ar saturado de sole em que o matiz da luz se excede de delírio, vibram todas de uma sexualidade pagã e impetuosa, levando adiante, á medida que o pó arrestolha em duas ondas de cabeleira ardente, a anca tomada de ritmo e afan, as argolas espelhando a louçania das paisagens que lhes criaram a estética barbara, e os seios, que rompem em</p>	<p>“Aos sábados, ás seis horas da manhã – no inverno quási com de noite - já todas as estradas que se dirigem a Guimarães vêm cheias de gente campestre vestida de fresco para o mercado, de povo que vigia os seus gados, conduz os carros de bois com cereais, chouta á vergasta de oliveira os porquinhos negros do eido e carrega, ofegante, os grandes cestos de varas com as verduras orvalhadas da horta vergiliana.” Pág. 37</p> <p>“Em sendo oito horas a feira acampou. Ha sinos tocando por música em várias igrejas. Os carros de carreira vêm atravessando a chegados de Braga, das Taipas, de Famalicão, da Povia de Lanhoso, de Cabeceiras e Fafe. De todos os lados o cascalhar dos tamancos é contínuo e restruge. Atravessam os camponios, de pau dianteiro, fechando um olho ao cigarro e discutindo alto. Carros de bois tramalham nas calcetarias, com os seus jugos trabalhados como fávos de colmeia e corregidos de silvas, cruces, custodias e albarradas floridas.” Pág. 40</p> <p>“E adiante, quer nas lojitas alpendradas, quer sob as arvores, ao agasalho do sol, têmos o peixe, vindo em canastras da Povia de Varzim e de Espinho, pescada, congro, fanéca, rodovalho, taínha, ruivos, e as sardinhas, em multidão, que o camponio enfia aos quarteirões, pelos olhos, numa vergasta, para presigo de domingo.” Pág. 45</p> <p>“O último quarteirão do mercado de Guimarães, na ordem por que os temos vindo descrevendo, é o das hortaliças e das frutas de toda a especie, das "bolachas" enfarinhadas do pão e dos alguidares com ramos de flores para botoeira, dos garfos de arvore para plantio na lua e dos pucaros da louça negra de Barcelos. O largo do Tournal é o lugar de distinção em Guimarães, e nos dias de feira, com os seus estabelecimentos agitados por uma freguesia miuda e cantadôra, tem um aspecto de festa, formigado de povo, cheio de côr, largamente marcado de carácter minhoto.” Pág. 46</p> <p>“O milho é o Minho- sob o ponto de vista dos seus mais sólidos interesses a bem dizer, de uma ponta a outra; e a «feira do pão», do mesmo modo que um estabelecimento bancário em grande cidade, é o local onde as cotações dos gêneros correm voz, fixam preço e determinam o valôr das futuras e próximas operações agrícolas. Assim é que o homem que vende ou troca, uma vez chegado á cidade corre prestes a abancar no barbeiro, bebe o golo quente do café do almoço, compra dez reis de cigarros brejeiros e enfia em seguida a direito para o mercado do pão, pois ali encontrará, não só a ordem para a vida humilde dos seus interesses, como também, e não sem ganho de lição, pastio</p>

⁸⁵ Neste exemplar faltam páginas do primeiro capítulo. Começamos a análise a partir do segundo capítulo, na página 37.

tulipas sob o colete abraçado de legendas e símbolos, a modelarem a grosseria trigueira da camisa tecida das asperezas sobejas com que, ano atrás, a colheita enriqueceu o silêncio. Outras não há tão vibrantes e simultaneamente tão solidas. Acaso o cavalheiro vê, nestas criaturas a frescura da casa alvadia e feliz.” Pp. 84-85

“E entre todas elas, a mulher da Maia, de saia de castorina ou sirguilha arroxada pela facha, e quebradiça, flexível de rins, irrompe vendendo irrequieta e com as pontas do lenço numa multidão de vãos contrários, gritando em volta de cêsto, seguindo a cima a correr, voltando rindo, pesando, afirmando, transpirando, agradecendo- mineral do azul dos olhos felizes e acêos.” Pp. 93-94

“Pelos arruamentos menos concorridos abancam, ardidias da salmoira e do calôr, as mulheres que afeiram com os miudos salgados de porco, e estacam ao alto, nas forcalhas encebadas de carvalho, os palaios e os salchichões abadengos, de devinhadálhos.” Pág. 95
“Vêm as do vale também, as de Barcelos, que entrouram as saias e ganham mais terra que canceira; as da Maia, com seus chapelinhos de pena de pavão, muito vaidosas dos colaretes de renda subidos á barbela e encruzando o lenço de flocos sobre a gloria dos seios portuguêsmente opulentos; vêm as de Viana, com as suas *sirguilhas* alaranjadas, os brincos «á Rainha» bailando nas orelhas, e á cabeça os balaios de merendeiro pitorescamente emborlados; e vêm as de Braga, que descantam por uma província inteira ; e as do Porto, que riem ou choram, com alegria ou com ciúme, por todo um sexo...” Pp. 106-107

“...da aldea braguêsa, soberba figura no geral puxada a três côvados, com suas ombreiras quadradas, uns seios pesados e o ventre de tal modo ressaltado que urge

sobejo aos vícios da curiosidade e do estudo, pelo ganho ou perda entre negócios alheios.” Pp. 54-55

“O cavalheiro nunca se instalou, a banhos, pelo agosto, aqui para os lados do Porto, na Povoa de Varzim e Vila do Conde? Então não conhece as feiras das uvas brancas e dos figos de *lambe-los-dedos*, do melão rentinho e dos pecêgos de "Santa Suzana", nunca devorou a melancia estufada e as pêras de «Dona Joaquina», as ameixas doiradas e as amôras pretas dos silvados floridos– não conhece, pelo solstício estoirado, as segundas-feiras vilacondenses?” Pág. 79

“Ora homens, mulheres e coisas da antiga Maia, dificilmente hoje se encontram discriminadas. Temos, por exemplo, os jugos; quem destaca, sem especial preparo, os jugos da Maia ardente, de uma exterioridade toda bucólica e alacre, dos jugos arcaicos, de uma feição íntima e religiosa, d'esse sempre verde e amavel Minho?” Pág. 83

“A grande romaria do S. Torquato é o espetáculo público minhoto onde a canção aparece não só em largo número e quasi sempre no primeiro prazer da novidade, como também com todas as características da zona campestre em que nasceu. Há a canção dos vales, a canção do mar e a canção das serras.” Pág. 111

“Nos dançares minhotos o seu mais divino. dom é o ritmo - puro valôr de instinto e herança tradicionalmente despertada ao abrir de cada vida, quando a nossa alma faz, a par como nosso coração, os primeiros impulsos de se exaltarem.” Pág. 124

“Seduzida por uma burguesa e banal teoria do que usa chamar-se progresso, Braga, não contente ainda com a tarefa escura de ter reduzido o número dos seus monumentos de valor histórico e artístico, trabalhou também, e pedantemente, na derrota inexplicavel daquilo que, sendo de justo merecimento na produção local de um alto carácter, deixou após si a cidade tão banal e fria que vai a tornar-se impossível determinar-lhe a situação regional.” Pág. 141

“Mas se porventura alguém julga que a matéria que constitue este trabalho participa, acaso, quer de pouca razão, quer de alguma e oculta má vontade do autôr, ponhamos então em destaque, para vivo esclarecimento dos factos, o paralelo que existe entre duas cidades que política e parece que socialmente se digladiam. São estas Coimbra e Braga. Ambas pretendem, mostrando uma documentação derivada quasi que exclusivamente da sua importância económica, provar que lhes é justo o título de terceira capital do paiz. Sómente, enquanto Coimbra adquire dia a dia, pela sua criteriosa orientação e se os serviços de uma elite de artistas que lhe dedicou, as vantagens de estar sendo considerada, e com justiça, a *cidade-escola* do paiz, Braga, muito pelo contrário, está perdendo todas as vantagens de triunfo em tal pleito, em virtude precisamente de um plano director e de uma falange de indivíduos com competência para a dirigirem. Vêmos que todas as manifestações de progresso e comodidade, tudo emfim quanto em Braga representa luxo e conforto, igualmente Coimbra o prova sem que dê ao caso comum maior importância do que aquela que merece. Em ambas as cidades vêmos a mesma instalação de luz, os mesmos serviços de via eléctrica, o mesmo

<p>encher-lhe as saias a vento, como a um balão, para que se julgue presumivelmente possível algum equilíbrio na resoluta mulher. É em geral vermelhaça, de sorriso agradável, e paciente, miuda de interesses, incapaz de desfalecimentos. E sendo o camponio de costume um simples desfrutador do mercado, dá-se que essa mulher de fortes mãos sapudas e sempre réfranando por entre os seus cuidados os nomes religiosos do seu sentir, é quem quasi exclusivamente move, de uma a outra ponte do arraial de negócios, as mil e uma parcelas da sua alegre exposição.” Pp. 154-155</p>	<p>conforto nos hotéis, o mesmo serviço de aguas, e é ainda igual a instalação, senão melhor Coimbra, dos seus serviços oficiais. Posto isto, notemos agora a diferença que evidentemente se está dando no restante da vida entre as duas cidades.” P. 149-150</p> <p>“Emquanto que uma (Coimbra) higieniza e restaura criteriosamente os seus bairros, conservando neles a nota de côr indispensável ao conjuncto característico da cidade, a outra (Braga) lança-os por terra, ao livre impulso de cada uma veriação e sem, sequer, o iquilibrio de um plano geral de obras que, quer com boa, quer com má orientação, diga todavia qual o rumo e o caracter que pretende dar-se á cidade.” Pág. 151</p> <p>“Acresce á fatalidade de Braga, na redução do número dos seus monumentos, aquela outra, verdadeiramente lamentável, da redução do maior número das suas indústrias tradicionais.” Pág. 152</p>
--	--

Apêndice 4: 1924-Por Amor de Portugal (Ferreira da Rosa).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à política da época	Lugares
<p>“O povo português é bom. Os seus governantes são benévolos. Forças colocadas entre o Povo e o Governo é que parecem discordantes da Ordem e do Amor. Daí desgostos que vibram e se propagam.” Pág. 40</p> <p>“Mais mulheres do que homens nos campos de lavoura!” Pág. 63</p> <p>“O falar alto, desrespeitosamente, está inveterado nos baixos costumes. O povo é bom; falta-lhe só disciplina. As autoridades mostraram-se-lhe indiferentes, e a imprensa diaria ensina-lhe a... não ter papas na língua.” Pág. 103</p> <p>“São admiráveis estas mulheres do Norte.</p>	<p>“Quem ama Portugal fica descontente vendo aquela beira-rio há tantos anos, assim, feia e mal frequentada; porque - é certo - o aspecto dos frequentadores calca-se muito no ambiente; se este é sujo, ninguém se limpa; e pensamentos, palavras, acções e indumentaria, tudo se harmoniza com a fealdade. Felizmente, pensa-se nisso. É preciso beneficiar a Cidade com os dois melhoramentos: supressão dos carros de bois e saneamento da</p>	<p>“A igreja de Santa Maria ou Mosteiro dos Jeronimos é uma sedução irresistível. Cada vez que chego a Lisboa para lá corro na primeira oportunidade. Estrofe d'<i>Os Lusíadas</i> vejo-a á beira do rio, marcando a enseada do Restêlo de onde partio Vasco da Gama para os descobrimentos. Velha igreja! Entretanto, contemporânea do jovem Brasil. Os invernos têm-lhe erosado de sulcos sombrios a face arquitetônica, ao passo que o Brasil se renova em primaveras!” Pág. 26</p> <p>“...visto algo de hediondo na Bahia; os "mucambos", no Recife, equivalem ás "favelas" do Rio; mas tudo isso tende a desaparecer ao sopro da vontade dos brasileiros, e da</p>	<p>“Com o Dr. Magalhães Lima visitei o Ex. Dr. Antonio José de Almeida, Presidente Democratico da Nação Portuguesa. Ao fervoroso patriota declarei-me portador de ternas saudações do Sr. General Alexandre Leal, militar distintissimo, hoje Chefe do Departamento da Guerra, e que fôra de S. Ex^a. oficial ás ordens aí, no Rio. Também lhe apresentei, em carta afectuosa, cumprimentos do Sr. Carvalho Neves, republicano da propaganda, adido comercial á Legação de Portugal no</p>	<p>“Embarquei no <i>Curvello</i> - Comandante, Reis Junior, do Lloyd Brasileiro, a 7 do corrente. Navio rijo, comando integro, tripulação escolhida, mesa optima. Depois de escalas pela Bahia que já conheço e achei muito melhorada, e Recife que não conhecia e achei linda, proando a N. E., seguiu o transatlantico a listrar de espuma branca um mar de seda azul. Em pouco, era o <i>Curvello</i> centro geometrico de um circulo de dez milhas de raio. Nem mais terra, nem um barco ao longe! un Cordialidade a bordo. Mesa farta. Ceo azul.” Pp. 9-10</p> <p>“Depois de percorridas 4.375 milhas o <i>Curvello</i> fundeou ha cinco dias no amplo ádito do Téjo -como chamava Herculano ao ancoradouro de Lisboa. Assisti, atento, á passagem da foz que é singularmente garrida.” Pág. 22</p> <p>“A saída da Alfandega - de cujos funcionários, pessoalmente, me não queixo: Cumprem a Lei, e cumprem-na delicadamente - encontrei um belo serviço: Para impedir abusos de carregadores e caroceiros a Polícia regula, a Escudo e meio por volume, o transporte de toda a bagagem, dali para qualquer ponto da Cidade. Muito bem! É a autoridade constituída defendendo o estrangeiro de ganancias que o podiam impressionar mal. Isto, á entrada da Cidade, é lindo como demonstração de Ordem. Mas que pedaço feio de terra abandonada ás espurcias e liberdades de gente não policiada é este que se atravessa ao saír da Alfandega! Parece incrível que tal se veja ás portas de uma repartição pública, e onde a polícia transita diariamente. Foi grande motivo de tristeza minha. Nem tento descrever-te o estado em que se encontra, desde o tempo da Monarquia, este atrio da Cidade de Lisboa.” Pág. 25</p> <p>“Conta Lisboa oitocentos e cincoenta mil habitantes espalhados por entre e por sobre as sete colinas que lhe ondulam o arcabouço geológico. Uma grande parte da Cidade é velharia cujo desaparecimento a Higiene e a Moral não se cansam de reclamar. Eu de bom grado as ajudaria nesse proposito, se elas precisassem de uma voz auxiliar; mas não precisam, que têm autoridade bastante, e hão de vencer.” Pág. 29</p> <p>“Ando muito de bonde que aqui é chamado "carro electrico". Os automóveis</p>

<p>Verdade é que as do Alemtejo e Algarve eu não conheço; mas as que tenho visto no Douro, em Trás-os-Montes e no Minho são dignas da maior admiração pelo denodo com que trabalham. Carregam á cabeça pesos enormes, guiam carros, lavam casas, tratam de escritórios, praticam todos os ofícios agrícolas, tripulam barcos, guardam vias ferreas, descarregam navios de carvão e de bacalhau, exercem comercio fixo e ambulante... Valentes e prolificas mulheres! Emigra a maioria dos homens, á ventura; elas permanecem, em maioria, fieis a Portugal, consortes de Portugal, dando a Portugal todas as suas energias, dotando-o, até, de novas gerações de trabalhadores que... abalam para França, para o Brasil, para a América do Norte!</p>	<p>Ribeira.” Pág. 112</p>	<p>prosperidade que os braços português e italiano, e o capital inglês, injectam continuamente na vida sul americana. Aqui Portugal conta só com os portugueses que ficam dos milhões que emigram.” Pág. 30</p> <p>“Fui ver a Bolsa da Praça do Comercio. É menor e parece mais ordeira que a do Rio de Janeiro; mas, assim mesmo, nada entendi das operações que se efectuaram ali, em público, bem á minha vista! Só os homens de negocios se compreendem naquela vertiginosa oferta e procura de títulos e valores.” Pág. 36</p> <p>“Creio, não obstante, poder afirmar que Lisboa não tem, como o Rio de Janeiro não tem, uma casa de diversões qual o Jardim "Passos Manuel", Porto. Ha ali de tudo: Para inverno e para verão; cinema ao ar livre e cinema fechado;</p>	<p>Brasil.” Pág. 39</p>	<p>ainda se não democratizaram: Quem é rico tem o seu; quem não o tem próprio só aluga um em caso de forte, muito forte necessidade. Nos carros elétricos não há diferentes logares para diferentes preços!” Pág. 31</p> <p>“Aqui, em Lisboa falta o bonde de 2ª classe, a preço reduzido. Misturam-se, então, muito, os que andam limpos e os que não andam limpos. Os educados guardam compostura e decência, respeitadores do próximo; os não educados falam alto, empurram, ageitam-se, sem maior consideração pelos vizinhos; não inticam: Exibem-se quaes são.” Pág. 32</p> <p>“Todos gostamos de parecer bem; nem sempre o permitem a ocasião e as posses: É quando procuramos um logar mais recatado. Esse logar é o carro de 2ª que em Portugal não existe, e bem conveniente seria. Nos <i>omnibus</i> sempre houve 1ª e 2ª classes, na América e na Europa, em todas as cidades por onde andei; excepto Lisboa!” Pág. 33</p> <p>“De Lisboa a Cintra apenas 25 minutos de automóvel; mas como este é muito caro, vim de comboio que é baratissimo, e comodo.” Pág. 46</p> <p>“Depois de percorrer pela terceira vez o Palácio, hoje Museu, em que tudo desperta curiosidade -móbilias, janelas, tectos, tapeçaria, pateos, claustros, aquarios, salas, doceis riquíssimos e retratos de grandes antepassados - andei respirando os perfumes da floresta; e fui, depois, recordar-me do nosso mar de Copacabana, avançando até as praias espumantes e marulhosas das Mações da Ericeira.” Pág. 47</p> <p>“Leiria está a cento e poucos kilometros de Lisboa, e ainda na Província da Extremadura. Fiz a viagem das 8 e 30 ás 13. Encontrei a feira já em debandada: Que pena! A Feira de Domingo é concorridíssima. Predominam mulheres a vender e a comprar. São tipos já bem diferentes das populares que se vêem em Lisboa. De "pé descalço e perna á vela", uma facha apertando e suspendendo as saias nos quadris, e chapeo: Um chapeosinho redondo, quasi "bolero", com uma pluminha preta colada na copa. O chapeo não dispensa o lenço; parece, mesmo, destinado a segurá-lo na cabeça – caído em tres pontas, até pescoço e ombros. Emoldurados pelo chapeosinho preto e o lenço de várias côres ha rostos bregeiros e fortes de mocidade, e rostos que o tempo amoleceu mas não descorou. Também por entre estas mulheres que vendem hortaliça e coelhos, louça e pedra calcárea, panos e ferragens, fruta e bacorinhos, galinaceos e peixe, também por entre elas</p>
---	---------------------------	---	-------------------------	---

<p>São heroínas. A sua actividade, porém, não chega para empreendimentos que se vejam. Tratam com denodo do pão de cada dia; é produtora a sua faina; mas é rotativa. Faltam os homens que revolvem a terra, inventam máquinas, realizam industrias e levantam cidades. Heroínas! Só lhes falta força para reter irmãos e os filhos estudando, trabalhando, produzindo em Portugal.” Pág. 193</p>		<p>sala de concertos e de exposições, sala de baile e de espectaculos; pequeninos chalés de jogos e brinquedos, serviço de chá e de sorvetes; bancos em profusão para o público se sentar e gozar os direitos que comprou com o seu bilhete de ingresso.” Pág. 95</p> <p>“Muita livraria no Porto! E pelas vitrinas encontro muita obra que não vae ao Rio de Janeiro.” Pág. 100</p> <p>“Pedras Salgadas! Bela região transmontana, onde ainda não vi o Nascente, mas já notei que o Poente é obra do mesmo artista que faz os mais afogueados poentes no ceo do Rio de Janeiro.” Pág. 128</p> <p>“A' Povia do Varzim chega-se de bonde. Ruas bem calçadas, boas casas; bastantes estabelecimentos comerciaes; e, entre outros, um café até luxuoso. Os veranistas que procuram os</p>		<p>andei á espera das más respostas, e só achei bondoso acolhimento. Dava-me, por isso, vontade de lhes comprar tudo, a todas. Uma, até, me pedia que lhe mercasse um jumentinho "que já estava criado". E era bonitinho o animal...” Pp. 50-51</p> <p>“Que bela Coimbra! Os comerciantes sem se queixarem mais da poeira a invadir-lhes os estabelecimentos; as escolas arrecadando todo o rapazio que se perde nas ruas a sujar o corpo e o espirito; e os acadêmicos passeando as suas capas, seus monoculos, suas pastas, seus bengalões, seus sorrisos, ufanos da Cidade em que a sua Universidade resplandece.” Pág. 90</p> <p>“Tomei em Coimbra o Rapido que faz em seis horas os 320 km. de Lisboa ao Porto. Repleto! O trajecto é lindo: Vinhedo, trigaes, milharaes, olivaeas, arrozaes, pinheirae... e até, “ais” das raparigas que vendem agua fresca nas estações, e suspiram por nada. Nem um metro quadrado de terra sem cultura. De Espinho a Granja vivendas muito graciosas embelezando a paisagem.” Pág. 92</p> <p>(Porto) “Encontro-a de ruas limpas. Impressionou-me bem o zelo municipal. Ainda há muito que fazer do ponto de vista da Higiene; mas que a vassoura cumpre aqui a sua obrigação parece fóra de dúvida. Ha obras novas acabadas, e obras novas em andamento; mesmo na propriedade particular grande é o progresso architectonico: Os edificios bancários são sumptuosos; e há residências de muito bom gosto. Grande movimento de bondes, em mais de quinze linhas diversas. (Aqui sente-se a mesma falta dos carros de segunda que já notei em Lisboa). Muito povo pelas ruas; muito comercio; os cafés frequentadissimos: Também há um "A' Brasileira", sempre cheio de apreciadores e conversadores. Quarenta centavos a chicara.” Pp. 92-93</p> <p>“Estava no meu programa ver a Festa de Matosinhos. Já há anos tentara, e não conseguira. Desde rapaz que ouvia, aí, no Rio, portugueses saudosos fazendo o elogio da Festa de Matosinhos. Antiga, bem antiga, era, pois, a minha curiosidade, que deliciosamente satisfiz. Informarei primeiro que Matosinhos é longe do Porto. O bonde gasta quasi uma hora para lá chegar. Fica a 2 kilometros da foz do Douro.” Pág. 97</p> <p>“Dizem-me que ha outro "dever sagrado", em Matosinhos: É namorar. Ali as conversas amorosas são preparatório obrigado de consórcios futuros. Isso o estranho não pode notar na multidão.” Pág. 100</p>
---	--	--	--	--

		<p>banhos de mar dão vida á Povia. A praia é imensa; - enseada amplíssima que já foi porto de importância, com estaleiro onde se construiu a nau <i>N. S. de Guadelupe</i>, mencionada na restauração de Pernambuco. Divide-se em duas partes: Sector dos banhistas, e sector dos pescadores, ambos muito extensos. O primeiro está convenientemente aparelhado: Bons prédios, jardins, cafés, bancada á sombra, no areal. O mar é iguaisinho ao de Copacabana: Um banho ali é como se fosse em espuma de champagne.” Pp. 201-202</p>		<p>“Estive no Mercado do Bolhão. É de agradável aspecto. Conheci o antigo de que este nem deixa a gente lembrar-se, infelizmente. Asseiado, espaçoso, bem dividido – áreas cobertas, áreas descobertas – e tudo, tudo, ali, á venda: Carnes, legumes, frutas e flores; peras, rainha claudia, figos... tentações... cerejas acabando; uvas principiando... seduções. Corri ao Anjo onde a abundancia é igual, mas o Mercado está muito velho. Precisa reformas, e urgentemente.” Pp. 105-106</p> <p>“Fui á Exposição de Rosas, no Palácio de Cristal. Quanta variedade de belezas! Quanto fino exemplar de rosas lindissimas! Quanto nome de expositores que devem estar justamente orgulhosos da sua floricultura! Uma feliz idéa esta de expôr as mais lindas especies de rosas cultivadas no Porto. E o fazem com tal gosto artístico, uma habilidade tal de realçar o conjunto, que nem um matiz escapa á observação do visitante.” Pág. 106</p> <p>“Passava pela frente do grande Hospital de Santo Antonio quando ouvi música e estouros pirotecnicos. Era na Escola Médica! O gradil embandeirado... ajuntamento de populares em redor com medo dos explosivos. Que diabrura seria aquela? A uma mulher, que ria com a mão na boca, a tapar falhas de dentes, perguntei. E ela respondeu-me, sacudindo os ombros, a rir: - São os estudantes. Abeirei-me mais do gradil. No pateo externo do edificio um alvoroço enorme de rapazes: Dançavam ao compasso de uma charanga, riam, acendiam bombinhas e foguetitos que atiravam para fóra; chamavam uns pelos outros. Eram, realmente, os estudantes, em alegria. Andava lá, entre êles, um de grandes barbas de estopa, turbante de toalha felpuda, e avental de linho branco amarrado na cintura por uma fita de seda amarela. Quem é? perguntei. – É Galeno, informou-me, espiritualmente, um dos jovens. Soube em seguida que se celebrava a «Passagem da Pasta» do 5.º para o 4.º ano. É um velho costume de moços. Divertem-se. Não os reprovoo. Contanto que no fim do ano lectivo não digam que o coração tem duas cavidades, nem confundam a posição das trompas de Fallope e de Eustaquio.” Pp. 109-110</p> <p>“A avenida que foi aberta e que se está construindo entre as praças da Liberdade e da Trindade é curta mas bem traçada e larga; promete grande beleza architectonica. Aqui as construções demoram. São de pedra... E não se faz o que aí a certos proprietarios se permitio que fizessem na nossa principal avenida: Cousas que antes de dez anos foi preciso desmanchar para renovar com solidez.” Pág. 110</p>
--	--	---	--	--

				<p>“Começam a desagradar-me os carros de bois nesta cidade aliás bem servida de automóveis. O Porto já não é para aquela espécie de veículos, depois de conhecer o automóvel que vence todas as dificuldades, não suja as ruas, nem dá o espetáculo que dão bois sem trato, nem limpeza.” Pp. 110-111</p> <p>“Numa praça fronteira ao Edifício da Bolsa ergue-se a estátua do Infante D. Henrique. É uma arrojada concepção artística de Thomaz Costa. Diz-se que está em atitude de apontar o mar tenebroso. Eu acho, porém, que o Infante, no alto pedestal, está em atitude de intimar a Ribeira a mudar de aspecto: «Ou limpa-se, ou sae da minha visinhança!» parece ser a expressão.” Pág. 115</p> <p>“Ir ao Bom Jesus é obrigatório. Só D. Pedro II veio a Braga, e não subiu ao Monte, porque o desviou de lá o <i>cicerone</i> que teve - Dr. José Joaquim Pereira Caldas, erudito Professor, decano do Liceu Central. A esse respeito fui mais feliz que o Imperador do Brasil, pois ninguém me dissuadiu do propósito em que estava de ver o Santuário. É imponente o Bom Jesus, pela antiguidade, pela tradição, pela arquitectura do Escadorio e do Templo.” Pág. 172</p> <p>“Subi os 308 degraus, em espiral, de pedra e ferro. Lá de cima goza-se vista em círculo de 18 kilometros de raio. A luz, visível a 25 milhas, é branca e lampeja de 15 em 15 segundos. Seis faroleiros se alternam na vigilância. Quando o nevoeiro é intenso, funciona uma tonitruante busina com a mesma intermitencia da luz. Muito me agradou este espetáculo do alto do Farol. Aveiro é uma linda planície, e um largo arsenal de actividades. A indústria salineira, que eu ainda não tinha tido ocasião de ver aí, em Cabo Frio, vim admirar agora, aqui, prospera, em mais de quinhentas «caldeiras» das marinhas. As companhas de pescadores que vão ao mar alto, os barcos mercateis, que compram o pescado e o revendem aos comissários que o distribuem pela sua freguezia, dão vida intensa á rede de canaes, e ocupam muita gente forte, sadia e feliz.” Pp. 222-223</p> <p>“Passei o dia satisfeito com o que vi, com as pessoas de quem me aproximei, e... com os deliciosíssimos ovos moles que na linda Confeitaria Mourão comprei para dar a muitos amigos, mas... parece-me que não chegarão a seu destino: Um a um vejo que vão desaparecendo no abismo da minha super excitada e irreverente gulodice !” Pág. 223</p>
--	--	--	--	---

Apêndice 5: 1931- Portugal que eu vi (Lemos Britto).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à Carmona/Salazar	Lugares	Relação entre os países
<p>“O mais interessante nesse genero de actividade são a pericia, a rapidez, podiamos dizer- a instantaniedade com que as praieiras do logar, algumas dellas jovens e bellas como os amores, standardisam o pescado, separando-o por tamanhos e typos, e lhe ortam as cabeças, e o preparam para a immersão na massa rubra dos tomates ou no liquido doirado das olivas.” Pág. 36-7</p> <p>“O brasileiro que, como nós, percorre esse paiz, admira-se da participação que a mulher tem ahí nos trabalhos mais rudes, aqui exclusivos da força e da agilidade masculinas. Vi mulheres trabalhando no serviço de descarga de bagagens em Leixões, como no de estiva de carvão no caes de Lisboa. Vi-as nos campos vergadas ao peso dos tóros de madeira ou dos feixes de azinha que á noite</p>	<p>“Voltado a bordo, levava commigo a convicção de que se outra virtude não tivera a dictadura ao menos uma se lhe havia de reconhecer e festejar: a de haver mantido imperturbavelment e a ordem e assegurado ao paiz a tranquillidade indispensavel ao trabalho.” Pág. 21</p> <p>“Portugal, eu o vi, então, de relance, e mais tarde atravez de pertinaz observação, era, ao em vez disso, um paiz vivo e em marcha, com todas as qualidades requeridas para</p>	<p>“ Eu como todos os brasileiros de minha geração, reputára Portugal o herdeiro glorioso de tradições que o tempo não apaga, mas cujos hombros milenares vergavam ao peso da armadura em que os seculos haviam insculpido a historia dos mais altos feitos, armadura experimentada pelo ferro implacavel dos romanos como pelas cimitarras arabes, pelas garras das aguias napoleonicas como pelas zagaias africanas. Tinha-o como o paiz apaixonado e romantico, que havia trocado a lança e o escudo de suas façanhas medievaes pela guitarra melancolica, e cujas massas campezinaz se haviam ankylosado no interminavel revolver de uma terra exausta de seculos, sobre a qual passavam, soturnos como gemidos de angustia, o canto dos arados e os mugidos dos bois resignados e tristonhos.” Pág. 22</p> <p>“Pude então gosar o espetaculo de Lisboa ao anoitecer, envolvendo-se no seu manto de luzes, e recordei a</p>	<p>“Visitei o general Carmona logo ao saltar do meu comboio, vindo do Porto, e s. ex. não me fez esperar mais que um instante, o que, aliás, não o impediu de desculpar-se pela demora, uns cinco minutos preciosos que eu consumira em observar as telas que ornam a sala dos passos perdidos do antigo palacio da Monarchia, agora a serviço do governo militar do paiz. Physicamente, o Dictador é um homem de boa</p>	<p>“Minha estadia em Lisboa durou apenas o tempo em que permaneceu em seu porto nosso navio. Uma cidade como aquella, vasta , original, fertil em tradiccões, com aspectos curiosissimos, e um immenso canteiro de lendas e de episodios historicos, florindo a nossos olhos, nãoopóde ser vista e observada num punhado de horas.”Pág. 16</p> <p>“Vêr Lisboa é uma cousa muito differente de comprehendel-a. As cidades têm sua alma, e a alma de Lisboa é das mais complexas, porque nella sedimentaramos habitos e costumes de muitos povos e de muito seculos. Cidade antiquissima, colocada á foz de um rio internacional, quasi na extrema occidental</p>	<p>“Vi Santo Thyrso num desses dias rumorosos, depois de visitar sua fabrica de tecidos, na qual era interessada a illustre familia Prado, fabrica que dá trabalho a parte da população válida da localidade. Portugal explora a industria da tecelagem de algodão, mas essa industria é ali precaria porque depende de materia prima estrangeira, que adquire nos Estados Unidos e apenas uma parte insignificante no Brasil.” Pág. 38</p> <p>“O que em todo Portugal contrasta com o meio ambiente são os chamados “chalets” dos</p>

<p>devem defendel-as contra o frio quando o inverno põe o thermometro abaixo de cinco grãos. Vi-as derribar altos lenhos a golpes de machado. São ellas que cuidam do gado nos campos e das lavouras. Nossa extranhesa attenou-se, entretanto, deante da evidente falta de homens cuja massa principal as cidades absorvem... Emfim, Portugal luta com um problema formidavel, mas a dedicação dos que partem para longe tem supprido de certo modo o <i>defcit</i> aberto pela emigração.” Pág. 55-56</p> <p>“Segundo o professor Zaborousky, ha em Portugal homens louros, de olhos verdes ou zues, que são seguramente descendentes dos Suevos. Os judeus deixaram signaes evidentes de seu cruzamento, e a elles corresponde o typo semitico da raça portugêsa. Os mouros de origem egyptica e bérbere, estes deixaram tão accentuado seu sangue em Portugal que ainda hoje se veem nas provincias do sul mulheres morenas, esbeltas, de olhos e</p>	<p>manter o seu lugar ao sol da civilização occidental.” Pág. 22-23</p> <p>“Paiz de seis milhões de habitantes, podendo alimentar fartamente doze milhões, é a falta de braços que o atormenta e tem retardado seu desenvolvimento.” Pág. 54-55</p> <p>“Portugal é um povo de pescadores e de agricultores, e ver-se-á que só por milagre de energia elle tem logrado manter a sua potencia entre as nações e progredir.” Pág. 55</p> <p>“Em Portugal come-se muito bem em toda parte, mas é loucura</p>	<p>Bahia, minha terra natal, com as suas colinas em amphitheatro, seu casario irregular, suas torres esguias e seus pharóes.” Pág. 23</p> <p>“Daqueles sitios um para sempre me ficou na retina. Foi Santo Thyrso, de cuja região nos vem o conhecido vinho de seu nome. Villa alegre e movimentada nos dias de feiras, que ali se realisam á maneira das do interior brasileiro.” Pág. 37</p> <p>“Mas a terra é inexgotavel, e de que ella é inexgotavel a melhor prova é Portugal, que a explora ha mais de dois mil annos e a vê renovar com a mesma força cada estação suas lavouras. Nós, brasileiros, que falamos a meude nas terras cançadas de São Paulo para os nossos cafezaes, herdamos do indio esse costume, porque o indio após algumas plantações e colheitas de milho levantava com as tabas e ia acampar noutro sitio ainda virgem, onde a fartura seria maravilhosa.” Pág. 57</p> <p>“Entretanto, se os vinhos constituem a base da economia lusitana, como o café o é da brasileira, não quer isto dizer que Portugal se limite a fazer vinhos e exportal-los. Outros</p>	<p>estatura, mais alto que baixo, magro, musculoso, agil, movendo-se com certo nervosismo, com uma fronte ampla e um olhar afiado e penetrante que se crava no interlocutor e parece varar-lhe o mais recondito pensamento. Leve sorriso adoça-lhe a physionomia sympathica, serena, mas, dura. Veste com elegancia os fatos paysanos, mais parecendo então um diplomata que um soldado: com o seu fardão de general é de um garbo notavel, não perdendo por um instante as attitudes que marcam os verdadeiros</p>	<p>da Europa, com a Africa ali adeante e passando á sua porta quasi todos as rotas da navegação atlantica, Lisboa vem desse passado que se perde em sombras de mysterio, mas por isso mesmo se torna mais interessante e curiosa ao nosso olhar.” Pág. 17</p> <p>“De Lisboa a Leixões sucedem-se os pharóes, e bom é que elles abundem nessa região porque aquellas costas são das mais temiveis, mormente pelo inverno, quando os nevoeiros se tornam, por vezes, tão expessos que nem mesmo os seus relampagos podem ser vislumbrados.” Pág. 24</p> <p>“Leixões é um pequeno porto que não basta ás necessidades do norte, e recorde que nosso navio, transpondo a estreita garganta da entrada ao peso de um vergalhão por um tris não albarroou com um cargueiro francês, que se</p>	<p><i>brasileiros</i>. Brasileiros, ali, são os portugueses que enriqueceram no Brasil e, regressando á patria com o proposito de nella se fixarem de novo, constróem nas velhas aldeias de onde haviam emigrado confortaveis moradias á moda do Rio de Janeiro, iso é, <i>bungalows</i> multicores, que absolutamente não se enquadram na paisagem e gritam na moldura singela das povoações nataes. Pág. 40</p> <p>“O Brasil, pois, continúa a exercer na alma dos campezinso portugueses mesmo magnetismo a que se referia Oliveira Martins, a mesma attracção irresistivel. Ha aldeias quasi sem jovens em Portugal, porque quasi todos os que lá havia</p>
--	--	--	---	--	---

<p>cabellos negros, e homens cuja physionomia accusa uma ancestralidade norte-africana. Outras raças influíram ainda na formação ethnica de Portugal ahi penetrando, se bem em pequena escala, após as conquistas da Africa, da India e do Brasi, onde o português contrahia relações com mulheres indigenas, varios typos mestiçados.” Pág. 64</p> <p>“Eu tinha tido uma impressão singular da trsitesa das mulheres nalgumas praias de Portugal, quando visitei, num domingo de festa, não me lembro bem se a Foz ou espinho, vendo-as, tantas, de vestidos pesados, negros ou verde garrafa, que lhes caíam até os pés como tunicas de eremitas, com um lenço escuro envolvendo-lhes as cabeças e a parte do rosto, a irem e virem, silenciosamente, quasi diria- tragicamente, pelas ruas, numa lenta procissão, lenta, monotona e sombria.” Pág. 65-66</p> <p>“Já não são assim as lavadeiras do Mondego, que, batendo as</p>	<p>procurar a boa e saudavel mesa portuguesa nos grandes hotéis e nos restaurantes de luxo. Ali se encontram lastimavelmente as comidas estrangeiras; os cardapios são afrancesados a rigor, o que importa numa decepção.” Pág. 137</p> <p>“A visita a estes coches leva o espirito naturalmente a pensar no problema das estradas de rodagem do paiz. Ir de Lisboa a Roma num coche, por aquelles caminhos pedregosos, devia ser sacrificio digno de um embaixador extraordinario.” Pág. 200</p>	<p>productos da terra reforçam a riqueza vinicola, e são principalmente o azeite de oliveira, o trigo, os cereaes, as batatas, os figos, as castanhas, as azeitonas, as cortiças. Angola produz bom café, que a metropole consome.” Pág. 62</p> <p>“O valle do Lima aperta-se entre montanhas que po vezes attingem notaveis altitudes, como na serra de Paneda, que sobe a 1.446 metros, e dentro da propria cidade ergue-se o monte de Santa Luzia, com perto de 700 metros. Esse monte, em cujo cimo está o bello hotel sanatorio que lhe guarda o nome, offerece um aspecto verdadeiramente tropical, e suas estradas de acesso, ingremes e contorcidas em curvas bruscas, desdobram-se entre arvores altas e corpulentas, entremeiadas de vegetação luxuriante, dando-nos a impressão de trêchos da Tijuca ou do Sylvestre, no Rio de Janeiro.” Pág. 92-93</p> <p>“Vem depois a <i>pisa</i>. É o processo primitivo do esmagamento pelospés, tão de uso outr’ora para o preparo da massa de trigo destinada ao fabrico dos pães, e que ainda é usado na Bahia para o polimento do cacau.</p>	<p>militares.” Pág. 143</p> <p>“O general mostra-se tranquilo: o povo brasileiro, que apesar de todas as mesclas, mantem vivas as qualidades características da raça lusiada, ha de absorver esses elementos e fundil-os, sem perder a sua autonomia racial. Alludo, então, á corrente nipponica que se orienta para o sul do Brasil. Na Europa o amarello é sempre visto com máos olhos. Pergunta-me que vantagens advirão dessa colonisação. Respondo que o japonês é</p>	<p>encontrava ancorado no seu remanso. O governo português, entretanto, está procurando resolver o problema com o porto da Foz, onde desagua o rio Douro, que é a rota pela qual descem os productos de duas provincias que elle corta.” Pág. 27</p> <p>“Quando, tendo atravessado as ruas estreitas e a meude quebradas em angulos rectos ou contorcidas em curvas violentas das povoações que cercam o Porto do lado do mar, chegámos á cidade, a primeira cousa que se nos mostrou foram alguns predios cujas paredes haviam sido arrebetadas pela artilharia e pela infantaria na ultima revolução.” Pág. 28</p> <p>“No norte é principalmente a industria de vinhos licorosos, de reputação mundial, o que lhe assegura a prosperidade. Quem atravessa a região detem-se</p>	<p>emigraram. Para onde? Guerra Junqueiro diria: para o fim do mundo. Não é bem assim; ao menos hoje, quando do Tejo ao Rio de Janeiro ou Buenos Aires, ou Nova York, não se gastam mais de dez a quinze dias. À sombra das figueiras ou dos carvalhos patriarchaes veem-se, ao entardecer, raparigas e matronas que scismam: seus maridos, seus filhos, seus noivos, foram á grande aventura da emigração. E ellas esperam a carta do Brasil que as ha de chamar, o cheque do banco que lhes felicitará a partida para junto dos seus. Irão? Eis o terrivel enigma. Porque a sorte não é igual para todos, e se uns vivem outros morrem, se uns enriquecem outros vão</p>
--	---	---	---	---	--

<p>peças do vestuário nas pedras lisas do rio, cantam e riem, riem e cantam de sol a sol! Não são assim as lindas mulheres da Beira, risonhas e joviais nas suas vestes claras! Não são assim as formosas mulheres do Minho, com as suas saias bordadas em côres vivas, os seis boléros vestidos sobre camisas brancas de neve, com os seus lenços vermelhos ajeitando-lhes graciosamente os cabelos, com arrecadas da Rainha pendentes dos lobulos das orelhas, e a brincar-lhes nos collos morenos os corações de filigrana de ouro.” Pág. 67-68</p> <p>“Viajar é observar. Atravessando a terra portuguesa em varias direcções observa-se que o caracter de seus povos não é sempre o mesmo; apenas a hospitalidade é ali uma característica peculiar a toda a raça. Mas antes de falar do povo, paremos por um instante a observar as mulheres do povo, em Portugal, porque as mulheres da sociedade, estas afinam todas, como as dos outros paises, mais ou menos, por um</p>	<p>“O automovel veio redimir as estradas europeas, e Portugal não ficou esquecido. Mas o abandono de tantos annos não pode ser remediado da noite para o dia. Abrindo-se a carta das grandes estradas da Europa, <i>Map of the main roads</i>, verifica-se que Portugal é um dos paizes menos dotados de estradas internacionaes, apresentando a linha tronco Lisboa Trujillo, com 540 kilometros e as linhas secundarias Lisboa-Evora-Estremoz-Badajoz, Lisboa, Santarem-Leiria-Coimbra-Aveiro-Porto-Valença, e a de Coimbra-Aveiro-Porto-Valença, e a de Coimbra-Vizeu-</p>	<p>Processo antihigienico e atrazado, pois hoje ha machinas aperfeiçoadas que substituem a pisa com vantagem, sem qualquer prejuizo para o rendimento e para a qualidade dos vinhos.” Pág. 102</p> <p>“O que se está verificando no Brasil é a crescente expansão da viticultura, principalmente no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Neste ultimo estado sei que já se produz um vinho semelhante ao do Porto, e que essa cultura de vinhas privilegiadas do alto Douro foi ali introduzida por um padre português expulso do paiz ao alvorecer da republica, o qual, encontrando terras de constituição e altitude identicas ás daquela região, ensaiou a exploração, logrando resultados que conduziram a uma crescente expansão. Não é a fraude que tem feito diminuir a importação dos vinhos do Porto no Brasil, mas a invasão crescente dos vinhos franceses, italianos e mesmo hespanhoes, tendo Portugal se deixado bater dentro de seus mercados, quiçá pela falta de coragem para empregar os mesmos processos de propaganda dos outros processos que custam dinheiro, realmente, mas que dão largas compensações. Pp. 103-104</p>	<p>trabalhador e sobrio, que se afeiçôa ao meio ambiente e que se encaminha systematicamente para a agricultura, que é onde reside a incognita de nosso futuro.” Pag 149</p> <p>“A proposito, indaga de mim o que pensamos do imigrante português. É uma interrogativa que abarca uma immensidade. Retruco sem vacilar que os portugueses são aqui bem recebidos, estimados e honrados, e que se alguns fracassam não é por culpa nossa, nem da colonia já integrada no paiz, é porque, de um</p>	<p>muita vez nas quintas floridas para tomar um copo de bom vinho da estação, pelo qual paga uma nonada, na moeda do paiz.” Pág. 56</p> <p>“O Porto não é uma cidade rica em monumentos, pelo contrario raras cidades da Europa são tão pobres na materia.” Pág. 87</p> <p>“A parte baixa, que se estende á margem do rio, (e ali nasceu Portugal) foi a que menos se adaptou á feição das cidades modernas. Lá estão os depositos, as fabricas, os caes onde se abrigam centenas de barcos e pequenos vapores. Na parte alta, porem, veem-se boas avenidas, praças imponentes, ruas largas e bem cuidadas.” Pág. 87-88</p> <p>“Vianna do Castello é a cidade mais hospitaleira do mundo.” Pág. 91</p> <p>“O movimentos estudantil é</p>	<p>bater os trilhos da Light ou ser garis da limpeza publica, e não podem juntar o necessario para mandar vir a familia ou para adquirir sequer a passagem de retorno.” Pág. 44-45</p> <p>“Aquelle espetaculo quotidiano, do amontoamento dos que pretendem emigrar, pelas antesalas e escadarias do Consulado brasileiro no Porto, está perfeitamente descripto; eu o vi e compreendo o porque da intima revolta do autor diante das levas de seu povo, a que chama lastimosamente “o rebanho dos emigrantes”. Queixavam-se-me ali das exigencias do Consulado.” Pág. 50</p> <p>“Manoel conhecia</p>
--	---	---	---	--	---

<p>mesmo diapasão, e , melhor ou pior, vestem pelo figurino de Lisboa, que é, afinal, o figurino de Paris. Assim as mercadoras de fructas no Porto usam saias escuras, arrepanhadas na cintura, bolero sobre o corpête branco, tamancos e chapêu, que ora é de abas largas, com um lenço a cair graciosamente, ora em forma de barrete collado á cabeça. Já as mercadoras de peixe, as interessantes varinas, tanto no Porto quanto Lisboa, andam descaças, e trazendo um lenço negro á cabeça deixam cair sobre a saia um avental colorido. As mulheres do Minho, notadamente em Villa Nova de Famalicão, usam ao pescoço grossas correntes e objectos de ouro, longos brincos nas orelhas, e cabellos caídos aos hombros, á direita entrançados, e á esquerda em derramada madeixa... Das mulheres mais graciosas destacam-se as de Santo Thyrsó, que fica nas proximidades do Porto, e que, envolvendo o pescoço num daquelles lenços bordados tão de uso na região minhota, deixam cair um outro,</p>	<p>Villa-Real até Bragança.” Pág. 202</p> <p>“todo Portugal é um alfobre de crenças, de lendas, de reminiscencias, de superstições.” Pág. 226</p> <p>“essa lingua opulenta e orchestral que foi o melhor quinhão do patrimonio da raça herdado por nós de nosso maiores.” Pág. 231</p> <p>“Os diarios de maior tiragem e de maior influencia são o <i>Diario de Noticias</i> e <i>O Seculo</i>. Leves, bem escriptos, copiosamente informados, esses dous matutinos são os principaes dynamos da civilisação</p>	<p>“As estradas de ferro portuguezas são boas e se aproximam de 4.000 kilometros de extensão, o que dá ao paiz um coefficiente muito mais elevado de kilometragem ferroviaria que o do Brasil.Suas estradas de rodagem cortam-lhe o territorio em todas as direcções, e se bem em 1928 estivessem em pessimo estado de conservação, hoje se acham muito melhoradas, porque o governo consagrou a sua restauração cerca de cem mil contos de réis. Por sua vez a navegação de grande curso tomou novo impulso, quer para o Brasil, quer para a Africa. A crise comercial foi, em 1924, terrivel em Lisboa, quando as fallencias attingiam a numero surpreendente. Tudo, porém, parece normalisado.” Pág. 142</p> <p>“No que entende com os caminhos de ferro dispõe Portugal de perto de 4.000 kilometros de estradas. Para seu territorio é um bom coefficiente, incomparavelmente mais elevado que o nosso.” Pág. 204</p> <p>“Nos grandes hoteis, nos theatros, nas festas da elite, como no ir e vir do Chiado, que lembra a nossa antiga rua do Ouvidor presidindo a feira de</p>	<p>lado, nem todos podem ser igualmente venturosos, de outro, a quasi totalidade dos que chegam de portugal preferem hoje permanecer nas cidades onde a luta pela vida já é bastante violenta. Discôrro, então, sobre as necessidades do Brasil e abordo as queixas de que muitos immigrants curtem fome em nosso paiz. Isto não é verdade. Nunca vi um portuguez morrendo á fome em minha patria.” Pág. 150-151</p> <p>“Ele bem sabia que era preciso acelerar o povoamento das</p>	<p>ali apreciavel, sendo a juventude de Vianna das mais intelligentes e applicadas de Portugal, fornecendo uma alta contribuição ás universidades, ás letras e ás artes. Terra de mulheres formosas, Vianna do Castello é uma das reliquias do paiz, com alguns templos antigos e palacios historicos, entre os quase recrodo o que pertenceu á familia dos Tavoras.” Pág. 96</p> <p>“A caminho de Vigo tivemos que tomar por um atalho quasi inacessivel porque uma ponte que deviamos transpôr estava caída, e a estrada havia sido abandonada. Indo do Porto ao Espinho tivemos nosso carro tombado num lamaçal, onde, aliás, outros já se encontravam. O governo dictatorial estava procurando corrigir a situação, mas para tornar tantos milhares de kilometros de estradas</p>	<p>apenas um rapaz da aldeia, residente em Santos. Suppunha-o já millionario; ao procural-o deu com um pobre caixeiro de armazem!Afinal, estimulado pelo patrão deste, portuguez experimentado e leal, que havia triumphado á custa de sacrificios e de tenacidade, resolveu partir. Mas nem sabia ler ou escrever... E, mais, caminhava para os cincoenta janeiros... Ao recusar o emprego que a bordo lhe offereciam, o pensamento do Manoel não era o de vincular-se á terra. Era este. “Assim, quando voltaria a Portugal?”” Pág. 52</p> <p>“O Brasil não pode ser culpado disto tudo. O Brasil não chama, não subsidia agencias de passaportes como</p>
---	--	--	--	---	--

<p>largo e branco, de sob a capota negra, o que lembra o costume dos arabes, adoptado até pelos expedicionarios francêses da Argelia.” Pp. 68-69-70</p> <p>“Os portuguêsês são trabalhadores, affaveis em certas regiões, mais rispídos noutras, e sempre prestadíos. São profundamente religiosos; apesar disso, não existe em Portugal uma servidão do povo ao clero. A republica coarctou de certo modo o prestigio clerical, o que não impede que os curas e parochos exerçam sobre as classes humildes uma influencia respeitavel.” Pág. 70</p> <p>“Nas igrejas communs e nas capelinhas rusticas do interior, ahi, sim, é que se póde ver e authenticar a crença dos portugueses, que foram, talvez, os maiores disseminadores do christianismo nas terras de ultra-mar.” Pág. 86</p> <p>“A sociedade “chic” de Lisboa veste-se com elegancia, tem habitos parisienses como a sociedade elegante de todas as</p>	<p>portuguesa. Os proprios embates em que por vezes o publico os vê envolvidos são ulteis á causa nacional. <i>A Voz</i> tinha em 1928 uma larga tiragem e influía na formação do pensamento colectivo. <i>O Diario de Lisboa</i> conservava o publico da noite, com as suas edições ligeiras e de noticiario de ultima hora. <i>O Novidades</i> e o <i>Correio da Manhã</i> eram outros jornais populares, e bem feitos. em Lisboa circulavam ainda a <i>Ilustração Portuguesa</i>, <i>A Voga</i> e o <i>Magazine Bertrand</i>, todos sob a direcção habil e vigorosa de João de Souza Fonseca. Estes</p>	<p>vaidades femininas, as mulheres portuguesas, reagindo ao espirito rotineiro dos que as desejariam ver sizudas e trajadas ao feitio quinhentista, apresentam-se com a distincção e o gosto das irmãs em fromosura das cidades “leaders” da civilização occidental.” Pág. 215</p> <p>“Forçoso era percorrer os bairros populares para chegar ao centro da cidade, e é naquelles, nas suas ruas estreitas, que o Carnaval assume proporções de uma batalha... No centro as festas, sem o brilho e o esplendor das nossas, tem um caracter semelhante ás que se realisam entre nós. O côrso de automoveis não é tão intenso nem as mulheres exibem os vestuarios principescos de cá. Não vi os prestitos sumptuosos, os carros monumentaes, as fantasias riquissimas do Rio. O povo desfila e diverte-se a sua maneira, principalmente na Avenida da Liberdade e no Rocío, emquanto a sociedade procura os salões de bailes e os theatros.” Pág. 217</p> <p>“Assim, São Gonçalo de amarante é o casador das mulheres entradas em annos. São João, o santo estrepitoso das fogueiras e dos fogos, é um</p>	<p>colonias, mas, com que gente, se o Brasil e outros paizes da America absorviam todos os elementos válidos do povo português?” Pág. 155</p> <p>“Este nome surgiu com a dictadura, e delle se póde affirmar que cabe a um verdadeiro dictador. Nada se move, realmente, sem o ouro, e quem manda no ouro português é o sr. Oliveira Salazar. Todas as iniciativas e audacias dos outros ministros quebram-se deante da vontade ferrea desse homem que véla como um dragão implacavel ás</p>	<p>perfeitamente carroçaveis se carece realmente de muito dinheiro. O sr. Spinola mostrava em seu estudo technico que dos 13.300 kilometros de estradas portuguesas 4.500 exigiam reparação urgente.” Pág. 203</p> <p>“Se me perguntassem qual é a mais empolgante visão do norte de Portugal, eu responderia que é o Monte de Santa Luzia, em Vianna do Castello; do Sul, a serra de Cintra, rematada pelos recortes do palacio da Pena!” Pág. 208</p> <p>“Nos bairros, entretanto, o Carnaval lisboeta tem características todas suas, e apresenta modalidades curiosas, conforme a massa de gente que os habita e nelles se accumúla. Nalguns delles as manifestações populares são ainda um tanto violentas, como tive oportunidade de verificar ao atravessar certas</p>	<p>aquella que se inaugurou em Macieira de Cambra, com discursos laudatorios... Quando, anos depois, o triste heróe de <i>Emigrantes</i> voltou á aldeia, já fallecida a sua desventurada companheira, lá encontrou um palacête luxuoso, cercado de amplas terras. Era do Brasil tal palacête? Não; era do Nunes, do Nunes da Agencia de passaportes que, geitosamente, seduzia os camponios da região para os atirar, a troco da hypoteca de seus terrenos, em terras extranhas, moços ou velhos, são ou enfermos, sem contracto de trabalho, sem uma apresentação.” Pág. 53</p> <p>“É muito possível que a actual crise brasileira,</p>
--	--	--	--	---	---

<p>capitães que se presam.” Pág. 214</p> <p>“Toda gente sabe que se trata de um povo sentimental, e que assim sendo o amor passa, ahi, por varias phases romanticas, em que influem as tradições da raça e o meio ambiente, em geral convidativo ao sonho e aos enternecedores lyrismos. Desse amor nasceu um folk-lore admiravel, em que o genio dos trovadores se aprimora, dando-nos quadrinhas que são por vezes maravilhas de graça e de expressão.” Pág. 223</p> <p>“As observações feitas por numerosos ethnologos nacionaes e estrangeiros, e que eu pude constatar ali, apresentam-nos o português como um typo de estaturaregular, mais baixo nas regiões serranas que nas planicies e nas costas. O português é um dos povos mais morenos da Europa, se bem apresente individuos muito claros; é o que affirmam Fonseca Cardoso, Gonçalves Lopes e Mendes Correia, citados por Bento Carqueja. Os cabellos</p>	<p>magazines e revistas têm agido no sentido da disseminação da cultura literaria e artistica em Portugal. Seus processos typographicos poem-nos á altura das mais adeantadas publicações similares. No Porto habituei-me a ler o <i>Comercio</i>, o <i>Primeiro de Janeiro</i>, o <i>Jornal de Noticias</i> e a <i>Montanha</i>. A <i>Aurora do Lima</i> editava-se em Vianna do Castello, a <i>Gazeta de Coimbra</i> na cidade universitaria.” Pág. 284</p>	<p>casador magnanimo e democratico, sem predilecções; casa indistinctamente novas e velhas, bellas e feias. Já Santo Antonio, que no Brasil é o casamenteiro-mor, em Portugal não tem a mesma devoção.” Pág. 227</p> <p>“De um lado e de outro do Atlantico essa lingua dia a dia se renova e se restaura, e enquanto o Brasil lhe augmenta o vocabulario com os neologismos frescos e cheirosos colhidos na matta perfumada do seu americanismo, Portugal lhe mantem as louçanias e os primores, ou vae buscar na penumbra dos glossarios e dos cancioneros as locuções que pareciam mortas e os archaismos que reflorescem e entornam nas linhas nervosas da arte nova um perfume de sandalo e de incenso.” Pág. 235</p> <p>“Leite de Vasconcellos, que é um sabio investigador dessas questões, um dos maiores exegetas da glottica lusitana, informa-nos que, além desses dialectos e de suas ramificações regionaes, ainda se encontram em Portugal algumas especies de linguagem a que chama codialectos, o <i>riodonorez</i>, o <i>guadramiles</i>, o <i>morandez</i> e o <i>sendinez</i>. Isto explica a</p>	<p>portas do thesouro de sua patria. A principio, não comprehenderam. Falava-se vagamente num homem de genio á maneira de Cavour armado de uma vontade de ferro de Pombal.” Pág. 258</p> <p>“Economia, habilidade no fomentar novas fontes de renda, cortes desapiedados, e a coragem intrepidada de contrariar um por um dos companheiros de governo e a propria opinião publica, indifferente aos elogios como á impopularidade, destes valores</p>	<p>gargantas estreitíssimas.” Pág. 217-218</p> <p>“No Minho os principaes folguedos são as espadeladas do linho e as desfolhadas do milho.” Pág. 220</p> <p>“Já na Extremadura a diversão popular é a tourada.” Pág. 221</p> <p>“No Alemtejo a maior alegria popular verifica-se por occasião das feiras de gado. Em Evora, em Extremoz ou em Beja, a multidão, ruidosa, se mistura aos ciganos que vendem bugigangas e leem a <i>buena dicha</i> que... por vezes, é má... E é nesses encontros das feiras, onde o dinheiro corre farto e onde se armam barracas de todo genero, de negocios e de diversões.” Pag 221-222</p> <p>“Vem, finalmente, o Algarve. ahi, nessa nesga do Sul de Portugal, que avança para o oceano como</p>	<p>desanimando um pouco a emigração, abra novos horizontes a Portugal, porque de certo modo a prosperidade economica pode ser comparada ás aguas do oceano que, quando estão em refluxo de um lado, crescem e sobem do outro” Pág. 61</p> <p>“Dessa região do Alto Douro descem tambem alguns vinhos moscateis, sendo muito conhecidos, entre nós, os de Setubal. Saborosissimo, este typo de vinho tem immenso consumo no Brasil, onde, entretanto, é, mais do que os do Porto, consideravelmente falsificado.” Pág. 102</p> <p>“Contaram-me que ha em Portugal pessoas cultas que attribuem</p>
---	---	--	---	---	---

<p>são em geral escuros ou médios, sendo pequena a proporção dos cabellos negros e diminuta a dos louros e dos ruivos.” Pág. 250</p> <p>“Sobre seis milhões de portugueses não haverá dez mil individuos sem religião ou que obedeçam a outras confisões religiosas. Mas se a religião não soffre modificações, a lingua, apesar de una, se modifica e se deturpa numa infinidade de dialectos e subdialectos. Ha, em verdade, uma differença radical entre o beirão e o <i>interamnense</i>, entre o <i>baixo minhoto</i> e o <i>meridional</i>. são linguagens singulares, que variam de maneira extraordinaria dentro de tão reduzido território.” Pág. 251</p>		<p>extranheza que causa aos brasileiros a lingua falada por certos portugueses, a qual se afigura absolutamente extranha á que falámos. Se, todavia, estudarmos devidamente nosso país, verificaremos que os dialectos aqui são tambem abundantes, seja pela desfiguração lenta da linguagem, á falta de instrucção do povo em longinquos sertões, seja pela influencia dos idiomas indigenas, como acontece na Amazônia.” Pág. 252</p> <p>“Ali como na França cada qual procura o jornal de sua affeição politica, ao contrario do Brasil onde em regra se leem uns e outros, apesar de seu numero e amplitude.” Pág. 285</p>	<p>forjou a sua armadura, com ella investindo a floresta de erros, de desatinos e de habitos prejudiciaes a que Portugal deve a sua derrocada economica e financeira de tantos annos.” Pág. 259</p>	<p>a prôa de uma galéra colossal, nesse Algarve bravio onde sobre as escarpas de Sagres parece elevar-se a figura immensa do Infante Navegador, ahi se realizam as <i>touradas do mar</i>, que não são um folguedo, mas que a bravura e o espirito dos algarvios reduzem a uma festa barbara, na pesca violenta do <i>atum</i>. pag 222</p> <p>“Assim é que em certos sitios do Alemtejo só se lava a cabeça das creanças depois que ellas sabiam dizer o nome de Jesus.” Pág. 229</p>	<p>aos brasileiros a chamada hypotese do accaso no descobrimento do Brasil. Isto importa num erro grave e numa injustiça lastimavel, porque o proprio berço da lenda ou da hypotese foi pura e simplesmente Portugal.” Pág. 260</p> <p>“O que, porém, me faz abrir este parenthesis não é discutir o descobrimento do Brasil, mas mostrar que a hypothese do accaso, acceita por varios autores brasileiros, não é brasileira, mas absolutamente rigorosamente portuguesa.” Pág. 265</p>
--	--	--	---	--	--

Apêndice 6: 1933- O meu Portugal (Guilherme de Almeida).

Como é o português	Comparações entre Brasil x Portugal	Lugares
<p>“Aliás, parece esse transbordamento, uma característica da raça. Vem de longe. Vem do fundo. Quando este povo, tão grande, já não coube neste território tão pequeno, transbordou destas praias occidentaes e rolou por mares ineditos em busca de mundos anonymos.” Pág. 36</p> <p>“Os cigarros accesos pontilham a meia-luz avermelhada. Todos os corpos se curvam numa atenção triste, numa immobilidade acabrunhada, voltados todos para o estrado, onde uma mulher se eleva para cantar: chale preto sobre uma blusa de malha encarnada, cabellos escuros muito bem penteados, envernizados mesmo, as mãos cahidas e juntas.” Pág. 62</p> <p>“E, alli, o fado nasce. É grito de dôr. É soluço de desgraça. O fundo “masochista” da Raça:</p>	<p>“Fecho a janella e abro um jornal do dia. Traz duas chronicas de Carnaval. Fala-se ahi, do Passado: dos tempos do “Ché-Ché”- figura typica do Entrudo lisboêta- quando, no Chiado, zuniam os tremoços e os cartuchos-de-pó e os óvos-de-cinza... E fala-se muito numa “falta de vocação para a alegria”; na “obrigação historica da saudade”; no “choradinho”; num “sebastianismo morbido tornado instituição nacional”; num “ar dramático de quem supporta fatalismos ou destinos que não provocou nem lhe agradam”; num “povo enfadado e sorumbático”; num “profissionalismo do soffrimento”...etc... Ah! Então é por isso? É assim, então? E eu que pensava que sómente lá no meu sul, lá naquelle planalto</p>	<p>“Lá longe, na madrugada do Tejo, a Torre de Belém, alta, com sua prôa de pedra toda feita ás ondas e sua lanterna accesa ainda, parecia uma caravella descobridora partindo, dentre gazometros pretos, não sei para que outros mundos que ainda ha neste mundo... Logo adiante, advinhei a brancura dos Jeronymos, com seu gothico desfallecente, longo e fininho, elevando-se todo para o ceu, e bem recortado, bem pacientemente rendado, como certos marfins trabalhadissimos que vêm do mais perdido, mais distante Oriente.” Pág. 24</p> <p>“E, montada numa das sete collinas, a cidadella moura, com o Castello de São Jorge, amarello e cinza; e, noutra, o Carmo arruinado, com seus “arcs-boutants” verdes de humidade velha, mas firmes como o braço forte do santo Condestavel.” Pág. 24-25</p> <p>“Era outomno, quando eu cheguei. Havia chrysântehmos em todas as vitrines. E o vento voava nas capas pretas dos estudantes. E dos olmeiros castanhos da Praça de Camões as folhas fugiam sob o chôro childreado dos pardaes.” Pág. 29</p> <p>“Lisboa é a caixa de cores com que maio costuma pintar as paisagens pequenas, todas salpicadinhas de tintas, desta Europa estreita, apertada, aproveitada.” Pág. 31</p> <p>“Os “éclairs au Chantilly” da Bénard não são apenas uma flor de rhetorica dos “menus”: são um exaggero de crême alvo e leve que não se contem mais dentro do bolo e se entorna e se derrama largamente.” Pág. 36</p> <p>“Ora, houve e, São Paulo uma grande Guerra; e houve um grande inverno em Inglaterra. Resultado: o Estoril ficou cheio de paulistas refugiados e de inglezes rheumaticos. E por todos os Estoris- o Alto, o Monte...- só se ouve falar paulista e inglez.” Pág. 48</p> <p>“-Prove esta marmellada: é a famosa marmellada de Odivellas! Justa fama. Docesinho ameno de convento: secco, assucarado e em forma de pequenos corações.” Pág. 54</p>

<p>toda essa gente vem alli para soffrer um poquinho. Porque é preciso soffrer. gente que, na luz grande da sala, ha pouco, parecia feroz, perigosa; agora é mansa, doce, ordeira, e está cheia de lagrimas sob a angustia da musica e da letra. Essa musica é um espatifar-se de coração, um estalar de fibras de um sêr torcido de desespero. essa letra canta, chorando, o choro de uma mulher na prisão, de um louco no manicómio, de um pae sobre a sepultura do filho.” Pág. 63</p>	<p>paulista tão naturalmente sózinho entre montanhas isolantes; sómente lá, no tédio longo e gris da Avenida Paulista, com o seu “corso” de “limousines” pretas, enquadrando seriedades adoraveis, tambem de preto; sómente lá o Carnaval era triste... Que bom! que consolo! Cá e lá” Pág. 74-75</p>	<p>“Lá para os lados de são Paulo (o meu instincto levou-me para um quarteirão de Lisboa que tem esse nome), numa taberna maruja- a “Cervejaria Victoria”- ouvi, uma noite destas, cantar o fado. Nada de fantasias de salão ou artificios de theatro. Não: a musica do povo, feita, cantada e ouvida pelo povo.” Pág. 61</p> <p>“Mas, para mim, em Lisboa, a rua mais preciosa, de mais suggestivo, mais amado nome- onde, cada vez que piso as suas pedras parece que sinto um rythmo de berço, uma cadencia de hymno nacional, um compasso de passo de soldado que me embala e leva e leva e leva...- é esta rua: “Rua de São Paulo.” Pág. 70</p> <p>“Vou por estradas portuguezas de ferro e de rodagem. Primeiro, é o “comboio” (é preciso dizer “comboio” e não “trem”, para ter côr-local) que, da estação do Rocio, enfia pelo tubo negro: é como aquella escuridão inicial nos cinemas, antes da projecção, que prepara bem os olhos para o “film” luminoso que vae vir.” Pág. 139</p> <p>“Coimbra é um susto na paizagem: alçada lá no alto, parece a cantarinha azada de uma tricana que passa depressa e bonita entre os choupos que abrem alas, como estudantes atirando-lhe aos pés a capa lustrosa de Mondego... Na estação, ha mulheres vendendo “arrufadas” amarellas e estudantes de batina e pasta, escorrendo fitas vermelhas. E passa o Aveiro de colorida singeleza, igual áquellas paizagemzinhas pintadas a “gouache” nas suas barraquinhas de “ovos moles”. E o mar aberto repentinamente, numa explosão de ar e agua: é Espinho, seccando na praia, ao sol, brilhante como uma sardinha. E vem, Granja, archiquetonica, com as casas de Raul Lino, bem aguarelladas, perfeitas como projectos de engenheiro... E, afinal, Villa Nova de Gaia, por onde começam a arrastar-se carros-de-bois: bois menores que os seus chifres e menores que as suas cangas ornamentaes, sumptuosas, altas, quadradas- rendas de madeira tingidas de verde e vermelho e coroadas de pennachos curtos e duros de crina.” Pág. 141</p> <p>“O Minho, o doce Minho das doces farturas... Doce e farto como aquelles “pasteis da Clarinha”, de Fão, suaves e recheiados de abobora açucarada.” Pág. 142</p>
---	---	---

Apêndice 7: 1938- Episódios do Exílio: Portugal e outras terras (Aureliano Leite).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à Carmona/Salazar	Lugares	Relação entre os países
<p>“O automovel abundante e a boa estrada, por toda a parte do território, não conseguiriam ainda fazer desaparecer de Portugal certos quadros da sua vida passada: a lavadeira, que monta o seu jumento para a ida à aldeia, e a “varina”, que anda a comprar o seu peixe nas praias dos pescadores, quilômetros inúmeros de distância e vem vendê-lo à cidade, realizando ida e volta a pés nús, trotando sempre por subidas e descidas.” Pág. 89</p>	<p>“é que verdadeiramente, na história da arte europeia só ha duas categorias autónomas e irreduzíveis: o clássico e o barroco. O clássico é uma criação da cultura grega. O barroco é uma antecipação portuguesa; foi seu iniciador o “estilo manuelino”. Pág. 103</p> <p>“Mas, começando pelas belas-lêtras- prosa e poesia-</p>	<p>“Os brasileiros fizeram o contrário. Nem bem pisaram em Lisboa, apesar do pouco dinheiro levado, foram ali ao Chiado e à Baixa buscar chapéus de côco, polainas claras e colarinhos duros.” Pág. 21</p> <p>“Tenho a impressão de que o brasileiro, em geral, come pouco e mal. chama-se gastrônomo “o que aprecia as boas iguarias e sabe gozar dos pratos da mesa, com gosto, arte e sem glotonaria”. Raro, vejo um patricio que pratique a gastronomia ou a glotonaria. Pantagrueu com certeza não lograria no Brasil muitos companheiros para um dos seus festins...</p> <p>Na europa, passa-se o contrário: ou se come bem ou se come muito. O luso não foge a essa regra.” Pág. 36</p> <p>“Vem a propósito afirmar que</p>	<p>“Mas falando em Salazar, achei que a grande figura lusa recordava o Marquês de Pombal. Um marquês de Pombal atualizado. Pois fôra Salazar quem, lançando as idéias de seu histórico discurso de 30 de Junho de 1928, considerado como uma carta do Estado-Novo, diagnosticara o “caso português”, preconizara-lhe a terapêutica e a aplicára, com resultados maravilhosos. Graças a êsse novo Pombal, ao</p>	<p>“Quase todos os exilados, que puderam mandar buscar as respectivas famílias, passaram a residir nos Estorís e em Cascais. Alí, no aprazível recanto de Portugal, ligado à Lisboa por confortáveis e rápidos comboios elétricos, os brasileiros se tornaram bastante populares.” Pág. 23</p> <p>“Em Lisboa, um dos pontos forçados de reunião de certo grupo de exilados da Revolução de 1932 era em torno do Sr. Pedro de Toledo, no seu pequenino apartamento do Hotel da Europa, abrindo as janelas para o monumento a Luis de Camões, plantado no centro da praça que tem o nome do glorioso épico.” Pág. 30</p> <p>“Lisbôa, que é o grande e merecido orgulho dos portugueses, da qual dizia o célebre frei Vicente Justiniano, <i>Vidimus orbem in urbe</i> (Vimos o mundo numa cidade), tem relativamente muita vida noturna. De regra, trocam-se visitas depois da meia-noite. Os teatros acabam tarde. As estréas, ás vezes, descem pela madrugada.” Pág. 57</p> <p>“Abundam em Lisboa os bares, as “boîtes”, os cafés, as casas de loto, os cabarés, os terraços</p>	<p>“Restava-me entretanto embeber-me daqueles dois outros ramos notáveis da cultura lusa: a arquitetura e a pintura, que até hoje continuam pouco falados no Brasil. Sabe-se geralmente que em Portugal existem grandes repositórios de artes plásticas ou belas- artes. Contudo, ignora-se, de regra, que o país tenha criado qualquer coisa de seu na pintura e, principalmente, na arquitetura, onde fôra o iniciador do <i>barôco</i>, que esse mestiço genial, Francisco antônio Lisboa- o Aleijadinho- também havia de importar para as ricas igrejas da capitania de minas Gerais, introduzindo-lhes motivos da terra e dando-lhes porventura maior</p>

<p>“Já é sabida a ternura que o povo português poz na hospitalidade dispensada aos exilados brasileiros durante os largos meses em que permanecemos na Republica Lusa. Não podendo o seu governo receber-nos de modo oficial e direto, fez que fossemos convidados para várias festas públicas, onde as melhores atenções se voltavam para os expatriados do Brasil.” Pág. 186</p>	<p>continua Portugal nesse departamento a apresentar a fertilidade costumeira.” Pág. 130</p>	<p>não existe língua diferente em Portugal. O que ocorre lá e aqui são “modismos” próprios como há também entre São Paulo e Rio de Janeiro, entre o Rio Grande do Sul e a Baía; assim por diante. Alterações prosódicas num ou noutro vocábulo e diversidades no sentido de palavras e expressões, nem sempre verificadas, é o que se chama falar diferente, lá daqui ou aqui de lá. Parecem-me esses idiotismos os mais fortes argumentos dos partidários da língua brasileira” Pág. 72</p> <p>“No cômeco de minha meninice, os meus parentes que frequentavam o Rio, uma vez por outra, levavam-me de presente certos doces sêcos, transparentes, apresentando diferentes coloridos e a fórmula de animais e castelos. Também me ofereciam uns caramelos de amendoas recobertos de açúcar, sempre acondicionados em pequenas latas, estampadas de sugestivos cromos, disputadas aos bêbês pelas próprias mães,</p>	<p>General Carmona e à plêiade de homens constituem o estado-maior do govêrno, o país, renascido, voltava a uma situação de prosperidade que os brasileiros, cheios de contentamento, puderam ver refletir-se em todas as múltiplas faces da vida portuguesa.” Pág. 143</p> <p>“Não foi, pois, com outro intento que o de obsequiar-nos indiretamente, que o governo Salazar comemorou com excepcionais festejos o aniversário, nesse 3 de Maio de 1933, do</p>	<p>em que se ouvem os dolentes fados: tudo vivendo mais às deshoras. O que se mostra curioso é a vida noturna da cidade ser feita pelos próprios lisboetas.” Pp. 57-58</p> <p>“Cidades sem estrangeiros de passagem tornam-se pacatas e dorminhocas, deitam-se com as galinhas. Mas Lisbôa, que quase não os contém, os substitue pelos próprios lisboetas.” Pág. 58</p> <p>“Pelos meses de Fevereiro e Março, organizam-se em Lisbôa, anualmente, excursões cheias de atrativos, ao Algarve, que, como se sabe, fica na parte extrema de Portugal, voltado para o setentrião da negra África. Serve de pretexto à viagem ver-se o espetáculo das amendoeiras em flôr, que recobrem quase toda a superfície da região. Mas existem lá e pelo caminho, permanentemente, coisas várias a admirar-se. Inscrevi-me numa dessas excursões. Péga-se o comboio para a região, doutra banda do Tejo. Mas, de comum, preferem-se as “<i>camionettes</i>”, como os lusos chamam aos grandes carros fechados, próprios a longas viagens. E de resto, as estradas são boas.” Pág. 73</p> <p>“Setubal é a primeira cidade que nos embarga o passo. Mas, a não serem os seus laranjais e a sua industria peculiar, os quais dão muita vida a seu pôrto no rio Sado, pouco interessa aos nossos olhos.” Pág. 74</p>	<p>harmonia e proporção.” Pág. 104-105</p> <p>“Se se passar das belas-lêtras às belas-artes, acontece a mesma coisa: o Brasil ignora portugal. Pintores lusos de últimos tempos poucos se vulgarizaram em nosso país.” Pág. 136</p> <p>“um dos benéficos resultados do exílio dos brasileiros em Portugal- que na ocasião me pareceu muito maior- foi o entrelaçamento dos intelectuais de ambos os paízes.” Pág. 141</p> <p>“O certo é que os portugueses como que sentem a nossa própria nacionalidade. No seu grande amor do Brasil, o querem uno, indivisivel, colossal, permanente Brasil, enfim, desde as Guianas ao Prata e desde o Acre à Paraíba. Tremem de emoção por isso, só de pensar na</p>
--	--	--	---	--	---

		<p>para as suas mil utilidades caseiras.</p> <p>Depois, um dia, sem eu dar por isso, deixaram de chegar às minhas mãos êsses presentes verdadeiramente régios para as crianças que como eu habitavam os fundos distantes do Brasil. Fiquei homem. Amontoaram-se-me os janeiros. De vez em quando, até a ida para o exílio, nos sonhos que me transportavam ao tempo de infância, esses doces me apareciam indecisos, vagos, quase apagados no meu cérebro atulhado de outras recordações. Nunca mais vira esses doces e caramelos... Deviam até não ter tido existência real, não terem passado de sonhos da minha infância... De repente, entro numa confeitaria de Vila Real, e todos aqueles doces e caramelos, com as mesmas fórmulas, as mesmas cores, nas mesmas latas estampadas com os mesmos cromos, surgem-me aos olhos... Esses doces e caramelos vieram-me acordar na</p>	<p>descobrimto do nosso imenso território.</p> <p>Mandou organizar para esse memorável dia, em Santarém, lugar em que jazem as cinzas do “Descobridor”, todo um longo programa, no qual figuravam recepções, missas solenes, desfiles militares de tropa de terra e mar, paradas de colegiais e outros números cívicos.”</p> <p>Pág. 187</p>	<p>“É a capital do Alentejo. Considera-se a cidade uma das mais ricas fontes da história da península. Também aos amantes da arqueologia da arte encontram na velha localidade, ex-sede de um município romano, fecundo manancial de estudos e inspirações. Ainda restam na sua parte urbana fragmentos de belos monumentos da civilização latina que vem do tempo do General Quinto Sertório, aliado de Cáio Mário, há 25050 anos. Brigando com Scyla, Sertório estabeleceu na Lusitânia um governo próprio, com sede em Évora, que êle fez cercar de tôrres e muralhas, das quais ainda se vêem vestígios.”</p> <p>Pág. 76</p> <p>“E não devíamos despedir-nos do Alentejo sem vislumbrar Beja, outra antiquíssima urbe, também mais velha que Jesus Cristo, aonde Júlio Cesar, já imperador, celebrou a paz solene com os lusitanos, que o guerrearam tenazmente.”</p> <p>Pág. 77</p> <p>“Logo distingue-se a região fisicamente do Alentejo. Ao invés das chãs infindáveis, sucedem-se clinas e vales. Seus desenhos panorâmicos cifram-se nas amendoeiras em flor, sobre um sólo ondulado. Figueiras, alfarrobeiras e vinhedos- toda a restante vegetação desaparece sob o exército vasto das amendoeiras floridas, que comunicam um colorido delicado e um perfume suave a toda a extensão, sempre a desdobrar-se para cada lado,</p>	<p>eventualidade do fracionamento futuro de nossa pátria.”</p> <p>Pág. 153</p>
--	--	---	--	---	--

	<p>memória de homem no estio, lá em pleno Portugal, toda uma série dos capítulos primeiros do alvorecer de minha inteligência aqui, na minha cara cidadinha natal de Minas Gerais.” Pp. 85-86-87</p> <p>“Caldas, aliás, não estava na época da aplicação das suas águas sulfurosas, parecidas com as dos nossos Poços e frequentadas pelos reumáticos de Portugal desde o século XV.” Pág. 90</p> <p>“Mas faltam à cidade a imponência, os parques e o conforto dos nossos Poços de Caldas, que sem tradição nenhuma, nem vida própria, exploram exclusivamente o poder medicamentoso de suas fontes quentes.</p> <p>Rumámos para Alcobça, que lembrava aos brasileiros os lenços multicolores e imensos, de algodão fino, em que os nossos avós assuavam o rapé que lhes excitava a pituitária, provocando-lhes espirros fragorosos...</p> <p>Mas para os lusos o traço</p>		<p>num prolongar intérmimo que as “camionettes”vão percorrendo. O cenário pomposo comovia de verdade os brasileiros, como se visitassem a casa de seus avós.” Pág. 78</p> <p>“Já era hora do almôço. A nossa refeição, em pequeno restaurante, aí perto, decorrera triste. Mal notámos o alarido das mulheres da “feira-das-loças”, expondo os seus cântaros e bilhas de barro, à sombra de árvores espaçadas, renteando a escadaria do mosteiro. Partimos para Batalha, que, na trilogia monumental portuguesa, representa a emancipação do país, como Alcobça, a fundação e os Jerónimos, a expansão marítima.” Pág. 94</p> <p>“Um “elétrico” transportou-nos ao rastelo, como ainda alguns nomeiam o subúrbio de Belém. De um lado, na terra, erguem-se os Jerónimos, de outro, já nas águas sujas do Tejo, levanta-se a Tôrre de Belém, ou mais pròpriamente o Castelo de S. Vicente. Um frontêa o outro, tomada a distância pelo casario e o cais do rio.” Pág. 106</p> <p>“Possuo notícias de já haverem sido ultimados os trabalhos do Panteon real dos de Bragança. Desapareceram assim da vista de quem quer que seja todas aquelas urnas impressionantes, que afinal ficaram escondidas sob os mármoreos do monumento funerário executado. Fomos os brasileiros exilados os últimos olhos de</p>	
--	--	--	--	--

		verdadeiro de Alcobaça é o seu grande convento dos monges de Cister” Pág. 91		visitantes que as contemplaram. guardemos essa emoção.” Pág. 128 “Pelas ruas estreitas, íngremes, ladeadas de velhos sobradões, vão e vêm ranchos de estudantes, quietos, tristes, nas suas capas negras, dando a nota indefectível dos cenários coimbrenses.” Pág. 172	
--	--	--	--	--	--

Apêndice 8: 1943- Portugal Semente de Impérios (Gustavo Barroso).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à política da época	Lugares	Relação entre os países
<p>“Ao lado, o castelo silencioso e escuro como que se recolhia e se tornava maior, berço dum povo de heróis e de mártires que ofereceu mundos ao mundo.” Pag. 16</p> <p>“Os portugueses venceram a floresta, o deserto, o clima, as feras, os aborígenes, criando as lendas e canções consubstancia doras dos perigos</p>	<p>“Expressão excepcional dessa civilização e de sua projeção universal, a obra realizada pelos arquitetos, escultores, pintores e decoradores em torno dos Jerônimos nada mais foi do que a concretização do pensamento histórico-filosófico que profundamente soube compreender a maneira de sentir do povo português através de oito séculos de glórias e de sacrifícios.” Pág. 35</p> <p>“Em Portugal, abrandou-se e apareceu de outra maneira. Fruto tão somente da proibição? Não cremos. Fruto mais ainda da natural brandura do coração português. A</p>	<p>“Cidade ativa e comercial, centro da região mais povoada de Portugal, mais agrícola e mais industrial, segunda capital do país, mantém certo teiró com Lisboa, que o seu bairrismo acirra. Pode-se fazer o paralelo entre São Paulo e o Rio de</p>	<p>“Outro clangor de tubas no eirado da torre de menagem, onde o vulto de Salazar surgiu sozinho, afim de pronunciar o discarso oficial. Não é possível descrever o delírio das aclamações. Findo o discurso, um vulto militar, também sozinho, o general Carmona, içou no alto mastro a bandeira da Fundação do Reino, azul e branca. Terceiro vulto, ainda sozinho, todo de rubro, com a mitra e o báculo a faulharem no espaço, lançou à multidão ajoelhada a Benção da Igreja.” Pag. 18</p> <p>“A popularidade de Salazar é grande, toda ela feita de admiração, de gratidão e de respeito. Sua figura é serena e séria. No seu cérebro desfilam os pensamentos do governo. Na sua alma se acumulam</p>	<p>“Durante o dia, atupida de gente, a velha cidade de Guimarães estuou de contentamento. Música por toda parte. Camponeses dansando a chula e o vira em todas as praças. Grupos a tocar e a cantar por todas as vielas. Colchas de seda e damasco em todos os balcões. Bandeiras, Flores. Comezaina. Vinhaça. Touradas. Até as pedras góticas da igreja de Nossa Senhora da Oliveira como que se vestiam de sorrisos nas suas cinzeladuras seculares.” Pag. 18</p> <p>“Devo ao meu querido amigo, professor Luciano Ribeiro de Portugal, o conhecimento íntimo da vila de Alenquer. Vindo do Porto ou indo a Caldas da Rainha, passara já em frente desse lindo presépio que se dependura sobre o rio na encosta dos morros e, à noite, se estreleja de luzes. É um sítio na verdade encantador.” Pág. 61</p> <p>“De fato, monumentos e elementos de todas as civilizações europeias, mesmo as mais remotas, se encontram na vila de Alenquer e seus arredores: testemunhos das idades neolítica e eneolítica, dos iberos e fenícios, dos gregos e romanos, dos visigodos e árabes.” Pág. 65</p> <p>“O pinturesco das ruas de Leiria só pode ser bem sentido e fruído à noite. Então, as vielas retorcidas entre altos muros que lembram a Idade Média e as casas brancas ligadas por arcos à maneira árabe se envolvem numa penumbra de mistério.” Pág. 67</p>	<p>“Entre as comemorações centenárias de Portugal em 1940, aquela que mais poderia emocionar um brasileiro foi a glorificação da Língua Portuguesa. Porque foi mais do que a festa da Raça, foi a festa duma Pátria-Maior, que, além de reunir os homens que o mar separa e a falam na Europa, na Ásia na África, na América e na Oceania, integra em todas essas paragens, no mesmo movimento secular de coesão e estratificação, elementos das várias procedências amalgamados num corpo único, num pensamento comum.” Pág. 21</p> <p>“Não é esse o único fato de caráter histórico que liga de certo modo historicamente o Brasil à invicta cidade portuense. A ela, em recordação perpétua de sua fidelidade e heroísmo no</p>

<p>atravessados e propagaram as que, da parte do indígena, vieram ao seu encontro. Casaram-nas às vezes e educaram à portuguesa os filhos dessa mestiçagem. Povoaram as matas de Polifemos-Gorjalas, avatares de Mapinguaris e Zariguês dos índios, e as beiradas dos rios de Batatões, nascidos dos Mboitatás, cobras de fogo. Cantaram as lutas contra os selvagens e as onças. Cantaram o amor que</p>	<p>tourada portuguesa não derrama mais sangue de homens ou de brutos. É um espetáculo notável. Luxo. Habilidade. Destreza. Elegância. Força bruta. Piada. Nada menos e nada mais. Luxo nos trajes à Marialva: tricórnio emplumado, casacas e vestias de setim ou de veludo bordado a prata ou a ouro, bofes e punhos de rendas, arreios com apeiros de prata lavrada, caparazões de veludo alcaçofrados de ouro. Habilidade nos lindos cavalos ensinados em chaças, repelões, rodeios, passos gateados, piafés, que saudam as tribunas com os pescoços arqueados e dão volta à arena, tranqueando para um e outro lado.” Pp. 120-121 “Frequentei várias touradas em Guimarães</p>	<p>Janeiro. E o seu nome anda pelo Mundo com a fama do seu vinho rico e saboroso.” Pág. 100</p>	<p>as responsabilidades do poder. No seu coração bate o amor ao passado que o faz arcar com as dificuldades do presente para sanear o futuro. É a inteligência que vela dia e noite pelos destinos da Pátria. O povo sabe. O povo compreende. O povo olha-o ao passar com os olhos com que contempla as imagens dos seus santos padroeiros nos andores e grita: Salazar! Salazar! Salazar!” Pág. 43 “Todos os corações, ainda os mais grosseiros, pulsavam ao nome do general Carmona. Por isso, esses dois grandes homens realizam a Ressurreição de Portugal, não só a ressurreição material desde as estradas e as pedras dos monumentos históricos, até às obras militares e civis que enchem o país, como a ressurreição das almas e da confiança, no sentido da grandeza do Império, da moral pública e privada, do prestígio da</p>	<p>“Tomar é uma pequena cidade portuguesa que brota entre verduras e flores, e se debruça sobre um rio esverdeado e tranquilo, um rio sem pressa. Suas casas brancas aninham-se como que ainda assustadas das algaras mouriscas e dos fosados medievais à sombra colossal dum convento-cidadela, o convento-castelo da Ordem de Cristo. E, se não fossem esses muros multiseculares, essas sólidas e históricas arquiteturas, ninguém se desviaria das estradas principais para visitar esse povoado afastado e calmo.” Pág. 71 “Óbidos é uma das vilas mais interessantes de Portugal. Adormecida no meio de sua cintura de muros ameitados, à sombra do velho castelo com sua torre de menagem, lembra as raras cidades européias que conservam muralhas medievais: Aigues-Mortes, Carcassonne ou Avila-de-los-Caballeros. Burgo caracteristicamente medievo, exemplar único do que era uma povoação fortificada do século X ao século XII, parece morto na aparência, mas nele vive e palpita a história de Portugal em cada pedra trabalhada, em cada cubelo coroado de ameias.” Pág. 75 “A vila de Óbidos atrai extraordinariamente os espíritos que gostam de mergulhar no passado. Nas minhas constantes excursões pelas terras da Estremadura e da Beira-Litoral, sempre que demandava Peniche ou as Caldas-da-Rainha, vindo de Torres-Vedras ou indo da Nazaré, mandava o automóvel subir a ladeira que leva à porta ogival da vila atorreada e nela penetrava como num santuário de tradições. Pelas ruas estreitas em que desembocam becos, vielas e congostas, entre casas</p>	<p>apertado assédio, nosso primeiro Imperador legou seu coração varonil, que se guarda numa urna preciosa, coração que amou muito, que pulsou demasiado, que era volúvel, mas afetivo, descompassado, mas generoso, que, apesar dos seus erros e desvios, latejou pelas duas pátrias nascidas do mesmo sangue, quem e além mar, no Atlântico, coração que cessou de bater em golfadas rubras com pouco mais de trinta anos de idade.” Pág. 102 “A tradição do povo brasileiro, a legítima, a dos seus relatos e contos, que sobe do fundo de sua alma, ainda não esqueceu o velho e glorioso Portugal.” Pág. 163 “No fundo dos longínquos sertões nordestinos, ao fim das novenas marianas e joaninas, as velhas que rezam as ladainhas pedem sempre um padre-nosso e uma ave-maria para aqueles que andam, dizem assim mesmo – <i>sob-las ondas do mar</i>. O brasileiro não é um povo</p>
---	---	---	--	--	---

<p>mestiçou vencidos e vencedores: Paraguassús e Diogos Alvares, Iracemas e Martins. Cantaram as desgraças a que escaparam e os triunfos que obtiveram.” Pag. 163</p>	<p>e Lisboa. Vi dias bons e dias maus do Nuncio e do Simão da Veiga. Porém, acho que mais característica do que as touradas é a "espera de touros". E preciso vê-la no Ribatejo, região onde se criam os melhores touros portugueses, na tradicional Vila Franca de Xira. Um divertimento eminentemente popular. Um delírio. Os episódios grotescos encobrem o ar de tragédia de que se possa lamentavelmente revestir.” Pág. 122 “Às cinco horas da tarde, tocam os sinos e estouram os foguetes. Uma longa cavalgada tropeia pela rua. Parece um regimento de lanceiros. São os campinos ou vaqueiros dos criadores daquela terra de lezirias e pasturas ribeirinhas, empunhando altos</p>	<p>Religião tradicional. Ressurreição de todos os valores num Portugal pacífico, trabalhador e honesto à margem da Europa convulsionada.” Pp. 44-45 “Indo a Guimarães no comboio presidencial, assisti às manifestações espontâneas que por toda parte se fizeram ao general Carmona. Aquele entusiasmo, aqueles olhos negros femininos humedecidos de lágrimas, aqueles risos de crianças não se encomendam. Para todos, o velho soldado tinha um aperto de mão, um abraço, uma palavra, um gesto, um sorriso. Parecia um pai recebido pela sua família desvanecida. Sem ser alto e sem ser robusto, a majestade da bondade impregnava-lhe a figura e como que lhe envolvia a atitude singela num halo imperial.” Pag. 45 “Gestos simples. Frases simples. Fisionomia de</p>	<p>quase milenárias, dirigia-me ao castelo.” Pág. 75 “O panorama que se descortina da serra do Arrábida sobre o mar e a embocadura do rio Sado é daqueles que para sempre ficam gravados na nossa memória visual. Um azul heráldico no céu e nas águas dá àquela região qualquer coisa de irreal, de sonho. Azul mais azul do que o da "Côte d'Azur". Azul da Gruta Azul de Nápoles. E do alto das penhas por onde corre, serpenteando, magnífica estrada de rodagem, o olhar vê o fundo do oceano através do azul diáfano das águas. Todo esse litoral da Estremadura que vai do Tejo a Setubal é, na verdade, cheio de mágicos encantos. As montanhas abruptas, ora despidas, pespontadas de fragedos, ora cobertas de linda vegetação verde, debruçam-se a pique sobre o manto azul do mar, debaixo do docel azul do firmamento. Pelas fráguas abaixo, dependurados, conventos, ermidas cruzeiros, casas de verão. E lá em baixo, onde a terra toca na água e as espumas riem nas praias, as lapas misteriosas, as grutas escuras, os ilhéus pinturescos, os portinhos quietos felizes.” Pág. 79 “<i>No interior da península de Setúbal, os pinheirais alternam com as oliveiras e os vinhedos, os casais brancos se aninham entre os pomares e os largos portões das herdades e das quintas abrem sobre as estradas claras, ensopadas de sol. Entre as quintas, aquela da Bacalhôa, de tão bizarro traçado arquitetural, com seus torreões de cúpulas em melão, com seu pátio emoldurado de loggias elegantes e com seu encanto real e secular. A moldura exterior da península é a serra da Arrábida, verde de arvoredos ou escura de pedrouços entre o</i></p>	<p>propriamente navegador. O português não é mais o grande navegador que foi. Estamos diante dum costume secular transmitido através das gerações. E é lindo isso: o sertanejo do Brasil rezar ainda pelos que antanho estavam navegando pelos mares nunca dantes e nunca doutrem navegados, dilatando a Fé e o Império! Nenhuma lembrança, porém, mais duradoura e maior na memória das gentes do Nordeste Brasileiro da Grande Heroica Aventura Marítima de Portugal do que o nome dado ali ao português, substituindo definitivamente o seu gentílico. No Nordeste, ninguém diz -o português Fulano ou -ele é português; mas - o marinheiro Fulano ou -ele é marinheiro. Marinheiro! Título de glória! Como se houvesse no mundo um marinheiro - o português. Marinheiro sinônimo de português, que homenagem! A maior de todas.” Pág. 171 “Esse sentimento profundo,</p>
---	---	---	---	---

<p>piques ou varas de ferrão, direitos nas selas pequenas, com seus gorros saloios, o casaco ao ombro como uma peliça de hussar, o colete de lã vermelha, os distintivos de sua casa. A festa chama-se "do colete encarnado". A frente dos pelotões de campinos, em cavalos magníficos, de sombreiros desabados e soqueixados, calças colantes sumidas em perneiras ou de presilha, esporins de prata, sérios como se cumprissem um ritual, os proprietários das casas ou "ganaderias". Aquela cavalaria pacífica alinha-se em frente à Câmara Municipal. Há discursos dentro do edifício. Na praça, agitam-se os cavalos ao estrondo dos foguetes, no meio da multidão. A banda duma filarmônica precede,</p>	<p>aparência às vezes preocupada e séria. Mas uma grande iluminação interior que se percebe através dos olhos. Logo ao primeiro diálogo, compreendi que Salazar só ouve o que quer e só diz o que quer. Mais ainda: que rapidamente observa e compreende que espécie de interlocutor tem diante de si. Medido. Harmonioso. Sereno como um lago. Sabe de onde vem. Sabe para onde vai. Um grande pensamento o enche e o guia. Nem um passo em falso. Timoneiro seguro de seu povo, não tira os olhos da bússola senão para espreitar o horizonte e contemplar de relance o céu." Pág. 54 "o governo de Salazar restaura tudo em Portugal: a ordem, as finanças, os monumentos históricos; pelas empinadas escaleiras, pelos caminhos de ronda, pelas barbancas e atalaias." Pág. 76</p>	<p>azul do céu e o azul do mar, dois azues..." Pág. 84 "Das Portas do Sol, em Santarém, o olhar abrange um dos mais belos panoramas de Portugal: as lezírias do Ribatejo, dum lado; as planuras do Alentejo, do outro; e a grande ponte de ferro que liga as duas regiões tão diversas, uma verde, a outra pardusca." Pág. 87 "Santarém é uma cidade por onde passei muitas vezes, indo para Leiria, para Tomar, para Fátima, para o Almourol, para Abrantes ou para Castelo Branco. Sempre fiz nela a mesma peregrinação, revendo com o mesmo prazer os aspectos já conhecidos: as Portas do Sol, a Torre das Cabaças, o Museu Arqueológico, e a igreja da Graça." Pág. 88 "Nem feudal, nem religiosa, mas comerciante e guerreira, quando necessário, não levantou castelos ou mosteiros célebres. Os vestígios medievais são raros, contam-se pelos dedos: a Sé, que data do século XII, coroada de ameias, tipo de igreja-fortaleza, mascarada com artifícios rococós e com uma loggia lateral barroca; a igreja de São Francisco, gótica e dourada; e os restos da casa onde se diz que nasceu o Infante D. Henrique, o Navegador. Suas igrejas datam dos séculos XVII e XVIII, quase todas forradas exteriormente de azulejos que lhes dá uma nota característica- a dos Grilos, imensa frontaria de granito escuro, a do Carmo, a dos Carmelitas, a da Misericórdia. As ruas despejam-se em ladeiras na praça da Liberdade, onde se eleva a estátua de D. Pedro IV, o nosso D. Pedro I, bronze de Calmels, a cujo cinzel deve o Museu Histórico Nacional do Rio de</p>	<p>que entendo de chamar lusitanismo, de tal modo influiu na formação da alma brasileira que constituiu sempre o fundamento inamovível duma coesão que resistiu a invasões estrangeiras, a dissídios ideológicos, e convulsões internas, a anarquias assopradas das trevas, dos antros misteriosos onde se ocultam as forças do mal e de onde saem para perturbar o destino dos povos, cujo supremo regente é Deus. Aquilo que denomino o Milagre do Brasil- coesão de almas, perpetuidade da língua, dos costumes e dos sentimentos – é, indubitavelmente, resultado do Milagre Português, herança acumulada pelos séculos, estratificada nas gerações, transmitida pelo sangue. A Brasilidade é filha da Lusitanidade. Ambas completam no tempo e no espaço, na obra comum da civilização cristã. E completar-se se estou certo, é mais, muito mais do que é</p>
--	---	--	--

	<p>depois, os campinos numa passeata pelas principais vias públicas. As seis horas da tarde saem da povoação. Vão buscar os touros.” Pp. 122-123</p>			<p>Janeiro um grande busto em mármore de D. Pedro II.” Pág. 101 “Na manhã clara e macia, da janela amplamente aberta do meu quarto no Hotel Alentejano contemplo em silêncio doze colunas de granito negro, com capitéis coríntios de mármore, ligadas pelos restos duma arquitrave, dominando uma praça dourada pelo sol, de cima dum soccalco arruinado. É o famoso Templo de Diana, construção do século II ou do século III de nossa era, quando os romanos dominavam a Península. Em volta, muros caiados e harmoniosas fachadas do século XVIII. Évora, a Cidade Branca, acorda lentamente...” Pág. 108</p>	<p>compreender-se.” Pág. 195 “Mantivemos intacto o patrimônio que recebemos de nossos avós, incansáveis na defesa do Brasil Português. A mesma língua, a mesma crença, os mesmos sentimentos, predominando sobre regionalismos e separatismos canhestros, enquadram na forte moldura moral construída pela alma heroica da Raça mais de oito milhões de quilômetros quadrados.” Pág. 199 “Amor paternal de Portugal pelo Brasil, glorificando-se na glória do Filho. Amor filial do Brasil por Portugal, glorificando-se na glória do Pai.” Pag. 245</p>
--	--	--	--	--	--

Apêndice 9: 1953- Aventura e Rotina (Gilberto Freyre).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à política da época	Lugares	Relação entre os países
<p>“De Benfica a Carnide são muitas as quintas que me fazem observar no português a tendência para emendar a horta com o jardim ou com o pomar.” Pág. 55</p> <p>“Chegando a Lisboa, quis mostrar à minha gente as varinas. Mas descobri que são hoje raras. Continuam a descer as ruas da cidade, sem no entanto formarem aqueles grupos alegres de outrora, do tempo em que pareciam as verdadeiras donas de Lisboa, as acrobatas maravilhosas das suas ladeiras. Pois as varinas são a seu modo bailarinas e não apenas vendedoras de peixe. Descem as ladeiras com uns pés e umas graças de corpo inteiro de quem caminhasse dançando ou bailando não «para inglês ver» mas para seu próprio gozo de portuguesas autênticas. Com o processo de europeização que Lisboa vem sofrendo -europeização no sentido correctamente suíço que já acentuei -quase não há lugar para as varinas. A muita cor dos seus vestidos, antes orientais do que europeus, já não se harmoniza com os discretos azuis e cinzentos do vestuário dominante numa cidade que hoje procura ser ortodoxamente europeia. A sua</p>	<p>“O que é espantoso em Portugal é que ao abuso de «Vossa Excelência» p’ra cá, «Senhor Doutor» p’ra lá...” Pág. 18</p> <p>“Não é só no Brasil nem apenas na Inglaterra que o vinho do Porto está em decadência: também em Portugal. Também em Portugal o vinho ilustre é hoje arcaísmo que quase só aparece em almoços ou jantares que o velho Leite de Vasconcelos classificaria de «etnográficos». A moda em Portugal como no Brasil é beber-se uísque nos momentos em que outrora se bebia ortodoxamente vinho do Porto. Uísque ou champanhe, substitutos do «Porto de Honra».” Pág. 59</p> <p>“Ainda uma quinta: evidentemente, são as quintas que mais me atraem em Portugal. Atraem-me pelo que acrescentam de</p>	<p>“Os meus olhos de homem do Brasil vêem em Lisboa não só uma das cidades mais belas da Europa como uma cidade mãe de cidades brasileiras. Salvador da Baía, São Luís do Maranhão, Recife de Pernambuco, Belém do Pará, Pelotas do Rio Grande do Sul, Penedo de Alagoas, o Rio de Janeiro, são tão filhas de Lisboa que o brasileiro, vindo de qualquer delas, ao ver pela primeira vez a capital portuguesa, tem aquela impressão ou ilusão que em ciência se chama <i>déjà vu</i>. Parece que já viu. Que estas formas e cores são já suas conhecidas velhas. Que são formas e cores que docemente se deixam rever e não simplesmente ver pelo brasileiro vindo do Brasil.” Pp.14-15</p>	<p>“Recebe-me o grão-doutor português com uma simplicidade de professor que acolhesse outro. Interessado nos meus livros, alguns dos quais vejo a seu lado: inclusive o mais recente deles, <i>Quase Política</i>. Interessado em outros livros e em outros autores brasileiros.” Pág. 21</p> <p>“Conversamos sobre muitos e diversos assuntos. A nossa conversa vai das dez às onze horas. Estende-se às doze. E só termina, contra tudo que é regra gramatical de protocolo, às doze e meia. Fala-me o Professor Salazar de temas inflamáveis com uma franqueza, uma nitidez, às vezes um desassombro, que não é de político, mas de intelectual. E intelectual a quem</p>	<p>“Desço do avião considerando-me hóspede de Portugal e não apenas do seu honrado governo. Traz-me também os seus cumprimentos um simpático secretário da Embaixada do Brasil.” Pág. 11</p> <p>“Lisboa é hoje uma cidade tão em ordem que eu chego a ter saudade da Lisboa um tanto desordenada que conheci em 1923, quando estive em Portugal pela primeira vez.” Pág. 14</p> <p>“Também aqui os trópicos se deixam acariciar por olhos europeus em plena cidade europeia- se é que Lisboa é uma cidade plenamente europeia. Creio que não: que não é. E para mim o seu melhor encanto está nisto: em ser entre as cidades europeias uma espécie de moura sempre encantada, com um mistério africano, asiático. brasileiro, tropical, a esconder-se em tudo que nela é cosmopolita ou urbanamente europeu; e não apenas a refugiar-se um tanto etnograficamente numa Alfama ou numa Mouraria hoje a</p>	<p>“Vinho da terra não falta em Freixo para acompanhar o bacalhau colhido em águas tão difíceis. Azeite às vezes falta, hoje, em Portugal ao peixe e à salada; mas é uma falta que se explica pela exportação desse produto português para o Brasil, que poderia, aliás, plantar a sua oliveira e fabricar o seu óleo superior ao de algodão ou amendoim ou babaçu. Há nas relações luso-brasileiras desequilíbrios em família, fáceis de ser corrigidos com remédios caseiros. O desenvolvimento</p>

<p>técnica um tanto arcaica de carregar peixe repugna a uma cidade moderna nas suas técnicas. Daí existirem ainda, mas como sobrevivências. Como figuras que os etnógrafos já andassem sôfregos para recolher aos seus museus.” Pág. 57</p> <p>“Felizmente não há repressão violentamente policial contra elas: só aos seus pés descalços. Contra o que elas se resguardam, levando sapatos não nos pés, mas entre os peixes: sapatos que só calçam quando avistam algum polícia. Se as varinas começam a morrer- é de morte quase natural.” Pág. 57</p> <p>“As varinas de Lisboa, não: são ainda de uma autenticidade tão crua que até repugna ao olfacto e mesmo aos olhos do turista mais elegante ou mais delicado. Fedem terrivelmente a peixe. Andam plebeiramente descalças. São às vezes de uma rudeza que chega à grosseria. As mais bonitas, as mais lindas, as mais belas são capazes de dizer palavrões dignos só de marinheiros bêbedos ou de malandros de cais.” Pág. 58</p> <p>“Nos campos do Alentejo, a mulher morena da região -morena porém não molemente moura- sem substituir o homem, como a do Minho, auxilia-o. Ajuda-o na pouca</p>	<p>especificamente português às paisagens. Sem quintas, Portugal seria caracterizado só por conventos e igrejas.” Pág. 65</p> <p>“Portugal pode não ter hoje nenhum Lúcio Costa ou Óscar Niemeyer: mas o seu arquitecto médio é evidentemente superior ao arquitecto médio do Brasil. Sempre que se trate de construção de obra média, sou informado de que o arquitecto português de hoje a realiza bem. Bem e dentro do melhor gosto e da melhor tradição nacionais.” Pág. 67</p> <p>“Tanto sabe informar-nos sobre o que a arquitectura tem de mais grandioso quanto sobre o que a arte do doce guarda de mais miúdo. Porque em Évora, seja dito de passagem que ainda se faz muito bom pão do chamado de rala, além de «queijinhos do céu», «bolo podre», «trouxas de ovos», «lampreia». Alguns desses doces experimentámos à sobremesa dos Chaves: são deliciosos. O paladar</p>	<p>“Há uma eficiência nos serviços públicos que chega a ser modelar, didáctica, pedagógica. Se há hoje cidade bem policiada é Lisboa. A sua polícia de tráfego é das melhores e faz que brasileiro pense com tristeza no desordenado do tráfego no Rio. No Rio, em São Paulo, no Recife.” Pág. 16</p> <p>“Não é voz, a sua, de português típico que, como o brasileiro típico, tende a falar alto: quase a gritar, mesmo quando conversa sobre assuntos íntimos. O Professor Salazar, ao contrário, conversa sobre qualquer assunto como se fosse tema para ser versado em voz baixa e não aos gritos. Nisto se parece com o brasileiro Getúlio Vargas, em quem também há qualquer coisa de <i>defroqué</i>: pelo menos de</p>	<p>delícia a discussão, a crítica, o próprio choque de ideias, quando o adversário lhe parece da sua mesma condição, senão intelectual, moral. Sente-se que lhe repugna o verbalismo, a oratória, a própria eloquência que mistifique os problemas por amor aos efeitos verbais e até, aparentemente, lógicos. É o homem mais ágil de olhar, mais agudamente vigilante, mais didaticamente atento ao que ouve, que tenho conhecido. Não lhe escapa uma só das minhas pequenas hesitações de palavra, como se qualquer delas lhe revelasse uma ideia ainda verde para ser exposta; ou demasiado indiscreta para ser desenvolvida na presença de um chefe de Governo.” Pp. 21-22</p> <p>“O Professor Salazar é homem de</p>	<p>aquietarem-se em simples bairros-museus. Ou simples restos ou sobejos de bairros apenas etnográficos.” Pág. 28</p> <p>“Os Estoris estão cada dia mais deixando de ser paisagem portuguesa para tornar-se cenografia internacional. É certo que o mar continua a ser aqui e em Cascais de um azul, ou de uns azuis, que talvez só se vejam nesta costa ou recanto de Portugal. E a areia continua a única que nós, brasileiros, consideramos verdadeiramente de praia e que parece ser tão rara na Europa: areia para acolher o corpo inteiro da pessoa e não apenas para ser pisada um tanto esquivamente por pés elegantes.” Pp. 38-39</p> <p>“A comida do Alentejo é ela própria uma comida que parecendo ser simples é complexa com seus coentros, o seu alho, o seu vinagre misturados de um modo que parece o dos feitiços. Feitiçaria culinária.” Pág. 85</p> <p>“Chaminés a que as casas do Algarve parecem servir apenas de pretextos. As chaminés é que dão dignidade monumental às casas simples e despreziosas. São marias-borrallheiras</p>	<p>da oliveira, no Brasil, por mãos portuguesas, é um desses remédios. O vinho é que parece ser impossível de ser substituído no Brasil por tinto ou branco imitado dos portugueses.” Pág. 143</p> <p>“Que o Algarve tem caracóis que são uma especialidade regional como especialidade regional é a açorda alentejana, de pão muito lusitanamente embebido em alho, azeite e água de bacalhau. Que, no Norte, corresponde à açorda, a papa de milho cozinhada com leite: um brasileirismo, talvez. Cheia de</p>
--	---	--	---	--	--

<p>vindima tanto quanto na muita apanha da azeitona e na própria «espalhacão» dos estrumes. Ajuda-o no que se chama, aqui, «sacha» e também na «monda». Em todas as actividades agrárias mais características da região. E daí, talvez, ter, também ela, alguma coisa de homem no seu modo de ser mulher.” Pág. 80</p> <p>“E uma língua portuguesa curiosamente semelhante à de certos brasileiros, a que falam os alentejanos: um português arrastado, lento, em algumas bocas, quase sem ânimo. A fala arrastada de quem não sentisse demasiado gosto ou segurança em falar a língua galaico-portuguesa que lhes impôs um Norte vitorioso pelas armas. De quem estivesse ainda a aprender essa língua nacional, tão vigorosa e rapidamente pronunciada pelos homens do Norte, vencedores dos árabes e dos arabizados do Sul.” Pág. 81</p> <p>“A gente do Algarve é quase toda morena por natureza ou amorenada, avermelhada ou enegrecida por esse sol não só sádico como um tanto intolerante de nórdicos e de louros, de alvuras albinas e de delicadezas cor-de-rosa de europeus demasiadamente europeus.” Pág. 96</p> <p>“De cortiça revestem-se</p>	<p>brasileiro encontra neles alguma coisa de misteriosamente familiar: mistério que não exigiria muita sondagem proustiana para ser explicado.” Pp. 78-79</p> <p>“E certo que há a canja: sopa tão portuguesa. Mas a canja marca, nas relações de Portugal com outros povos, a interrupção pela aventura oriental da aliança peninsular de cultura que se exprimira salientemente naquela literatura bilingue. A canja foi assimilada da Índia pelo português: não é sopa castiça ou peninsular na sua origem. Castiçamente portuguesa é a sopa de couve que, aperfeiçoada, torna-se espanhola por uma como lei de sociologia da culinária: lei de assimilação do simples pelo composto ou do lírico pelo dramático.” Pág. 90</p> <p>“A cortiça sob a forma de rolha está sempre ao lado de quem viaja por Portugal: como rolha de garrafão de água e não apenas de garrafa de vinho. Porque em Portugal bebe-</p>	<p>indivíduo que, na adolescência, tivesse estudado ou querido estudar para padre.” Pág. 23</p> <p>“-é, para uma cidade com as responsabilidades de centro europeu de todo um sistema luso-tropical de cultura como é Lisboa, medíocre. Que me perdoem o reparo meus filhos que ainda não conhecem os jardins zoológicos da Alemanha e dos Estados Unidos: e vêm-se regalando com o de Lisboa tanto quanto se o do Rio -também medíocre. Ambos os jardins – o do Rio e o de Lisboa- são lamentavelmente pobres, e não correspondem às responsabilidades de centros de civilização luso-tropical, de Lisboa, na Europa, e do Rio de Janeiro, na América.” Pág. 54</p> <p>“Quanto às varinas,</p>	<p>aparência sã.” Pág. 23</p> <p>“O que é muito português no Professor Salazar é a doçura um pouco triste do seu olhar: um olhar doce, mas não melífluo, de homem virilmente bom.” Pág. 23</p> <p>“Para ser franco, tenho ouvido, desde que estou em Portugal, críticas ao governo e ao Professor Salazar. Êvidentemente, a rolha aqui não se aplica às bocas das pessoas simplesmente pessoas que apenas conversem sobre assuntos politicamente inflamáveis nos cafés ou jardins públicos ou nos claustros das universidades. O que não significa que não lhe tenham experimentado a aspereza professores, publicistas e jornalistas por pecados de crítica ou</p>	<p>elevadas a princesas, respeitadas como princesas. A casa, a que falte no Algarve a sua chaminé caprichosamente trabalhada, como obra de arte regional, é uma casa apenas tolerada pela paisagem, apenas admitida pela população.” Pág. 99</p> <p>“Já o mesmo não se pode dizer de uma fábrica de enlatar sardinha ou atum. E são as fábricas de sardinha e atum que dão maior renome a Portimão. Toda a Portimão parece viver da sardinha e para a sardinha. No cais, precisa o indivíduo caminhar com cuidado, senão atola o pé em sardinha morta, em resto de sardinha; em geleia de sardinha já espapaçada por outros pés. É como se fosse fruta podre, tempo de fartura de fruta no Brasil: goiaba ou manga ou sapoti, em velhos sítios do Norte, onde o chão se torna quase uma papa pegajenta e pútrida, com tanto sobejo mole de maná, abandonado pelos pássaros, pelos morcegos e pelos próprios meninos pobres.” Pág. 108</p> <p>“Em Fátima só tenho decepção. Esperava um recanto líricamente português e encontro a mais banal das</p>	<p>brasileirismos está a doçaria portuguesa. O que é natural com o Brasil, durante séculos, a suprir Portugal de um açúcar que, do século XVI ao XVII, foi famoso na Europa inteira pelo seu fino sabor. Justamente nessa fase é que o açúcar passou de artigo de botica a artigo de cozinha. A princípio, só de cozinhas ricas. Cozinhas de conventos, cozinhas de palácios de reis, cozinhas de casas nobres. Mas, principalmente cozinhas de convento.” Pág. 147</p> <p>“Procuram explicações para costumes ou tendências que,</p>
--	--	---	---	--	---

<p>pavimentos, paredes e portas, numa como instintiva tendência do homem da região para harmonizar com o seu silêncio o das coisas que o cercam. O camponês do Alentejo serve-se de uma espécie de marmita de cortiça para levar ao campo o seu almoço; e nesta cortiça -levo uma marmita alentejana para o Brasil -o alimento conserva-se quente o dia inteiro. Fazem-se ainda cochos ou bebedouros de cortiça para o gado: um gado amigo, como o homem, do silêncio.” Pp. 107-108</p> <p>“O trabalho de preparar-se a sardinha ou o atum para sua conservação em lata, ora em azeite, ora em tomate, é trabalho quase tão delicado como o de renda ou bordado. Por isso mesmo é quase todo feito por mão de mulher, o que, aliás, em Portugal, nem sempre quer dizer mão melindrosa que só saiba costurar e bordar, fazer doce e cuidar de doente. Há em Portugal muita mulher que faz trabalho de homem; e desde as nossas excursões pelo cais e pelos arredores de Lisboa que meu filho Fernando, de oito anos de idade, se vem mostrando impressionado com o facto e comentando: «Como as mulheres trabalham em Portugal!» Trabalham nos campos, lavrando as terras; trabalham nos cais, carregando fardos; trabalham nas</p>	<p>se água de garrafão -cada região tem o seu sabor de água- como se bebe vinho de garrafa também da região. Isto sem falarmos em vinhos finos ou águas alcalinas ou minerais: Castelo, Luso, Pedras Salgadas.” Pág. 107</p> <p>“Talvez tenha alguma coisa de plebeia e muito de provinciana. Mas a verdade é que, acompanhado de bom azeite e de bom vinho, o bacalhau é uma das melhores expressões da cultura portuguesa. Cultura no sentido sociológico em que a broa é também um genuíno valor português e o caldo verde, outro.” Pág. 142</p> <p>“Quem viaja por Portugal encontra uma variedade de doces que espanta em país tão pequeno: desde as queijadas de Sintra ao «bolo podre» de Évora. Mas seria injustiça esquecer o mais superficial dos admiradores de doces, de pastéis, de bolos, os «ovos moles» de Aveiro ou os «pastéis do Tentugal» ou os «pastéis</p>	<p>não seria possível conservá-las ainda, por algum tempo, vivas e com as suas cores de sempre, dando-lhes um mercado, uma praça, um largo que fosse todo delas? Talvez. Porque a verdade é que elas dão a Lisboa um encanto especialíssimo. Elas são para Lisboa o que as baianas de tabuleiro enfeitado e xale são ainda para a velha cidade de Salvador da Baía de Todos os santos.” Pp. 57-58</p> <p>“Ao mesmo tempo, é interessante, para quem visite Portugal com olhos de brasileiro, procurar surpreender, não só nos sobrados de cidade como nos solares ou nas simples casas de dois pisos ou mesmo de um só andar, de província -casas, várias delas, alpendre sustentado por colunas consideradas</p>	<p>de ideologia política de maior ressonância que aqueles reparos considerados inocentes ou líricos, de café, de claustro de universidade ou de banco de jardim. Este emprego simbólico mas violento da cortiça para arrolhar bocas de pessoas, sou dos que o lamentam no Portugal de hoje. E tão respeitável e tão geralmente respeitada me parece a figura máxima do actual governo português -o Professor Salazar- que estou certo de que, substituída a censura aos jornais por uma severa mas democrática lei de responsabilidade de Imprensa -da qual o Brasil, aliás, muito carece- nem sofreria o seu prestígio moral, que é imenso, nem se comprometeria nas suas bases a estabilidade de forma de Estado em Portugal, que uns pretendem seja apenas autoritária,</p>	<p>paisagens subeuropeias.” Pág. 117</p> <p>“Sei que digo heresias mas em Nazaré ou em Peniche, sinto-me muito mais tocado pelo mistério cristão ligado à paisagem mais profundamente portuguesa, do que em Fátima. Fátima já não é sequer pastoril: aburguesou-se. Parece subúrbio de Lisboa. A sua piedade vem tornando-se uma piedade dirigida, ligada, talvez, a um começo de economia também dirigida, como a que se surpreende em Lisieux.” Pág. 119</p> <p>“Querendo agora rever alguns desses recantos, dão-me notícias tristes: «isto foi demolido». Ou: «aquilo foi reformado». A área mais devastada pela demolição descobro que é precisamente aquele alto de Coimbra que era o seu nariz de Cleópatra: e onde o mau urbanismo levantou, como o seu melhor esforço, um moderno edifício para a Faculdade de Letras. Edifício inexpressivo como arquitectura e lamentável como arte decorativa. Dizem-me que antigo doutor de Coimbra, vendo-o pela primeira vez, reparou indignado: «Mas isto é uma fábrica de chocolate!» E é</p>	<p>parecendo às vezes peculiares ao Brasil, têm origens lusitanas, não em Lisboa nem no Porto, mas nas aldeias. Foram as aldeias portuguesas os verdadeiros ventres geradores do Brasil.” Pág. 149</p>
--	--	---	--	--	--

<p>ruas, vendendo peixe em tabuleiros. Mas tabuleiros que não se parecem com os aromáticos, de frutas e doces finos, das baianas de pés mimosos e mãos delicadas. Tabuleiros rudes, másculos, harmonizando-se com o andar também um tanto de machonas, de viragos, das belas mas grosseiras varinas, mestras da arte de praguejar, da retórica do palavrão obscuro. Tabuleiros de que se desprende um cheiro grosso de peixe, de maresia, homem.” Pág. 109</p> <p>“Ainda há pastores pelo Norte mais arcaicamente pastoril de Portugal - no Soajo, na Estrela, no Marão-que, em vez de se resguardarem das chuvas com capas de borracha e galochas inglesas, continuam fiéis à sua «palhoça» de junco, às suas polainas também de junco, aos seus socos ou tamancões cardados à moda da região. Ainda se surpreendem pastores trajados assim. E nas serras da Beira, ainda se vê a capucha: velha capa pastoril com alguma coisa de hábito de frade que é, também, impermeável à água. Ao lado dessa capa dos homens, a chamada «patrona», das mulheres, que é uma espécie de espartilho rústico, bordado de muitas cores, que pode ser usado sobre qualquer saia.” Pág. 145</p>	<p>de feijão» de Torres Vedras ou as «cayacas» e «trouxas» das Caldas ou o «manjar branco» de Coimbra ou o «pão-de-ló» de Ovar ou as «tigelinhas» de Santo Tirso ou os «palitos» de Oeiras. Alguns dos nomes de doces regionais portugueses ninguém ousa dizê-los em voz alta em meio sofisticado, embora em conversa castiçamente portuguesa de província não chegue a ser escândalo referir-se alguém a um deles: aos «testículos de São Gonçalo», por exemplo.” Pp. 147-148</p> <p>“Tem aí Portugal a solução para problema de admitir ou 'não em cargos eminentes -inclusive comandos militares-portugueses de cor, nascidos nas províncias ultramarinas. A solução portuguesa creio que deve ser hoje a mesma dos dias de Honório, governador de Cachéu e comandante de batalhão: a tradicionalmente lusitana desde os dias de Henrique Dias. Sendo o preto ou o mulato de «raça fina»,</p>	<p>por Aquilino Ribeiro de uma «discreta familiaridade»- origens ou inspirações daqueles sobrados e daquelas casas brasileiras de chácara, de fazenda, de engenho que, guardando o seu carácter europeu ou luso-oriental, melhor se harmonizaram com a paisagem tropical da América.” Pág. 151</p> <p>“A lã é para o pastor de ovelha de Portugal o que o couro é para o vaqueiro do Nordeste brasileiro.” Pág. 155</p> <p>“Espanhóis e Portugueses da fronteira são bicudos que se assemelham como se assemelham os gaúchos do Brasil aos da Argentina e do Uruguai.” Pág. 158</p> <p>“...o Porto e Lisboa são tão rivais quanto São Paulo e o Rio. A de que falta ao Porto a doçura de Lisboa,</p>	<p>outros consideram também, a seu modo, democrática.” Pp. 105-106</p> <p>“Um facto é certo: o regime político português peca por excessos de policialismo, que sou o primeiro a lamentar. Excessos semelhantes -embora de modo algum iguais- aos que combati no chamado «Estado Forte» brasileiro, quando este se tornou brutalmente policialesco, à revelia, aliás, do Sr. Getúlio Vargas.” Pág. 164</p> <p>“É certo que continua a haver em Portugal censura da parte do Estado à Imprensa. Censura humilhante e talvez desnecessária.” Pág. 164</p> <p>“Um retrato que está ainda por toda a parte em Lisboa é o de Carmona. Portugal de tal modo se habituara</p>	<p>realmente a ideia que nos dá: a de uma fábrica de chocolate. Uma fábrica de bombons e não um centro de belas-letas.” Pág. 136</p> <p>“A «dança dos paulitos», segundo um entendido inglês em assuntos de folclore português, tem por área o quadrilátero formado por Miranda, Bragança, Macedo de Cavaleiros e Mogadouro. Considerada por muitos dança de carácter militar -por ser dançada com espadas- parece que o seu verdadeiro sentido é o de dança ritual: talvez sobrevivência de danças secretas de homens ou rapazes, nas cerimónias de iniciação comuns a várias sociedades primitivas da Europa. É dança de origem remotamente pagã. Dançam-no os homens de hoje com umas como saias sobre as calças pretas e uns chapéus, também pretos, debruados de amarelo ou azul que lhes dão um ar de dondons enfeitadas. Ao pescoço, lenços de cores vivas. Fitas e flores artificiais à cabeça e à cintura. A dança, porém, é viril. O manejo das espadas caracteriza-a bem como dança de homens. E nesse manejo está a sua maior graça de movimentos e de sons, pois</p>	
--	--	--	--	---	--

<p>“Cada região tem em Portugal o seu tipo de casa e cada indivíduo faz, no Algarve, a chaminé que lhe dá na gana fazer. Mas essa liberdade de expressão regional e de expressão individual vem contribuindo para alguma coisa de nacionalmente português que indica quanto é profunda em Portugal a unidade nacional de sentimento e de cultura.” Pp. 152-153</p> <p>“Em país de clima frio o português, paradoxalmente, dissolve-se em ex-português ou, quando muito, semiportuguês, por falta de calor ou de ambiente que anime no seu corpo e na sua alma aquelas virtudes e aqueles defeitos. O seu ambiente é, fora de Portugal, o trópico. É no trópico que ele sabe conservar -como na Penha do Rio, em Nazaré do Pará- o seu modo ruidoso de ser alegre, de ser cristão, de ser compadre e não apenas devoto dos santos da Igreja.” Pág. 172</p>	<p>pode ser elevado até à Presidência da República, como, no Brasil, foi Nilo Peçanha, sem que daí tivesse resultado o menor desprestígio para a nação brasileira. Não se deixe Portugal superar, neste particular, pela hábil França, que hoje cultiva seus «pretos de raça fina» e lhes abre vantagens de postos oficiais na própria Europa, com um carinho que chega a parecer artifício. Os próprios Estados Unidos estão a cultivar carinhosamente os seus «pretos de raça fina», um dos quais é hoje diplomata de renome no Mundo inteiro.” Pág. 201</p>	<p>como a doçura do Rio ainda falta a São Paulo. No Brasil é o Rio que vem paulistanizando-se: perdendo a graça latina, o não sei quê de cidade-mulher, para adquirir a crua masculinidade anglo-americana de São Paulo. Em Portugal, o Porto continua a ser o Porto e Lisboa a ser Lisboa.” Pág. 188</p>	<p>à figura do elegante militar, do marechal ainda vivo e já histórico, como o seu Chefe de Governo, que parece não querer acreditar de todo na sua morte.” Pág. 258</p>	<p>as espadas, em instantes exactos, devem bater umas nas outras, tornando-se uma espécie de castanholas, ao acompanhamento das quais se desenvolvem danças e cantos.” Pág. 144</p> <p>“Tinham-me dito da região do Norte de Portugal onde me encontro que é mais vegetariana em sua cozinha que as suas irmãs. Também mais farta em manteiga e em queijo de leite de cabra. O que me parece é que a diversidade regional de paladar e de alimentação em Portugal se afirma antes em coisas de sobremesa do que de mesa. A bacalhoadá é prato nacional. Nacional é o cozido com a sua carne de vaca, seu arroz, seus legumes, seu toucinho, seu chouriço. Nacional é a sardinha. Nacional, o leitão. Nacional, o uso do azeite, da banha, da cebola. Nacional é hoje a canja: assimilação de prato indiano pelos conquistadores do Oriente. E certo que o caldo verde é mais do Norte do que do Sul.” Pág. 147</p>	
---	--	---	--	--	--

Apêndice 10: 1954- Roteiro de Portugal: A viagem da Embaixada Universitária “RUY BARBOSA” (Domingos da Cunha Gonçalves).

Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à Salazar	Lugares	Relação entre os países
<p>“Aqui, leitores, um pequeno parêntesis para prestar justiça à cozinha portuguesa: é de fato uma cozinha deliciosa, farta e variada, sem dever às mais ricas do mundo.” Pág. 22</p> <p>“Estivemos em Famalicão, onde lembramos o comendador Joaquim Campos, pois alí nasceu esse dinâmico português que muito nos prestigiou no Rio de Janeiro e, com outros, tornou possível o nosso</p>	<p>“Ao chegarmos ao hotel, já haviam batido as primeiras horas da madrugada. Sobre o luxo e o conforto desse hotel, perderíamos muito espaço se nos dessemos ao agradável prazer de os descrever. O que mais nos deixou surpresos foram os preços das suas diárias. Irrisórios, comparados aos dos hotéis de nosso país, a maioria deles longe de se equipararem ao "Infante de Sagres", obra do grande capitalista Delfim Ferreira.”</p>	<p>“Ainda debaixo das emoções sentidas naquele majestoso templo da pátria portuguesa que são os Jerônimos, dirigimo-nos ao antigo Convento de S. Bento, hoje convertido em palácio, onde funcionam, no primeiro andar, a Câmara Corporativa e a Assembléia Nacional. Junto a esta situa-se a Sala dos Passos Perdidos, em redor da qual notamos os gabinetes dos presidentes e secretários da Câmara e da Assembléia, a sala</p>	<p>“Pouco depois do almoço, dia 14 de Agosto de 1953, já de dentro do luxuoso transatlântico “Vera Cruz”, as nossas mãos se agitavam acenando lenços brancos em despedida à bela capital do Brasil.” Pág. 21</p> <p>“Tudo no navio é grandioso. Estação de rádio, com escolhidos programas, jornal diário, distribuído nos camarotes pela manhã, ar condicionado, piloto automático, radar com alcance de 30 milhas, duas turbinas, com potência máxima de 25.500 CVE, desenvolvendo 20 nós, o colosso transatlântico encurtava a distância que nos separava de Lisboa. Luxo e requintado gosto se notam em todos os pormenores. Elevadores conduziram-nos confortavelmente aos diversos pavimentos.” Pág. 22</p> <p>“Chegamos à Madeira à noite e, mesmo assim, o encanto que esta nos ofereceu foi além da nossa expectativa. Um verdadeiro presépio. Dir-se-ia que era o Eden conjugado pela natureza e pela mão do homem, tão garrida e feérica se nos apresentava a linda ilha.” Pág. 25</p> <p>“Estivemos no pico dos Barcelos, de onde dominamos a baía do Funchal, tôda ela banhada pela claridade do luar. Um perfume natural pairava pelo ar, dando-nos a certeza de que alí a vida era realmente saudável. Estradas bem delineadas, modernas avenidas e ruas de excelente piso cortam a cidade em todos os quadrantes. Destacava-se, com o seu ar simpático, a nova Avenida do Funchal, onde se ergue um belo monumento ao Infante D. Henrique. Os edifícios públicos impressionam pelo original estilo de construção e o asseio nas vias públicas era a nossa observação constante. O comércio, aberto para atender os turistas, oferecia-nos um espetáculo policrômico. Belos trabalhos em bordados, tão ricos, que só a mãos de fadas os podemos atribuir.” Pág. 25</p>	<p>“Dentro desse propósito e para que os leitores possam ter uma idéia do impulso dado pela Colônia Portuguesa do Brasil no campo da assistência hospitalar, publicamos, neste trabalho, uma fotografia que nos permite observar a magnífica obra, ora em construção, da Beneficência Portuguesa, em S. Paulo. A foto diz tudo e creio que nos dispensa comentários. Por todo o território brasileiro se erguem esses marcos de cooperação, que simbolizam os</p>

<p>conhecimento da terra portuguesa. Demoramos pouco, o bastante para saborearmos um refrêscos. Notamos a presença de grandes fábricas, como a "Reguladora", a marca registrada da indústria relojoeira de Portugal." Pág. 75</p> <p>"Por volta das duas da madrugada, presenciamos um dos mais belos espetáculos que nos foi dado assistir em Portugal: a queimação de fogos de artifício. Bem pôde Portugal orgulhar-se da perfeição dessa indústria, pois coisa igual só mesmo em</p>	<p>Pág. 66</p> <p>"A vida noturna no Pôrto é pequena. É habitual frequentar um cinema ou teatro, comer um bife num bom café e, logo mais, embrenhar-se no leito. Sossegada a cidade. É a São Paulo portuguesa, terra em que prepondera o trabalho e onde as diversões são raras." Pág. 70</p>	<p>dos Ministros de Estado e uma rica biblioteca. Existe uma moradia, nos fundos do palácio, onde reside o dr. Antônio de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros. Não nos foi possível um encontro com Sua Excelência, muito embora tenha interferido nesse sentido o comandante Henrique Tenreiro, de vez que aquele se encontrava ausente em Santa Comba Dão, sua terra natal, para onde fôra a descanso." Pág. 57-58</p>	<p>"Mesmo de noite ainda nos foi possível admirar a singeleza da Sé de Funchal, para onde nos dirigimos através de ruas e vielas estreitas e tortuosas." Pág. 26</p> <p>"Nessa curta viagem do cais ao hotel, foi-nos dado observar duas coisas importantes: muita limpeza e muita ordem. Belas avenidas marginam o Tejo e assim passamos por Santos, Cais Sodré, Praça do Comércio, uma das mais belas da Europa (erguendo-se em seu centro a estátua equestre ao rei D. José, do escultor Machado de Castro), rua Augusta, onde sentimos o bom gôsto do comércio lisboeta, Rossio e Restauradores, onde admiramos o obelisco comemorativo das lutas da independência de Portugal, no ano de 1640. Percorremos tôda a avenida da Liberdade, com seus 1.500 metros de comprimento por 90 de largura, de uma vegetação luxuriante, ornamentada por estátuas de famosos escritores, além do monumento aos Mortos da Grande Guerra." Pág. 33</p> <p>"Foi, então, que conhecemos o Estoril, belíssima estância de veraneio, com ricos hotéis e casino, Cascais, com sua cidadela governamental e a famosa "Bôca do Inferno" e Sintra, esta a maravilhosa terra de que tanto Lord Byron se ocupou, e cujos palácios e residências nos fazem crer num paraíso terrestre. Visitamos o Vale do Jamor, onde se encontra o Estádio Nacional, obra que pela sua grandiosidade valeu-nos exclamações de admiração." Pág. 33-34</p> <p>" Ah, Lisbôa noturna! Antes de mais nada, a bela aparência vespertina da cidade, riquíssima de movimentados anúncios luminosos, de maravilhosa iluminação pública, de monumentos sobressaindo à luz dos holofotes e de fantásticas fontes luminosas, como aquela gigantesca da incomparável Alameda Afonso Henriques. E os alegres cafés à latina, no meio da Avenida da Liberdade ou nas lindas esquinas lisboetas, e os grandes teatros luminosos e elegantes, como os nacionais de S. Carlos e de D. Maria II, e mais o Apolo, o Avenida, o Maria Vitória, o Monumental, o Trindade, o alegre Variedades... De cinemas, Lisbôa é tão ou mais bem servida que qualquer capital européia. Casas como o Monumental e o São Jorge sòmente em S. Paulo se encontrariam no Brasil, que os cines do Rio são bem mais modestos. E há ainda outros, quase tão maravilhosos, como o Eden, o</p>	<p>sentimentos do povo português, do qual orgulhosamente descendemos." Pág. 15</p> <p>"Fomos rapidamente desembarçados pelas autoridades aduaneiras, pois, além do fato de sermos brasileiros (o que é passe mágico em Portugal), viajávamos com passaportes especiais, emitidos pelo Itamarati, valiosa contribuição do Ministro Vicente Ráo à nossa Embaixada. De início ficamos bem impressionados com a organização da Alfândega de Lisbôa, que possui instalações e serviços admiráveis." Pág. 32</p> <p>"Tivemos a ventura de encontrar</p>
--	---	--	--	---

<p>Veneza. Cenas curiosas eram apresentadas artisticamente pelo "fogo prêso", assim chamado por ser consumido no local onde é colocado. Só vendo em pessoa tal espetáculo é que podemos dar-lhe o seu real valor.” Pág. 84 e 87</p> <p>“Em seguida, fomos ao número 41 da Avenida dos Aliados, séde do Consulado do Brasil, e aí recebidos pelo seu titular, que muito apreciou o nosso comparecimento e destacou a maneira como estávamos sendo tratados em terras portuguesas. Notou isso, disse, pelo frequente</p>			<p>Condes, o Império, o Tivoli, e tantos cujos nomes não ocorrem... De circo, funcionava diariamente, quando lá estávamos, o grande Coliseu dos Recrios, cheio de atrações européias e de incríveis palhaços portugueses. E havia ainda a grande Feira Popular, no Parque Maria Eugênia, cheia não só de exposições como de toda espécie de divertimentos típicos e aquele gozadíssimo restaurante onde comemos, com elementos da Mocidade Portuguesa, o melhor assado de porco do mundo... Os principais "night-clubs" de Lisboa são o Cristal, o famoso Maxime (onde estava, à ocasião, um bailado popular brasileiro, apinhado de belas morenas) e o Ritz Club, todos três “ultra-chics”, onde se via desfilar a elegância portuguesa que, sobretudo no setor masculino, é conhecida por toda a Europa. Menos "raffinés", porém, igualmente alegres e com ótimos "shows" são as "boites" alinhadíssimas, como o Alvalade, o Aquário, o Tágide, o Nina, o formidável Negresco, o Bico Dourado, etc., onde se come em ótimos restaurantes (comidas como aquelas só mesmo no "Vera Cruz" ou em Paris...), com vastos dancings e ricos espetáculos, do melhor gosto moderno.” Pág. 37-38</p> <p>“Mas o que deixou a melhor e mais duradoura impressão em nós brasileiros, foi a noite mais tipicamente portuguesa, a noite do Bairro Alto, da Alfama e da Mouraria, coalhados todos três muito mais de estudantes e de bons portugueses e brasileiros que de turistas ocasionais, andando em grupos, de ônibus, vendo não mais que uma casquinha de cada fruto maravilhoso... Assim a Tipóia e o Faia (antiga Adega da Lucília), ambas no Bairro Alto, e a Nau Catrineta, o Coração de Alfama e o Parreirinha, todas na Alfama, e mais o Patricio e o Retiro da Bairrada, noutros recantos.” Pág. 38</p> <p>“Dirigimos-nos, em automóveis, em direção ao Terreiro do Paço (Praça do Comércio) e, depois de uma ligeira visita à igreja da Madalena, com seu famoso pórtico manuelino, enveredamos por uma pequena praça, onde se acha o templo de Santo Antônio, o Santo português, nascido naquela redondeza a 15 de Outubro de 1195, e que terminou seus dias em Pádua, Itália, a 13 de Junho de 1232. Essa igreja é uma das mais frequentadas, sobretudo pelo elemento feminino, que crê nos milagres casamenteiros do referido Santo.” Pág. 45</p>	<p>conterrâneos de todas as partes do Brasil. Só em terras portuguesas isso sucede, pois tínhamos a certeza de que ali éramos estimados e que ao menor desejo todas as portas nos eram franqueadas. Bem hospitaleira é a gente de Portugal, sobretudo em se tratando de brasileiros!” Pág. 70-71</p>
--	--	--	---	--

<p>noticiário com que a imprensa e o rádio portugueses assinalavam a nossa presença naquele belo país, tão hospitaleiro por natureza.” Pág. 111</p> <p>“Poucos quilômetros nos separavam de Alcobaça, onde almoçamos depois de havermos passado a manhã em Aljubarrota. Não desconhece o leitor as admiráveis louças que dali procedem, pois estas se tornaram vulgarizadas em nosso país, bem como as suas conservas de frutas. A nossa refeição, naquela doce terra, obrigamos a nunca achar</p>			<p>“Da Alfama pulamos para a Mouraria, aquele delicioso bairro cantado por amália Rodrigues, o bêrço do fado, todo orgulho da Severa. Paisagem maravilhosa. Muito colorido, muito sol, em flagrante contraste com o bairro anterior. É ainda Lisbôa primitiva, e seus vestígios não desmentem. Outrora cedida pelo rei Afonso I aos mouros, que alí tinham direito de cidadania, a Mouraria está fadada a desaparecer e dar lugar a um dos mais modernos bairros da capital portuguesa. Será sentida essa mudança e fomos testemunha de quanta tristeza vai já na alma do alfacinha por êsse acontecimento.” Pág. 46 e 49</p> <p>“O Museu dos Coches, o primeiro do mundo, não só em quantidade como em qualidade. A grandeza e bom gôsto dêsse museu mereceram os nossos maiores elogios. Alí encontramos os mais ricos e extraordinários coches que, não há muito tempo, transportavam reis, príncipes, prelados e embaixadores.” Pág. 50</p> <p>“É maravilhoso o trabalho realizado, chegando a ser de difícil compreensão a paciência dos obreiros de então, dedicados a rendilhar em pedra. Parecíamos estar em frente do impossível. Nos primeiros momentos fomos prêsa de grande emoção ao rodearmos, um de cada vez, os túmulos opostos de Camões e de Vasco da Gama. Ficamos como que esquecidos de nós mesmos e bem alto elevamos os nossos pensamentos, como se orássemos a essas grandes figuras da nacionalidade portuguesa, e, já agora, da comunidade luso-brasileira. A evocação dêsses heróis, no mundo das letras, um, e no mundo das sensacionais descobertas, outro, nos tomou alguns instantes de sincero e mudo recolhimento.” Pág. 54</p> <p>“Dia 27 de Agôsto de 1953. Encontrávamo-nos na estação ferroviária de Santa Apolônia, esperando a hora da partida. Iríamos viajar pelo "Foguete", estupendo e rápido comboio que liga Lisbôa ao Pôrto, e que saía às 19,35 horas. Muito diferente, em nada se comparando à estação do Rossio, a de Santa Apolônia é muito pobre. Entretanto, um projeto está em vias de execução para uma radical reforma.” Pág. 65</p> <p>“Visitamos, antes de mais nada, o seu comércio, afamado no país e foi assim que percorremos as suas ruas principais, como Santa Catarina, Passos Manoel, Santo</p>	
--	--	--	---	--

<p>demasiado repetir que a comida portuguesa é uma das melhores do mundo, quer pela substância dos seus alimentos, quer pelo agradável sabor dos mólhos que a completam. Fizemos questão cerrada de sermos servidos em louça da região e, à sobremesa, famosas frutas puseram um ponto final e delicioso à nossa gulodice.” Pág. 149</p> <p>“Alfeizarão, por exemplo, que possui, bem na orla da estrada, dois esplêndidos restaurantes e onde compramos “pão-de-ló”, que dizem ser o mais afamado de Portugal.” Pág.</p>			<p>Antônio e das Flores, onde, porta sim, porta não, deparávamos com ourivesarias. Trabalhos maravilhosos em ouro e prata, que nos deixaram extasiados ante tanta beleza artística. Entramos em grandes armazéns e em luxuosos cafés. Êstes e os cinemas rivalizam e chegam até certo ponto a superarem os da capital. Cafés como o Palladium, o Rialto, o Aviz, o Majestic, o Rivoli, o Vitória e a Brasileira são atestados de bom gôsto e de luxo que justificam o bairrismo dos “tripeiros”, como são conhecidos os habitantes da cidade. Vimos cinemas importantes, destacando-se entre êles o Coliseu, o Rivoli, o Batalha e o São João, sendo que o primeiro é considerado o melhor da Península Ibérica. Teatro só possui o Sá da Bandeira, por sinal muito pobre de fachada e interiores.” Pág. 66 e 69</p> <p>“Visitamos, lá para o lado dos bairros novos, o Estádio do Pôrto, que não fica a dever muito ao de Lisbôa. Está bem localizado. Junto a êle levanta-se um imponente templo, ainda em conclusão, de linhas arquitetônicas arrojadas e que é conhecido por Santo Antônio das Antas. Antas é um dos bairros novos, considerado o mais aristocrático da cidade. Segue-se o de Costa Cabral, também de construções belas, algumas funcionais, fazendo-nos lembrar as do nosso Brasil. Passamos por bem traçada avenida, a dos Combatentes, ladeada por palacetes suntuosos; em sua maioria com jardins e estátuas. Dirigimo-nos para o outro lado da cidade e marginamos as suas longas praias. Foz, Matozinhos e Leça da Palmeira ficarão para sempre em nossas retinas, sobretudo a primeira, com os seus passeios bem idealizados e cuidados, apresentando-nos uma vegetação luxuriante de frondosas árvores.” Pág. 69</p> <p>“Encarnando bem o espírito alegre, de que nunca se divorcia o bom brasileiro, fomos quebrar aquela quietude do Pôrto em um delicioso lugar, bem próximo daquela cidade e que em nada justifica o seu nome: Espinho. Estação de veraneio, alí vimos muita gente, muita alegria, muitos "brotos"... Praia deliciosa, das mais cobiçadas do norte do país, possui modernas e elegantes construções. Surpreenderam-nos as suas avenidas e ruas, obedecendo a rigoroso traçado. Avenida 8, rua 6, etc., no sistema novaiorquino de designação de artérias. Possuindo belíssimos hotéis e pensões, destaca-se, entre aquêles, o "Palace", com sua admirável "terrace", de onde se desfruta aquele buliçoso "footing" e se vêem</p>	
---	--	--	--	--

150			<p>desfile as mais belas mulheres da sociedade nortista, de modo especial do Pôrto.” Pág. 70</p> <p>“Esta, a Roma dos portugueses, disputa com Coimbra o lugar de terceira cidade do país. Uma tabuleta à margem da estrada: Braga. Eis-nos a entrar por um arco secular- Arco da Porta Nova que, ao tempo, serviu de porta da cidade. Rua estreita, porém de sabor memorável. Com poucas quadras percorridas, atingimos um pequeno largo, quase despercebido, onde se situa a famosa Sé, primaz das Espanhas.” Pág. 75</p> <p>“Imediatamente fizemos uma visita ao Estádio 28 de Maio, obra grandiosa e que nos deixou perplexos, pois não contávamos encontrar alí uma praça de esportes de elevado padrão e com capacidade para quase quarenta mil espectadores. Linhas modernas, de um completo bom gosto e aproveitando a bela posição do terreno onde se localiza, o Estádio 28 de Maio permanece ainda em nossa lembrança, figurando entre as grandes surpresas da viagem.” Pág. 76 e 79</p> <p>“Não nos sendo possível uma visita ao Sameiro, a fim de conhecermos sua preciosa igreja, fomos, entretanto, ao Bom Jesus do Monte, utilizando o famoso elevador que serve aquêlo pitoresco lugar. Chegamos debaixo de um sol abrasador. Felizmente um frondoso parque, com bem traçado lago, amenizou-nos a canícula. Percorremos a enorme escadaria, que vai até o lugar de onde parte o elevador. Logo a descemos, e a nossa curiosidade perdeu-se nas numerosas capelinhas que pela escadaria se espalham e simbolizam passagens da vida de Cristo. Obra admirável. Notamos ainda, lá em cima, a existência de bons hotéis, bem como de um pequeno casino, de onde desfrutamos magnífica paisagem.” Pág. 79</p> <p>“Assim chegamos a Ponte de Lima, a terra que se orgulha de possuir o mais antigo foral do distrito de Viana do Castelo, e que lhe foi dado por D. Tareja, a 4 de março de 1125. Atravessamos estreita e secular ponte sôbre o rio que banha a preciosa vila minhota. Admiramos, logo de entrada, bela avenida, tôda ela arborizada, onde se realizam tradicionais festejos, anualmente, em setembro e que são popularmente conhecidos por "Feiras Novas".” Pág. 93</p>	
-----	--	--	---	--

			<p>“De avenidas amplas, bem cuidadas, de luxuriante vegetação, Viana possui um sabor diferente, impregnado de uma alegria sóbria mas comunicativa. Suas casas, muitas com admiráveis arcarias, fizeram-nos reviver o glorioso passado de Portugal.” Pág. 94</p> <p>“Depois do jantar, demos uma volta pela vila, de aspecto bem moderno e de um movimento desusado. Lá pelas tantas, eis-nos a ingressar no Casino, admirável em todos os seus pormenores. Impressionou-nos magnificamente a grandiosidade do salão de baile, onde, é claro, paramos mais tempo, não fôssemos amantes da boa música e do prazer de dançar. Vimos naquele luxuoso ambiente o que há de mais fino na sociedade do Norte, pois, em épocas como aquela, contam-se aos milhares os veranistas. Como em Espinho, tivemos oportunidade de escutar alí a música do nosso Brasil, bem interpretada e apreciada pelos nossos irmãos portugueses.” Pág. 101</p> <p>“Descemos a Penha e tomamos então o caminho do Pôrto, indo por Barcelos, outra importante cidade que muito nos fez evocar a vida medieval. O pesado muro do antigo paço ducal, a secular ponte sôbre o rio Cávado, as tôrres do Paço de Barbadão, o pelourinho e as residências, de um cinzento que só voltamos a ver em Paris, são características de Barcelos, que dizem ter sido fundada pelos gregos doze séculos antes de Cristo. Foi Barcelos séde de grandes concílios, no princípio do Cristianismo, e possui templos majestosos.” Pág. 103</p> <p>“Entramos no Palácio da Bolsa, erguido pelas classes conservadoras da cidade, num esfôrço digno de nota e cuja obra é hoje justo orgulho dos portuenses. Apreciamos aí o famoso "Salão Árabe", onde se realizam as grandes recepções, como bailes oficiais e coquiteis. Possui ricas salas aquêle magnífico palácio, destacando-se a de reunião da sua Diretoria, onde se notam belos quadros sôbre a história do comércio e da indústria. Atravessamos espaçoso pátio interno, todo êle coberto, e dirigimo-nos, por uma porta de acesso, à Igreja de São Francisco, templo riquíssimo, do século XIII, fundado por D. Sancho I.” Pág. 107</p>	
--	--	--	--	--

			<p>“Estivemos, pena foi ser por pouco tempo, no Museu “Soares dos Reis”, onde apreciamos admiráveis trabalhos de diferentes artes, muito em especial a escultura. No edifício, onde funciona a Universidade do Pôrto, com suas atividades encerradas pelas férias, fomos levados a conhecer as suas dependências, amplas e confortáveis.” Pág. 108</p> <p>“As famosas “repúblicas” de estudantes, muito embora êstes estivessem em gôzo de férias, foram-nos mostradas e chegamos mesmo a penetrar numa delas, tão curiosa quanto o nome que a designa. Ei-lo: Prakistão (Para aqui estão)! Soubemos que essas residências, de quinze a vinte universitários, são administradas exclusivamente por êles, havendo em sua organização um presidente e vários “ministros”. Êstes últimos ocupam funções as mais diversas e assim temos o ministro da Gaita (dinheiro, é claro), do Bom Trato, do Muito Olho e Pouco Descanço, da Ignorância Nacional e Máus Costumes, etc..” Pág. 115</p> <p>“Para o leitor apreciar o bom humor que reina entre a estudantada de Coimbra, eis mais alguns nomes, que anotamos, das “repúblicas” universitárias: “Paços Reais da República dos Kágados”, “Pagode Chinês”, “Galifões”, “Rás-te-Parta”, “Palácio da Loucura” e “Ai, ó Linda”.” Pág. 116</p> <p>“Ingressamos na biblioteca, que mais se assemelha a uma igreja. Construída por D. João V, tem três salas lavradas, com ricas obras de talha, possuindo seis mesas, assás amplas, de madeiras exóticas. O colorido do teto deixou-nos maravilhados. Obras grandiosas fazem parte de sua coleção, computada em um milhão de volumes, ricamente encadernados. Na Sala dos Cimélios existem os famosos cofres de ferro, onde se guardam os livros mais raros, alguns únicos em todo o mundo, como o “Livro de Horas”, da rainha D. Leonor, e a primeira edição de “Os Lusíadas”. Logo após, fomos ver a Capela da Universidade. De estilo manuelino, obra de Pedro Soares, possui alfaias riquíssimas e seu órgão é uma linda obra de talha. Tem uma torre de mais de trinta metros de altura e um sino, conhecido por “cabra”, o regulador da vida acadêmica e sôa cêdo, à noite, para os “Calouros”, que devem obrigatòriamente ir para a cama pouco depois do jantar.” Pág. 117</p>	
--	--	--	--	--

			<p>“Passamos pelo parque Santa Cruz, de luxuriante vegetação e, mais adiante, visitamos um dos mais belos parques infantís que existem no mundo. “Portugal dos Pequeninos”, assim se chama e é uma criação benemérita do Dr. Bissaia Barreto, figura de cientista de renome, de colaboração com o govêrno. Alí encontramos, em miniatura, numa extensa área, solares e casas importantes de Portugal, desde o Minho ao Algarve. Os monumentos são reproduzidos com incrível perfeição. Até as construções do nosso Brasil-Colônia surgem-nos alí em esplêndido cenário. Todo o Império Português está representado, numa materialização da grandiosa obra civilizadora dos nossos irmãos portugueses. Não falta nem a Universidade de Coimbra, reproduzida em seus mínimos detalhes, tal qual a vimos no dia anterior. Dir-se-ia que em pouco tempo tínhamos tomado contacto com Portugal e com o mundo por êle criado, ao nos embrenharmos naquele parque infantil, que pelo tamanho é uma verdadeira cidade mirim. Deixamos assim Coimbra, com a mais venturosa recordação.” Pág. 125</p>	
--	--	--	---	--

Apêndice 11: 1956- O que vi em Portugal (Horacel Cordeiro Lopes).

Como é o português	Características sobre Portugal	Festas populares	Referências à Carmona/Salazar	Lugares	Relação entre os países
<p>“Como gosto de admirar Lisboa! Tão moderna em seus bairros novos, tão antiga e vetusta em seus bairros altos, como a Alfama e a Mouraria, típicamente regionais, onde o fado vive e chora as máguas do coração sentimental do luso, a expressão maviosa da alma lusitana.” Pág. 23</p> <p>“Seus inúmeros centros, bem populares, onde vive a gente simples e operária de Lisboa, bairros de pescadores, nos quais, a mulher, português dessempeha função altamente benéfica e produtiva ao lado do homem. É a “varina” de Lisboa uma figura típica e singular, que não se pode deixar de admirar naqueles bairros, como o da madragoa, onde ela transita e enche de alegria as ruelas e calçadas, junto às docas do Alcântara.” Pág. 26</p> <p>“Na verdade, a mulher lisbôeta é</p>	<p>“Minha fibra portuguesa perdura, em mim, viva como uma fonte de tradições. Descendente de família português, de Leiria, acostumei-me a ver em Portugal a minha mãe-pátria, aquela que recebeu os vagidos deste grande e imenso território onde nasci, portadora de um nome português, casada com um português, não poderia deixar em branco minhas “breves notas”, nas quais, deixo transparecer o culto bem vivo que existe em meu ser, uma admiração</p>	<p>“Tive ocasião de assistir à tradicional festa de N. senhora da Agonia, em Viana do Castelo, que é uma das mais expressivas do Minho e, para qual, alfuem turistas de todos os pontos do país. É a festa mais concorrida e tradicional da cidade de Viana, oferecendo grande atração e curiosidade por seu todo essencialmente regional. Às primeiras horas da manhã aparece o grupo dos “Zé Pereiras”, fazendo ruído</p>	<p>“Entrámos na bonita estação de Nelas, uma vila pitoresca, possuindo, ao centro, uma linda pracinha ajardinada. As côres vivas, ali, prevaleciam; o vermelho dos bancos destacava a beleza do pelourinho, sustentado por graciosas colunas. Casas confortáveis e bonitas. Seguíamos pela estrada que nos levaria a Santa Comba Dão, a terra natal do grande estadista, o ilustre Ministro Dr. Oliveira</p>	<p>“Esta bela e importante região, que abrange Lisboa e seus arredores, o florescente distrito de Leiria, e muitas outras cidades e povoações, é uma das mais progressistas e ricas de Portugal. Estremadura possui a maior projeção econômica e comercial do país, representada pelo seu grandioso pôrto de Lisboa, e pela formosa capital que, aí, se localiza há longos anos.” Pág. 19</p> <p>“Eis-me de volta a esta diletta Lisboa, tão romântica, abençoada filha dos deuses, tão cantada pelos poetas, tão exalçada em suas belezas e na vida intensa de suas pitorescas praias!” Pág. 21</p> <p>“A tarde ia em meio, quando desembarcámos na festiva cidade de Lisboa. Ela recebia-nos com os braços abertos, com aquêl carinho peculiar dos lusitanos, ao ver chegar os filhos do Brasil, que vivem longe, mas que encontram nesta Pátria o acolhimento amigo e fraternal, o aconchego feliz com que uma mãe extremosa dispensa ao filho, que vem solícito para o seu convívio, depois de anos de ausência.” Pág. 22</p>	<p>“A Universidade, outro tradicional edifício venerado no país, pela sua alta significação cultural, pelo respeito às velhas tradições, pelo relevante prestígio que goza esta afamada academia de doutos e sábios de Portugal. Não esquece a fidalguia nobreza de sua fundação, o classicismo histórico de sua alta investidura. Especialmente, esta consagrada Universidade deu-nos a maior prova de sua tradicional fidalguia e amizade sincera e fraterna, concedendo o excepcional título de Doutor Hnoris Causa, ao nosso primeiro magistrado da nação,</p>

<p>sempre sóbria e elegante no trajar. Exibem os seus aprimorados trajes, conforme a hora do dia. Nada de exageros, nada de exhibições, são sóbrias e elegantes, sem ostentação. Muito apreciam teatros e cinemas, mas não esquecem suas costumadas visitas às casas de chá, às cinco horas. São de tratamento ameno, afáveis, alegres e muito compreensivas” Pág. 27</p> <p>“Saí de Fátima emocionada, sentindo que, nela vive a sinceridade de um culto, uma crença verdadeira de um povo essencialmente cristão, formado, nesta Terra abençoada, o alicerce fundamental da nacionalidade, o apoio moral e cívico das suas crenças.” Pág. 98</p> <p>“Que profusão de efeitos surge a contemplação daquela encantadora variedade de chaminés policrômicas, desenhando-se claramente no vasto céu, muito azul do Algarve! São os rendados dessas chaminés, trabalhos verdadeiramente artísticos, que mais parecem filigranas, a luzir no brilho da</p>	<p>profunda por tudo que vem de Portugal, traduzida na palavra simples e significativa de “irmão”, pois, existe nessa síntese uma sagrada tradição, expressão lógica de uma só e única raça.” Pág. 15</p> <p>“Esta antiga e venerada Universidade vive da história da própria cidade. Foi fundada no reinado de D. Diniz em 1260 e foi transferida definitivamente de Lisboa para Coimbra em 1537, sendo, até os dias atuais, a maior fonte de difusão cultural do país. Goza de um renome brilhante e seus velhos e históricos alicerces,</p>	<p>característico, com seus tambores e a original corneta, que imita a “escocesa”. Despertam os moradores com a alegre fanfarronada, cujo soar retumbante, vibra à distância. Todos correm para vê-los passar, em bandos ruídosos, pelas ruas. E, êles, lá vão, anunciando o início dos festejos.” Pág. 250</p> <p>“Muito típicas são as touradas em Portugal. Apesar de não serem autênticas, oferecem grande interesse e, exibem-se nelas, ótimos profissionais. Por ocasião da</p>	<p>Salazar.” Pág. 149</p> <p>“Tive a oportunidade de passar pela casa do eminente homem político de Portugal, a quem se atribui e confirma-se o engrandecimento econômico da grande Pátria Portuguesa. Possui uma casa modesta, arquitetura sem aparatos, de aparência muito simples. Simbólica afirmação do valor e modéstia dêste grande homem público, que tanto tem elevado o nível de progresso de seu país, pela sua fecunda e sábia administração, impondo-o no</p>	<p>“Há uma vida noturna intensa nas ruas, nos cafés, cinemas e casas de diversões. Os teatros enchem-se literalmente, e há vida e animação nas ruas centrais da cidade até altas horas. Famosos “nights-clubs” existem em Lisboa como o Cristal, Maxime, e o Ritz Club, que são expoentes de elegância e de bom-tom, entre os Lisbôetas.” Pág. 25</p> <p>“O Estádio Nacional é, sem dúvida, um magnífico “Stadium” moderno e com capacidade para sessenta mil pessoas. Muito bem localizado e confortável e com amplitude necessária; obedece a uma rigorosa arquitetura olímpica, e é tido como um dos melhores campos de esportes da Europa.” Pág. 32</p> <p>“Dentre os grandiosos monumentos de Lisboa salienta-se, pelo seu esplendor e magnificência, o dos Jerônimos, verdadeira jóia gótica do século XVI. Ali, admira-se a concepção genial dos grandes arquitetos da época, criação maravilhosa, idealizada por João de Castilho e Boytaqua, cinzelado pelo célebre Francisco Arruda.” Pág. 40-41</p> <p>“Estoril é uma praia belíssima, onde não falta luxo, conforto, poesia. Possui acentuada beleza natural, que a favorece galhardamente, tornando aquêle recanto, um dos mais encantadores de Lisboa.” Pág. 62</p>	<p>presidente Café Filho.” Pág. 151</p> <p>“É, sem dúvida, esta gloriosa e tradicional Universidade de Coimbra, uma das mais brilhantes instituições culturais da pátria portuguesa, e da qual, saíram os maiores vultos da literatura e da ciência de Portugal e do Brasil.” Pág. 156</p> <p>“Muraça é uma curiosa povoação, na qual tudo respira uma feição antiga, um tanto decadente. Porém, devo registrar o impulso dos bairros recentemente edificadas, que vão tomando modernos rumos, e onde se nota o progresso e vida, distanciando-se de modo sensível do centro primitivo. Obras de melhoramentos,</p>
--	--	---	--	---	---

<p>paisagem. Naquela orla de terra agita-se a vida de um povo crente, audaz e marinheiro. São os grandes barcos de pesca que naqueles embarcadores de portimão, Lagos e Olhão, lançam-se para os altos mares, afrontando vendavais, abrindo caminho entre as torrentes geladas do Oceano Ártico.” Pág. 115-117</p> <p>“São êsses, os audazes pescadores de Olhão e Portimão. Grandes frotas arrojam-se pelos mares, e pequenas lanchas sobem os vagalhões do Atlântico e do Ártico. Confirmam, nessa luta ingente, a temeridade dos homens do mar da raça lusitana. Êles não vacilam; enfrentam, arrojados, o desconhecido, em busca de conquistas, em procura do seu ganha-pão, levando no seu íntimo a crença firme em Deus, na Pátria e na família. São os três símbolos que o povo português venera e por êles luta, trabalha, e prossegue sem desânimo, enfrentando todos os obstáculos.” Pág. 117</p> <p>“O campo no Algarve é alegre e o trabalho do lavrador aumenta consideravelmente sua beleza. É o</p>	<p>guardam os verdadeiros sustentáculos da autêntica cultura, grandeza e fidalguia de Portugal.” Pág. 156</p> <p>“As estradas de Portugal são verdadeiramente maravilhosas, dignas de maiores elogios, tornando o país um centro de turismo de primeira ordem na Europa. Milhares de quilômetros de estradas, auto-estradas magníficas, ligam todos os pontos do país, sejam aos mais longínquos distritos.” Pág. 311</p> <p>“Os comboios esplêndidos e limpos, oferecem tôda comodidade aos passageiros mais exigentes.</p>	<p>inauguração da nova Praça de Touros em Viana do Castelo, assistí a uma curiosa tourada, coisa que há muito desejava presenciar, visto que, em meu país, não são permitidos tais espetáculos.” Pág. 254</p> <p>“Uma tourada em Portugal! Havia ânsia de ver, uma coisa inédita, para nós. De antemão, sabíamos que o touro não seria morto, e isto, animáva-nos a abrir os olhos, escancará-los, à espera do início da luta e do contacto com os toureiros, que por sua vez, apresentavam-se galhardamente trajados, com suas</p>	<p>conceito universal. levámos uma ótima recordação daquela formosa vila, que tanto se engrandece por ser o bêrço natal de uma tão admirável e eminente personalidade política” Pág. 149-150</p> <p>“Acompanhando êsse surto de progresso e de organização harmônica de tôdas as suas potências vivas, sinto-me na obrigação de exaltar a maneira inteligente e laboriosa com que os governantes do país irmão imprimem a seu povo, ao seu território, uma</p>	<p>“Fátima já constitui um culto universal. Todos os turistas, que vão a Portugal, visitam-na, e as romarias crescem, de ano para ano, progressivamente.” Pág. 98</p> <p>“Os caminhos e estradas ensombradas de figueiras e amendoeiras, são muitíssimo atraentes. As figueiras algarvias são em extremo características, com suas ramadas abertas em leque, e em reverências respeitosa, curvam-se para o solo. Constituem uma riqueza seus frutos magníficos, cuja fama corre país a fora.” Pág. 125</p> <p>“Portimão é um centro de indústria e comércio importante, constituindo a pesca a sua maior riqueza econômica. De Portimão, saem as grandes frotas pesqueiras para o alto mar. Imponentes cerimônias religiosas realizam-se à saída das referidas frotas. Elas partem serenas, confiantes. Marujos admiráveis as compõe! A fé que os anima, faz com que vençam a brusca e formidável rudeza dos mares, e enfrentem, heróicamente, a violências dos vendavais.” Pág. 128</p> <p>“Nesta vila, como muitas outras do Algarve, há o interessante costume de adornar os gericos e cavalos com arreios de montaria regionais. Lá vi os típicos mulins, adôrno colocado sôbre o pescoço do animal. São</p>	<p>devido ao patriotismo de portuguêses residentes no Brasil e naturais de Murça. Entre êsses benfeitores, figura o ilustre Comendador Américo Breia, que tanto tem impulsionado o desenvolvimento e progresso de sua terra natal. Aos poucos passos do centro, surgiu um lindo bairro novo com confortáveis moradias, escolas, igreja, hospital e, outros edifícios, que aprimoram aquela pitoresca localidade, portadora do nome de seu benemérito protetor e fundador: Comendador Beira. Uma magnífica localidade, na qual destaca-se a bela e elegante vivenda do grande benfeitor de Murça. Tivemos por parte da família do</p>
--	--	---	--	---	--

<p>lavrador um tipo decidido, audaz e empreendedor; não vacila em arrojá-lo ao combate contra os flagelos que destroem a lavoura. Um lutador dos mais tenazes que tenho visto, faz com que a terra prospere e se engrandeça pelo milagre operado por suas infatigáveis mãos. As mulheres trabalham no campo, ao lado dos homens, e são também, imensamente laboriosas. Vestem trajes regionais interessantes. Usam, geralmente, chapéu de copa alta, tendo por baixo, um lenço grande, atirado em pontas sobre a nuca. Meias de lã, vestidos pretos e amplos, completam aquela singular traje das camponesas do Algarve. São mulheres audazes, decididas, ativas, de tez morena, olhos brilhantes e castanhos. Um sorriso franco ilumina-lhes o semblante, crestado pelos raios do sol, e no trabalho edificante da lavoura e dos campos, recebem o prêmio de uma vida serena e feliz.” Pág. 133</p> <p>“Ao mesmo tempo Coimbra é alegre, de uma curiosa singularidade, acentuada pela garrulice jovem de seus</p>	<p>Viajar no “Foguete” de Lisboa ao Porto é delicioso, e de uma rapidez surpreendente: em quatro horas, apenas, alcança-se o norte do país e corta-se aquele imenso espaço de terra cultivada e pitoresca, entre as duas grandes cidades, sulcada de rios e coberta de densos pinheirais” Pág. 312</p>	<p>ricas capas ornadas de lantejoulas e bordados. Manoel Santos e Vizeu foram os mais aplaudidos pela numerosa assistência. Na arena, os dois hábeis toureiros receberam calorosas ovações.” Pág. 254-255</p> <p>“Entre os muitos jardins públicos merece especial menção os belos Jardins do Palácio, antigo Palácio de Cristal, hoje sede do campo de esportes, e onde se realizam as grandes feiras populares da cidade. À noite, esses jardins iluminados, tornam-se de um</p>	<p>nova era de civismo, trabalho, benemerência e culto às mais honrosas tradições, aos mais edificantes exemplos de civismo.” Pág. 312</p> <p>“Entre esses heróis do civismo, coloca-se em destaque, o eminente estadista, Ministro dr. Antônio de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Portugal, uma das maiores mentalidades da época, cujo prestígio corre pelo mundo a fóra, de lado a lado, exaltando o seu inconfundível perfil de estadista, de</p>	<p>vistosos peitorais com bordados em cores vivas, aliás, muito usados nas regiões do Algarve e Alentejo.” Pág. 131</p> <p>“Cidade muito antiga, e de grande relevo histórico. Foi sede episcopal e sua fundação data de remotas eras. Capital da Beira Alta, Vizeu é uma linda cidade de montanha, e possui aspecto aprazível e pitoresco. Dos pontos mais elevados, descortina-se soberbo panorama.” Pág. 140</p> <p>“Lamego é uma bela cidade da Beira Alta que merece especial menção, não só por sua feição antiga, como também pela beleza natural que apresenta. Situada entre montanhas, nas proximidades do fértil vale do Douro, oferece um aspecto magnífico, impressionando o visitante pela sua encantadora vista panorâmica. Goza Lamego de um clima excelente.” Pág. 142</p> <p>“Cidade de grandes tradições históricas. Está situada num contraforte da Serra da Estrêla, a cerca de 1005ms. de altitude. É a cidade mais alta de Portugal, gozando de um clima privilegiado e de uma situação invejável. Do seu legendário Castelo, colocado a 1039ms. de altitude, descortina-se uma grandiosa paisagem sobre a Serra da Estrêla, que aí, tem seus picos mais alterosos e soberbos.” Pág. 144</p>	<p>Comendador, um acolhimento esplêndido e gentilíssimo, o que, nos deixou imensamente sensibilizados, e onde se prova a cordialidade da família luso-brasileira na pátria irmã.” Pág. 211-212</p> <p>“Grandes laços de amizade ligam o Porto ao Brasil, eis porque nós, brasileiros, dedicamos a esta parte de Portugal tão acolhedora, a esta cidade tão ligada à nossa nacionalidade pelos fatos e pela História, uma soma de imensa devoção, uma simpatia, que se transmite, sinceramente, ao pisarmos o solo desta terra, bafejada pelas mansas brisas do Douro.” Pág. 261</p> <p>“Subindo e descendo</p>
--	--	--	---	---	--

<p>estudantes. A rapaziada estuda e diverte-se. À tarde, as ruas regorgitam de estudantes, gente moça e folgazã. Os rapazes passam com suas capas negras e sobre-casacas compridas, o traje tradicional da velha Universidade de Coimbra. Êles, também, distinguem-se dos demais, guardando aquela fidalguia da gente culta, que conserva as tradições dos velhos tempos. São galantes, maneirosos, mesmo brincando, não esquecem a honra que têm, em pertencer a mais tradicional e notável das universidades de Portugal. As raparigas são muito engraçadas e bonitas. Vestem fatos e uniformes colegiais, como os rapazes; usam gravatas verdes, saias marinho e camisetas côr de palha. Vê-las sair dos colégios é sumamente interessante. São como graciosas andorinhas, que passam, em bando, por tôda parte.” Pág. 159</p> <p>“Aveiro é uma bela cidade que deixa intensas recordações a quem a visita, seja por seu original aspecto marítimo, seja pela importância de seu comércio e indústria, ou ainda, pela tradição</p>		<p>efeito soberbo, principalmente, quando funcionam as feiras anuais. As alamedas revestem-se de um garbo excepcional e há grande animação no imenso parque, que nessas ocasiões, regorgita em luz e vida intensa.” Pág. 265</p> <p>“São as festas em honra do Senhor de Matosinhos, uma das mais grandiosas e brilhantes que se efetuam no Porto, e o povo do norte do país, tem por elas uma especial devoção e um grande carinho.” Pág. 287</p>	<p>homem democrata, humanista, e organizador de um plano laborioso que deu à sua Pátria os prósperos futuros de uma sábia administração, cuja doutrina não visa senão, o pleno engrandecimento do povo, o ressurgimento grandioso da Nação no conceito universal. A êle, pois, devem os portugueses êsse orgulho racial, essa inegalável firmeza de ideias e de sentimentos, que nós brasileiros, apreciamos com satisfação, ao permanecer no rico solo de</p>	<p>“Destaca-se pela sua invejável e privilegiada situação. Edificada sôbre uma graciosa colina, banhada pelo pitoresco e poético rio Mondego, o qual traduz, em verso, um poema lusitano dos mais notáveis, expressivos e belos. Nêle, cantou Camões os apaixonados amôres de D. Ignês de Castro e de D. Pedro I. A cruz, no alto dos montes, simboliza a figura venerada e inesquecível da Rainha Santa, que fez de Coimbra seu eterno trono. O Mondego tem uma vida encantadora em suas margens ensombradas de choupais, nas ribanceiras povoadas de gente moça e alegre. Os estudantes de Coimbra! êles fazem dela o seu orgulho, o seu paraíso predileto. Naquela garridice nova, soam as guitarras dos estudantes e vibra o “fado” nas almas jovens e sonhadoras... Em Coimbra, existe além das belezas naturais, a vida histórica e romanesca dos seus antepassados, a espontânea alegria da juventude estudiosa de Coimbra. Neste conjunto harmonioso cresce a cidade, desenvolve-se, agiganta-se, sem desmoronar o esteio granítico de suas famosas reminiscências, velhas tradições que vivem nas arcadas, nas muralhas, nas vetustas igrejas, na Sé Velha e na gloriosa e tradicional Universidade de Coimbra.” Pág. 150-151</p> <p>“Vale a pena consagrar algumas horas numa visita a tão famoso e importante centro de difusão cultural infantil, em Coimbra. A</p>	<p>aquelas ruas centrais do Porto, tinha a impressão de estar em minha própria pátria, tal a satisfação e sensação de bem-estar que de mim se apossava, numa terra essencialmente franca e acolhedora.” Pág. 266</p> <p>“Tenho um especial carinho por matosinhos, não só por ser belo e pitoresco, como por representar o bêrço natal de meu espôso. Eis porque, êle viverá sempre em minha imaginação, como um raio de sol vivificante e eterno.” Pág. 287</p> <p>“Todos os grandes fatos de nossa brilhante história, prendem-se, em cadeias gigantescas e indestrutíveis, aos nossos irmãos lusitanos, a essa raça</p>
---	--	--	--	---	--

<p>gloriosa dêsse povo audaz e marinheiro, habituado aos rudes embates do mar, em suas frágeis embarcações.” Pág. 163</p> <p>“Aqui, e ali, viam-se, nas encostas, aldeias pobres, compostas de casitas de pedra rústica; um aspecto, apesar de tristonho, deixava transparecer a vida intensa e laboriosa do homem transmontano, acostumado à aridez, às agruras do solo, que lhe pertence, e no qual, impõe a sua rígida têmpera, firmeza, perseverança, qualidades que o sustentam inabalável, como a solidez das rochas que o cercam, dos montes que se antepõe, como barreiras, à sua passagem.” Pág. 196</p> <p>“A pracinha de Valpaços é muito interessante e alegre. Quando lá passei, havia feira e o movimento era grande, em volta dêsse centro principal da vila, tão pitoresca quanto regional. No agrupamento, prevaleciam as aldeãs, com seus xales de côres vivas e lenços à cabeça. Roupas de tons fortes, condiziam com o brilho excepcional da paisagem serrana.”</p>			<p>Portugal por algum tempo.” Pág. 313</p> <p>“Posso afirmar que Portugal conseguiu a méta do seu ideal: firmou-se, consolidou-se, estabeleceu as suas linhas diretrizes com incrível acêrto, amparou-se na paz, na ordem, no respeito às velhas e remotas tradições, escudou-se na fé cristã e, pela mão de seu eminente pastor, Revmo. cardeal cerejeira e do seu grande legislador Dr. Oliveira Salazar, descreveu um dos mais empolgantes ciclos de progresso na História das Nações. nós,</p>	<p>escolha aprimorada dos motivos históricos, aliado ao bom gosto, ali, observa-se em plenitude admirável. Aquêlre traçado irrepreensível, em linhas gerais, de uma miniatura arquetônica perfeita, faz honra a nova pedagogia e, transmite à infância, a compreensão fácil dos grandes fatos da História Pátria. os pequeninos vão conhecer, brincando naquele vasto jardim, as grandezas de Portugal. Ali, naquele maravilhoso conjunto de construções que se erguem graciosas entre as flores, os meninos vão descobrindo o valor dos grandes homens e de seus feitos, nas páginas gloriosas da História.” Pág. 160</p> <p>“Chaves é uma das mais belas e pitorescas cidades da província de trás-os-Montes e, pelo seu progresso e adiantamento, pode ser considerada a “Princesa do Tâmega”. Por suas excelentes termas, tornou-se uma estância de veraneio muito frequentada e de indiscutível valor, aliado ao progresso, que se acentua cada vez mais, ao encanto da região que a cerca.” Pág. 192</p> <p>“Visitar Bragança é embrenhar-se no passado glorioso de Portugal, nos feitos d’armas dos seus ousados cavaleiros, que lutaram pelo engrandecimento da Pátria, tornando-a livre, grande, feliz. Ali, tiveram início as memoráveis lutas de reconquista do solo, tão ameaçado pelas hordas mussulmanas</p>	<p>vibrante e forte da qual descendemos, da qual, temos, infiltrado nas veias, aquêlre sangue ardoroso, veemente e valoroso, que representa o maior orgulho de nossa geração atual. De Portugal temos a língua, as tradições, as glórias, os sacrifícios em pról da raça, o labutar sem conta de tôda uma brilhante civilização, que nos foi trazida de lá, da mãe-pátria, que se orgulha de seu filho americano, dêsse gigante arrancado aos mares por Cabral.” Pág. 315</p> <p>“Eloquente prova tivemos, ultimamente, com a visita presidencial ao formoso território português. O nosso presidente, Dr. João Café Filho, foi alvo de uma das mais evidentes e</p>
---	--	--	--	--	--

<p>Pág. 209</p> <p>“Cidade das flores, da poesia, da tradição, Viana oferece um encanto extraordinário. Alegre e incomparável, em seus dias de festas, expõe o deslumbramento de suas galas, o brilho de sua natureza encantadora, o sorriso e a alegria de sua juventude sadia e forte.</p> <p>As vestimentas das raparigas do campo, nos dias festivos, são curiosíssimas, geralmente, apresentam-se exibindo belos trajes regionais, com bordados em côres vivas. Com que graça e encanto, vêmo-las assim, trajadas, cruzando as ruas, em grandes grupos, e saltitando nos alegres “bailaricos”!” Pág. 249</p> <p>“A mulher da Póvoa! Ei-la que passa, dentre os elegantes veranistas, sendo muitos estrangeiros. É sempre a mulher “poveira”, ostentando, na diversidade dos costumes exibidos, o seu impecável traje regional.</p> <p>surge garbosa, envolta em xailes de lã ou de seda, e as suas típicas chinelinhas, batem,</p>			<p>brasileiros, irmãos desta Terra benfazeja, sentimo-nos orgulhosos dela descendermos, dela termos nascido, dela termos recebido esta soma grandiosa de heroísmo, culto e civilização.” Pág. 314</p>	<p>invasoras.” Pág. 206</p> <p>“Passámos Pateira, Fofa e Ribeirão, onde a estrada é magnífica e apresenta panoramas lindos. Depois de alguns minutos, atravessámos a bela vila de Famalicão. Povoação rica e industrial e de aparente aspecto. Possui uma grande praça central, onde se realizam importantes feiras de produtos da região. Quando lá passei, havia uma dessas feiras muito típicas e interessantes. A especialidade que pude apreciar, de relance, foi: a fabricação de objetos de palha, cestinhas originais, e outros trabalhos delicados, confeccionados com gosto. Outra indústria notável é a fabricação de relógios cucos, que são muito aperfeiçoados e interessantes.” Pág. 218-219</p> <p>“É o Minho de uma beleza incomparável. A natureza brilha em tôda sua pujança, vestindo o campo de suas mais esplêndidas roupagens. O matiz de verdura dos pinheiros e das videiras, repousa imponentes sôbre as ramadas das rosas. As belas rosinhas-de-toucar, que decoram tão bem as pitorescas estradas do Minho!” Pág. 219</p> <p>“Braga, a capital do Minho, é uma grande e bonita cidade, dentro de sua originalidade histórica e quase lendária. É uma cidade tradicional e uma das mais importantes do país, contendo ruas e avenidas extensas e</p>	<p>incontestáveis demonstrações da fraternidade luso-brasileira, visto que, S. Excia. recebeu, em tôda parte de Portugal, as mais altas honras e as maiores provas de uma sólida e edificante amizade, onde a voz de um povo em massa, proclamava esta união intrínseca dos dois países, êsse elo fecundo, que existe indissolúvel na raça, no ambiente social, no ambiente familiar, e no próprio ser, de cada parcela dêste mesmo povo.” Pág. 315</p> <p>“Na família, no íntimo do lar, é que apreciamos os nossos antepassados, é que aprendemos de cór a repetição de frases, de ditos, de exemplos edificantes de civismo, perseverança no trabalho, dessa gente que imigra, mas que</p>
---	--	--	---	---	---

<p>graciosamente, sôbre os passeios, num tique-taque apressado e feliz. O bonito avental, feito e bordado à mão com esmêro, completa aquêlê traje usado, com doraine, pela “poveira” jovem e graciosa. Elas, lá se vão, pela “rambla” abaixo, transitando faceiras, orgulhosas do seu rincão, o cabelo prêso à nuca num imenso coque, risonhas, coradas, cheias de ciço, como cerejas a sacudir-se garbosas nas ramadas. Tomam lugar em todos os sítios, ao longo da elegante praia.” Pág. 296</p> <p>“Bem expressiva é a gente de Portugal em seus típicos trajes regionais. Quem viaja nessas belas aldeias, quem palmilha o campo e as povoações, observa quão interessante é a vida campestre e dos lavradores, habitantes dêsses poéticos rincões do Douro e do Minho.” Pág. 301</p> <p>“Vejam os com que graça a mulher Minhota exhibe o seu traje de pastora, coberta de palhoça, borão ao ombro, chapéu alto de feltro, um grande lenço, atado por baixo do queixo! Adiante, a figura típica do</p>				<p>uma ampla e bela praça central, a da República. Bem iluminada e bem calçada, a cidade oferece um aspecto alegre, à noite, muito comercial e movimentada, durante o dia.” Pág. 219-220</p> <p>“Tudo, no entanto, é pouco para qualificar o Santuário de Bom Jesús de Braga. Faltam-me expressões para definir aquêlê espetáculo miraculoso e empolgante que presenciei, subindo a maravilhosa escadaria do Santuário. Uma obra preciosa, onde se admira a grande apoteose da cena do Calvário, um trabalho magnífico em pedra, esculpido, por grandes artistas do século XV.” Pág. 228</p> <p>“Chegando ao centro da cidade, ouve-se o toque sonoro dos sinos, que cantam em ritmos musicados, as badaladas do dia. E, naquele ambiente de sonoridade e calma, Guimarães exhibe a nobreza de sua sóbria arquitetura antiga, onde se vêem ricos paços, solares admiráveis, belos templos, porém, ao lado dessa vida de cidade de tantas tradições, desprende-se a singela placidez dos campos, representada, ali, pelos típicos carros de bois, que transitam pelas ruas mais centrais, guiados por belas raparigas de faces purpurinas, como as maçãs de pomares.” Pág. 238</p> <p>“Guimarães é todavia um centro industrial</p>	<p>em suma, sem hesitação, adota o Brasil como um pedaço seu, uma pátria em complemento da sua, uma idéia de que não partiram para o estrangeiro, estão vivendo unidos pelo coração à distância, estão prêsos a ela pelos filhos, pelos ditames mais sagrados de afeto recíproco, amizade plena que não desfalece, não trepida.” Pág. 316</p> <p>“Em Portugal, os brasileiros são tratados como uma só e imensa família. Todos sentem satisfação de abraçar um brasileiro, e nós, orgulho de pertencermos a êsses troncos milenares, após amantíssimos, portadores de uma inegalável tradição, de um heroísmo eloquente, cantado pelos vates,</p>
---	--	--	--	--	---

<p>camponês do Douro, com barrete em ponta, jaqueta curta e borzequins de couro rústico. nos campos distantes de Trás-os-Montes, é visto o pastor sobraçando o seu longo manto negro, inteiramente coberto, bordão, e o inseparável cão de guarda, que o acompanha fielmente, nos ínvios caminhos pelos montes, vigiando atento o rebanho em marcha.</p> <p>A minhota de Viana, com sua bela roupagem, na qual, prevalecem os ricos bordados à mão, ostentando aventais e xailes de lindas e vivas côres, cobrindo-se de colares e grandes brincos de ouro pendentes, que realçam sobremaneira a graça feminina da região.</p> <p>Os pauliteiros, as capas d'honra, o curioso traje do Alto-Douro, em veludo preto e chapéu alto, são, também, apreciados pelos forasteiros dos diversos povos.”</p> <p>Pág. 302</p> <p>“É sem dúvida alguma, o império absoluto da tradição que subsiste n'alma do lusitano, como um traço marcante e incontestável de seu caráter de firmeza e fidelidade</p>				<p>importante do país. Conserva o seu alto poderio no Minho, e suas grandes fábricas de cutelaria são afamadas e conhecidas. Finíssimas obras de ourivesaria, de imagens, ali se executam desde as mais antigas épocas, enriquecendo com suas preciosas confecções, a arte religiosa de Portugal. Outro tanto cabe salientar em referência à fabricação de ótimos linhos e confecções de bordados, ocupando um lugar de destaque entre as outras cidades do norte do país. Enfim, Guimarães progride rapidamente por seu alto padrão industrial e desenvolvido comércio de tecidos e bordados.” Pág. 241</p> <p>“É a vida da Ribeira que empresta ao Douro sua maior beleza. Docas, estaleiros, barcos de todos os tamanhos, ali, distinguem-se numa faina contínua, carregando o precioso néctar dos vinhedos do Douro em grandes tonéis, como também o saboroso e mundialmente conhecido vinho do Porto, que torna a cidade tão famosa.” Pág. 263</p> <p>“A Avenida dos Aliados prolonga-se até o suntuoso edifício da Câmara, projetando as suas imponentes tôrres, tendo, à frente, o busto em bronze, do grande escritor e poeta Almeida Garret. Aí, encontram-se grandes edifícios públicos, Caixa de Depósitos, a redação do “Comércio do Porto”, Bancos, consulados, hotéis.</p> <p>Na praça da Liberdade terminam diversas</p>	<p>imortalizado por Camões.” Pág. 316</p>
---	--	--	--	---	---

<p>ao passado, à glória de suas tradições, ao culto de seus antepassados, vivendo na comunidade atual com um resplendor magnífico e insuperável.</p> <p>Admirei a mulher do povo, no que ela tem de mais expressivo: o seu devotamento ao lar, aos filhos, ao marido, que trabalha e economisa. Alicerce poderoso que une a família nesta santa comunhão, tão notável nos lares, e na sociedade portuguesa.</p> <p>Em tudo, nota-se o dedo milagroso da fé, a confiança no trabalho, a recompensa justa dos que labutam pelo engrandecimento da pátria, da família e da religião.” Pág. 303</p> <p>“As lavadeiras de Leça são bem um exemplo definido da mulher do povo, que ali, passa longas horas trabalhando, numa faina insana, até às derradeiras horas do dia. Os grandes arcos romanos da ponte de Leça, erguem-se, à frente, daqueles ranchos viçosos de lavadeiras, raparigas novas, criaturas que de boa vontade, comparecem todos os dias àquela fonte pública.” Pág. 303</p>				<p>linhas de elétricos, que vão para os bairros mais importantes da cidade e, não distante, fica a imponente Estação de S. Bento, da qual, partem linhas de comunicação para todos os pontos do país. O interior da gare está ricamente ornamentado com belas decorações e notáveis azulejos.” Pág. 265</p> <p>“Há no Porto esplêndidos hotéis, destacando-se o de Infante de Sagres, à praça Filipa de Lancastre, um dos mais confortáveis e luxuosos do país. Possui um interior magnífico e oferece ao turista, o maior conforto em suas modernas e belíssimas instalações. Bons teatros há na cidade, como Coliseu, S. João, Rivoli e confortáveis cinemas.” Pág. 266</p> <p>“O Palácio da Bolsa é um dos monumentos mais apreciados da cidade, não só por possuir uma belíssima e sóbria construção, como também, por encerrar um magnífico e surpreendente interior, no qual, figura em primeiro lugar a maravilhosa “Sala Árabe”, de que já tanto me ocupei.” Pág. 271</p> <p>“Hoje, êste Concelho faz parte da cidade do Porto, e é um dos principais centros industriais da rica região do Douro. Sua indústria principal é a pesca, que se faz em grande quantidade no importante centro de Matosinhos. Êle tem vida própria por suas afamadas fábricas de conservas, as maiores</p>
---	--	--	--	--

<p>“Há muito o que ver na Madeira, onde os costumes são bem diversos. A começar pelas raparigas, as vendedoras de flores, que vestem os trajes regionais das ilhôas, muito interessantes. Os homens, que trabalham nas originais conduções da ilha, usam roupa branca com túnicas compridas, barretes e botas altas.” Pág. 309</p> <p>“O que apreciei mais no povo foi o grau de progresso em que êle vive atualmente, absorvendo aquêlê ambiente de melhoramentos constantes no ponto urbanístico, social e mesmo psicológico, pois, é deveras notável a introdução de novos horizontes vitais àquela gente que trabalha e labuta, e possui o grande recurso colaborador de um povo compreensivo, ordeiro e pacífico.” Pág. 310</p>				<p>de Portugal. Possui Matosinhos uma admirável e bem organizada frota de navios pesqueiros, construídos nos mais recentes e modernos tipos. Além disso, abriga o notável pôrto de Leixões, o mais frequentado do norte do país, com um imenso cais, servindo por uma linha férrea.” Pág. 283-284</p> <p>“Ao chegar à pequena e poética estação da Granja, cercada de jardins e adornada de lindos azulejos, sente-se quão intensa é a vida praiana naqueles belos recantos do Douro. Granja é uma praia encantadora, oferecendo um cenário rico e luminoso e um ambiente cheio de atrações.” Pág. 299</p> <p>“Espinho é uma estância balneária modelar, com ótimos e modernos recintos de diversões, onde a frequência é elegante e selecionada, luxuosos hotéis, um confortável e esplêndido Casino, que dá a Espinho intensa vida noturna.” Pág. 299</p> <p>“Não menos curiosos são os meios de transporte, empregados e de uso da bonita e poética cidade de Funchal. Pude ver os carros regionais, como cestas, que são puxados por bois e cruzam as ruas mais centrais. Cestinhas, arrastadas por cordas, fazem a descida dos íngremes “caminhos” até o centro.” Pág. 309</p> <p>“Um comércio ativo possui a cidade de</p>
--	--	--	--	--

				Funchal, casas importantes, e belíssimas exposições de bordados feitos à mão, como em nenhuma outra parte do mundo existe igual competição: mãos de fadas, que fazem aparecer confecções finíssimas e delicadas, verdadeiras rendas da Madeira.” Pág. 309	
--	--	--	--	---	--

Apêndice 12: 1957- Portugal: Crônicas de viagem para adultos e crianças (Mário Graciotti).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Festas populares	Lugares	Relação entre os países
<p>“Esta gente portuguesa criou, realmente, mundos para o mundo. Há uma escola colonizadora lusa, métodos próprios de portugueses, velhas tradições respeitadas, humanização de processos... Basta citar um fato: Portugal metropolitano e Portugal colonial não consentem pena de morte. As guarnições militares das colônias, de tão pequenas, chegam quase a ser simbólicas. Portugal não coloniza à custa de metralhadora, mas pelo trabalho e pelo exemplo. A gente lusa sabe- e os séculos de trabalho</p>	<p>“Quando viajei, um dos primeiros cuidados foi ler e reler a história portuguesa. Tudo era muito bonito e imenso, mas, para mim, pessoalmente, marquei diversos grandes acontecimentos, que mais me impressionaram na história e na vida de Portugal: Viriato, que é a existência física da Nação; D. Afonso Henriques, que é a linhagem espiritual do povo português; D. Pedro e Inês de Castro, que são a jóia lírica e dramática dessa extraordinária gente, capaz de todos os arrebatamentos; d.</p>	<p>“Aqui, na capital portuguesa, é como em Paris, Nova York, Rio, Madri, São Paulo, Roma... Temos “Feira Popular”, que nós, brasileiros, chamamos “Parque de Diversões”. Quando a gente quer conhecer a alma de um povo é ver o que ele come e onde se diverte.” Pág. 65</p> <p>“Num mundo moderno, somos uns 80 ou 90 milhões a falar português. Brasil, 55 milhões; Portugal metropolitano, 8 milhões; províncias, uns 20 milhões... Havemos de defender e proteger a nossa língua. Nós, da fala portuguesa, não temos intuítos imperialistas. Não amedrontamos ninguém, mas ninguém nos intimida. Idioma por idioma, o nosso é tão belo quanto os outros; história por história, não devemos nada; heroísmo, estamos no mesmo pé de igualdade com os demais</p>	<p>“Hoje, entretanto, pagando uma entrada de 55 escudos e uma almofada por 5 escudos, meti-me na multidão. O Estado, aqui, não permite que os chifres sejam pontiagudos e que se mate o animal na arena. Duas medidas muito simpáticas e humanitárias.” Pág. 57</p> <p>“Eu fui mesmo ver as touradas em Campo Pequeno. E gostei. Dois toureiros portugueses, a cavalo, e dois espanhóis, a pé.” Pág. 58</p>	<p>“Como poderia descrever Lisboa em algumas páginas? Ela tem, inclusive a Basílica da Estrêla, cêrca de 50 igrejas e ermidas, na maioria prédios de grandes proporções e interêsses arquitetônico e histórico; tem 5 templos evangélicos e 1 sinagoga; dezenas de teatros e cinemas, alguns moderníssimos; 16 museus, entre os quais o de arte antiga, dos Côches, Colonial, Etnológico, marinha, Oceanográfico... ; 15 monumentos, entre os quais se destacam os do Arco do Aqueduto das Águas Livres, Castelo São Jorge, Convento do Carmo, Mosteiro dos Jerônimos, Catedral da Sé, Tôrre de Belém, monumentos a Afonso de Albuquerque, a D. Pedro IV, ao Marquês de Pombal, aos Restauradores, aos Mortos da Grande Guerra; mais de 20 estátuas aos seus grandes filhos, como Pedro Álvares Cabral, Luís de Camões, Eça de Quiróz, D. José, D. Pedro IV, Pinheiro chagas, Almeida Garret, Sousa Martins; palácios e parques, jardins e miradouros.” Pág. 99-100</p> <p>“Lisboa é um amor de cidade, uma das belas cidades do mundo. Tem aspectos antigos, medievais e paisagens modernas, novíssimas, como os bairros de Alvalade, Ajuda, Caselas, Conceição, que são um documentário do carinho com que Portugal enfrenta o problema da</p>	<p>“Estou em terra européia, em chão português, do legítimo, do puro e heróico chão português. Vocês, brasileiros, patrícios do meu coração, dos meus sonhos e dos meus afetos, podem bem imaginar o que é ver Portugal com os próprios olhos e ouvir a fala lusa com aquele pitoresco e encantador sotaque que é de um gôsto especial para nós do Brasil.” Pág. 43</p> <p>“Para nós, brasileiros, Portugal é uma segunda pátria imanente.” Pág. 44</p> <p>“Para mim, era aquele um instante sagrado. Brasileiro de São</p>

<p>no além-mar provam-no- que os nativos, ainda em estado iniciante de civilização, não podem ser tratados a chicote. Portugal não tem mais “império colonial”. Não. Portugal tem províncias de ultramar, que são portuguesas. E os seus filhos, lá nascidos, brancos ou não, são portugueses, com os mesmos direitos da gente metropolitana. Por isso, nas escolas e universidades de Portugal há portugueses de todas as procedências: goenses, angolenses, guinéus...”Pág. 74-75</p> <p>“Para a maioria dos portugueses, a África é uma sedução. Eles têm a alma andeja dos navegantes. Povo</p>	<p>Sebastião, que é a personificação heróica da Epopéia; o Infante D. Henrique , que é o domínio do Atlântico e a luz da renascença; e Camões, que é a imortalidade de um gênio e de uma raça.” Pág. 111</p> <p>“Eu acho que Portugal mantém um corpo invisível de trabalhadores para manutenção e limpeza das estradas. Ou esses trabalhadores são invisíveis ou trabalham à noite, quando todos dormem.” Pág. 122</p> <p>“Vocês não podem compreender o que Sagres é para mim. Esse feito do Infante D. Henrique foi tão grande e tanto calou no meu espírito,</p>	<p>povos. E, apesar das restrições que nós, brasileiros, podemos fazer ao Brasil, ninguém nega o que fizemos em sessenta e poucos anos de República. Nem nós mesmos. Só à distância é que percebemos isso, avaliamos a nossa grandeza, o nosso esforço, na construção de um Brasil gigante, que será o grande país do futuro, como todos dizem, aqui, na Europa. Desculpem esta tirada patriótica... Quando a gente está fora de casa é que dá valor ao que tem.” Pág. 76</p> <p>“Para nós, americanos, um rio como o Tejo, com 810 quilômetros de extensão, não impressiona muito, pois estamos acostumados com grandezas descomuns, como a do rio Amazonas, que tem 5.800 quilômetros de extensão, ou como a do Mississipi, com 4.620. O próprio rio Tietê, que é um dos rios provincianos de nosso Estado, tem 800 quilômetros. Mas, para os países do sul da Europa, a extensão do Tejo de 810 quilômetros é ponderável, pois</p>		<p>habitação popular. são bairros modelos, modernos, de ruas asfaltadas, que eu não sei se existe coisa melhor em outros pontos da Terra.” Pág. 101</p> <p>“Quando entrei no salão do Aeroporto de Lisboa, é que vi a organização, o asseio, a ordem, a beleza daquele organismo, que tão reais serviços presta ao desenvolvimento de Portugal. Possui todos os requisitos modernos que encontramos nos melhores aeroportos do mundo.” Pág. 123-124</p> <p>“Depois do Aeroporto, fui ver o estádio Nacional. É uma grande e belíssima praça de esportes, que honra a vida esportiva portuguesa.” Pág. 124</p> <p>“Maфра é colossal, como disse há pouco. andei por toda parte e cansei-me de ver tanta coisa. Para descrever o descomunal Convento e relatar os estilos arquitetônicos de sua construção, seriam necessárias páginas e páginas, tal a grandeza da obra.” Pág. 131</p> <p>“A visita a Maфра foi realmente impressionante. O colossal edifício retrata toda a pompa da época, e nele se verificam o luxo da corte e a religiosidade de D. João V. De Maфра, na bela estrada, fomos a Ericeira, ao pé do Atlântico, aquela Ericeira que já em São Paulo amigos comuns diziam possuir ela as mais saborosas lagostas do mundo.” Pág. 134</p>	<p>Paulo, criado no meu querido bairro de Santa Cecília, estar em Lisboa e, ali, no majestoso convento dos Jerônimos, pousar a mão sobre o sarcófago em que dormem o seu último sono os restos daquele que foi o maior poeta da língua e um dos maiores do mundo, francamente, eu perdi até a fala, coração batendo. Fiquei, durante muitos minutos, quieto, a haurir a suprema ventura de ter chegado a ver e a sentir coisas tão importantes e tão inéditas. E aos Santos da minha devoção, elevei minha prece, agradecendo os favores recebidos.” Pág. 112</p>
---	--	---	--	--	---

<p>forte, de invulgar pendor marítimo e colonizador, as províncias coloniais de Angola e Moçambique, por exemplo, honram a nação que as tutela.” Pág. 86</p> <p>“No restaurante, junto do rio, havia um alpendre, espécie de terraço a avançar sobre o espaço. Ali ficamos, a esperar a tradicional caldeirada, que é um dos pratos mais importantes dos marujos e das populações marítimas. Compõe-se êle de uma sopa de peixes: lulas, lagostas, camarões, mariscos...” frutas do mar”.” Pág. 106-107</p> <p>“(Há uma rivalidade entre portuenses e lisboetas, ou melhor, para usar os termos</p>	<p>quando conheci na adolescência, que lá ficou, até hoje. todos os meus pequenos discursos escolares, de fundo nacionalista, terminavam com êsse heróico episódio. Eu achava- e acho- que um povo que teve a glória de possuir um Infante D. Henrique e uma epopéia como a sua se coloca no 1º lugar das maiores nações do mundo.” Pág. 148</p> <p>“Íamos para Caldas da Rainha, famosa estação de águas termais ao norte de Lisboa, a mais ou menos 110 quilômetros da Capital portuguesa. Percorrendo-se as estradas de rodagem da terra lusa, como eu as percorri, três importantes coisas</p>	<p>o Tibre, que corta diversas províncias italianas e que é considerado um grande rio, não tem mais de 403 quilômetros de extensão. O Sena, grande rio da França, e que é um dos mais belos atrativos de Paris, tem uma extensão de 573 quilômetros.” Pág. 106</p> <p>“Em todo o tempo que estive em Portugal, quase um mês, não me parecia estar na Europa. Para mim, Portugal era um prolongamento do Rio de Janeiro, vendo os seus sobrados cobertos de azulejos, o jeito das lojas, o modo de arrumar as vitrinas, a identidade do vestuário, os mesmos carros de transporte, grandes ou pequenos... Apenas a diferenciação do sotaque, na linguagem corrente, é que me dava, às vêzes a impressão de estar em terras portuguesas.” Pág. 108</p> <p>“Êste ciúme entre portuenses e lisboetas é como o ciúme entre cariocas e paulistas. se São Paulo construir um estádio para 100.000 pessoas, podem</p>		<p>“Na volta para Lisboa, sob um crepúsculo sanguíneo, paramos na estrada para saborearmos uns pêssegos aveludados, cheios de carmim do sol, que um garôto sorridente nos vendeu por dois escudos... Depois de ter pago os pêssegos, dei-lhe todos os escudos que eu tinha no bôlso. O menino abriu os olhos, espantado.” Pág. 140</p> <p>“Depois de visitarmos o Pôrtninho da Arrábida e almoçarmos num restaurante típico, pendurado na montanha, diante do mar, fomos ver Setúbal, que é uma cidade muito graciosa, com aspectos antigos e modernos. Pertence à lista das importantes cidades portuguesas, com fábricas de conservas alimentícias, conservas de frutas e peixes, de cimento, de preparação da cortiça, com refinarias de açúcar, sabão e especialmente as suas famosas salinas. O Concelho de Setúbal, com inúmeras freguesias, tem um solo fertilíssimo em todos os ramos agrícolas, principalmente em vinhos, hortaliças, laranjas, tangerinas, limões doces, figos, uva moscatel, com exportação de gado, caça e peixe, com abundância de linguados, tainhas, mariscos, sardinhas, pois Setúbal abastece dezenas de conserveiras, exportando, ainda, para tôda a zona do Alentejo e para o sul da Espanha.” Pág. 142-143</p> <p>“Sintra está na província de Estremadura, e ergue-se nas faldas da serra do mesmo nome, a 30 quilômetros de Lisboa. Todos dizem, e eu</p>	
---	--	---	--	---	--

<p>dêles: entre <i>tripeiros</i> e <i>alfacinhas</i>. Os tripeiros são os nascidos no Pôrto e o apelido lhes vem de históricas jornadas de heroísmo, que eu conto em outra parte destas crônicas. Alfacinhas são os nascidos em Lisboa e o termo lhes foi dado pelo seu toque de elegância.” Pág. 108-109</p> <p>“A cerâmica é a indústria de mais expressiva presença na história do povo português. Em tudo, nos potes e nos púcaros, nas tigelas e nos pratos, nos jarros e nas ânforas, está a ingênua poesia daqueles que amam, sofrem e sonham.” Pág. 231</p> <p>“Em São Martinho do Pôrto, como no alto da montanha de</p>	<p>chamam a atenção de um observador atento: a perfeita conservação das estradas, tôdas revestidas de asfalto, com indicações completas dos lugares e das distâncias quilométricas; a absoluta limpeza dos caminhos, pois nunca vi papéis ou trapos pelo chão; e ausência total de soldados, guardas ou militares. Já disse isso, quando escrevi sobre o Pôrto. Tendo caminhado alguns milhares de quilômetros por estrada de rodagem, desde Setúbal, no sul, até Viana do Castelo, no norte, com variantes para cá e para lá, nunca vi soldados. Só uma vez, ao longe, numa</p>	<p>esperar que os cariocas constróem um para 200.000. E, se os cariocas constróem uma para 200.000, esperem que os paulistas farão um para 400.00 pessoas.” Pp. 109-110</p> <p>“Eu estava em Lisboa e andava nos carros de praça! Eu, que sou do bairro de Perdizes, em São Paulo, e que tomo, todos os dias, o meu ônibus familiar que me leva ao trabalho da Editôra. Às vezes, como aconteceu nessa tarde, percebi que eu estava fora do Brasil. Durante todo o tempo que morei em Lisboa, juro, nunca pensei que eu estivesse fora da minha Pátria. Parecia-me estar no Rio, em férias. Pois, então: as casas comerciais são semelhantes, menores ou maiores, não importa. O mesmo jeito de arrumar as vitrinas, o mesmo jeito de expor as mercadorias, o mesmo jeito de falar. As tabuletas das casas, o nome das ruas, os anúncios nos carros, os cartazes nas paredes.” Pág. 122</p> <p>“Aqui, em São Paulo,</p>		<p>confirmo, que Sintra é uma das mais belas, pitorescas e aprazíveis cidades européias. Rodeada de ampla vegetação, possuindo grandes e puríssimas fontes d’água, foi a namorada do poeta inglês byron, que lhe dedicou um poema, chamando-a “O novo paraíso”.” Pág. 222</p> <p>“Quando me dispus a visitar o Castelo da Pena, antigo mosteiro, construído no século XVIII e ultimado pelo rei Fernando II, em 1840, não sabia que a estrada, em curvas, seria tão extensa. O auto subia, subia. e o Castelo não aparecia. subia e nada do Castelo.” Pág. 225</p> <p>“A região de Sintra é rica de ótimas águas, que fertilizam a sua terra. Produz cereais, legumes, frutas e vinho, em abundância. Possui muito gado e dispõe de belos mármore, tendo pedreiras de feldspato e minas de magnete.” Pág. 228</p> <p>“Mas, para mim, não é. O convento de Alcobaça é a coisa que mais me impressionou até agora neste grandioso Portugal. Sua construção foi iniciada em 1148, por D. Afonso Henriques, após a batalha de Santarém.” Pág. 237</p> <p>“Ao demais da riqueza de suas terras- trigo, milho, centeio, azeite, vinho, vidro, resinas, etc.- Leiria tem a virtude de suas águas termais. E foi de Leiria, do seu pinheiral mandado plantar por D. Diniz, que saiu a madeira para as primeiras embarcações com que se realizaram os</p>	
---	--	---	--	--	--

<p>Nazaré, as crianças que eu vi vestiam roupas coloridas, como seus pais, velhos pescadores, e isso dava uma nota de acentuado sabor folclórico à paisagem humana.” Pág. 232</p> <p>“Antes do jantar, andei pela aldeia de Aljubarrota, que tem a sua escola, a sua igreja, o seu chafariz, e onde vive uma gente extraordinária, de mãos calejadas, a trabalhar esta antiga terra, motivo comum de amor. E vi, numa fachada de casa, a célebre pá (dizem que é a mesma...) com que a padeira Brites de Almeida, abatendo sete inimigos, entrou para a história.” Pág. 236</p> <p>“Para resgatar tudo isso, de joelhos no chão, quis tanto</p>	<p>encruzilhada, encontrei dois militares, que me pareceram em férias, sem armas de espécie alguma. A impressão que se tem, vendo Portugal assim, é de um país despolicado, sem guardas ou militares, que somente vi nos quartéis de Lisboa e de outras regiões. Não tem soldados mesmo, mas quanto carinho a gente percebe em tudo pela coisa pública!”Pág, 230</p> <p>“Eu não iria mais ver Portugal! aí, diante dessa desolada certeza, brotaram mais soluções. (Pois eu não digo que sou mesmo um bôbo?) parecia-me que eu deixava a minha própria terra e ia a</p>	<p>consumimos lagostas de Pernambuco, que constituem um prato caro. Mas, em Portugal, lagosta é comum, dada a sua abundância. Lagostas e melões. quando me lembro que, na própria Lisboa, comprávamos melões dos mais belos por alguns escudos, isto é, por alguns cruzeiros... Em são Paulo, um melão decente custa, em geral, mais de 100 cruzeiros, isto é, 40, 50 vezes mais.” Pág. 135</p> <p>“Pois bem, dias depois, na excursão projetada ao Pôrtilho da Arrábida, a Setúbal e a Sagres, fui rever tudo isso, mas de terra, dos caminhos asfaltados da Serra da Arrábida, que tem 500 metros de altitude e 25 quilômetros de extensão e que é, sem favor, muito bonita, lembrando com as suas verdejantes matas a paisagem brasileira.” Pág. 141-142</p> <p>“Voltei para o Brasil mais brasileiro e mais religioso. Mais brasileiro, porque, diante da Europa assustada, vivendo</p>		<p>descobrimientos marítimos do século XV. Leiria vive muito de suas indústrias: fábricas de tecidos, papel, louça, curtumes, vidros. A indústria de rendas é notável. Grande parte da população feminina vive ocupada no fabrico de rendas manuais, em almofadas e bilros, rendas muito bonitas e que são exportadas, dando bons dinheiros.” Pág. 259-260</p> <p>“Coimbra é bela, imponente, vetusta. E tem uma história rica, cheia de vicissitudes, de heroísmos, de fé religiosa. Situa-se em anfiteatro, num dos contrafortes da Serra do Lorvão. Tem a parte alta, antiga, e a parte baixa, moderna, deitada esta num amplo vale banhado pelo Mondego, que os romanos chamavam <i>Munda</i>. É aqui ficaram os principais estabelecimentos comerciais, os melhores cafés, etc. O que muito impressiona em Coimbra é o seu aspecto florido. Parece um jardim engastado na Serra.” Pág. 262</p> <p>“quando pus os pés em terras aveirenses, vendo os canais, as ruas marítimas, os barcos, o pitoresco da cidade, sem querer, meu subconsciente falou: parece Veneza. E não o fiz por “snobismo” porque nem Veneza eu conheço, nunca lá estive, mas é que ruas assim, em que não trafegam automóveis ou carroças, mas barcos e navios, para mim ruas assim só existem em Veneza, em Recife e em Aveiro... Esta cidade é um importante centro marítimo, e uma vez por ano, em Março, há uma feira</p>	
---	---	---	--	--	--

<p>dedicar-lhe estas páginas, que apenas um mérito gostaria que tivessem: descrever e exaltar um pouco o povo português, que, como o brasileiro, é sinceramente devoto de Nossa Senhora...” Pág. 258</p> <p>“Três coisas eu sabia sobre a cidade de Aveiro, antes de vê-la: que era cidade das famosas “tricanas”, as mulheres mais lindas da região; que era a “Veneza de Portugal” e que tinha, em seus arredores, algumas e importantes fábricas de porcelana.” Pág. 281</p> <p>“A lenda das “tricanas” é verdadeira. As mulheres de Aveiro ainda conservam o amorenado e a</p>	<p>caminho do estrangeiro, como se fôsse a caminho do exílio! Ainda hoje, quando me recordo aquela despedida tão triste, ainda choro por ti, Portugal de meu amor!” Pág. 418</p>	<p>no temor de conflitos armados, a minha terra é uma terra abençoada, em que existe, ainda, paz, e onde há um caminho para tôda iniciativa e uma esperança para todo trabalho.</p> <p>Na Europa- e agora vou misturar um pouco de Europa no oásis tranquilo de Portugal- as populações vivem inquietas no temor das guerras. Lá o povo não pode fazer planos. Deita-se à noite, e não sabe se vai acordar ou como vai acordar no dia seguinte.</p> <p>No Brasil, não, a gente deita-se e pensa: amanhã vou fazer isso, na outra semana farei aquilo.” Pág. 253</p> <p>“Para o Pôrto, Vila Nova de Gaia é tão importante como para São Paulo é o nosso heróico bairro do Brás. É um bairro de São Paulo, sem dúvida, mas o Brás é como se fôsse um mundo. Todo o frêmito industrial paulista está no Brás. Milhares de fábricas, oficinas, laboratórios, usinas, tudo está no Brás, que tem uma fisionomia própria, com os</p>		<p>famosa, em que se efetuam os célebres leilões das embarcações à venda, desde os moliceiros aos saleiros, das caçadeiras às bateiras, o que dá um ar decorativo a esta sorridente cidade, a famosa cidade das não menos famosas “tricanas”.” Pág. 286</p> <p>“Esta Vila é, afinal, um grande arrabalde do Pôrto. É considerada uma espécie de armazém comercial dos vinhos do alto Douro. É nessa vila que existem as grandes adegas vinícolas. visitei diversos depósitos de vinhos, imensos, um, até, que ocupa um antigo túnel de estrada de ferro, longo com 600 a 700 metros e onde se guarda e se aprimora a champanha portuguesa.” Pág. 287</p> <p>“Lá, em Vila Nova de Gaia, não dizem Vila Nova de Gaia, mas Vila Nova, apenas. É em Vila Nova que o grande escultor Teixeira Lopes teve a sua casa, hoje Casa-Museu, sob o patrocínio da Câmara Municipal, e que é um museu de obras de arte.</p> <p>Dignos de registro, são: a Igreja Serra do Pilar e o Convento de “Corpus Christi”.</p> <p>Adiante, encontra-se Matozinhos, à margem do Rio Leça, e o pôrto de Leixões, que é um pôrto-abrigo, constituído por dois molhes encurvados (quebra-mares), abrangendo um espaço de 95 hectares.” Pág. 291</p> <p>“há um comércio muito importante no Pôrto: grandes lojas, armazéns, casas comerciais de tôda espécie e, principalmente, o comércio do</p>	
--	--	--	--	---	--

<p>esbeltez da antiga raça, que povoou a linda e sorridente cidade do Atlântico.” Pág. 282</p> <p>“Vida noturna no Pôrto! Qual, rapazes, vocês pensam que um povo como o portuenese, que trabalha o dia inteiro, à moda dos paulistas, tenha disposição para à noite, divertir-se em “boites” e salões de festa? Não tem, não.” Pág. 300</p>		<p>seus teatros e jardins, com os seus templos e seus arranha-céus... Vila Nova de Gaia é assim. Tem fábricas que não acabam mais: cerâmica, conservas, curtumes, cortiça, azulejos, alumínio, adubos agrícolas, fundição de ferro e ,etal, louça, óleos, saboarias, malharias, refinação de açúcar, tecidos, vidros... Imensos armazéns para depósito dos famosos vinhos do Douro.” Pp. 294-295</p> <p>“São Paulo era como o Pôrto. De dia, trabalhava-se, e de noite dormia-se. Com o advento de tanto progresso- chegamos a construir durante anos e anos 6 casas por hora... e a cidade provinciana que tinha, em 1930, quando fui à Europa pela primeira vez, cêrca de quinhentas mil almas, passou a ter quase quatro milhões de habitantes- êsse nosso amado São Paulo inventou dezenas de “boites”, nas quais certa rapaziada procura atordoar-se demais nas bobagens das madrugadas, com “whisky”” Pág. 302</p>		<p>ouro, que é, por tradição, notável. ruas inteiras tomadas por lojas, onde o ouro e a prata são o principal produto de vendas. Ouro e prata trabalhados, da forma que êles, os portugueses, trabalham. Anéis, brincos, broches, faqueiros, baixelas, vasos... uma infinidade de bugigangas de jóias, de coisas bonitas.” Pág. 304-305</p> <p>“Pôrto é uma cidade meio montanhosa, pitoresca, e os seus prédios, em média de 4 ou 5 andares, são um tanto escuros, o que lhes dá uma fisionomia austera. como trabalha a cidade do Pôrto! Indústrias, armazéns, conserveiras, bancos, oficinas... E um comércio imenso de prata e de ouro! Um movimento impressionante! Gente apressada, um sem-número de automóveis, lojas e lojas, e mais indústrias, e mais indústrias. de clima chuvoso e úmido, lembra o meu São Paulo. Para tanto, contribui o seu renome de capital do norte.” Pág. 310</p> <p>“Aqui em Viana, terra de muito gado, a exportação de ovos, de madeira, minérios, cortiça e vinho, é bem acentuada. como em Guimarães, fabricam-se e vendem-se tecidos de linho. Viana do Castelo é uma sorridente cidade. Por isso, é que lhe deram o nome de Princesa. a sua magistral ponte de ferro de quase 600 metros de extensão por 7 de largura é um dos seus grandes atrativos.” Pág. 334</p> <p>“Guimarães é uma encantadora cidade, com um comércio notável, especialmente de tecidos de</p>	
--	--	--	--	--	--

		<p>“Quando descobriam que eu era brasileiro, quase todos elogiavam o meu sotaque... “Mas, Vossa excelência fala quase como nós!” Era amabilidade dêles, embora, eu, de propósito, fechasse as vogais, quando falava, imitando mesmo o sotaque luso.” Pág. 305</p>		<p>linho, que as suas mulheres bordam admiravelmente, com aquêlo amor do honesto artesão, que faz sempre do seu trabalho um motivo de arte. Quando percorremos a cidade, vimos as suas vitrinas, os seus armazéns, as suas lojas.” Pág. 339</p> <p>“A cidadezinha está situada à beira do oceano e tem uma das mais belas e famosas praias de banho de Portugal. É servida por duas ou três estradas de ferro e tem a glória de possuir o Santuário do Senhor de Matozinhos, Imagem muito venerada, com romarias anuais concorridíssimas. Além dessa preciosidade, Matozinhos honra-se em ser o berço natal de Manuel da Silva Passos, que muito se destacou na política do primeiro regime constitucional.” Pág. 360</p>	
--	--	---	--	---	--

Apêndice 13: 1962- Pelos caminhos do mundo (Viagens) (Silveira Bueno).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à Salazar	Lugares	Relação entre os países
<p>“Eis aqui, em poucas palavras, no poder sintetizador do gênio Camões, tôda a psicologia do povo português, psicologia que dêle herdamos: a ânsia de viajar, de andar por terras estranhas, de conhecer outras gentes, outros costumes, “por ver mais águas que as do Douro e Tejo, várias gentes e leis e várias manhas”. Nenhum povo do mundo viajou tanto quanto o português.” Pág. 1</p> <p>“O caminho das Índias, o formidável feito que descolou a civilização da Europa; o périplo da África e o primeiro vôo transoceânico</p>	<p>“Daqui saíram aqueles de que provimos, daqui velejaram aqueles que nos deram a sua língua, daqui partiram aqueles que nos inocularam na alma a tristeza consolada que se chama saudade.” Pág. 16</p> <p>“Portugal é, assim, o avozinho amável que nos recebe na Europa, quase um prolongamento da nossa casa paterna, e que nós se despede, com muitas lembranças aos amigos, aos seus filhos que aqui vivem.” Pág. 37</p>	<p>“Sim, a chegada a Portugal já foi grande alívio nesse martírio de falar língua alheia: tínhamos a impressão de quem, tendo andado muito tempo com os sapatos apertados, podia agora tirá-los e folgadoamente andar na terra quase natal. Não era, porém, a nossa língua: era a nossa, mas com outro sotaque, com outro modo de ser falada, com novas palavras, novos sons, novas construções em que sentíamos a tonalidade estrangeira. Houve novo trabalho de adaptação: fechar mais as vogais, passar como gato por brasas pelas átonas, malhar fortemente nas consoantes, puxar nos ss, levando-os quase a</p>	<p>“No meio de tanta glória literária, a profanação da ditadura: colocaram, entre os mausoléus de tão grandes homens, o túmulo sem expressão alguma do General Carmona” Pág. 23</p> <p>“É uma ofensa às cinzas de herculano, de Garrett, que se bateram, que se exilaram, que foram perseguidos por quererem o governo constitucional da pátria, esta companhia indesejável do homem que representou</p>	<p>“Nenhuma visão de Lisboa é, porém mais bela que a que se tem, entrando pelo mar.” Pág 16</p> <p>“O sol do verão incendiava a areia do litoral, ardia na praia de Cascais e flamejava nos telhados vermelhos das construções modernas. O verde-gaio dos campos, o azul-escuro das montanhas encantavam a vista e repousavam os olhos. Misturado ainda com as águas do Atlântico, tomava o Tejo estranha côr de cana, tendendo a malva.” Pág. 16</p> <p>“Lisboa recebeu-me ensolarada e clara, barulhenta e feminina, envolvendo-me em carícias que recordavam as da pátria distante. Colocada à porta da Europa, é para o viajante brasileiro a casa avoenga e doce que o abraça, ao chegar, que o agasalha em sua estada e, ao partir, ainda lhe acena, bem de longe, com a saudade da avózinha inesquecível.” Pág. 16</p> <p>“A parte mais bela encontra-se no vale que vai da praça do Comércio, antigo terreiro do Paço, até o Parque Eduardo VII. É a sala de visita de Portugal, com a praça dos Restauradores, do Rossio, a avenida da Liberdade. em raras capitais do mundo se encontrarão lugares mais aprazíveis do que estes: limpos, bem edificadas, belos jardins, teatros modernos, cinemas novos, gente bem trajada e sadia.” Pág. 17-18</p>	<p>“Há no povo de Portugal, quando acolhe um filho do Brasil, aquela afetuosidade paterna de que se vê envolto o rapaz ausente, agora vindo ao lar antigo”. Pág. 16-17</p> <p>“E que curiosidade sôbre o Brasil! desde o lustrador de sapatos, todos perguntam e reperguntam êste porque tem um tio no Pará (... o senhor não o conhece lá), êsse porque viu o Rio de Janeiro no cinema, aquele porque ficou órfão quando o pai, aventureiro, lá se foi para o Brasil e se perdeu na vastidão do país. No Pôrto ao saber-me brasileiro e paulista, corria a mim</p>

<p>pelo Atlântico do Sul, foram todos feitos da bravura da gente lusa, insaciada sempre, como o Grão-Magriço, de “andar terras estranhas.” Pág. 1-2</p> <p>“Do Pôrto para o norte, a região que tem enviado maior número de portugueses ao Brasil, é difícil não encontrar quem não tenha aqui um parente, senão a família toda. Daí, a afetuosidade com que somos recebidos pelo povo, pela gente das aldeias, dos campos, nos encontros fortuitos das viagens.” Pág. 17</p> <p>“Na praça do Róssio, o mais pelo monumento da cidade, erguido ao nosso rei Pedro I, o Pedro IV de Portugal. Sempre que por aí</p>		<p>x. dizer “americano” em lugar de “bonde”; substituir os gerúndios pelos infinitos com <i>a</i>, empregar “rapariga” por “senhorita”; pôr de parte a palavra “môça” e, em casos de não vir o termo melhor, enfiar uma série de “gajos”, “gajas” e ter sempre nos lábios o “vossa excelência” que é quase um sacramento em Portugal.” Pág. 12</p>	<p>sempre de “presidente” da ditadura do Sr. Salazar.” Pág. 24</p> <p>“Outras coisa importantíssima, é a instalação da Faculdade de Letras: funciona nos baixos do antigo Convento de Jesús. No alto está a academia das Ciências. Quando lá estive pela primeira vez, duvidei de que fôsse aquilo uma Faculdade de Letras” Não pode haver, em nenhum lugar do mundo, outra mais mal instalada! Ao menos nisto Franco dá lição a Salazar: a Universidade de Madri, a cidade universitária, é das mais suntuosas, eu que</p>	<p>“A Tôrre de Belém é o primeiro e o derradeiro saudar histórico de Portugal aos brasileiros que chegam ou que partem.” Pág. 22</p> <p>“Os Jerônimos fazem parte da nossa história: o Brasil está todo aí, desde a capela-mor onde repousa Dom Manuel, o Venturoso, com a família real, até a entrada: á esquerda, em seu trabalho cenotáfio, Camões; à direita, o herói do seu poema, Vasco da Gama. Entra o filho do brasil, entra o literato brasileiro, entra o professor de português, todo embebido de leituras clássicas, todo ressoante de versos e estrofes de “Os Lusíadas” e, ao ver êstes dois túmulos, quase não pode reger o tumulto de recordações que lhe vêm do seu interior, como êste revólto mar tantas vezes descrito por Camões.” Pág. 22</p> <p>“Castelo da Pena, é um encanto, se bem que brumosa e úmida, grande fábrica de reumatismos.” Pág. 26</p> <p>“Tudo em Coimbra é recordação, tudo ali é o passado, tudo ali é o coração sentimental do povo português a falar dessas gerações de que somos também parte e de que sentimos quase os mesmos afetos.” Pág. 28</p> <p>“Coimbra é um dos baluartes mais firmes da “tradição” de Portugal. Aquem chega, pela primeira vez, e êste não é o meu caso, o conjunto dos universitários, todos de capa e batina, trajados à eclesiástica, como nos tempos ainda em que a</p>	<p>um garção. “V. Ex^a é de São Paulo? Então deverá conhecer lá meu primo, Daniel Azambuja!” “Não, infelizmente, não o conheço...” “Mas como, não conhece, em São Paulo o meu primo?” “Não, que tamanho pensa o senhor que tem São Paulo?” “... menorzinho que o Pôrto!” “Pois saiba, é maiorzinha que Lisboa muitas vêzes” Pág. 17</p> <p>“Que belo templo! tudo aí recorda o Brasil: o jacarandá dos altares, o ouro dos ornatos, os restos mortais dos missionários que aqui viveram. nas paredes, em pinturas de não muita boa qualidade artística, tôda a vida da Companhia de Jesus.” Pág. 20</p>
--	--	--	---	---	---

<p>passava, ocorria-me a idéia extravagante dêsse monumento, mas que bem prova o coração português: D Pedro foi justamente aquêle que, dando-nos a independência, privou Portugal da mais bela porção do seu império; não obstante isso, lá em Lisboa, lhe ergueram êsse monumento.” Pág. 18</p>			<p>conheço a de Paris, de Roma e de Oslo.” Pág. 25</p> <p>“Não sei como um Hernâni Cidade, um Rabêlo Gonçalves e outros grandes professores portugueses possam produzir o que produzem rm tanto desconfôrto, num porão. As ditaduras nunca foram muito amigas dos intelectuais, mas Salazar lecionou em Coimbra, é um lente de Universidade: tinha a obrigação de ocupar-se com o ensino superior, dando instalações condignas à Faculdade de Letras de Lisboa.” Pág. 25-26</p>	<p>Universidade estava na rua da Sofia, causa fúnebre impressão.” Pág. 32</p> <p>“Na doçura de um inverno quase brasileiro, contemplava do alto a variegada e policroma disposição dos bairros de Lisboa. Telhados vermelhos, janelas floridas, praças de verde-claro, gente morena e tranquila, e lá, mais ao longe, o verde-cana do Tejo. Era a paisagem acolhedora da grande e limpa capital portuguesa, a primeira a dar as boas-vindas ao turista brasileiro e a última a desejar-lhe boa viagem, ao partir para o Brasil” Pag 37</p> <p>“Leitor, se és ainda tão feliz por teres ao teu lado a tua mãe, ou se como tantos dentre nós já a perdeste, vai a Fátima, ainda em espírito, e agradece a Deus o ter-te dado essa felicidade de procederes dum coração de mulher, a única que nunca te desampará enquanto vives, a única que nunca deixará de velar por ti, embora já lá se encontre, nesse especial cortejo que acompanha, no céu, a Mãe de Jesús. Fátima não é bela: a terra é triste e quase árida. Os ventos assobiam em sua planície.” Pág. 39</p> <p>“Estás enfêrmo? estás triste? Estás sem esperança? Faze o que fiz: toma um avião. que é mais rápido; vai a Portugal, vai a Fátima e voltarás com luz nova em teu olhar, com novo calor em teu coração.” Pág. 40</p>	
--	--	--	---	--	--

Apêndice 14: 1965- Portugal, meu avôzinho (David Nasser).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à Salazar	Lugares	Relação entre os países
<p>"...pois os portugueses, como os brasileiros, se queixam sempre." Pág. 13</p> <p>"A cada passo, leio o ressentimento e o perdão nos olhos generosos dos portugueses que simplesmente não compreendem. "O que foi que lhes fizemos?" Pág. 17</p> <p>"O homem português é desconhecido do brasileiro. Mesmo porque não se entende como possam caber tantos portugueses diferentes numa terra tão igual." Pág 21</p> <p>"...sente-se que Cervantes deveria ter nascido em Portugal- porque Dom Quixote é a própria encarnação desse povo de uma grandeza liliputiana." Pág. 39</p> <p>"O jeito, sim, era do Pôrto, a honradez do fio de barba, o valor da palavra, o ouro do silêncio- e aquele súbito</p>	<p>"Nas dezoito vezes que passei por essa nesga de saudade, sempre me dei conta de uns lugares que me prendiam a êsses lugares mais do que à terra de meus pais." Pág. 13</p> <p>"Angola, Moçambique, todas as nações que Portugal, mãe generosa de novos mundos, está criando- vão um dia ser livres, serão brasis na África". Pág. 17</p> <p>"Não é preciso muito para que a velha pátria esqueça o comportamento marginal do Brasil, ditado por</p>	<p>"Um brasileiro chega a Portugal e começa a rememorar tudo o que lhe contaram no passado. O Turismo que lá se faz, quando se vai de Minas ou de São Paulo, de qualquer parte do Brasil, é um turismo de saudade alheia. Vontade de ver de nôvo o que não se viu nunca." Pág 14</p> <p>"desejaria pedir aos governantes brasileiros que imitassem Portugal quando se discutisse nas assembleias internacionais um interesse brasileiro." Pág 18</p> <p>"Os portugueses de Vila Real não estranham apenas o sotaque adocicado, mas os vocábulos em desuso, como se nós, os brasucas, vivêssemos na idade da pedra de uma língua que mantemos viva." Pág. 37</p>	<p>"O Velhinho é amado e odiado." Pág 15</p> <p>"Ele deu a Portugal um tom de absoluta dignidade entre as nações. E, antes dele, Portugal dava a impressão do Brasil de agora. Finanças, economia, tudo numa desordem de república de estudante." Pág 15</p> <p>"Nós, brasileiros da geração de Vargas, não podemos julgar a Portugal da geração de Salazar." Pág. 25</p> <p>"Mas não poderá dizer que êle não soube ensinar ao seu povo- como não ser escravo de ninguém." Pág. 25</p>	<p>Minho: Pasto dos deuses (Pag 29) Guimarães: "O cerne da nacionalidade, a pátria em granito." Pág. 29</p> <p>"Ao ver as velhas casas do Pôrto ou pelo Douro acima, compreende-se por que elas transmitem aos homens as virtudes da pedra, uma seriedade maciça, granítica, monolítica." Pág. 38</p> <p>"Como a própria nação portuguesa, não morre de amôres por Lisboa- e sabe-se que Lisboa paga na mesma moeda." Pág. 45</p> <p>"O lisboeta fala com desdém da província, avivando feridas mal cicatrizadas. Apesar desse divórcio, a província gosta de visitar Lisboa, e Lisboa gosta de visitar a província." Pag 45</p> <p>"A senhora Coimbra." Pág. 51</p> <p>"Domingo em Coimbra é dia útil em cemitério. Não há ninguém pela rua." Pág 51</p>	<p>"O Brasil deve sobretudo a Jânio da Silva Quadros- não esqueçam os portugueses esse nome- a distância que hoje nos separa." Pág. 16</p> <p>"Portugal supunha que houvesse uma hereditariedade sentimental a liga-lo ao Brasil, que é para êle, um filho estróina, um tanto malcriado, porém que carrega, na pele e na alma, os pecados que foram da Côrte, no tempo das caravelas, ou das províncias na segunda classe." Pág. 21-22</p> <p>"É bonito ser-se contra Portugal, no Brasil." Pág. 23</p>

<p>despertar do homem bárbaro que existe dentro de cada homem do Pôrto...” Pág. 61</p> <p>“O homem do Pôrto, o comerciante do Pôrto, foi a primeira concepção de lisura transacionada que teve- e é provável que se tenha diluído este conceito e aquela intransigência.” Pág. 63</p> <p>“...e o portugueses do Pôrto passa a ser um homem perdido entre dois desejos. Tem saudade de Portugal quando está no Brasil. Tem saudade do Brasil quando está em Portugal.” Pág. 64</p> <p>“Não existe povo mais autêntico sobre a face da terra que o povo de Trás-os Montes.” Pág. 95</p> <p>“A saudade de um transmontano é saudade defumada, que conserva a gostosura da carne, a doçura do clima e a amargura da terra.” Pág. 97</p> <p>“O transmontano sente a</p>	<p>interesses políticos duvidosos. Basta que um brasileiro sorria para que um português perdoe.” Pág. 22</p>	<p>“Todo brasileiro foi português um dia.” Pág. 39</p> <p>“O sotaque de Lisboa é carioca. A gíria carioca é lisboeta. O lisboeta é o alegrão de Portugal, o adorável irresponsável das noites perdidas, onde o fado é hereditário, é uma leucemia musical, um canto mulato dos mouros, cantando do jeito brasileiro.” Pág. 47</p> <p>“Não há como separar o Pôrto de Portugal nem o tripeiro do português mais autêntico do Brasil. Os lisboetas- que são os cariocas da Europa- acham o Pôrto muito chato, assim como os cariocas não admitem que possa existir terra pior que S. Paulo. Os do Pôrto e os de São Paulo sorriem do julgamento como um banqueiro ou um almoxarife desse de ombros ao juízo que deles fizesse um homem da noite.” Pág. 65</p>		<p>“Não sei por que, estou aqui no Pôrto a descrever uma cidadezinha portuguêsã do sul de Minas- e uma família brasileira lá de cima da serra, como se uma e outra fossem do Pôrto. E são.” Pág. 63</p> <p>“Aqueles paredes de azulejos, aquela sinfonia de azulejos, aquele esbanjamento de azulejos, a gente encontra, não tanto, mas encontra em S. Luís do Maranhão. Tem pedaços do Pôrto, restos do Pôrto, sangue do Pôrto, tripas do Porto, honra do Pôrto, palavra do Pôrto- e a mentalidade do Pôrto em algumas cidades brasileiras.” Pág. 63</p> <p>“O Porto, como uma mulher, não se perde sem luta.” Pág. 63</p> <p>“O Pôrto é uma cidade séria.” Pág. 66</p> <p>“Sim, o Pôrto é uma cidade grave. Como um acento circunflexo.” Pág. 66</p> <p>“Verde que parece mergulhar todo o Minho num banho de clorofila.” Pág. 69</p>	<p>“Os brasileiros amam Lisboa como os portugueses amam o Rio. Lisboa é o outro lado de uma ponte invisível sobre o Atlântico.” Pág. 46-47</p> <p>“Sim, o Brasil não conhece Portugal. Tem dele uam idéia inteiramente arbitrária, onde a sua realidade aparece absurdamente desfigurada. Por culpa dos próprios portugueses, de alguns dos mais ilustres- poetas, escritores e políticos- estratificou-se na consciência brasileira um perfil lusitano que, em vez de ser verídico retrato, é uma execrável caricatura. Portugal tem sido vítima de um carinho deformante.” Pág. 73</p>
--	--	---	--	---	--

<p>perfeição interior. Sem favor algum, é perfeito desde a maneira de estender uma tigela de caldo a um pobre, à largueza de abraçar um amigo- ou em concretas obras-primas de sabor, de graça, de habilidade e de finura.” Pág. 101</p>		<p>“Até Camões é mais Camões recitado por um brasileiro. Camões em ritmo português é Camões de pé-quebrado, diz a presunção brasileira.” Pág. 98</p>		<p>“Guimarães é pedra. Um intervalo de pedra no delírio verde do Minho.” Pág. 71</p> <p>“De Trás-os-Montes, perdoem-me os outros, Portugal exporta o melhor.” Pág. 99</p>	
--	--	--	--	---	--

Apêndice 15: 1965- Portugal para Brasileiros (Gastão Neves).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Lugares	Relação entre os países
<p>“Nos meus três meses de encontros, procuras e fugas, em Portugal, encontrei, na liberdade do seu povo, um lastro de irremovível fraternidade para com o Brasil e os brasileiros, acima dos governos e das razões oficiais, fraternidade enraizada nas diversas camadas sociais, do abastado industrial ao humilde homem do campo. Há no português uma firmeza de caráter congênita, que se acentua no respeito para com o próximo, no cuidado em preservar o direito e o bem estar alheio.” Pág. 15</p> <p>“Nas manhãs de sol a família portuguesa, unida em torno do seu chefe, se instala nos belíssimos parques florestais, jardins e bosques. Êsses recantos públicos proliferam por todo o território, como patrimônio intocável do</p>	<p>“O preparo, eficiência e educação dos guardas é outro fator da boa ordem reinante nas grandes cidades de Portugal. Os guardas são cumpridores da lei, educados e prestimosos no trato com as pessoas. Os pedestres, por sua vez, respeitam a autoridade: jamais atravessam a rua desrespeitando um sinal ou uma faixa de segurança. Os choferes idem. Custei um pouco a acostumar-se com essa ordem que protege a vida do cidadão. Outra classe que é um capítulo à parte em Portugal é a do chofer de táxi. Corri Lisboa de táxi, de um lado para outro, cumprindo obrigações e visitando pessoas. O taxímetro nunca foi desrespeitado. O que está escrito é o que se cobra e o que se paga.” Pág. 60</p>	<p>“De início a gente estranha Lisboa. Seu sotaque. Seu linguajar diferente, como: cerveja a copo ou imperial (chop), galão (copo de café com leite), garoto ou pingo (chícara pequena com leite), fato (terno, roupa de vestir), peugas (meias), miuda e garota, que no Brasil é brôto, menina de dez a quinze anos, flor em botão. Os cafés em Lisboa são deliciosos. Passamos horas e horas bebericando uma bica (o mesmo que cafésinho) e um copo d’água, lendo o nosso jornal favorito, sem que ninguém nos incomode, tendo a nosso dispor a solicitude do senhor empregado, pessoa que no Brasil chamamos de</p>	<p>“-Em nome da Panair do Brasil cumprimento os senhores passageiros. Sou o comandante Carlos Swenson. Voaremos, sem escala, até o Aeroporto Portela de Sacavém, em Lisboa, a 12 mil metros de altitude e 850 quilômetros horários. O vôo terá a duração de 9 horas. Tudo corre normalmente. Dentro de alguns minutos a ceia será servida aos senhores passageiros pelas Comissárias de bordo. Muito obrigada e bôa viagem.” Pág. 21</p> <p>“Por sessenta <i>escudos</i> diários ocupo um quarto confortável, com <i>casa de banho</i>, na Avenida da Liberdade. A diária compreende ainda, pequeno almoço e refeições.” Pág. 27</p> <p>“Em seguida estou descendo a avenida da Liberdade. Visto um terno cinza, meia estação. Em Portugal terno, roupa de vestir, chama-se <i>fato</i>. Lisboa no verão é muito quente. A temperatura sobe acima dos trinta graus. Fico observando as pessoas, grande parte usando roupa esporte. É dia de <i>Corpus Cristi</i>, dia santo, e a cidade está pouco movimentada. Reparo numa fila de carros parados, todos iguais: são os táxis de Lisboa, pintados de preto com cobertura verde. A maioria de marca <i>Mercedes</i>, bem conservada e de agradável aspecto.” Pág. 28</p> <p>“Lisboa toma banho tôdas as madrugadas. Os <i>almeidas</i> (garis) cuidam da sua higiene, aprimoram-lhe os traços, que os lisboetas não fazem por menos: a querem sempre bem apurada, para causar inveja aos visitantes.” Pág. 30</p>	<p>“Em Portugal, além da responsabilidade dos recitais, iria conhecer muitos parentes. Por volta de 1930 meus pais se prepararam para visitar os seus familiares portugueses. Veio a revolução e a viagem foi suspensa. Trinta e poucos anos depois seguiríamos, <i>eu e o meu lirismo</i>, como intérpretes dos sentimentos deles.” Pág. 24</p> <p>“Assim como os cafés, as livrarias de Lisboa são frequentadíssimas. O lisboeta ama a</p>

<p>povo, testemunhando o apêgo do português ao solo e à natureza. Um amoroso cuidado em zelar pelos encantos da sua terra em preservar os recintos históricos, monumentos que atestam a grandeza da raça e a glória de seus maiores.” Pág. 16</p> <p>“O lisboeta não pode ver mulher bonita. Insinua-se logo, procurando uma aproximação, dizendo piadas, estudando o terreno. Para conquistar usa diversos truques, que se assemelham a um certo malabarismo brasileiro, notadamente carioca.” Pág. 36</p> <p>“Os portugueses sentem uma atração doida pela velocidade. Suas excelentes estradas são verdadeiras pistas de corrida. Embora grande parte dos meus amigos brasileiros possuam automóvel, sou um completo desconhecedor dessas máquinas. Quase não consigo distinguir as marcas, os anos,</p>	<p>“Aos domingos Portugal é um imenso parque repousando gentes ao longo das suas estradas. Além desses recantos, que surgem imprevisivelmente durante os passeios e o povo escolhe para local de seus piqueniques, existem <i>Parques de Campismo</i>, em funcionamento nos lugares de maior atração turística.” Pág. 77</p> <p>“Empolgado pelas realizações urbanísticas e arquitetônicas, que, nos últimos anos, foram empreendidas em todo o território metropolitano, modernizando e embelezando a fisionomia das suas cidades e vilas, Portugal soube conservar, a salvo dessa avalanche de renovação e progresso, os seus monumentos mais representativos, testemunhos do seu passado glorioso e histórico.” Pág. 85</p>	<p>garçom, meu chapa, psiú, e outros nomes menos elegantes.” Pág. 29-30</p> <p>“Os cigarros portugueses, embora inferiores para o gosto brasileiro, se assemelham aos nossos: Sagres, por exemplo, se parece com Hollywood. A marca Porto compara-se ao Continental. Do fumante granfino ao proletário, brasileiro ou luso, há marcas para todos os gostos.” Pág. 30</p> <p>“O passado só existe em algumas capitais, como Salvador na Bahia, e em poucas cidades do interior de Minas. Portugal é presente e passado. Há cidades que nos apresentam as construções audaciosas de linhas modernas, ao lado de maravilhas</p>	<p>“O Chiado é o centro elegante de Lisboa, com suas modernas casas comerciais, cafés tradicionais e casas de chá, suas livrarias, e os seus desfiles de beleza e elegância. As casas de moda, que em matéria de montagem, qualidade e bom gosto nada ficam a dever às de Paris, dão autênticos shows de mulher bonita.” Pág. 35</p> <p>“De dia o <i>Parque Mayer</i> se assemelha a uma ingênua miuda, de tranças louras, vestida de azul celeste. À noite transforma-se na vedete maliciosa, vestida de segredos e pintada de luas.” Pág. 38</p> <p>“A secular Alfama, tão velha como Lisboa, é visita obrigatória no roteiro do turista. Pitoresca e típica, com suas casas gastas pelo tempo, seu labirinto de ruas estreitinhas, suas escadinhas de pedra, Alfama resguardada, em pleno coração da moderna Lisboa, reminiscências da presença mourisca e da própria formação da nacionalidade lusa. Bairro habitado, principalmente, pela gente do mar; é o reflexo da alma popular, dos tipos que o modernismo não muda, tão rude quanto pura, tão simples quanto alegre e gentil.” Pág. 46</p> <p>“Apesar da eficiente Polícia Rodoviária, patrulhando tôdas as estradas, a turma consegue manter o ritmo. Em Lisboa a coisa vai na mesma base. Nas principais e longas avenidas o pé na tábua é uma realidade. Não consegui entender os cruzamentos, onde parece não existir preferencial. Quem aponta um pouquinho na frente entra direto. Cada vez que eu passava por um cruzamento ficava tenso.” Pág. 59</p> <p>“Um dia eu estava em Sintra, a Vila que apaixonou Byron, e fêz reviver em mim a Teresópolis da minha infância, com suas</p>	<p>leitura. Discute os últimos lançamentos, e guarda especial interesse por novidades brasileiras. Além dos clássicos, Érico Veríssimo, Jorge Amado e José Lins do Rego são os mais procurados. Entre os poetas, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e João Cabral de Mello Neto têm penetração popular. Cecília Meirelles idem.” Pág. 35</p> <p>“A influência brasileira, com a importação de técnicos da Guanabara e São</p>
---	--	--	---	---

<p>e as diferenças entre os carros europeus, americanos e nacionais. Já em Portugal qualquer miúdo que se preze discute sobre êsses pormenores com autoridade de gente grande.” Pág. 59</p> <p>“A mesa portuguesa é farta e variada. Comer bem é um dos prazeres dessa gente alegre e pacífica, sempre pronta a receber com a generosa hospitalidade.” Pág. 78</p> <p>“Lisboa apesar da sua agitação, tem o poder de descansar as pessoas, com a sua eterna juventude, seus maravilhosos contrastes de luz e sombra, seus 290 jardins, de suaves e alegres coloridos, deliciosos recantos que fazem do seu povo um dos mais alegres e bem humorados do mundo.” Pág. 89</p> <p>“O povo atingiu em Portugal uma consciente mentalidade turística. O turista não é o estrangeiro que chega, com ar</p>	<p>“A moderna indústria do turismo se encontra atualmente em Portugal em franco desenvolvimento. Dispondo de atualizado sistema rodoviário, uma indústria hoteleira das mais perfeitas e modernas, obteve o clima ideal para o êxito definitivo do seu turismo. Atualmente, milhares e milhares de turistas estrangeiros atravessam as fronteiras de Portugal. Percorrem o país, cortado de excelentes estradas, repousando em confortáveis hotéis e nas acolhedoras pousadas, que proliferam de norte a sul numa extensa cadeia. À disposição do turista encontra-se modernos portos, estações marítimas e aeroportos, onde um exemplar serviço de recepção lhe presta esclarecimentos e orienta os seus passos. Ao lado da tradicional hospitalidade o visitante encontra um clima de paz e</p>	<p>arquitetônicas de outros séculos.” Pág. 62</p> <p>“Agora subindo, subindo sempre, o carro aproxima-se de Fátima. A paisagem verde, rica e alegre dos campos portugueses, vai, aos poucos, transformando-se em árida, sêca e desoladora tristeza. Da terra brotam pedras, onde pequenos arbustos se enroscam, sêcos e mirrados, como as histórias sem remédio do meu nordeste brasileiro.” Pág. 80</p> <p>“Às 22 horas deixo novamente a pensão e sigo, com os amigos de sempre, rumo ao Estoril. Depois de algumas horas na elegante buate <i>Ronda</i>, uma das mais bem frequentadas da capital, seguimos para o <i>Forte Velho</i>, ponto preferido da juventude. Uma espécie de Black horse</p>	<p>terras férteis, cortadas pelos riachos que descem límpidos da montanha. Com o seu maravilhoso Parque da Pena, um dos mais perfeitos da Europa. Essa Sintra que é a própria evolução da história portuguesa, com seus monumentos e preciosidades, representando as mais variadas épocas. Sintra hispano-árabe do Castelo dos Mouros, construindo sobre os picos da montanha nos fins do século XII. Dos Palácios Real de D. Manuel, da Pena, do Ramalhão e de Queluz, onde se nota a influência francesa de Versailles.” Pág. 63</p> <p>“Em Alfama e no Bairro Alto localizam-se os restaurantes típicos. Márcia Condessa, O’Faia, Tipóia, Parreirinha D’Alfama, Nau Catrineta, Folclore, Adegas do Mesquita e Machado, A Severa, são algumas dessas casas de Alfama onde a noite passa e não se sente.” Pág. 67</p> <p>“As casas de fado são os locais de diversão mais caros de Lisboa. A quase totalidade dos seus frequentadores é composta de turistas. têm grandes despesas com o show e o serviço, de elevado gabarito.” Pág. 72</p> <p>“Cidade muito antiga, de remota fundação, Santarém foi habitada sucessivamente por visigodos, romanos e mouros, e definitivamente conquistada para os portugueses em 1.147, pela legião da milícia de D. Afonso Henriques. Fica situada à margem direita do Tejo, e é o grande centro comercial das povoações do Ribatejo. Além da tradição histórica a região do Ribatejo é de uma admirável fertilidade, proveniente da irrigação natural, abrindo-se em campos férteis, extensas lezírias, e imensas pastagens povoadas de excelente gado. O aspecto belo e florescente da paisagem funde-se nos campos pitorescos, nas ricas povoações e antigas cidades, notáveis por seu progresso e importância histórica.” Pág. 75</p>	<p>Paulo, foi, sem dúvida, notável para o atual desenvolvimento do futebol português.” Pág. 151</p> <p>“Iria pelo <i>Vôo da Amizade</i> que a TAP instituiu, em colaboração com a Panair, a baixas tabelas, com o objetivo de contribuir para uma aproximação cada vez maior entre as duas pátrias, e promover maior intercâmbio cultural, artístico, social e comercial, nas relações luso-brasileiras.” Pág. 164</p>
---	---	--	---	--

<p>de <i>snob</i> superioridade, falando uma língua estranha, muitas vêzes antipática aos ouvidos. Mas é o visitante que deve ser obsequiado, de coração aberto, porque o português sente-se contente em ser visitado e, por sua vez, deseja que o visitante sinta-se à vontade, usufruindo o prazer da visita. A simplicidade é um dos traços mais marcantes do caráter português. Daí uma das maiores razões do seu turismo funcionar oficial e oficiosamente. O turista sente-se como se estivesse em família. Desde o momento em que pisa o solo lusitano, no primeiro contato com a gente lusa, verifica que vai ter tranquilidade e segurança em todos os seus passos. É o chofer de táxi que o conduz ao hotel sem assaltá-lo, incapaz de cobrar um centavo a mais, além da quantia resignada no taxímetro. São os guardas, revestidos de autoridade, mas educados e conscientes do seu papel, sempre prontos a</p>	<p>segurança, reflexo da própria vida atual portuguesa.” Pág. 91</p> <p>“A indústria cinematográfica portuguesa, que já produziu bons filmes, como <i>Camões</i>, <i>Ignês de Castro</i>, <i>Ribatejo</i>, <i>A Canção da Terra</i>, <i>Fado</i>, e outros de inegáveis qualidades no terreno da comédia e da farsa, estacionou, e, presentemente, quase nada se houve falar a seu respeito fora das fronteiras de Portugal.” Pág. 95</p> <p>“Portugal pode ser chamado o País dos Estádios, pois os possui, modernos e bem equipados, em números bastante apreciável. O Estádio Nacional de Lisboa tem capacidade para 60 mil espectadores e é um dos mais belos recintos desportivos do mundo. Da mesma importância são os estádios do <i>Benfica</i>, com capacidade para 70 mil</p>	<p>carioca, menos agitado. <i>O Forte Velho</i>, adaptado para buate, conserva, por fora, os seus aspectos de origem. No seu interior, apesar das armaduras e objetos antigos espalhados pelos corredores e salas, decorando o ambiente, predomina o moderno: <i>Twist</i>, <i>surf</i>, <i>hullygally</i>, <i>samba</i>, e juventude iguaisinha a brasileira.” Pág. 90</p> <p>“Cinema em Portugal, além de divertir, tem o seu sabor especial. Nas grandes cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo, ir-se ao cinema aos sábados e domingos, ou em dias feriados, deixa, muitas vêzes, de ser um prazer para se transformar em verdadeiro martírio. O martírio das filas: fila para se comprar ingresso, fila para se</p>	<p>“Nossa parada seguinte dá-se em Tomar, cidade banhada pelo rio Nabão, onde a arquitetura poertuguêsa revela-se em quase tôdas as suas fases de evolução. Sede da Ordem dos Templários, do princípio do reino, até os nossos dias, vem impondo-se como um reflexo da ordem que lhe deu origem. O Castelo e o Convento de Cristo, obras do mestre João Castilho, construções que datam do século XII, constituem o mais expressivo e belo monumento da cidade. Encontram-se nos edifícios de Tomar os mais variados estilos, como o gótico, ou renascença, manuelito e barroco. A par dêsses monumentos, que retratam um passado grandioso, a cidade é moderna, de ruas largas e pavimentadas, parques e jardins bem cuidados, e uma paisagem que toma variações inesperadas, numa constante festa de surpresas para tôdas as idades.” Pág. 76-77</p> <p>“Os <i>Parques de Campismo</i> já podem ser encontrados no litoral, junto às praias banhadas pelo Atlântico, em Viana do castelo, Caminha, Mira, Figueira da Foz, São Pedro de Muel, Nazaré, Caparica, Caldas da Rainha, Ofir, Foradouro, Sagres, Lagos, Quarteira e Olhão. No interior do país nas cidades de Vizeu, Coimbra e Guarda. Êsses parques são mais procurados pelos turistas. O povo, em geral, acampa ao lado das estradas. Guarda o seu automóvel fora da pista, a abrigo da sombra, e procura o lugar ideal onde se instala a cômodo com a família.” Pág. 77- 78</p> <p>“De repente, diante dos meus olhos, cansados de tristeza cinza, acontece o milagre, criado pela fé que impulsiona a vontade dos homens: a cidade moderna brota do chão, flor nascendo da pedra, contornando a Catedral da <i>Cova da Iria</i>.” Pág. 81</p>	
--	---	--	--	--

<p>proteger e informar. É o próprio povo, solícito e generoso, que se transforma no amável cicerone, quando tem diante dêle o visitante em dúvida.</p> <p>A par da planificação estudada, o que faz o êxito do turismo português é êsse respeito pela pessoa humana, encontrado em tôdas as camadas sociais que compõem a operosa e fraterna comunidade lusa.” Pág. 93</p> <p>“Precisamente às 10 horas, Sua excelência o Almirante Américo Thomaz, Presidente da República, ocupou o palanque oficial, acompanhado do seu gabinete, do mundo oficial português, dos convidados especiais e representantes das delegações estrangeiras. A impressão que se tem do Presidente de Portugal, através das fotografias, é totalmente diversa daquela que colhemos ao vê-lo pessoalmente. Nas fotografias aparece sempre</p>	<p>peças, do Futebol Clube do Pôrto, com capacidade para 50 mil, o 28 de Maio em Braga, e os Sporting e belenense, de primorosa concepção arquitetônica.</p> <p>Em 1960 registrou-se ainda as construções dos Estádios Municipais de Coimbra, Famelicão, Leiria e, presentemente, os de guimarães e Leixões. Na mesma época foram construídos os Estádios Universitários de Lisboa e do Pôrto e o da zona urbanística de Alvalade.” Pág. 150</p> <p>“No setor dos espetáculos, considerados por muitos esporte e arte, a Corrida de Touros secunda-se ao futebol na preferência popular. As Praças de Touros estão sendo construídas em maior número, amplas e confortáveis.</p> <p><i>A Tourada a Portuguesa</i> revive os torneios medievais. É um espetáculo realmente</p>	<p>entrar no salão de espera, fila idem para o salão de projeção, etc. Quando não acontece a fila, acontece uma invasão de bárbaros: um mundo de gente correndo, aos empurrões, para obter um lugar.</p> <p>Em Lisboa compra-se o ingresso com antecedência, ou mesmo na hora. as cadeiras são numeradas, e só é vendido, para cada sessão, o número exato de lugares. Durante a projeção dá-se, no meio do filme, um ou dois pequenos intervalos que têm os seus encantos: o desfile feminino e o cafézinho. Os salões de espera, amplos e luxuosos, permitem acomodar todo o público durante os intervalos. Como nos teatros êles dão o toque de elegância aos espetáculos. Muitas</p>	<p>“Próximos de Fátima, e a 138 quilômetros de Lisboa, situa-se o Mosteiro da Batalha, sem dúvida, um dos mais soberbos monumentos da Europa do século XV.</p> <p>Construído em estilo gótico e <i>manuelino</i> (o <i>manuelino</i> é um estilo português, da época do rei D. Manuel I, que se caracteriza pela introdução do elemento da Renascença na estrutura gótica e a exuberância barrôca) possui tal beleza que o mais exigente crítico emociona-se diante das suas preciosidades.” Pág. 85-86</p> <p>“Mais adiante, a 119 quilômetros de Lisboa, ergue-se outro monumento nacional que engrandece a arte: o Mosteiro de alcobaça, situado na vila do mesmo nome, distrito de Leiria. Foi mandado edificar por D. afonso Henriques, sendo um dos mais antigos de Portugal e um dos maiores da Europa, construído entre os anos de 1308 e 1311.” Pág. 86-87</p> <p>“A aprasível vila de Alcobaça, com as suas esplêndidas frutas, o seu típico artesanato de lenços de chita, suas recordações mouriscas do século VI e VII, é outra parada obrigatória na procura do turista.” Pág. 88</p> <p>“Próximos à Lisboa, distando apenas 85 quilômetros, situa-se Caldas da Rainha, uma das mais importantes estâncias termiais do país. Foi fundada pela rainha D. Leonor, figura das mais humanas da história do império, conseguindo firmar-se progressivamente a partir do reinado de D. João V. Hoje encontra-se bastante desenvolvida, com seus balneários, a fonte termal, suas vivendas, parques e jardins, e uma feira típica, funcionando permanentemente na praça principal, constante motivo de atração turística.” Pág. 88</p>	
---	---	--	---	--

<p>sério, fisionomia fechada e dura. Em pessoa inspira simpatia. tem um rosto bom, que se abre num leve sorriso, quando conversa ou agradece à multidão. Sorriso que não se expande, mas demonstra bondade, e sugere cordial simplicidade.” Pág. 108</p> <p>“Um caso típico que demonstra o amor dos portugueses pela natureza e suas riquezas, aconteceu em Lisboa. Quando foram iniciadas as obras do <i>Metrô</i>, que atravessa tôda a avenida da Liberdade, foi necessário, para as exigências técnicas da sua construção, a derrubada de diversas árvores na elegante artéria. O povo lisbonense protestou veementemente contra o que considerava um sacrilégio. A imprensa fêz côro com o povo, e as autoridades, diante da grita geral, passaram a dar explicações sôbre a medida, afiançando que as árvores seriam replantadas, logo após o término das obras. Hoje, com o moderno e luxuoso</p>	<p>fascinante de luxo e colorido. O desfile inicial, apresentando os <i>cavaleiros</i>, com indumentárias do século XVIII, e seus vistos animais, <i>os espadas</i>, os <i>bandarilheiros</i> e os <i>grupos de forcados</i>, é soberbo e solene.” Pág. 151</p> <p>“Portugal pode orgulhar-se da sua Fundação. Após dez anos da morte de seu criador, ela se mantém fiel aos seus postulados. Pode orgulhar-se mais ainda, porque foi a cidade de Lisboa, com a sua beleza eterna, sua permanente alegria, sua tranquilidade pacífica, sua generosa hospitalidade, que inspirou o industrial Calouste Gulbenkian a fazer da sua imensa fortuna uma escada de conquista para os menos favorecidos. Não foi por simples acaso que êsse <i>globetrotter</i>, acostumado a aportar aos maiores centros do mundo, escolheu Lisboa para o seu refúgio.</p>	<p>vêzes constituem a principal atração, tal o encanto e o <i>charme</i> das mulheres presentes.” Pág. 95</p> <p>“Possui uma população superior a 400 mil habitantes, cujas atividades na indústria e no comércio, fazem do Pôrto o grande centro de trabalho do país. Uma espécie de São Paulo em miniatura. Lisboa e Pôrto são duas grandes rivais. Seus habitantes se assemelham aos cariocas e paulistas. O lisboeta (alfacinha) é o sócia do primeiro: faz do trabalho um motivo de sobrevivência, sem se escravizar a êle, antes procurando tirar dêle meios que lhe proporcionem horas de maior lazer e bem estar. O do Pôrto (tripeiro) é sério como o paulista. O trabalho é a sua</p>	<p>“As <i>loijas das Caldas</i>, florescente indústria artesanal da região, com seus temas originais derivando para o barrôco, esgotam-se rapidamente. muito procuradas são as especialidades em doçarias: as <i>cavacas das Caldas</i> e as <i>trouxas de ovos</i>.” Pág. 89</p> <p>“O Parque Mayer é uma pequena cidade dentro de Lisboa. Tem cêrca de quinze restaurantes, cinemas e teatros, cafês, cabarês e casas de fado. Os melhores e mais luxuosos cinemas de Lisboa não estão situados no Parque Mayer. Espalham-se pelos pontos elegantes, como o Monumental, na Praça Duque Saldanha, prédio moderno, que além do cinema tem um excelente teatro, o Império, na alameda Afonso Henriques, o Tivoli e o São Jorge, na Avenida da Liberdade, o Roma, na avenida do mesmo nome, e muitos outros em diferentes locais.” Pág. 94-95</p> <p>“Durante o dia figuras da indústria e do comércio frequentam os restaurantes do Parque Mayer. De noite o parque acende os seus anúncios luminosos e esquece os preconceitos: recebe uma mescla social que compreende a família respeitável, as senhoras vestidas de cetim prêto ou vermelho, os artistas de tôdas as categorias, que estão sempre tomando o <i>penúltimo brandi</i> e discutindo com os seus empregários os novos lançamentos, os jornalistas caçadores de novidades, e as rodas dos boêmios irrecuperáveis, prolongando pelas esquinas, até altas madrugadas, os acontecimentos do dia.” Pág. 96</p> <p>“Ao fundo da estátua localiza-se o Parque Eduardo VII, ocupando uma grande área, um dos lugares mais pitorescos e belos, entre as belezas de Lisboa. No interior do Eduardo VII podemos admirar uma das mais famosas estufas da Europa,</p>	
---	--	---	---	--

<p><i>Metrô</i> concluído, a avenida encontra-se totalmente remodelada e arborizada.” Pág. 110-111</p> <p>“O lisboeta vê na sua cidade o paraíso, onde êle foi colocado pela vontade e capricho dos deuses. Tem-na como sua amante, a quem trai algumas vêzes, para voltar sempre, mais enamorado e não menos volúvel. O portuense vê no Pôrto a sua paixão e a sua obra; construída com o seu sacrifício, amoldada ao seu caráter. Para êle, em relação aos outros centros, o Pôrto é a <i>máquina que conduz os vagões</i>.” Pág. 127</p> <p>“Faço confusão com os nomes. As famílias portuguesas conservam nos filhos os nomes dos pais e parentes próximos. Daí uma proliferação de Marias: Maria Manuel, Maria Joaquina, Maria Adriana, Maria José etc.” Pág. 129</p> <p>“O português, de qualquer</p>	<p>Êle viu em Portugal, para muito além do seu tamanho geográfico, a estrutura do seu povo, a bondade do seu coração, a força da sua fé. Berço de uma civilização cristã, que levou a doutrina da fraternidade aos mais longínquos continentes, Portugal se mantém fiel aos seus princípios, à sua predestinação em fazer história, testemunha irrefutável do seu universalismo.” Pág. 156</p> <p>“Após terminada a II Guerra Mundial, Portugal modificou a sua velha estrutura econômica, transformando o país, dentro de suas dimensões demográficas, num dos mais adiantados da Europa. A economia, que se assentava na agricultura, pesca e comércio, entrou sériamente no terreno da industrialização e atingiu, dentro de um profundo sentido de realidade, uma planificação que garantiu as grandes inversões</p>	<p>religião e, por vêzes, escraviza-se a êle.” Pág. 127</p> <p>“Como no Brasil, o futebol é em Portugal o esporte de maior popularidade, e vem passando por um período áureo, com os clubes numa fase de grande desenvolvimento e realizações. Na Direção Geral dos Desportos estão registrados nada menos de 1.850 clubes que, além do futebol, praticam em seus estádios os mais variados esportes, como o hóquei em patins, modalidade em que os portugueses mantêm, há vários anos, a supremacia mundial, o ciclismo, o basquetebol e voleibol, o antebol, a natação e o atletismo em geral. O automobilismo e o motociclismo são</p>	<p>com a sua variedade de espécies botânicas, exóticas e tropicais, a famosa <i>Estufa Fria</i>, chamada <i>O Grande Pulmão da Cidade</i>.” Pág. 103</p> <p>“Na magnífica <i>Costa do Sol</i>, designação turística que se deu a uma região de belíssimas praias, o estoril é, entre tôdas elas, a que maior fama adquiriu fora do país, desenvolvendo-se como a estância cosmopolita do continente. Situada a poucos quilômetros de Lisboa, esta maravilhosa região, servida por uma moderna auto-estrada, tem as suas praias umas juntinhas as outras, diferenciando-se entre si por traços inconfundíveis. Carcavelos, Parede, Estoril, Cascais, e o Guincho, extenso areal semi-bravio, cortado de pinheirais e rochas, marcam na paisagem particularidades próprias. Atraem milhares de turistas, como é o caso do Estoril; disputam a preferência das famílias aristocratas portuguesas e estrangeiras, como Cascais, Conceição, Rainha e Guincho; ou arregimentam a massa popular, como Carcavelos, Parede e São Pedro, pontos preferidos também da criança e da mocidade.” Pág. 116-117</p> <p>“O moderno e confortável <i>Rápido do Pôrto</i> parte da estação de Santa Apolónia às oito horas e vinte minutos, cumprindo uma parada em Coimbra, para chegar ao seu destino, a cidade do Pôrto, com cinco horas de viagem. Não me foi possível visitar demoradamente Coimbra, berço da cultura portuguesa, banhada pelo romântico Mondego, terceira unidade da metrópole. Sua velha e famosa universidade, uma das principais da Europa, de renome mundial, data do século XIII, e engloba as Faculdades de Direito, de Medicina, Letras, Ciências e Escola Superior de Farmácia. Com a exclusão da parte mais antiga e tradicional, sua</p>	
---	--	---	---	--

<p>classe, está sempre disposto a encontrar um motivo que lhe proporcione o prazer de beber e comer bem. A bebida, de boa qualidade, ajudada pela alimentação sadia, quase não faz mal. Amarguei apenas uma ressaca em três meses de proezas líquidas.” Pág. 130</p> <p>“Tendo a sua vida normalizada, regulada a sua economia doméstica, beneficiado por uma moeda estável há 15 anos, o homem português enfrenta os seus problemas tranquilamente.” Pág. 160</p> <p>“O perfil da mulher portuguesa, dos mais belos da Europa, é um toque apurado de beleza, elegância, personalidade e graça, predominando na paisagem dos grandes centros e se fazendo notar, com suas particularidades próprias, nas pequenas vilas e aldeias. Sua presença é hoje comum nos mais diversos ramos das atividades modernas. Eleva-</p>	<p>realizadas, espetacular desenvolvimento.” Pág. 156</p> <p>“Em consequência aprimorou-se o setor da Saúde Pública, destacando-se, nesse particular, a monumental obra inaugurada em 1953, o Hospital Santa Maria, em Lisboa, o maior da Europa e o quarto do mundo, com hospital escolar anexo à Faculdade de Medicina. Fundou-se o Instituto da Maternidade, com o objetivo de promover, coordenar e orientar a assistência à maternidade. Sua ação diminui notavelmente o índice de mortalidade infantil, fazendo com que Portugal apresentasse um dos mais altos índices de aproveitamento da natalidade entre os países da Europa.” Pág. 157</p> <p>“Portugal de hoje é o fruto de um esforço conjunto, esforço que revelou valores</p>	<p>outras modalidades que atraem multidões. Em escala menor de preferência popular segue-se a vela e o remo.” Pág. 149-150</p> <p>“No Brasil me informaram que era proibido o uso do isqueiro em Portugal, ao turista. Mas isso é tolice. O turista pode usar durante os meses de validade do seu visto. Os naturais tiram uma licença anual de 40 escudos. Trata-se de uma velha medida de proteção à indústria do fósforo, que pertence ao Estado. As caixas de fósforo são artísticas, de muito bom gosto, e cómodas. Podem ser usadas em qualquer parte, sem que o seu portador perca a elegância.” Pág. 167</p>	<p>estrutura material sofreu, nos últimos dez anos, profunda modificação. A zona por ela ocupada foi completamente demolida e substituída por novos edifícios da Cidade Universitária, e instalou-se as Faculdades de Medicina, de Letras, e a Biblioteca geral. Clássica, por excelência, conserva os moldes de um passado rígido, inteligentemente amoldado aos nossos dias. Sua juventude alegre e amante do belo, é fruto dessa união. Não despreza o passado, estuda e obtém ampla visão dos tempos, mas aprimora-se nos esportes, nos exercícios físicos, nas alegrias das disputas, renovando energias e criando um equilíbrio ideal.” Pág. 124-125</p> <p>“Meu destino é Amarante, a terra do vinho verde. Aproxima-se das 17 horas quando a <i>automotora</i> de uma carruagem só, que mais parece brinquedo de criança do mundo de Walt Disney, depois de atravessar florestas e vencer montanhas, entra nas terras de Amarante. Vou chegando com os olhos presos na paisagem e o coração ansioso de ternuras. Amarante é a terra de minha mãe. Faz parte da minha infância, como Teresópolis. Através dela sou português pelo sangue e coração.” Pág. 128</p> <p>“Logo pela manhã saio, com meu tio, para conhecer o centro de Amarante, situado às margens do rio Tâmega. Nossa primeira visita é ao famoso convento de São Gonçalo, edificado sob um rochedo, às margens do romântico rio. Foi fundado no ano de 1250, pelo frade que lhe deu o nome. Percorremos a igreja, secular de inestimável valor histórico. São Gonçalo está sepultado no seu interior, num mausoléu de pedra, cuja tampa é um excelente trabalho de escultura, perpetuando a imagem do santo de Amarante.” Pág. 131</p>	
--	---	--	---	--

<p>se, cada vez mais, a porcentagem do elemento feminino nos serviços burocráticos e administrativos do Estado, nas indústrias e eprêsas comerciais, nos estabelecimentos de ensino, hospitais, laboratórios e etc, excedendo, por vêzes, a dos homens, sem maiores diferenças no rendimento do trabalho, no zêlo e competência.” Pág. 161</p> <p>“Hoje a maioria das jovens aprimora-se estudando, para, em seguida, empregar-se, dedicar-se a uma atividade útil e produtiva. Adquire personalidade própria, distanciando-se das suas antepassadas, das influências atávicas comuns às mulheres do povo.</p> <p>Moderna, como as mais modernas da Europa, a mulher portuguesa integrou-se como peça atuante e lúcida dos problemas gerais. Pode ser encontrada, competindo com o homem, tanto nas tarefas comuns, como nas de</p>	<p>de equipe e individuais, incrementando as atividades da vida moderna, difundindo entre o povo o amôr às artes, à literatura, à música, à pintura, ao bailado, ao teatro, e à poesia, numa confirmação da existência de uma mentalidade progressista, dinâmica e civilizada.” Pág. 158</p> <p>“O Serviço de telefones é perfeito. A ligação é feita na hora, sem espera alguma. Na mesma base de eficiência estão os Correios. O material de comunicações é dos mais modernos e o pessoal funciona de fato. Não são poucos os estrangeiros que elogiam êsses serviços.” Pág. 168</p> <p>“A arte fotográfica em Portugal atingiu notável desenvolvimento, sendo uma das mais adiantadas em aperfeiçoamento e técnica, situando-se entre os cinco primeiros países</p>		<p>“À margem direita do Tâmega, parte mais baixa da cidade, desenvolve-se um comércio ativo e moderno. Os cafês e restaurantes, com alegres e floridos terraços virados para o Tâmega, oferecem ao visitante um ambiente acolhedor e tranquilo. Saboreando a variada e apetitosa cozinha lusitana, contemplamos, do alto dos terraços, uma curiosa praia de cêrca de um quilômetro, com suas barracas coloridas e seus barcos de aluguel, que fazem a delícia da população de Amarante e de seus hóspedes.</p> <p>entre os restaurantes da região, destaca-se o famoso <i>Zé da Calçada</i>, cuja fama ultrapassou as fronteiras da graciosa Vila.” Pág. 133</p> <p>“Em companhia de um grupo de pessoas da sociedade de Amarante, além de várias gerações de parentes, visito, no meu segundo dia amarantino, as dependências da <i>Biblioteca Museu</i>.</p> <p>Criada em 1947, a Biblioteca está instalada nos antigos claustros do Convento de São Gonçalo, sendo um dos mais importantes veículos de cultura no norte de Portugal. Suas salas de pintura, escultura, artes plásticas e literatura, receberam os nomes de filhos ilustres de Amarante, que se destacaram nas letras e nas artes, encontrando-se em suas dependências obras de inestimável valor histórico e artístico.” Pág. 135</p> <p>“A região do Minho é uma das mais belas de Portugal e o seu farto celeiro. Dentro da paisagem poética das serras e dos campos, encharcados de verde, erguem-se cidades modernas e históricas, como Guimarães, berço da nacionalidade, Braga, considerada a capital do Minho, e a incomparável Viana do Castelo.</p>	
---	--	--	---	--

<p>maior mérito e responsabilidade, aumentando o seu campo de ação, tomando conhecimento dos seus direitos, inteirando-se das aspirações e das lutas por uma vida mais harmoniosa e mais justa.” Pág. 161-162</p> <p>“Da lezíria da Estramadura à charneca alentejana, dos pomares do Algarve às herdades do Minho, das serranias do Douro às terras transmontanias, das salinas aos afazeres do mar, a mulher está sempre presente, marcando as diferentes paisagens com a sua figura estóica, sem limites para a resignação do heroísmo. No trabalho é a infatigável colaboradora do homem: resoluta, ativa, decidida, sempre pronta ao sacrifício. No lar é a espôsa carinhosa e submissa, a mãe extremada, amorosa e inquieta.” Pág. 162</p>	<p>do mundo. Alguns dos seus fotógrafos, principalmente amadores, possuem renome universal.” Pág. 168</p>		<p>Viana do Castelo, famosa pelas suas festas regionais, como as de <i>Nossa Senhora da Agonia</i>, com o grupo do <i>Zé Pereira</i>, acordando ao som dos tambores e fanfarras a população, suas bandas de música, seu desfile de lindas raparigas e grupos folclóricos, que fazem a delícia dos turistas, é a mais bela e bem situada cidade da região.” Pág. 145</p> <p>“Vista do alto, do Hotel Santa Luzia, localizado no interior de um Parque Florestal, Viana do Castelo é um sonho. Crescendo à beira do majestoso rio Lima e do oceano, nos oferece três aspectos diferentes de paisagem: a praia, o campo, a cidade. Logo após à praia, que se estende numa longa faixa de curvas graciosas, segue-se vistosa vegetação, ricos campos de hortaliças bordando as margens do rio e a orla do mar, ampliando a cidade, vibrante de movimento, num espetáculo realmente maravilhoso e único.” Pág. 146</p> <p>“Mais adiante Braga, a capital do Minho, é outra cidade histórica e lendária. Conservando os seus aspectos do longínquo passado, modernizou-se na sua parte central. Possui amplas avenidas e ruas, hotéis e casas de diversões, comercialmente muito movimentada durante o dia, alegre e bem iluminada durante a noite. tem um dos seus pontos elegantes no edifício da Arcádia, onde estão situados cafés modernos, casas de chás e restaurantes de primeira linha.” Pág. 146</p>	
--	---	--	--	--

Apêndice 16: 1971-Passeio ao Alto Minho (Lúcia Machado de Almeida).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Lugares	Relação entre os países
<p>“Calma e segura fôra a viagem, num confortável avião da TAP. Também nos ares – pensamos nós- os portugueses confirmam sua tradição de grandes navegadores. Encontramos um país fascinante e um povo civilizado e afável, para o qual a simples frase “sou brasileiro” era um "Abre-te Sésamo".” Pág. 10</p> <p>“Ao ficar noiva, a rapariga do Minho (especialmente a da região de Geraz do Lima) dependura na cintura um lenço branco no qual borda em vermelho a palavra Amor ou Amizade. Trazer o lenço amarrado ao pescoço tem o mesmo significado: a rapariga já está comprometida. O noivo, por sua vez, recebe um lenço no qual a amada bordou um versinho...” Pág. 53</p> <p>“Continuando nosso roteiro, passamos pela aldeia de Afife, célebre</p>	<p>“Olho o mapa e vejo três grandes rios qual artérias d’água a darem vida à Província: o Minho, marco setentrional da fronteira com a Espanha, o Cavado, e o Lima, cheio de lendas. Nesta região vive uma gente pura, generosa e autêntica, íntima da Terra e do Mar, ainda não contaminada pelo lado negativo da civilização. E fico pensando em quanto é básico para o visitante penetrar nas origens deste País que, apesar de pequeno em extensão, chegou a ser um dos mais importantes do mundo.” Pág. 32</p> <p>“Está na hora do almoço. Ai de mim, que mal posso experimentar a deliciosa cozinha portuguesa... Tenho dieta, e devo contar que até no comboio entre Lisboa é Viana, encontrei mestrecuca amável que me preparasse inocente pescada sem temperos! E por falar em iguarias, impressioname a gulodice das freiras do País. As receitas dos mais gostosos doces portugueses</p>	<p>“A talha barroca dêsse templo lembra a de algumas igrejas brasileiras do século dezoito, sobretudo as de Minas Gerais.” Pág. 41</p> <p>“Voltemos a Viana. No restaurante do Hotel, além de minha dieta prepararam-me a sobremesa de sempre: banana d’água cozida – aliás única encontrada na Europa (vem da África). O garção fica espantado ao saber que no Brasil possuímos mais de seis tipos diversos dessa fruta!” Pág. 49</p> <p>“Intoxicada de verde, sinto falta do amarelo, vermelho e azul dos pássaros e borboletas do Brasil.” Pág. 86</p> <p>“Cedinho lá estavam Hipólito e Izabel à nossa espera. O sol de inverno explodia com exagêro, fazendo-nos lembrar certas manhãs luminosas de Minas Gerais. Iríamos conhecer Barcelos, onde nasceu no século dezoito meu antepassado Manuel José Monteiro de Barros, como já disse, enviado ao Brasil em 1761 para ser guarda-mor das minas de ouro em Vila Rica.” Pág. 88</p> <p>“Vamos andando até o largo D. Antônio Barroso, onde ficam os Paços do Concelho, grande construção do século XIX, que nos lembra a antiga casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, hoje Museu da Inconfidência. Anexas aos Paços do Concelho, fica a Biblioteca Municipal de Barcelos e a Biblioteca Fixa oferecida pela Fundação</p>	<p>“A Avenida dos Combatentes, que divide a cidade pelo meio e é larga mas curta, começa na estação do caminho de ferro e termina no pôrto. Por todos os lados, casas regionais exibindo linhos tecidos à mão e panos coloridos, com bordados típicos de Viana: corações vermelhos, azuis, amarelos, verdes, cercados de flôres. As raparigas acham divertido meu sotaque e perguntam de onde venho. Ao ouvirem o nome do Brasil, sorriem com simpatia e – gentileza inesperada – espontaneamente oferecem descontos nas compras.” Pág. 39</p> <p>“Descendo a rua de Gago Coutinho, chegamos à larga e florida Avenida Luiz de Camões, que se estende pelas margens do rio Lima, até a grande ponte dupla e metálica projetada por Eiffel e construída em fins do século passado, com duas pistas, a superior reservada ao trânsito rodoviário, a inferior à ferrovia.” Pág. 47</p> <p>“Se o turista passar por Monção no dia de Corpus Christi, poderá assistir famosa procissão e ver o combate entre São Jorge e o Dragão, festa folclórica religiosa, típica dêsse Concelho. Ao som de gaita de foles, bombo e tambor inicia-se o desfile,</p>	<p>“A autora sentir-se-á feliz se esta obra produzir nos leitores brasileiros efeito semelhante ao que nela teve sua "descoberta" de Portugal: aprendeu a amar êsse país, sua gente, e ainda melhor compreendeu sua própria Pátria brasileira.” Pág. 12</p> <p>“Penso no tetravô minhoto que não conheci, e que vejo no retrato antigo, fixando em mim seus olhos impassíveis de óleo, guardando consigo – e para o segrêdo de íntimas alegrias e pequenos (ou sempre grandes?) dramas. Apenas sei que foi intendente do ouro nas minas do Brasil, onde se fixou e criou família.” Pág. 31</p> <p>“Contou-nos o vigia que por volta de 1937 foram desenterrados</p>

<p>pela beleza de suas mulheres. Colônia grega outrora ali fixada, explicaria o nariz reto e os traços perfeitos de seus moradores. Era domingo, e tivemos a sorte de ver um grupo de raparigas saindo da missa com seus coloridos trajes típicos. Frequentes vezes encontramos pelo caminho mulheres quase sempre idosas, vestidas de preto dos pés a cabeça. Estão de luto? pergunto. Isabel responde afirmativamente. E explica-me que as mulheres do Minho usam fato negro durante vários anos, ao perderem um parente próximo. Algumas também se vestem de preto quando, por exemplo, um marido ou filho querido parte em viagem longa. Expressam com isso a dor da saudade, sentimento que o português cultivava ao máximo.” Pág. 59</p> <p>“Ainda uma vez pudemos comprovar o quanto os portugueses, do grande senhor ao mais simples - são donos da arte de receber. Em poucos minutos trouxeram muito</p>	<p>– quase sempre à base de ovos - foram inventadas por elas. Por onde temos andado, lá está a “doçaria conventual”: - meias-luas de Santiago, pastêzinhos de Santa Clara, toucinho do céu, bolinhos de São Gonçalo. Perdoem-me a irreverência, mas com tal nomenclatura não estariam as freiras adulando, quase... subornando os santos em busca de atenuante para seu pecado de gula?” Pág. 48</p> <p>“E foi quando, pela primeira vez em Portugal deparei com um autêntico "hippie", ou sei lá como classificar aquele perfeito exemplar da geração atual: cabelos enormes e eriçados, blusão vermelho, óculos escuros. Francês? Americano? Estrangeiro como eu, certamente.” Pág. 111</p> <p>“Esse Grupo Folclórico de Carreço obtivera o primeiro prêmio no concurso de Danças do Distrito de Viana. E foi lindo ver e ouvir a Jota de influência espanhola, o Vira, a Rusga, a Dança de Roda, a Chula, a Redonda, a Tirana, o Verde Gaio, a Cana Verde. De todos êsses,</p>	<p>Gulbenkian.” Pág. 91</p> <p>“Rumando para a Igreja de São Lourenço da Montaria, passamos pela estrada de Lanhezes, e subimos a serra atravessando florestas de pinheiros, eucaliptos. Finalmente chegamos à igreja que é de um barroco simples muitíssimo bem colocada, com a Serra d'Arga ao fundo. No portal datado de 1714, vê-se São Lourenço, segurando a grelha onde vai ser assado. A talha do Altar-mor é riquíssima e lembra a da capelinha brasileira de Nossa Senhora do Ó, em Sabará. Detalhe original nos outros altares: molduras de pedra pintada. Num dêles, imagens de Nossa Senhora Pastora e um São José de Botas, como ocorre em Minas Gerais. O que mais nos atrai, entretanto, são os azulejos "torna-viagem" (como os classifica o mestre português da azulejaria, Santos Simões) com motivos brasileiros: índio com arco e flecha, coqueiros, papagaios, macacos. Nas paredes da capela-mor, escravos negros carregam langorosa sinhá jacarés, enquanto o senhor rigorosamente vestido à moda do século XVIII junto de um rio do qual saem... aguarda a que vem vindo. E tôdas aquelas "brasileirices" dão-me saudade de Minas Gerais! Outra curiosidade: na talha rica e opulenta que emoldura as pinturas laterais, não vejo anjos, mas sim atlantes barbados. Em cima do arco-cruzeiro, em pedra pintada, o emblema de São Lourenço, com anjos segurando a grelha.” Pp. 102-103</p> <p>“Descendo a serra encontramos finalmente o Santuário de Nossa Senhora do Socorro, de um barroco simplificado, erguido em 1723,</p>	<p>tendo à frente a gigantesca figura de São Cristóvão, seguida por dragão feito de lona sustentando por armação de madeira.” Pág. 74</p> <p>“Em nenhuma outra parte do mundo, (pelo menos nos muitos lugares que temos visitado) encontrei um culto tão grande e espontâneo às tradições como no Minho.” Pág. 87</p> <p>“Entramos à direita por um longo e estreito beco recoberto de musgo. Finalmente chegamos. Lá está o comprido Hospício de Alienados doidinhos na janela. Fazem-me sinais de "adeusinho" com as mãos, aos quais respondo com simpatia. Vejo a quinta de cinco quilômetros cuidada pelos doentes e que pertence ao sanatório. Alegro-me sabendo que os reclusos têm trabalho, diversão e frutas frescas para alimentação. E junto do Hospício estão os remanescentes de um dos mais importantes templos românicos de Portugal; o de Vilar de Frades.” Pág. 97</p> <p>“Durante a viagem, observei nas vizinhanças da Vila, de um e outro lado da estrada, uma infinidade de pequenos oratórios em granito, abrigando imagens e algumas moedas. Soube então que se tratava das "alminhas", nas quais os pobres do lugar que não podem pagar o preço de uma missa, ali depositam</p>	<p>em Briteiros, colares, anéis e pulseiras, possivelmente de origem celta, com desenhos geométricos exatamente iguais aos tradicionais brincos e medalhas em filigrana de ouro, há séculos usados pelas mulheres do Minho! Ninguém suspeitava entretanto que tivesse tão recuada origem a linda tradição. Mais perplexa fiquei ainda me lembrando que êsse trabalho em filigrana de ouro até hoje é executado na cidade brasileira de Diamantina, ao norte de Minas Gerais, onde foi introduzido pelo famoso joalheiro vimarense Antonio Neves, que veio para o Brasil em meados do século dezenove. Um vestígio celta, via Minho - em longes terras brasileiras... Também cruces de oito pontas foram encontradas em Briteiros, pois os celtas, assim como os assírios, as usavam.”</p>
--	---	---	---	---

<p>fresco e bom peixe, além de minha dieta preparada com carinho e mestria. Havia um tal de "toucinho do céu", gulodice local, que não era para meu bico." Pág. 128</p>	<p>apenas o Vira (aliás proveniente de Guimarães) é conhecido no Brasil." Pág. 146</p>	<p>com portada de 1870 e escadaria monumental semeada de figuras tocando enormes trombetas. Êsse templo, que tem duas tórres laterais, sugere vagamente a Matriz de Congonhas do Campo em Minas Gerais." Pág. 115</p>	<p>uma moedinha. No fim da semana o vigário recolhe o dinheiro e celebra uma missa comunitária para todos. Curioso lembrar que a origem da hoje humilde povoação de Vilar dos Mouros, se prende a recuadas eras." Pág. 143</p>	<p>Pp. 140-141</p>
---	--	---	--	--------------------

Apêndice 17: 1980- Um brasileiro no Portugal de Camilo (Otan Orlandini de Mattos).

Como é o português	Comparações entre Brasil x Portugal	Lugares
<p>“Era um homem de meia idade, circunspecto, a transparecer uns longes de polícia, embora civil, que efetivamente o era, e recebeu-me com extraordinária amabilidade, como ordinariamente acolhem aos brasileiros os portugueses.” Pág. 51</p> <p>“E pelo visto ali no Minho, ou, quem sabe, na Península, o trabalho rude, o serviço pesado, é próprio dos braços femininos. E o progresso parece que não alterou muito os costumes em Portugal.” Pág. 108</p> <p>“Uma coisa é certa: em todas as regiões de Portugal, principalmente no norte, às mulheres valentes, impávidas e decididas, se chamaram</p>	<p>“Recorda-me, e isto já vai para quarenta anos, dizia-nos um professor de latim (conimbricense), que a língua aqui do Brasil jamais podia ser pura como o é em Portugal, porque cá se bebe engarrafado o que lá se apanha na fonte. E acrescentava: “quem não puder lá ir, só vejo uma forma de aprender escrever ou falar, é lendo os clássicos portugueses.”” Pág. 19</p>	<p>“De Lisboa para o Porto fui por caminho de ferro. À esquerda da praça do Comércio, ali próximo, encontra-se a estação Santa Apolónia. Tomei um comboio, tão veloz que, as paragens: Espinho, Aveiro e Coimbra, nada estorvaram a que o trem, em quatro horas, transpusesse os trezentos e trinta quilômetros, tanto representa a distância até Campanhã, no Porto.</p> <p>Força é dizer que o “Foguete”, assim se denomina aquele elétrico e célere trem de ferro, pouco comum àquela espécie de transporte coletivo, é de singular conforto, luxuosíssimo, e sumamente agradável, desde a alfombra escarlate, até às espaçosas e alcatifadas poltronas. O ar, esse sempre puro, à brisa natural, é coado através das grandes janelas. Às voluptuárias coisas em relevo, em cada carruagem, acrescentam as úteis, e assim em toda a composição.</p> <p>Baldeia-se em Campanhã, porque o “Foguete” não chega à estação S. Bento, no centro. De outra parte, em dez minutos vamos à cidade, por via férrea ou não, tão curta é a distância.</p> <p>Longo tempo esperei na estação, até que desocupassem-na os viandantes. E, largo espaço me deixei estar, entretendo-me a observar a majestosa decoração do vestíbulo. Afigurou-se-me a mais bela estação de ferro, em Portugal.</p> <p>É o átrio alto como o de uma Igreja. Em todas as paredes do pórtico, em mosaico colorido como se fora em alto relevo, indicando momentos históricos, estão diversos quadros pintados, até o teto.” Pp. 41-42</p> <p>“Tem começo nesse largo a rua Santa Catarina, uma das mais centrais, de intensíssimo e fino comércio. É a Augusta de Lisboa, a Puerta del Sol, de Madri. É uma via pública tradicionalmente famosa, no Porto, e, para mim, memorável.” Pág. 43</p> <p>“Se a alguns a ex-Cadeia da Relação é vergonha para Portugal, como um estabelecimento público, de outro lado, enquanto mantiverem-no em pé, e conservarem-no como até hoje se mostra, estarão perpetuando a memória do tão ilustre preso que por ali passou. E os portugueses sentem isso, porque mantem-no intacto, e, na cornija da porta da histórica cela, em viva e excelente pintura, que vai do vermelho ao marrom escuro, num retábulo cujos labores são em madeira, trazem esculpido o seu retrato.” Pág. 60</p> <p>“A Vila Nova de Famalicão, que não é Vila e nem é nova, parece que anda a caranguejar em título, que nem a rua Sto. Antonio, no Porto, que é 31 de Janeiro, e quem é de lá sabe quanto mereceu ora um ora outro nome.” Pág. 103</p>

<p>“Marias da Fonte”.” Pág. 118</p> <p>“Tenho ouvido aqui no Brasil, em prosa anedótica, que trocam os portugueses, às vezes, o “b” pelo “v”. Se a cacoépia não é oriunda do Minho, será ao menos originária de Braga.” Pág. 125</p>		<p>“Não é o Palácio da Justiça, sobre vistoso, o de maior relevo. Ora pois, quem, vindo do Porto, chega a Famalicão, divisa a certa distância, destacando prédio (e era a minha bússola), em alvenaria, como uma torre retangular, com uns enigmáticos desenhos, de baixo a cima, que marca o centro da cidade. Situa-se num grande largo, ajardinado, circuitando bares, botequins, padarias e casas de pasto. No “Tanoeiro” e “Filhas do Tanoeiro”, refeitórios onde bem se come e melhor se bebe o verde vinho minhoto, por conta da casa, é que eu almocei. É aí o vinho tão salutar que entra em competência com a água potável.” Pág. 104</p> <p>“É famosa ainda Famalicão, pela sua tradicional feira. Possui num declivoso terreno, quase subterrâneo, um mercado, onde o comércio predominante é a fruta. Contudo, tão famigerada para Vila Nova de Famalicão é a tradicional feira, às quartas-feiras, como a histórica feira da ladra, de Lisboa, quase se esparrama por grande parte da cidade. E, por passatempo, passeio ou necessidade, locomove-se dos campos, e aldeias, e redondezas o povo, à conta da celeberrima mercantilagem. É um movimento incessante que, entre festa e trabalho, toma o dia a Famalicão, com o vai-vem de camionetas, carroças, carros de bois, bestas de carga, nos apertados espaços da via pública. E os viandantes, notadamente mulheres, com as suas cestas à cabeça, para exporem à venda o que trazem da zona rural, ou o com que levarem em compras, para casa. É um comércio geral: do mais simples à fina jóia.” Pág. 108</p> <p>“Dois caminhos levam-nos de Famalicão ao Porto: estrada de rodagem e caminho de ferro. No que toca ao primeiro, esse tem estranho o seu ponto de partida. À entrada da cidade, ao fim de uma cerca de arame, se a memória me é pronta neste instante, entrando-se por uma abertura aí existente (espaço para dois carros ou ônibus), e, quebrando-se à esquerda, ao fundo, há uma plataformazinha, e, no horário próprio, vêem-se alguns coletivos parados, em linha, ou emparelhados, e, desse modo descobre-se a paragem final, a “Central de Carruagem” (estação rodoviária). Porém, nem outro letreiro, nem horário de partida ou chegada. Quem puder informar-se dalguns usuários, que, como portugueses, são sempre solícitos, logra quase sempre sucesso para o destino buscado. Vendem-se bilhetes, à esquerda ou à direita, consoante a companhia, cujos horários o encarregado da expedição das passagens pouco pode esclarecer.” Pág. 109-110</p> <p>“A via férrea, essa é satisfatória, conquanto se localize a estação num extremo da cidade. Uma das minhas voltas ao Porto, fi-la em comboio. A estação: fachada, plataforma, sala de espera e acomodações sanitárias, tudo está a indicar que é doutro século, o que a não desmerece nada, absolutamente, antes a torna aprazível. Não é um trem rápido como o “Foguete”, nem assim luxuoso, mas de relativo conforto. Tem hoje retificada a sua linha, e com pouca possibilidade dum descarrilamento, como o verificado em 1878, que vem muito a propósito aqui referir-se.” Pág. 110</p> <p>“Quem vai ao Minho, não pode deixar de chegar a Braga, que de si, como “urbs”, se não por outra, tem a inexcédível virtude de ser a terra abençoada por Deus, dádiva da Providência, da celeberrima Sé, uma das mais antigas igrejas da</p>
---	--	---

		<p>Europa, sede do seu Apóstolo, benfeitor, sábio e santo, Frei Bartholomeu dos Mártires.” Pág. 113</p> <p>“Fomos subindo, transpondo assim a cumeada da serra até ao Sameiro, onde topamos um escadório, ladeado de estátuas, que em conjunto dão em Braga a ilusória impressão duma cristalina massa compacta. Voltadas para Braga, como a conclamarem aos turistas, peregrinos e bracarenses para chegarem ao S. Bom Jesus do Monte, estão as estátuas. E eu subi e desci várias vezes a precipitosa escadaria.” Pág. 115</p> <p>“De Famalicão a S. Miguel de Seide é curta a distância. Num dos extremos da cidade, onde tem começo uma pavimentada rodovia, encontramos duas tabuletas: “Missionários Combonianos 1” e “Seide (Casa de Camilo) 5”. Quer isto significar que, do centro de Famalicão a Seide há seis quilômetros.” Pág. 127</p>
--	--	---

Apêndice 18: 1981- VEJA (comigo) O MUNDO (de ontem e de hoje) SEM SAIR DE CASA- Europa Vol. I Portugal Tomo-1 (Jorge Antonio José).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Lugares	Relação entre os países
<p>“Da população fica de Lisboa- (descontados, naturalmente, os turistas, eterna massa itinerante)- que como vimos é de pouca densidade, ainda mais rala é a extração estrangeira, dividindo-se entre espanhóis, alemães, brasileiros, poloneses, ingleses e, em menor número, de outras diversas nacionalidades. Evidentemente, nos característicos étnicos, a miscigenação se processa como em qualquer outra cidade cosmopolita, ressaltando-se, porém, aquela de caráter histórico, de muita influência espanhola e moura, com algum traço, sem dúvida,</p>	<p>“Gastar pouco, mas comer bem só lá é que tem. E é verdade, não encontrei em minhas jornadas no exterior, país mais conveniente nesse particular. Embora não tenha o prato português aquela variedade francesa, por exemplo, nada fica a dever a qualquer culinária típica o saboroso de uma peculiaridade que satisfaz ao mais exigente paladar- com aquela vantagem muito importante para o turista de mediana posses, que é a economia no que toca ao indispensável. Tenho, realmente, de concordar com o que se diz de Portugal que pode, hoje, considerar-</p>	<p>“Para chegarmos à MOURARIA, como objetivo direto, estando aqui quase no Terreiro do Trigo, o recurso é tomar um táxi. E logo estou de Mercedes- é isso mesmo, o automóvel de aluguel mais comum por aqui é esse tipo de carro que, no Brasil, é de classe particularíssima. Naturalmente, são modelos mais ou menos ultrapassados, mas são Mercedes e é quanto basta.” Pág. 81</p> <p>“Inegavelmente turístico, por suas características acentuadamente folclóricas, a Mouraria, na verdade, se concentra em meia dúzia de ruas, todas</p>	<p>“Se eu lhes tivesse de repetir o que dizem todos começaria dizendo que Lisboa é uma das mais internacionais e encantadoras capitais do mundo. Comparada com sua importância, histórica e geográfica, é uma cidade pequena não contando ainda com 1 milhão de habitantes- esse, aliás, o eterno problema de Portugal, embora, no fundo, lhe seja, atualmente, um “handicap” favorável, libertado de uma densidade populacional que se transformou num fantasma a tantos outros países (no passado, porém, foi-lhe adverso, pois se contasse com mais gente, séculos atrás, ocuparia carnalmente seus domínios, para nunca mais perdê-los...). Diria, também, que há em Lisboa, você o sente palpável, um ar provinciano por todos os cantos, muito especialmente nos setores mais antigos, com seus traçados medievais, de cidadela que se comprimia para se proteger de constantes e inesperados invasores- é o que você nota, pelo menos, numa das partes mais centrais, onde se localizam centenas de lojas, o chamado ponto comercial, quase todo concentrado, a exemplo das nossas velhas cidades, levantadas à sua maneira e modelo. Naturalmente, você encontra partes bem modernas, que nada ficam a dever a outras capitais nesse particular.” Pp. 37-38</p> <p>“E depois de contentá-los, se me sobrar um tempinho, espicharei um pouco mais as pernas, para dar um pulo ali adiante, na Feira da Ladra- já que estamos num sábado, dia que, com as terças-feiras, funciona esse “bric-á-brac”, esse mercadinho de quinquilharia famoso em toda a Europa- com suas antiguidades de valor inestimável ao lado de bugigangas de toda sorte- e tome nota desde</p>	<p>“quem vai a Portugal- principalmente sendo brasileiro- não perde seu lugar. Ganha mais um, conservando o seu. É isso mesmo, há uma perfeita identificação entre portugueses e brasileiros, ainda que certas peculiaridades subsistam. Para nós, quando vamos à Europa, não há negar que é ali que nos envolve um calor de acolhida doméstica, inexistente mesmo em outras áreas latinas de um mundo amadurecido nas tradições e no progresso, que é esse Continente multinacional.” Pág. 32</p>

<p>judáico, oriundos dos cristãos novos dos tempos manuelinos.” Pág. 39</p> <p>“Muitas vezes, é verdade, não é fácil, em especial em determinadas regiões, onde parece que nossos irmãos lusos amarram o queixo, como que com ciúmes das palavras, não querendo dá-las facilmente- mas, ainda assim, são comunicativos e muito mais do que vários outros povos, que eu conheci.” Pág. 39</p> <p>“E o lisboeta, como todo bom português, é exuberante nas suas manifestações espirituais, católica maiormente, não preciso dizer.” Pág. 100</p> <p>“E por curioso- um povo tão igual nos sentimentos, com tantas diferenças regionais</p>	<p>se um dos raros países do mundo onde ainda é possível comer bem por pouco dinheiro. E mesmo sem aquela diversidade francesa, a cozinha portuguesa é variada, rica e muito saborosa, um português escreveria “bastante saborosa”. Os mariscos, por exemplo, são famosos e destacam Portugal de ponta a ponta, nesses pratos.” Pág. 26</p> <p>“E quanto ao vinhos, então? Não creio que outro país proporcione melhores condições de marcas famosas aos preços que se pagam ali, comparativamente. Seu vinhos têm toda uma série de tipos e graduações, para atender não apenas ao paladar dos entendidos, mas para completar os mais diversificados dos cardápios. De fino</p>	<p>elas tomadas de um bulício que pode ser imaginado quando nos lembramos das zonas dos mercados públicos das nossas cidades, ou certos bairros típicos, de colônia de estrangeiros, como a José Paulino, dos israelitas e a 25 de Março, dos árabes, em São Paulo. É isso que você encontra, mais ou menos, nesta Mouraria- com mais coisas, naturalmente, pois tem, como toda Lisboa antiga, suas “cicatrices” de um passado emocionante, repleto de lances contraditórios, não faltos de uma certa poesia, porém.” Pág. 95</p> <p>“Como eu disse, Portugal, ainda que talado por uma acentuada diversidade geográfica, conformando um</p>	<p>já, o nome dessa feira, se não se trata de brincadeira- ou carinho à portuguesa- é evidente contradição, pois o turista que já lá esteve não poderá ter de lá saído, nem logrado nem furtado e nem roubado... a não ser por descuido. Enfim, tem todo tipo de vantagem e desvantagem comum a esse tipo de comércio de regateio e oportunidade.” Pág. 43</p> <p>“Entre o rio Tejo e as muralhas do Castelo de São Jorge, a Alfama é toda ela pracinhas e ruelas, num ondulado constante, obrigando a um sobe-desce incessante, pelas inúmeras escadinhas, passando sob arcos encantadores e românticos. Seus jardins também, aqui e ali, mas todos pequeninos, compondo graciosamente o conjunto. Um conjunto multiforme, entremeado residências senhoriais, constituídas pelos antigos mercadores que deram vida buliçosa ao bairro nos velhos tempos, com um mundo de casas modestas, de marinheiros que ali demoravam e ainda vivem, promovendo intenso comércio de peixe.” Pág. 57-58</p> <p>“À leste da cidade, no bairro da alfândega e das docas, à esquerda de suas ruas principais, começam a notar-se edificações muito curiosas, entre as quais aquelas em que estão as Alcaçarias, com seus estabelecimentos de banhos medicinais. A rua do Terreiro do Trigo vai desembocar no Largo do Chafariz de Dentro, que é, por assim dizer, o coração desse bairro, o mais velho e mais típico de Lisboa.” Pág. 59</p> <p>“Um fato curioso: Alfama é, materialmente, um bairro pequeno, suas ruas são quase todas curtas e, no entanto, está tomada de largos em toda parte. Até parece que, inconscientemente, no apertado das ruelas, comprimido o passado num tão pequeno torrão, buscavam todos tomar fôlego, abrindo-se praças “respiradoras”.” Pág. 65-66</p>	<p>“o brasileiro que vá prá Portugal não estará se mudando, propriamente, pois terá a nítida impressão de não haver saído de casa.” Pág. 35</p> <p>“O que há de importante no largo do Salvador, para nós brasileiros, é achar-se ali um palácio que pertenceu ao Conde dos Arcos, título de nobreza do último dos vice-reis portugueses no Brasil “colonial”. Governou ele no período de 1806 a 1808, ocasião que teve de cessar sua administração, com a vinda da família imperial, com o príncipe regente que tomara as rédeas do governo, e mais tarde seria rei D. João VI (1816, por morte da mãe, D. Maria I). Esse vice-rei, aliás,</p>
--	--	--	--	---

<p>salientes nas suas atividades cotidianas, nas tendências, nas artes populares, na maneira de viver, de cantar, de adorar, de amar. Um tema dominante, por sinal, nas canções populares, com variantes inesperadas de região a região- aqui a fantasia, acolá a irônica mais além a espontânea...” Pág. 139</p> <p>“No Algarve, a canção é viva, alegre, saltitante, por vezes sensuais, sem a dolência nem a profundidade das minhotas.” Pág. 140</p> <p>“Porque o português, como bem observado por certos estudiosos mais atentos, é dotado de um extremado senso de solidariedade humana- um elã mais poderoso que todas as influências telúricas que o assediam séculos</p>	<p>gosto, tanto os brancos como os tintos, os “rosês” e os “verdes” são servidos à mesa apropriada a cada caso, a preço sem dúvida irrisório, como eles dizem.” Pág. 26</p> <p>“É preciso que se diga aos leitores- enquanto vamos nos retrocedendo aos tempos do surgimento de Portugal- que por toda parte (é mais aos turistas a informação) se encontra a hospitalidade da boa gente portuguesa, “boa casa, boa cama, boa mesa e os melhores vinhos, destas cepas maravilhosas que dão este único e generoso vinho verde”. quem viajar por estas estradas e estas terras do norte- como em qualquer outra parte da república- não lhes faltará assistência de toda sorte, como</p>	<p>habitat de tipos peculiares, mantém no entanto um traço inquebrantável de unidade nacional- uma característica profundamente repetida no brasileiro.” Pág. 145</p> <p>“O Porto tem muito da nossa São Paulo, principalmente a parte velha do Tabatinguera, da Ladeira Porto Geral, da Bela Vista, e tem até a mesma mania de modernização, que vem desfigurando (será que para melhor mesmo?- amanhã não dirão a mesma coisa dos “moderninhos” de hoje?) aquele ar autêntico das obras espontâneas, preciosa e verdadeira expressão de arte.” Pág. 175</p> <p>“A “ANTIGA, MUI NOBRE, SEMPRE LEAL E INVICTA CIDADE DO</p>	<p>“Anteriormente mesquita ou não, a Catedral, ou Sé Patriarcal, de Lisboa é um dos mais antigos edifícios religiosos da capital e se acha na metade da vertente da colina ao sul do Castelo de São jorge, no coração da velha cidade. Ouvei dizer que há uma passagem subterrânea comunicando a Sé com o Castelo, mas não confirmei esse recurso de defesa dos tempos medievais.” Pág. 104</p> <p>“Entre o Douro-e-Minho, Trás-os-Montes e Beira interior, a canção popular é variadíssima, profunda, as danças são vivas, alegres e rudes, destacando-se o mais das vezes uma linha rítmica, simples e persistente, de que é exemplo a chula. Na Beira litoral, Estremadura e Ribatejo, a canção e a dança populares se distinguem por um suave e levíssimo ondulado, ainda mais leves na expressão. No Alentejo, a canção é lenta, profunda, triste, a dança é algo rude, por vezes viva e alegre.” Pág. 139</p> <p>“Porto de ligações rodoviárias e ferroviárias com o resto do país, tanto mais ao norte como para leste e sul, para o que transpõe o Douro servindo-se de suas três famosas pontes, a da Arrabida, a Dom Luís e a Dona Maria Pia, esta última para a ferrovia. Sim, suas comunicações são também aéreas, pelo seu disputadíssimo aeroporto das Pedras Rubras. Mas, acima de tudo, seu melhor cartão de visita é a própria razão do seu nome, um dos mais antigos e ativos do mundo- o porto marítimo que tem o nome de Leixões, para navios de vários calados.” Pág. 158</p> <p>“Para o turista, além de seus episódios históricos, Porto tem uma infinidade de atrações, a começar pelos produtos de suas artes populares, de ourivesaria e cerâmica e labores em prata, sobressaindo-se, como eu já disse, as famosas e encantadoras filigranas. Porto conta com inúmeros monumentos e palácios, alguns dos quais conheceremos de perto, desvendando-lhes os motivos e origens. Iremos também aos seus vários museus e</p>	<p>foi o 8º dos Condes dos Arcos- um título bem aplicado com tantos arcos ali na Alfama- e chamou-se D. marcos de Noronha Brito.” Pág. 64</p> <p>“Coroando tudo, o fado, uma canção popular urbana, ou pelo menos urbanizada, sob as influências citadinas de Lisboa e ao depois Coimbra, de tonalidades afro-brasileiras.” Pág. 140</p> <p>“Com um pouco mais de sorte, é Tomaz Antonio Gonzaga, o poeta de Marília de Dirceu e da Inconfidência Mineira, patrimônio brasileiro, mas nascido no Porto, à rua que então se chamava dos Cobertos nº 104 e que hoje tem o seu nome.”</p>
--	--	---	---	---

<p>seguidos. Por isso, o português é um povo paradoxalmente fraternal até nas desavenças. Cordial, ainda que bruto, quando se trata, regionalmente, de algum diamante até então não lapidado. Condições históricas, tradições, os regimes de propriedade e de trabalho, razões sentimentais foram, em graus diversos, modificadores e formadores das condições impostas pela natureza. Uma natureza que leva o português, também por necessidades de mão de obra, aqui e ali, a transmutar-se, aparecendo com suas peculiaridades em regiões que não lhe são comuns. E assim, em retalhos portugueses, para maior mistura da própria alma, vemos o beirão e o transmontano vindimando no Douro.</p>	<p>parques, postos e oficinas de serviço, locais de socorro. E ainda magníficos pontos para acampar, da beira-mar à beira-rio e dos regatos de águas cristalinas. E para os amadores da pesca, o peixe é variado e abundante.” Pág. 183</p> <p>“Sem dúvida alguma, à moda do Porto é expressão que não se liga apenas aos famosos miúdos. Mormente porque vários outros pratos típicos portugueses têm no Porto sua maneira de preparo, como o Caldo Verde, o Cozido, a Caldeirada e, sem menor destaque, os “frutos do mar”, como a lagosta, a sardinha e, acima de tudo, o bacalhau. Á moda do Porto, num sentido especialíssimo é o vinho, servido de</p>	<p>PORTO”, capital do norte português, oferece hoje aos turistas muita coisa à sua moda, a começar do acolhimento, cordial mas reservado, assim como o paulista, da mesma maneira apressado, preocupado, concentrado nas suas atividades com muito pouco tempo para a folga e a folgança. Os costumes e o clima condicionaram o temperamento do portuense, que o fez frugal na alimentação e comedido nos gestos. Mas, nem por isso deixa de ser esportivo e “boa praça” nas horas do lazer, que sabe aproveitar ao extremo.” Pág. 195</p> <p>“Aqui nesta cidade do Porto, com seus ares de S. Paulo, vivendo um presente consumidor pouco dissemelhante de tantos outros</p>	<p>arquivos, seus miradouros e jardins, e tantas outras magníficas obras primas, que fizeram com que o Porto se colocasse como a segunda cidade do país, ficando atrás apenas de Lisboa” Pág. 159</p> <p>“Todo o passado do Porto é uma história de lutas, para a conquista e construção de uma felicidade coletiva- bandeira de cordialidade que apenas os espíritos superiores podem levantar, sustentando-a. Tripeiro- um apelido que o portuense recebe com orgulho, porque traduz um ato de heróico sacrifício de todo um povo, para as grandes façanhas dos Descobrimentos. Para garantir o suprimento das naus que saiam mar a fora em busca do desconhecido e do futuro, a população deixou de consumir carne, carregando toda a produção para bordo. - Para o consumo doméstico, só ficaram as tripas.” Pág. 161</p> <p>“O Porto, como todo o seu distrito, é região grandemente industrializada, sem prejuízo de uma desenvoltura agricultura especializada, que tem na vinha a base comercial-fabril, uma pecuária de médio porte e uma exploração pesqueira bastante ativa.” Pág. 162-163</p> <p>“Porto é um encanto de cidade. Seu aspecto oferece um misto de capital um tanto provinciana, como relutante a crescer, expandindo-se a medo, avara no lugar seus adereços simplórios, justamente seu maior feitiço. Como todas as cidades litorâneas, seu crescimento foi feito da periferia para o centro, instalando-se, naturalmente, logo nos primeiros espaços mais sólidos, nas elevações acasteladas, para abrigo e defesa ao mesmo tempo. Na parte da chamada Ribeira se concentra a região mais velha, com suas ruelas tortuosas, serpenteando como nervos em direção à cidade alta, denunciando um esforço e um anseio de expansão iniludível. São ruas que mais parecem passagens, tão estreitas, tão comprimidas, em subidas íngremes que devem ter sido vencidas a</p>	<p>Pág. 269</p>
---	--	---	--	-----------------

<p>Ou então, o algarvio da Serra surgindo com os ratinhos da Beira nas ceifas do Alentejo, ou na apanha da azeitona.” Pág. 140</p> <p>“No campo- ao contrário do que testemunhei em tantos lugares- o tipo da mulher e do homem portugueses é mais esbelto, mais vigoroso, mais ágil, expandindo uma saúde contagiante. Imagens me correm á mente, destacando figura de camponesa, cadenciando o andar, a caminhar com os pés descalços, diante da carreta de bois, empunhando o aguilhão e avançando com um verdadeiro porte de rainha.” Pág. 144</p> <p>“-O português do sul é contemplativo, lírico, melancólico. - O português do norte é ativo e trágico.</p>	<p>mil maneiras diferentes e... como dizem os ingleses, o fino do fino, porque o que se exporta é sempre o que sobra.” Pág. 195</p>	<p>lugares, como a repetir-se a sofreguidão humana aterrada na suposição do fim-do-mundo, as gentes parecem não se dar conta de um passado a gritar epopéico por todos os lados, e a encher os olhos vivos do turista esclarecido.” Pág. 255</p>	<p>duras penas.” Pág. 169</p> <p>“Mas, outras coisas há que distinguem o Porto, a começar de seus saborosos pratos ou as cem maneiras de preparar o bacalhau, ou, ainda, o caldo verde com broa- aquela sopa feita de couves cortadas em fios finíssimos- de um sabor todo especial, que mais aumenta com o vinho verde que a acompanha. A culinária portuense, sem dúvida, é bem típica e bastante característica dos usos e costumes portugueses.” Pág. 199</p> <p>“Distingue o Porto, igualmente, seu comércio intenso, uma atividade que marca toda a região, variada nas suas produções, associando-se ao volumoso embarques de bebidas, uma parcela considerável de jóias, de cerâmica e inúmeros outros artigos. De ourivesaria aliás teríamos de falar tanto quanto do próprio vinho.” Pág. 199</p> <p>“E parte até dos contrastes, dando nomes estranhos que nada têm a ver com o que oferecem ou proporcionam. É o caso, por exemplo, desse Espinho- não cutuca ninguém; ao contrário, é de uma suavidade encantadora, um fascínio em todos os sentidos, na areia, na água, nos céus, nos divertimentos. E deve ser, contudo, um espinho atravessado na garganta, ou na gente do Porto ou na gente do Aveiro, porque, nas divisas entre as duas províncias, Espinho, cuja fama vem de longe (desde 1890, quando o Atlântico resolveu tomar-lhe mais alguns pedaços, avançando praia adentro), na propaganda turística é apresentado sob a proteção do Porto, mas nos livros e dicionários, está ele como concelho do distrito de Aveiro.” Pág. 200</p> <p>“Do Porto a Espinho você pode ir de avião, em poucos minutos, decolando do aeroporto de Pedras Rubras; ou de automóvel, pela rodovia que liga aquela cidade a Lisboa. A auto-estrada dista da</p>	
--	---	--	---	--

<p>Mas, o português de norte a sul é hospitaleiro por excelência, com um acentuado culto ao lar e dotado de uma pujança familiar inigualável. Uma hospitalidade, porém, que não tem limites: “O estrangeiro encontra em Portugal uma acolhida patriarcal, sendo recebido em todas as classes sociais do modo mais cordial e carinhoso. Sua condição de estrangeiro é suficiente para abrir-lhe todas as portas. É convidado às festas familiares e admitido nos círculos e clubes durante todo o tempo em que lá esteja”. Pág. 146</p>			<p>praia apenas 11 quilômetros. Mas, a melhor viagem, a mais emocionante e convidativa é a que se faz de trem, com uma estação bem no centro do Espinho. Indo de automóvel, você tem a vantagem de garantir alojamento- porque se não encontra vaga no hotel, pode ir em busca de um lugar ao sol... no parque de Campismo.” Pág. 200-201</p> <p>“E como estamos nas praias, a da Granja, por exemplo, que é primorosa e a de Miramar, por sua vez, toda florida, com uma capelinha chamada do Senhor da Pedra, construída entre rochedos. É famosa, ali, uma romaria que leva o nome da capela.” Pág. 202</p> <p>“Mas, aqui no Porto, a noite de São João é cada vez mais envolvente e colorida. Como se diz, parece que toda a cidade “perde a cabeça” e sai o povo às ruas, a festejar o santo de sua maior devoção. Fica o Porto sob uma apoteose de luzes nessa noite, a cantar e a dançar em cada canto e em toda esquina.” Pág. 222</p> <p>“Um detalhe muito particular- porque a mim me interessou- foi encontrar, aqui por perto, uma livraria de livros antigos e que tem bastante conceito no Brasil, a editora Lello e Irmãos (bem, fiz minhas aquisições...)” Pág. 251</p> <p>“Há coisas ali de excepcional importância, em tão pequena área- mas, terá de ficar para outra ocasião, pois, de repente, topamos com o Palácio da Bolsa, que é famoso pelo seu salão mourisco- mas que, no caso das referências e das recordações- além de um local que engloba o nervo comercial-industrial da cidade, com seu instituto do vinho e a associação do comércio, traz-nos, igualmente, uma outra “associação”, que nos leva a um passado, a nos dizer que as amargas também marcam sua presença.” Pág. 251-252</p>	
--	--	--	---	--

			<p>“A Sé Catedral do Porto é marco das primeiras horas da nacionalidade. O turista que aqui venha- ainda que não professe a mesma ou nenhuma religião- seja ateu até- deverá visitá-la, com vagar se possível- o mesmo vagar que deverá reservar para outros templos- monumentos extraordinários da capacidade de realização de uma gente movida pela Fé.” Pág. 257</p> <p>“- a Casa de Garrett, o celebrado poeta português, cuja biografia é conhecida de muitos brasileiros, acha-se à rua do Calvário nº 37, onde há uma inscrição feita em gesso, dizendo que ali nasceu o bardo autor do “Arco de Santana”. Na Viela dos Gatos, 63, encontra-se a casa de Alexandre Herculano, um dos mais autorizados e respeitáveis historiadores portugueses, notando-se uma inscrição a dizer que ali morou o autor de Monge de Cister, da História de Portugal e de outras obras de vulto. A Casa de Carolina Michaelis e de Joaquim de Vasconcelos, os dois historiógrafos e filólogos de grande nomeada na cultura latina, se encontra na rua da Cedofeita nº 159.” Pág. 269</p> <p>“Das coisas marcantes do Porto, vocês ainda podem destacar: o palácio da Bolsa, que abriga uma entidade que nasceu com a nacionalidade, pois foi fundada no século XIII, pelos mercadores da cidade, interessados na criação de uma bolsa comum que, posteriormente, foi confirmada por D. Dinis. passados séculos e transformada a bolsa em Associação Comercial, o palácio começou-se a construir em 1842, no local onde estivera o convento de S. Francisco, cedido pelo governo. É um prédio imponente, de linhas clássicas. Seu interior é grandioso, do que se destaca o célebre salão árabe, com o arabesco do estilo mourisco.” Pág. 271</p> <p>“Mas só me sobram espaço e tempo para, nesta despedida do Porto, por ora, um pouquinho do Palácio de Cristal, que é coisa do</p>	
--	--	--	---	--

			<p>agrado de todos porque soma festas e esportes. Rodeado de jardins, foi solenemente inaugurado em 1865, depois de uma aventureosa corrida construtora, que passou por várias mãos. Medindo 150 metros por 72, é dividido em três naves cobertas de ferro e cristal. No fundo da nave central ergue-se o órgão construído por C. Widor, considerado um dos melhores do mundo, deixando ao abandono por muito tempo.” Pág. 272</p>	
--	--	--	--	--

Apêndice 19: 1984- Uma aventura em 24 países (do Brasil a Portugal por terra) (Humberto Pateira).

Como é o português	Comparações entre outros países x Portugal	Lugares	Relação entre os países
<p>“O que sobretudo interessa é que, como se verifica por esta resenha, os cálculos de encontrarmos portugueses em todos os países estavam certos, pois o português está em toda a parte onde, mesmo sem grandes possibilidades de fortuna a acenar-lhe, constrói um ambiente que torna propício às suas ambições ou necessidades, na maior parte das vezes de extravasar o seu espírito de aventura, principal motivo que leva muita gente a emigrar, embora com o pretexto, nem sempre real, de ir em busca de uma vida melhor, que nem sempre consegue. E não raro, saindo da sua terra, o português vai, inesperadamente, ao encontro de muito daquilo que é seu e que os seus ancestrais criaram, em qualquer recanto do globo, para valorização do património local e que hoje, por vezes com muitos séculos decorridos, constitui autênticas relíquias dos países que percorremos, são exibidos como monumentos nacionais e atestam a passagem e a ação civilizadora dos portugueses no mundo.” Pág. 71</p> <p>“Para os madeirenses que contam menos tempo de presença na Venezuela, a coisa tem os seus problemas, pois misturam o português falado na ilha com o castelhano, o que dá um resultado nem sempre muito aceitável. Claro que, com o tempo, tudo vai melhorando, embora fique sempre um certo sotaque de que dificilmente os ilhéus conseguem libertar-se. O curioso de tudo isto é que, a princípio, percebendo que eram madeirenses e ouvindo-os falarem comigo em castelhano, lhes perguntava se, afinal, eram portugueses ou venezuelanos e eles prontamente respondiam que eram colombianos ou argentinos, etc., mas nunca da Venezuela ou de Portugal. A explicação, que me foi dada por um deles, era simples e aceitável. Por venezuelanos não podiam passar, devido ao</p>	<p>“Permanecemos, pois, somente dois dias na opulenta San Francisco, que apresenta certa semelhança com Lisboa, pela presença do mar e devido à sua construção também em anfiteatro, mas incomparavelmente mais acentuado. San Francisco tem, como das maiores atrações, os tradicionais “elétricos”, que funcionam por meio de cabos, gênero ascensor da Glória em Lisboa ou trem, de Santos em São Paulo. Já houve várias</p>	<p>“Por uma coisa que nos proporcionou, eu cheguei a classificar Costa Rica como um grande país: os inúmeros rios que cruzam a Interamericana, por onde nós seguíamos. Ao vê-los, eu reencontrei-me com os rios de Portugal, pois em nenhum outro País, antes de Costa Rica, vi rios de água tão límpida e transparente, que constituíram um permanente convite a sentirmos os seus efeitos refrescantes.” Pág. 92</p> <p>“Evidentemente, não foi só na Califórnia que encontramos estas demonstrações de portugalidade. Em “New Bedford”, no Estado de Massachussetts, por exemplo, como oportunamente se verá, igualmente fomos surpreendidos por coisas semelhantes. E também não foi só com açoreanos, pois os madeirenses, mesmos os continentais, afinam por igual</p>	<p>“Este forçado deambular de terra em terra, de região em região, proporcionou-nos muitos benefícios, entre eles um conhecimento geral do que é o verdadeiro Brasil e a sua gente, da maneira como este gigantesco e maravilhoso País caminha a passos largos para a sua total realização e, sobretudo, a demonstração do impulso com que o imigrante português contribui para o progresso da Nação, qualquer que seja o ângulo por que queira ver-se. Sendo o Brasil um país de população heterogênea, tem no braço estrangeiro umas das suas grandes fontes de energia, mas, pelo seu maior número, pela sua maior dedicação e adaptação mais fácil, tem no português um</p>

<p>sotaque. Quanto a dizerem-se portugueses, a sua segurança pessoal não o tornava aconselhável, porque naquele belo País da América do Sul também existem os amigos do alheio, que tornam os assaltos e os roubos muito frequentes e chegam ao assassinato. Como na generalidade, os portugueses desfrutam de invejável situação econômica, são dos mais visados. Por isso e à cautela, só se dizem portugueses quando sabem com quem estão a falar. De lamentar é que, posteriormente, eu tenha sabido que algumas pessoas duvidam do patriotismo dos portugueses da Venezuela, o que é verdadeiramente infundado. O que é preciso é desfazer as dúvidas, como eu fiz, para ficarmos a saber que se trata de uma medida de segurança e defesa, pois eles são tão portugueses como aqueles que mais o sejam. Mais ainda: encontrei-me e convivi com portugueses dos cinco continentes. Pois posso afirmar que são madeirenses, os açoreanos, enfim todos os não continentais, os que apregoam mais orgulho em terem nascido portugueses, como se verificará melhor no decorrer deste livro.” Pág. 78</p> <p>“Também por parte dos portugueses tivemos o melhor acolhimento e eles, embora poucos, parecem ter sido selecionados para representarem Portugal no México. Em número de 15, os compatriotas radicados no País fogem ao protótipo do emigrante. Não se trata de indivíduos que saíram da sua terra ao acaso, mas que ao fazê-lo já tinham um destino certo, como se vê pela posição que ocupam na sociedade local. Temos um médico, uma senhora, bacharel em letras e casada com um ilustre médico mexicano, um jovem arquiteto que construiu e dirige um dos quatro melhores restaurantes do país- “El León Rojo”- e que transformou em sociedade anônima, da qual vários portugueses são acionistas; outro, que é proprietário de uma fábrica de plásticos, outro que é diretor de uma fábrica de produtos químicos, um outro que é proprietário de uma agência de turismo e, finalmente, um que é diretor da Companhia Equatoriana de Aviação e Cônsul do Equador . Os demais dedicam-se a atividades de semelhante importância.” Pág. 118</p> <p>“Posso dizer que em Oakland iniciamos, verdadeiramente, os nossos contactos aos 100.000 portugueses que nos disseram estarem radicados no País,</p>	<p>tentativas para os retirar de circulação, mas o povo sempre se opôs, porque tornam cômoda a subida das íngremes ladeiras, que são outra característica própria da cidade. Pág. 127</p>	<p>diapasão. Contudo, foi a Califórnia por ser a primeira zona por nós visitada no País e por ser a que maior número de portugueses de uma só região abriga, que me proporcionou maior surpresa e agrado. Afirma-se, até, que naquele Estado norte-americano vivem mais de 100.000 portugueses, quando este é o número oficial dos radicados em todo o território estadunidense, isto porque, naturalmente, não inclui os descendentes. Podemos, portanto, estimar o número de 300 a 40.000 o número dos nossos compatriotas e descendentes diretos que vivem nos Estados Unidos da América do Norte.” Pág. 138-139</p> <p>“Uma das grandes surpresas que se tem ao chegar a New Bedford é ouvir falar português em toda a parte. Nas ruas, nos estabelecimentos, onde quer que se esteja. Isso equivale a dizer que é numerosa e poderosa também a comunidade portuguesa local. Quantos? É difícil precisar. Ninguém sabe dizer, nem arrisca números com caráter de exatidão. E quem der ouvidos às informações que recebe, corre o</p>	<p>poderoso esteio, com o qual sempre poderá contar. O português veio para o Brasil para ficar e, desde 1500, não deixou de trabalhar para o enriquecimento e valorização desta sua segunda Pátria. E não há cidade ou simples lugarejo onde não esteja um português. Eu posso afirmá-lo porque os encontrei em toda a parte, em todos os recantos deste imenso Brasil que conheço em todas as direções. Muitos, que já se foram, continuam a estar, por intermédio dos seus filhos, netos, bisnetos. Através da mesma linguagem, do mesmo sangue generoso e forte.” Pág. 38-39</p> <p>“Fora do Brasil, é o comércio português de Caracas o mais próspero de todos e só encontra competidor no de Toronto, no Canadá, como se verá quando lá chegarmos, salvas, naturalmente, as devidas proporções</p>
--	---	--	---

<p>principalmente nos Estados da Califórnia (Costa do Pacífico), Pensylvânia, Conneticut e Massachusetts (Costa do Atlântico), por conseguinte no litoral, fato a que não é alheia a circunstância de na sua maior parte serem madeirenses e açoreanos, aos quais, com o rodar dos tempos, se juntaram continentais das mais diversas regiões de Portugal.” Pág. 128</p> <p>“Logo que chegamos a San Francisco da Califórnia e em toda sua área, fomos informados que o grosso dos portugueses se encontrava no Vale de São Joaquim e na sua maior parte são leiteiros.” Pág. 132</p> <p>“Por quê toda essa gente fala português? Virtude dos pais? Sem sombra de dúvida. E nem mesmo o que segue lhes diminui o mérito. eles chegaram aos Estados Unidos sem saber pronunciar sequer uma palavra em inglês. Muitos deles, que ali aportaram em plena juventude e ali viram nascer os seus filhos e os filhos dos seus filhos, ainda hoje encontram dificuldades em falar a língua local. Só o português era- e na maioria dos casos ainda é- o seu único meio de comunicação oral. Sendo assim, se em cada casa só se falava a língua portuguesa, mesmo os descendentes, já americanos, só em português podiam expressar-se, para se comunicarem. Mas isso não lhes altera a virtude porque, simultaneamente, a cada luso-americano foi transmitido o pesar e o sentir da raça portuguesa, que eles aceitaram, cultivaram e ampliaram até, na mais nobre, pura e total absorção. A prova é que hoje, muitos dos “velhos” morreram, em cada lar já todos são luso-descendentes, mas eles afirmam serem dos Açores e falam a língua de Camões. É um patrimônio que ficou.” Pág. 138</p> <p>“O português radicado no Brasil, na maior parte das vezes tem família constituída ou a constituir, de vez que veio para ficar; é estabelecido ou empregado em ramos de atividade que não lhe deixam tempo livre para diversões e, quando isso acontece, sempre tem ou arranja com quem passar as horas de lazer, o que se torna fácil, por todos falarem a mesma língua. Há uma fusão ou mistura, como queiram. Um português no Brasil, tanto pode conviver com um brasileiro, como com um italiano, japonês ou árabe. Com qualquer</p>		<p>risco de cair, talvez, no exagero. Uma coisa é certa: são muitos milhares, tantos que, como ficou dito em capítulo anterior, por via disso New Bedford é considerada a “Capital Portuguesa da América do Norte”. Porém, para que se faça uma idéia, forneço um apontamento, por de mais eloquente e conducente à admiração que decerto vai despertar: setenta por cento do comércio da cidade é de portugueses. Isto dispensa a descrição do variado tipo de atividades comerciais a que os nossos patrícios se dedicam, pois temos estabelecimentos de todo o gênero, maiores ou menores, mais antigos ou mais modernos.” Pág. 176</p> <p>“Da população portuguesa sobressaem, em grande maioria, os naturais da Ilha da Madeira, para o que muito contribuiu a proximidade do Oceano Atlântico. E aqui se verifica uma curiosidade: os açoreanos residentes na América do Norte, por se dedicarem mais à indústria de laticínios, estão concentrados na Califórnia; os madeirenses, mais dedicados à</p>	<p>relativamente à população portuguesa de uma e de outra cidade.” Pág. 76</p> <p>“Estados Unidos e Canadá são grandes mercados para os produtos alimentícios portugueses, principalmente devido ao poder aquisitivo dos nossos compatriotas, seus maiores consumidores, como é natural. Portugueses são também as firmas importadoras, como igualmente o são os retalhistas.” Pág. 229</p>
---	--	---	---

deles se entende muito bem, pois, universalista por natureza, fez com que gente de todos os quadrantes da terra aprenda a falar a língua portuguesa para viver no Brasil.

O mesmo não se dá com o português residente na América e na Europa, onde ele tem necessidade de aprender uma língua estrangeira para se fazer entender. Normalmente trabalha por conta alheia, em fábricas ou na construção civil ou ainda em outras atividades. Portanto, às 17 horas larga o trabalho e nada mais tem o que fazer até às 8 horas do dia imediato. Então faz do clube o prolongamento da sua habitação, porque é ali que encontra os patrícios, únicos com quem se dá e convive, pois só com eles se entende e é compreendido. Que fazem, em tais circunstâncias, quatro portugueses juntos, quando nada mais têm para fazer? Conversam, discutem os jogos de futebol passados e futuros, Benfica e Sporting e Porto, estão sempre na berra; jogam, bebem e fumam, porque isso ajuda a passar o tempo.” Pág. 164

“E seria muito bom que os naturais do País que o emigrante português escolheu para viver, soubessem que ele, realmente, divide o seu coração por duas pátrias, qualquer que seja a segunda, em especial se esta for o Brasil, e defende de modo igual a terra em que se radicou e a terra em que nasceu.” pág. 215

“Vem a propósito dizer que a nossa gente, tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá, continua arraigada aos seus velhos hábitos. que não dispensa e institui sempre que lhe é possível. A hortinha é um exemplo. Contudo, mais do que isso, tem especial significado a produção de vinho. De casa em casa, nas grandes cidades ou nas de menor importância, mesmo aquelas que se encontram isoladas a caminho do Alasca, quem chega senta-se à mesa, come do que há e saboreia o bom vinho que a nossa gente produz e serve com orgulho. Tudo se processa da maneira mais simples possível.” Pág. 232

“A Raça Portuguesa é louvada em toda parte, pelas suas excelsas qualidades de trabalho, honradez, dedicação e amor ao próximo. Até aquilo que nos atribuímos como defeito maior- a desunião- aos outros parece exatamente o

pesca, encontram-se na área de New Bedford, banhada pelo Oceano Atlântico, como também estão em San Diego, servida pelo Pacífico. Ou seja: os primeiros estão mais no interior e os segundos mais no litoral. Isto não acontece apenas em New Bedford, mas também em Fall River e Boston, capital do Estado e em outras cidades servidas pelo mar. A diferença entre uns e outros, é que os açoreanos se conservam mais fiéis à sua profissão original, por mais rendosa, enquanto os madeirenses, em larga percentagem, optaram pela vida comercial.” Pág. 176

“No decorrer dos meses de julho a setembro, em todos os finais de semana se realiza pelo menos uma festa típica portuguesa em New Bedford, como noutras cidades dos Estados Unidos e do Canadá, por ser quando as condições climáticas o permitem e, também, por se nessa época que elas têm lugar em Portugal. Como não podia deixar de ser, na sua grande maioria são festas madeirenses, na populosa cidade do Estado de Massachusetts.” Pág.

contrário e é comum ouvirmos dizer que os portugueses são muito unidos.”
Pág. 226

“O que acontece num lugar, dá-se também no outro. O que somos no Brasil, somos na Venezuela, nos Estados Unidos, no Canadá, em qualquer lugar onde nos encontramos. Por índole, por necessidade ou amor pátrio, sempre trazemos conosco aquilo que mais caro nos é, nos distingue e nos impõe ao bom conceito geral. O imigrante português traz na bagagem usos, costumes, tradições, folclore, religião e tudo quanto, pela falta que lhe faz, trata de reproduzir no País de acolhimento. Por isso o português, mais do que nenhum, é um propagandista voluntário, gratuito e anônimo das coisas da sua terra, na terra que escolheu para viver. Respeita e muitas vezes segue os hábitos locais, mas jamais deixa de impor os seus, quase sempre aproveitando as liberdades que lhe sejam concedidas.” Pág. 227

“Em todas as cidades, povoações ou simples lugarejos, quem viaja por esse Brasil imenso a cada passo depara com firmas que, pela sua designação, se identificam como portuguesas. Mas aqui isso pode ser feito, pois a língua é uma só e uma padaria, peixaria, açougue ou coisa semelhante, têm sempre o mesmo nome. Lá fora, não. Nos países estrangeiros, há que obedecer as designações locais. E é aqui que se verifica como o português tem amor às suas coisas, como não prescinde dos nomes portugueses para os seus estabelecimentos. Não pode escrever padaria, escreve “bakery”, não pode dizer peixaria, diz “fish market”, em vez de talho ou açougue, “meat-market” e assim sucessivamente, mas antepondo ou acrescentando, quase sempre, nomes ineludivelmente portugueses, pouco lhe importando que os locais consigam ou não pronunciá-los.” Pág. 227

“Pior do que o trabalho que executam, são as suas “residências”. Muitos dos portugueses radicados em Paris habitam em barracos feitos de tábuas e tampos de bidons. Daí a designação de “bidonvilles”. Outros moram em carros velhos, que foram abandonados. Ora, ninguém se dignifica com tais habitações, feitas em terreno baldio e chão de terra, que vira lama com a água das chuvas que

189

“A “Pedra de Dighton” e a torre de Newport, na cidade do mesmo nome, que também visitamos, são os mais antigos testemunhos da presença portuguesa nos Estados Unidos no século XVI.” Pág. 199

entra livremente. Aquilo não é lugar para seres humanos, ainda que mendigos. Vem o inverno. Com um bidon fazem um aquecedor a carvão. E muitos adormecem para sempre, vitimados pelo gás carbônico. Também tem havido casos de crianças mortas ou mutiladas pelas ratazanas. Mas nem aqui eles são inteiramente culpados. muitos - a maioria- vivem ali por falta de habitação melhor. Isto é muito da alçada das autoridades, que recebem o imigrante sem ter, para lhe dar, condições de alojamento para gente e não para animais. Portanto, culpa dividida.” Pág. 361

--	--	--	--

Apêndice 20: 1999- Portugal: Lembranças de uma viagem (Alberto Mosa).

Como é o português	Características sobre Portugal	Comparações entre Brasil x Portugal	Referências à Salazar	Lugares
<p>“Lembrando palavras de um primo do motorista, que mora aqui no país e que não tem sentimentos xenofóbicos, mas diz: “para que nós portugueses precisamos de <i>snack-bar</i>, lanchonetes, hambúrguer e <i>hot dog</i>? Temos mais sabor nas bifanas (pão com bifinhos de lombo de porco fritos em vinhas d’alho) pregos (pão com bife), panados, croquetes, rissoles, quanta coisa gostosa, nas tascas com um bom copo de vinho”. Quando percorremos estas</p>	<p>“Tempo de espera só para tomar uma “bica” e comprar o jornal na lanchonete do cais. Na fila de espera vendem-se casacos e <i>samarras</i>, anunciando o frio que vai chegar. Os viajantes talvez não saibam o que são <i>samarras</i>. São casacos grosseiros e populares tão típicos do Portugal tradicional, com golas de pele de coelho que servem para proteger do frio.” Pág. 23</p> <p>“Logo à frente o convento dos Lóios, de construção medieval, hoje transformado em</p>	<p>“Da metade da ponte em diante tem-se à frente a estátua do Cristo Rei, uma espécie de imitação do Corcovado no Rio de Janeiro, colocado em cima de enorme pedestal para que melhor possa abençoar estas terras. Parece também estar de braços abertos a todos que aqui passam dando-lhes boas-vindas. É um bom presságio para os que viajam.” Pág. 20</p> <p>“Pagamos o pedágio, que aqui se diz portagem, e seguimos para Setúbal.” Pág. 22</p> <p>“Mudamos o rumo e</p>	<p>“O fato aconteceu na história recente do país. A ditadura do Estado Novo que durou 45 anos nas mãos de quem hoje chamam de “velha senhora” é agora assunto proibido se tratado a sério e todos os registros públicos ou nomenclaturas foram mudados pelo país afora. Assim a vila onde agora se encontram nossos viajantes era terra natal da “velha senhora” ou seja do primeiro-ministro Oliveira Salazar. Este homem com mão de ferro primeiro tirou o país do caos econômico da República velha, mas manteve-o</p>	<p>“Cercal do Alentejo é a próxima vila no percurso. Vila pequena, apertada e suja, antiga e sem muitos sinais de evolução. Talvez a visão dos visitantes seja culpa do mau tempo e da lama que se acumula nos caminhos, mas as ruas sinuosas e apertadas não se mostram convidativas para os forasteiros que facilmente se oprimem por aqui e vão de passagem adiante para outros caminhos.” Pág. 27</p> <p>“Vila Nova de Milfontes não é vila, não é nova nem tem mil fontes. Os ondulados montes cobertos de árvores frondosas cedem lugar à planície costeira. E logo casinhas com placas de pensões e estalagens aparecem. Uma rua larga leva em direção ao mar ladeada de casas brancas e uniformes de apenas dois andares. Parecendo mais uma vila de pescadores. No final abre-se a praia, em formato de concha. De areia branca e sem ondas. Esta é a praia de rio, o Mira que nascendo na serra do Caldeirão, lá para a fronteira do Algarve, resolve dar por terminado aqui o seu papel com a natureza.” Pág. 28</p> <p>“No meio do caminho só Aljezur. Vila pequena de casinhas alentejanas brancas de janelas azuis se espalhando junto à povoação.” Pág. 30</p> <p>“Em um visita ao café da praça principal, o motorista queria mostrar aos outros viajantes uma guloseima típica da região. Os doces de <i>marzipan</i>. Pasta de amêndoas com açúcar moldados e pintados com formas de animais, ferramentas, flores, frutas e tantos outros motivos que só a imaginação dos doceiros pode alcançar.” Pág. 36</p> <p>“A cidade de Faro se aproxima mas a paisagem não muda. Torna-se até mais internacional ou impessoal com grandes lojas e supermercados.” Pág. 39</p>

<p>terras percebemos com tristeza que a colonização externa se dá com certa facilidade porque os naturais dificilmente valorizam as coisas da terra.” Pág. 58</p> <p>“Puortu seria a expressão fonética de como seus habitantes se referem à cidade. Aliás interessante é também o fato de os seus habitantes serem chamados de tripeiros. Comedores e fazedores das famosas “tripas à moda do Porto.”” Pág. 115</p> <p>“Dentro da condução, do elétrico, é interessante notar primeiro sua decoração toda em madeiras escuras e</p>	<p>mais uma das confortáveis pousadas de Portugal. Em apenas uma simples e agradável visita, pode-se ver o belo pórtico de entrada e o simpático claustro para onde hoje dão os quartos.” Pág. 49</p> <p>“Alheiras à moda, estamos na região onde elas são mais bem feitas. Para quem não sabe alheiras são um tipo de enchidos, de pão, especiarias e de galinha ou outras aves como perdizes e codornas, defumados. O interessante a respeito das alheiras é que elas foram inventadas pelos perseguidos filhos de Moisés para disfarçar que estavam comendo</p>	<p>deixamos a estrada principal. Viramos à direita para Castro Verde. Os campos têm um ondulado suave quase plano e a vista se perde ao longe. Árvores acompanham a estrada como se fossem soldados prestando proteção e homenagem a quem passa. O verde dos campos é intenso, quebrado aqui e ali por grupos de moitas escuras que escondem casas. Lembram muito estas bandas o pampa gaúcho brasileiro.” Pág. 44-45</p> <p>“Gaia nada tem a se lhe admirar a não ser a vista do Porto, aliás isto é sina de cidades que se defrontam com outra de maior importância como</p>	<p>isolado do mundo e o afogou na guerra colonial. não vai aqui nenhuma opinião ou críticas seja positiva ou negativa a todo o assunto. Apenas acha o motorista por observação simples da História que todos os fatos serão analisados muitos anos depois com prós e contras e que a história se encarregará de colocar cada coisa em seu devido lugar. Hoje se o visitante tem a inocência de procurar nesta terra alguma referência ao seu filho mais ilustre, terá tempo perdido.” Pág. 147</p>	<p>“Beja, capital do baixo Alentejo, de longe não se vê símbolos disformes de modernidade, ou seja, edifícios altos que quebrem a harmonia da linha rasteira de casas brancas. O aspecto é de que as coisas não têm se alterado muito por aqui nos últimos anos.” Pág. 45</p> <p>“Na saída de Beja, na planície do lado esquerdo da estrada, luzes e várias construções militares indicam a presença de importante base aérea da NATO (OTAN), Acabou-se Beja. Saímos em direção a Évora. A luz do dia está no fim quando nos aproximamos da cidade. Capital do alto Alentejo, cidade patrimônio da humanidade, designação dada pela UNESCO. Totalmente circundada por muralhas do seu castelo, que persistem intactas desde a época dos romanos, Évora encanta qualquer viajante por sua história e características únicas.” Pág. 47</p> <p>“O céu azul sem nuvens deu bons dias. Da janela do quarto de Évora se mostra no horizonte por inteiro, luminosa. Expõe suas muralhas, a catedral e as torres de todas as suas igrejas que vão ficar sem uma visita. É muito apreciada aqui a Capela dos Ossos, igual a outras que existem neste país. Construída em sua decoração interna com restos mortais de religiosos que por aqui passaram, e talvez de quaisquer outros que tenham deixado seus ossos nesta cidade. Aliás sempre intrigou ao motorista que tantos religiosos houvesse naquela época e mais ainda que rapidamente fossem morrendo para que se pudesse construir toda uma capela. Ambiente tétrico, mas com intenção de reflexão sobre a existência humana.” Pág. 51</p> <p>“É preciso ceder aos seus apelos, mas os viajantes preferem algo mais nacional. entram em um supermercado. Se ainda não houve oportunidade de comentar antes vale a pena falar agora. É uma festa para os olhos, paladares e olfato uma volta pelas prateleiras. Os pães, queijos e presuntos são divinos. Chouriços, paios e outros enchidos típicos, extasiavam os nossos olhos. Um bom pão da terra, presunto de Chaves ou Lamego e queijos da região são petiscos além dos pasteurizados hambúrgueres com sabor universal.” Pág. 57-58</p>
--	--	--	--	---

<p>bancos de metal, com a dignidade do tempo. Porém, os bancos estão recobertos de estofado de plástico, são coisas modernas de menos bom gosto. As pessoas são na maioria de idade mais adiantada, tipos mais ou menos característicos. O aposentado, a viúva, a mãe com os filhos e um ou outro empregado de meia-idade e meias posses. Este é um tipo de transporte mais em conta.” Pág. 134</p> <p>“Em um país de tradição católica, não se pode esperar que a festa máxima não tenha a devida importância, embora o</p>	<p>chouriços ou seja enchidos com carne de porco e assim passarem por cristãos e não serem apanhados.” Pág. 94</p> <p>“Mas o mais diferente e importante é o Pão de Ló de Ovar, de receita especial e única que só quem já provou pode atestar a qualidade e paladares inigualáveis. De tão macio deve ser cortado e comido à mão. Sua cor de amarelo intenso mostra que é feito unicamente de ovos, ou melhor, de suas gemas. O seu meio apresenta uma calda de ovos doces por debaixo da crosta cozida. A qualquer hora ou com um cálice de um bom vinho do</p>	<p>por exemplo no Brasil com a cidade de Niterói.” Pág. 140</p>		<p>“O caminho agora é para Castelo de Vide. Outra vila da fronteira. Famosa por ser um dos redutos dos judeus medievais em Portugal, aqui temos como ponto turístico a judiaria, ou seja, o seu bairro judeu com suas características especiais.” Pág. 63</p> <p>“Nisa, pequena vila no meio do altiplano que precede o vale do Tejo é a próxima passagem. Vila de passagem arrumada para os viajantes que já não são muitos com a inauguração da nova IP. Casas brancas arrumadas à beira da calçada se abrem no largo principal para mostrar restos do castelo medieval. Uma porta com duas torres e restos da torre de menagem, tudo isto no meio do jardim bem cuidado, como se fosse uma grande maquete de brinquedo dos seus habitantes.” Pág. 66</p> <p>“À nossa frente começa a aparecer a Serra da Gardunha. Importante maciço de granito e xisto que fez frente à Serra da Estrela, a maior do país e que vem logo depois. O xisto faz com que seja uma região de terras férteis com frutas e recortes de plantações em ambos os lados da estrada. Fragas de granito e pedras soltas já prenunciam a paisagem que teremos em pouco tempo no coração das beiras.” Pág. 70</p> <p>“Almendra é o nome da aldeia que significa amêndoa em castelhano. Região de cultivo de amêndoas e processamento do fruto, doces típicos aqui e em todo o país. A aldeia é um colírio para os olhos, construções de pedra aparelhada, mas de cor mais clara do que a vista até aqui nas beiras.” Pág. 88</p> <p>“Não importa isto agora passados 800 anos, mas como já dissemos antes, as coisas aqui não mudam muito e nesta região encontra-se ainda hoje um dialeto <i>mirandês</i>. Não é português nem é espanhol, misturado em algumas partes com as duas línguas, tem palavras e construções de origens obscuras. Quem diria, tão poucos e tão diferentes, séculos afora. O planalto acaba, começamos a descer os vales e de repente uma placa com um dinossauro. É, eles andaram por aqui, a construção de uma barragem no rio Côa fez se levantarem as vozes da preservação da história paleontológica e a</p>
--	---	---	--	--

<p>mercantilismo já esteja bem assente entre as novas gerações. A troca de presentes é obrigatória, mas sem exageros. Na verdade pelo menos pelas terras interioranas de Portugal esta é a época dos emigrantes voltarem à casa materna para rever pai e mãe ou outros parentes deixados. Trata-se afinal de um país que tem seus habitantes espalhados pelos quatro cantos do mundo, desde os tempos das descobertas marítimas, e que pela limitação de seu próprio diminuto território não permite muitas opções de desenvolvimento econômico. Diz-se</p>	<p>Porto não é preciso fazer muito esforço para devorar um destes bolos de uma só vez e ainda mais sozinho!” Pág. 138</p> <p>“Não há exageros de ovos como nos doces de outras regiões de Portugal. Aqui predomina a austeridade do frio e da serra, os doces alimentam e permanecem muito tempo válidos para consumo. Sugerimos experimentar os biscoitos de azeite e as <i>filhoses</i> com calda de mel. Se gostarem de experimentar sabores diferentes sugerimos pedir um pastel da Covilhã. No meio dos doces vem um salgado diferente. Feitos de massa folhada e recheados de carne</p>			<p>pré-história da península. Um enorme conjunto de cavernas com pinturas rupestres comparáveis às de Altamira e Lescaux e sítios arqueológicos com vestígios de ocupação humana e de animais fazem da região um museu a céu aberto. Gastar um tempo de viagem, saber onde e como viviam nossos antepassados é uma boa pedida.” Pág. 91</p> <p>“Posta à mirandesa é um prato típico de Miranda do Douro, vila portuguesa na fronteira com a Espanha. Onde por causa da excelência de seu gado se cortavam grandes pedaços do lombo do boi com um pedaço da costela e os assavam na brasa.” Pág. 94</p> <p>“Cidade berço da Casa de Bragança, família nobre que deu origem à última dinastia de reis de Portugal e também à família imperial do Brasil. Vamos ao largo da sé. Centro de irradiação da vida da cidade. Um largo retangular com um pelourinho no centro e uma igreja, que nunca foi sé apesar da vontade dos seus habitantes. A briga de Bragança sempre foi com Miranda do Douro, esta sim com bela sé, que nunca para aqui foi transferida. Do largo subimos pelas ruas estreitas em direção ao castelo, grandiosa construção do século XII. É o maior castelo destas regiões, com quinze torres e vários conjuntos de muralhas. Passando as antigas portas que hoje estão incorporadas às ruelas e casas da cidade chegamos ao pátio do castelo. A torre de menagem é um espetáculo à parte, imponente, bem conservada, um mirante, uma igreja e um curioso edifício pentagonal, o <i>Domus Municipalis</i> completam o conjunto arquitetônico. Este edifício do século XII é o mais antigo edifício específico para decisões municipais no país.” Pág. 96</p> <p>“Sempre se passou por burgo independente esta cidade, e porque está numa das portas do país é “Chaves” o seu nome. O interessante e pitoresco na cidade é observar a arquitetura de suas casas antigas com varandas que se projetam sobre a rua. Diz-se que esta seria uma maneira de seus habitantes terem mais espaço, pois como todos tinham que morar dentro das muralhas devido à possibilidade de invasões e de guerras, não havia lugar para grandes casas.” Pág. 102</p>
---	---	--	--	--

<p>que tem além de suas fronteiras uma população de filhos da terra que chega a quase 50% da que aqui permanece.” Pág. 165</p>	<p>moída são guardados desidratados. Para serem comidos devem ser colocados em pratos fundos e regados com molho de vinagre e açafrão ou então se preferirem com chá preto e açúcar. O pastel cresce em poucos minutos e tem um sabor que vale a pena conferir.” Pág. 164</p>			<p>“Parque natural do Geres Peneda. Aqui é lazer puro. Casas de veraneio cobrem as margens. Seguimos a estrada em direção às Caldas do Gerês, estância hidromineral que deu início ao lazer no local, isto no século passado. A região é toda de altas montanhas criando ao mesmo tempo uma sensação de proteção da natureza e de pequenez do homem. Parque natural de reserva de espécies vegetais e animais, tudo aqui é calma. A vila do Gerês é apenas um alongamento de hotéis e de pensões que têm sua movimentação maior nas épocas de veraneio, não agora que o frio e chuva são constantes.” Pág. 105</p> <p>“Muitos são os ditados populares sobre Braga. “Mais velho que a sé de Braga”, “ver Braga por um canudo”, “enquanto Lisboa se diverte, o Porto trabalha, Coimbra estuda e Braga reza”, “Braga, a Roma portuguesa”, “Braga, penico do céu” e “mandar alguém abaixo de Braga”.” Pág. 106</p> <p>“A cada esquina de Braga, uma capela ou uma igreja, difícil dizer quantas mas são muitas. Até do alto elas olham para a cidade. Três santuários importantes estão situados no alto das montanhas que limitam o vale da cidade. O mais importante deles, do Bom Jesus do Monte, é o segundo em importância do país logo depois de Fátima. Os outros são o do Sameiro e de Falperra.” Pág. 106</p> <p>“Auto-estrada para o Porto, maravilhas da engenharia. Três pistas de puro algodão, que as rodas do francês⁸⁶ não sentem, suaves curvas, subidas compensadas, painéis para evitar o barulho dos carros para quem mora perto da estrada e pintados de acordo com a paisagem para fazerem parte dele.” Pág. 114</p> <p>“Cidade hoje beirando os dois milhões de habitantes, teve sempre o estigma de escura, sisuda e trabalhadora. É possível que tenham sido colocados estes adjetivos por gentes do sul, no entanto quem a conhece sabe que a verdade é bem diferente. A vida ferve nas suas ruas alegres e as cores se sucedem em</p>
--	---	--	--	--

⁸⁶ Forma como o autor se refere ao carro utilizado no passeio, um Megane.

			<p>jardins, casas e uma profusão de azulejos que não se vêem iguais em nenhuma outra cidade de Portugal.” pág. 115</p> <p>“De pontes está hoje a cidade mais bem servida. Em direção do estuário temos a ponte da Arrábida, que pega todo o fluxo da estrada que vem do sul e mais notadamente o que vem de Lisboa. Outra ponte está sendo construída e está quase pronta. Ela se localiza a montante da ponte de Dona Maria, uma das pontes gêmeas onde passam os trilhos do caminho de ferro. Esta ponte fará no futuro parte de um complexo rodoviário que permitirá a auto-estrada que vem do sul ligar-se diretamente com as do norte sem passar por dentro da cidade ou pelo menos interferir no seu movimento interno.” Pág. 119</p> <p>“Vira para cá, desce, sobe, conseguem chegar à avenida dos Aliados, ponto central da cidade. Esta é uma avenida em estilo de bulevar, com amplos jardins centrais e pistas dos dois lados. A largura é quase metade do seu comprimento, o que faz com que embora não chegando a mil metros de extensão pareça bem maior. A avenida tem uma inclinação acentuada desde o prédio da câmara municipal, que fica no ponto mais alto, dominando toda a vista abaixo. Localizada bem no centro da avenida a câmara tem nos jardins que começam aos seus pés e que vão bater lá embaixo em prédios mais modestos um belo tapete estendido à sua frente.” Pág. 120</p> <p>“A rua de Santa Catarina é o eixo principal das lojas do centro. Ao lado de lojas modernas e jovens, verdadeiras peças de museu de <i>art nouveau</i> abrigam lojas centenárias e o famoso café <i>Magestic</i>. Vale a pena parar em frente às lojas e apreciar sua fachada, seus detalhes, se transportar a outras épocas mais calmas e românticas e imaginar a vida que aqui passou. Rua de Santo Antônio, rua de Sá da Bandeira, o quadrilátero central do comércio já começa a ferver nesta época do Natal. As ruas com as decorações natalinas passando de um lado ao outro dos prédios enchem de cor e alegria o coração de quantos as vêem.” Pág. 125</p> <p>“Conseguem finalmente sair do hotel. Rua de Santa Catarina, à esquerda na rua</p>
--	--	--	---

				<p>Formosa, apreciando os azulejos da igreja de Santa Catarina, e vão ao Mercado Municipal do Bolhão. Ponto tradicional da cidade, onde vale a pena ver as frutas e verduras, as flores, as carnes de porco e os enchidos tradicionais, os peixes e mariscos e as aves vivas. Uma miríade de cores e de cheiros, uma festa para os sentidos. Não era preciso lá comprar nada, mas é passeio imperdível. Daqui podemos descer a rua de Sá da Bandeira até o café A Brasileira, outra jóia de arquitetura <i>art nouveau</i> com trabalhadas molduras de madeira escura em arcos lânguidos que escorregam por motivos sensuais e femininos rematados por coberturas de ferro repartidas e preenchidas de vidros multicoloridos. Mesmo sem tomar café a visita é obrigatória.” Pág. 128</p> <p>“Seguindo acima da rua dos Clérigos, uma bela jóia se esconde depois de suave curva à direita. Seus desejos estão guardados mais adiante na livraria Lello e Irmãos, esta que é um ponto turístico da cidade. Vale a pena entrar. Mesmo que os turistas não sejam bibliófilos, ou mesmo que não se lembrem de sua infância e juventude, lendo obras da casa Lello.” Pág. 129</p> <p>“Congestionamentos de final de tarde e tudo terminando no Castelo de Queijo. devem já estar pensando que se trata de uma construção feita de queijo ou para fazê-lo e guardá-lo. Nada disso na verdade, é apenas o nome que a população colocou ao forte que defendia a foz do Douro por causa do seu formato de Queijo.” Pág. 134</p> <p>“A loja do bolo-rei faz grudar seus narizes e bocas ao vidro da vitrina ou da montra como se diz por aqui. Apesar dos bolos serem do rei eles nada têm a ver com seu homônimo francês, a <i>tarte du roi</i>. O bolo-rei é uma massa de farinha e ovos com consistência de pão bem recheada de frutas secas e cristalizadas recobertas de outras frutas cristalizadas de enfeite. O formato é de rosca, e tem como característica particular uma brincadeira dentro da massa do bolo. Um brinde e uma fava são escondidos nele. O mais sortudo ganha o brinde e a fava seca para aqueles que deverá ser encarregado de comprar o próximo bolo.” Pág. 137</p>
--	--	--	--	--

			<p>“Não deixem de apreciar em Aveiro as casas do canal central e do Convento de Jesus que possuem um acervo inigualável de azulejos. aqui a arte destes azulejos ganha a força da cor, os desenhos florais e temáticos ganham cores fortes e decorativas, diferentes do azul e branco que estamos habituados a ver. Outra atração obrigatória da cidade é provar os “Ovos Moles de Aveiro”. Doce de origem conventual á base de ovos e açúcar, vendidos em pequenos barris de madeira decorados com pinturas dos barcos ou da Ria, que é este o nome que se dá ao braço de mar que chega até a cidade. Os doces estão à venda em qualquer canto, difícil é comer um só.” Pág. 143</p> <p>“Aos viajantes, quando por aqui passarem, é aconselhável que reparem logo após a ponte, na encosta, grandes cercados para a criação de um habitante típico da região: o cão pastor da serra da Estrela. Uma raça original portuguesa. Um animal forte, dócil e fiel. Adestrado para conduzir os rebanhos de ovelhas pela serra e também atuar em salvamentos na neve. Um parente do São Bernardo, mas menos peludo e mais corpulento. Agora o caminho é só subir. Encontramos no vale glacial do Zêzere. Acidente geográfico único com vários quilômetros de extensão formando um grande vale que se estende à nossa frente.” Pág. 158</p> <p>“Covilhã, cidade da serra, capital das lãs, rainha dos lanifícios. Historicamente uma das mais antigas povoações desta região, embora os registros e vestígios de outras eras não sejam muito evidentes hoje em dia. Desde os tempos dos lusitanos e do grande chefe, Viriato, esta foi uma área habitada e devotada à criação de ovelhas, conseqüentemente á produção de queijo, leite e lã.” Pág. 161</p>
--	--	--	--

Apêndice 21: Tabela dos guias e livros de viagem sobre Portugal publicados no Brasil durante o século XX

Livros	Autores	Ano	Local de publicação	Editora
1. Ao sol e à neve	Armando Erse	1909	Rio de Janeiro	H. Garnier
2. Portugal D'Agora	João do Rio	1911	Rio de Janeiro	H. Garnier
3. Terras alheias: Portugal, Hespanha, Italia	Lucillo Bueno	1912	Rio de Janeiro	Livraria Garnier
4. Viagens Pitorescas: Portugal	Inês M. Goodall	1913	Rio de Janeiro	Casa A. Moura
5. Terras de alegria	Alfredo Guimarães	1920	Rio de Janeiro	H. Antunes
6. Portugal	Eduardo da Gama Cerqueira	1923	Rio de Janeiro	J. Ferreira Coelho
7. Por Amor de Portugal	Ferreira da Rosa	1924	Rio de Janeiro	Estabelecimentos Graphicos Villas Boas
8. Viva Portugal!: livro de gratidão e de amor á terra e á gente portugueza	Paulo de Magalhães	1925	Rio de Janeiro	Teixeira
9. Por águas e terras: impressões de viagem na Inglaterra, França, Espanha, Alemanha, Holanda e Portugal; contos regionais	Aureliano Leite	1925	São Paulo	Editora Estado de São Paulo
10. Portugal Que Eu vi	Lemos Britto	1931	Rio de Janeiro	F. Briguiet
11. Portugal visto por mim	Iveta Ribeiro	1931	Rio de Janeiro	Of. Gráf. Mundo Médico Borsoi
12. Viajar. Mar alto - Em Lisboa - Santa Terrinha - De Paris - Pela Italia	Armando Erse	1932	Rio de Janeiro	Braz Lauria
13. Portugal de Sonhos e conquistas - Impressões de viagem	Silveira de Menezes	1932	Rio de Janeiro	Edições Pongetti
14. O Meu Portugal	Guilherme de Almeida	1933	São Paulo	Comp. Editora Nacional
15. Meu Amor a Portugal	Edison Vieira	1933	São Paulo	Emp. Gráf. da Revista dos Tribunais
16. 13 Mezes em Portugal	Virgílio Maurício; Pref. De Júlio Dantas	1934	Rio de Janeiro	Calvino Filho
17. Episódios do Exílio - Portugal e Outras Terras	Aureliano Leite	1938	São Paulo	Comp. Editora Nacional
18. Como vi Portugal	Mário Melo	1938	Recife	Livraria Colombo
19. O Segredo de Portugal	Saul de Navarro	1938	Rio de Janeiro	Brasilusa
20. Portugal e Minas Gerais: Tipos, Paisagens, Monumentos	Plínio Cavalcanti	1942	São Paulo	Liv. Teixeira
21. Portugal semente de Impérios	Gustavo Barroso	1943	Rio de Janeiro	Editora Getúlio Costa
22. Viajantes espanhóis em Portugal: textos do século XVIII	Fidelino de Figueiredo	1947	São Paulo	Universidade de São Paulo
23. Viagens na minha terra	Afrânio Peixoto	1947	Rio de Janeiro	W. M. Jackson, inc.
24. Imagens de Portugal: palestra realizada no Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, e na Sociedade de Beneficência Portuguesa do Pará	Bianor Penalber	1950	Rio de Janeiro	Irmãos Pongetti
25. Europa de hoje	Alceu Amoroso Lima	1951	Rio de Janeiro	Liv. Agir
26. Breve passeio pelo nosso Portugal: Dedicado à grande excursão de professores brasileiros à Europa (28 dez. 1952 a 4 jan. 1953)	Nicolau Firmino	1953	Rio de Janeiro	Liv. H. Antunes
27. Roteiro de Portugal	Domingos da Cunha Gonçalves	1954	Belém	H. Barra
28. CADERNOS DE PORTUGAL E DE ESPANHA	Manoelito de Ornellas	1954	Porto Alegre	Livraria Sulina
29. Portugal	Aníbal Fernandes	1954	Recife	Universidade do Recife, Faculdade de Filosofia de Pernambuco
30. O Que Vi Em Portugal	Horcel Cordeiros Lopes	1956	Rio de Janeiro	Empresa Gráfica Ouvidor S. A.
31. Por terras de Portugal: lembranças de uma viagem	Mariza Lira	1956	Rio de Janeiro	Edtora Gráfica Laemmert
32. Portugal - Crônicas de Viagem para Adultos e Crianças	Mário Graciotti	1957	São Paulo	Editôra Clube do Livro LTDA
33. Corpo e alma de Portugal	Alves Pinheiro	1961	Rio de Janeiro	J. Ozon
34. Bom dia, Portugal!	Carlos da Silveira	1961	Rio de Janeiro	Livraria Luso-Espanhola e Brasileira
35. Pelos Caminhos do Mundo	Silveira Bueno	1962	São Paulo	Edição Saraiva

36.	Portugal, Meu Avozinho	David Nasser	1965	Rio de Janeiro	O. Cruzeiro
37.	Portugal para Brasileiros	Gastão Neves	1965	Rio de Janeiro	Editôra Fon-Fon e Seleta.
38.	Minho: Dossel de Portugal	Armando de Faria	1965	Rio de Janeiro	Gráfica Riachuelo
39.	O novo Portugal de Salazar : homenagem ao IV centenário do Rio de Janeiro	Normand de Sá; Budislav Vukas; Sveučilište u Zagrebu. Institut za međunarodno pravo i međunarodne odnose	1965	São Paulo	Editôra Revista dos Municípios
40.	Recordações dos tempos idos - "Recordar é viver"	Rodrigues Dias	1967	Belo Horizonte	São Vicente
41.	Viagem sentimental, cívica e espiritual: impressões da Itália, Espanha e Portugal	Archymedes Fortini	1968	Porto Alegre	Ed. Thurmann
42.	Passeio ao Alto Minho	Lúcia Machado de Almeida	1971	São Paulo	Companhia Editora Nacional
43.	Landseer / editado por Candido Guinle de Paula Machado	Charles Landseer	1972	São Paulo	Lanzara
44.	Portugal 73	Manchete	1973	Rio de Janeiro	Bloch
45.	Romance de Lisboa: [roteiro lírico e sentimental de Lisboa, cidade das colinas]	Gastão Neves	1973	Rio de Janeiro	Livraria Editora Cátedra
46.	Portugal visto por Varvara Heyd	Intord. Jorge Felner da Costa	1973	Rio de Janeiro	Centro Lume
47.	Novas dimensões do homem e do mundo : crônicas de viagem através de dez países da Europa (Suíça, Grécia, Itália, França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Inglaterra, Espanha e Portugal)	Wilson de Lima Bastos	1977	Juiz de Fora	Edições Paraibuna
48.	Notas dominicais: tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818	Louis François de Tollenare	1978	Recife	Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura
49.	Um Brasileiro no Portugal de Camilo	Otan Orlandini de Matos	1980	São Paulo	Aquarius Editora e Distribuidora de Livros LTDA.
50.	Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação	Gilberto Freyre	1980	Rio de Janeiro	J. Olympio: Massangana
51.	Veja comigo o mundo de ontem e de hoje sem sair de casa - Portugal ...	Jorge Antonio José	1981	Campinas	Edito
52.	Fala que meestre Andree de Reesende fez a el rey dom Sebastiam a primeyra vez que entrou en Euora	André de Resende	1981	Rio de Janeiro	Biblioteca Nacional
53.	Uma Aventura Em 24 Países - Do Brasil De Portugal Por Terra: Expedição Cruz de Cristo	Humberto Pateira	1984	Recife	Companhia Editorial de Pernambuco
54.	Era Lisboa e chovia: todas as personagens de Eça na Lisboa bem-amada	Dário Moreira de Castro Alves	1984	Rio de Janeiro	Nórdica
55.	Retrato ; Vertigem ; Viagem a Portugal	Marly de Oliveira	1986	Rio de Janeiro	Edições F. Alves
56.	Goa e Macau: diário de uma viagem aos confins da Luso-Tropicalidade	Vamireh Chacon	1994	Rio de Janeiro	Fundação Joaquim Nabuco : Massangana : Civilização Brasileira
57.	Frommer's Portugal: guia completo de viagem	Darwin Porter	1995	São Paulo	J. Louzada
58.	Portugal: Madeira e Açores	Guia visual Folha de S. Paulo	1997	São Paulo	Publifolha
59.	Viagem a Portugal	José Saramago	1997	São Paulo	Companhia das Letras
60.	Portugal	Alberto Bertolazzi	1998	São Paulo	Editora Manole Ltda.
61.	Por terras de Camões e Cervantes	Natércia Campos	1998	Fortaleza	Universidade Federal do Ceará,
62.	Portugal - Lembranças de uma Viagem	Alberto Mossa	1999	São Paulo	Elevação
63.	Portugal		2000	São Paulo	Panrotas
64.	Portugal, nosso avozinho: poemas e crônicas de viagem	Paulo Nunes	2000	Brasília	Letraviva
65.	Quinas e castelos	Gustavo Barroso	194-	São Paulo	Companhia Editôra Panorama
66.	Descobrimdo Portugal	Carlos de Araújo Lima	196-?	Rio de Janeiro	Agência Jornalística Image